









9.150

© Jagado de Cassange

— NA —

PROVINCIA DE ANGOLA

---

---



MEMORIA

unind

O JAGADO DE CASSANGE

— NA —

PROVINCIA DE ANGOLA



— POR —

HENRIQUE A. D. DE CARVALHO



LISBOA

TYPOGRAPHIA DE CHRISTOVÃO AUGUSTO RODRIGUES

60, Rua de S. Paulo, 62

1898



ILL.<sup>mo</sup> E EX.<sup>mo</sup> SR. CONSELHEIRO

NOBRE CONDE DE S. JANUARIO

**N**ão regeita V. Ex.<sup>a</sup>, creio-o, mais este tributo da muita consideração e estima d'um dos seus mais modestos, mas dedicado e antigo discipulo nas lides pelo nosso progresso colonial, no proprio campo de acção; e por isso, me permittirá que antes de chamar a attenção de V. Ex.<sup>a</sup> para estas paginas escriptas com a melhor vontade de esclarecer os que sobre inconscientes informações se teem occupado da guerra a *Cassange*; eu diga já, que as faltas que necessariamente se lhes nota de estylo e bellezas de linguagem que captive, com grande sentimento meu, não posso deixar de commetter, mas em compensação, além da sinceridade teem estas paginas o merito, que é de importancia para os

leitores, de poupar muito trabalho de investigações e buscas nos archivos, pois copiei e reuni tudo o que encontrei de official e em differentes instancias, desde os tempos mais remotos até esta data, que julgo o bastante ao meu fim.

Para conhecer da origem do povo Cassange e das terras que hoje occupa, pareceu-me conveniente recorrer ao catalogo dos governadores de Angola, desde as descobertas e primeiras conquistas, e ao que é, ainda, da tradição das populações indigenas escripta por diversos e por mim, alcançadas em regiões differentes, no que mais ou menos ha concordancia e se completam, supprindo a defficiencia de documentos.

Resumi o que considerei de mais interessante de factos que se deram ao tempo dos diversos governadores que mais ou menos contribuíram para a expansão dos nossos dominios, conservando a primitiva denominação de Angola, e a proposito, como segui a ordem chronologica, lembro ainda alguns factos e pròvidencias que se adoptaram, que parecendo á primeira vista extranhos ao assumpto a que mais especialmente visa esta *Memoria*, me servirão para referencias, quando passo a tratar do que se está praticando na actualidade.

Como V. Ex.<sup>a</sup> notará, o povo de Cassange, que é

vulgar hoje os indigenas chamarem *Achibangalla*, que os Ambaquistas interpretam para nós de *Bângallas*, e nada tem de relação com os N'galla ou Gallas, nem com os *Banglas* de Stanley, tribu que occupa uma região junto ao Zaire, entre os quaes ha quatro annos o Estado Independente recruta os seus soldados que arma com as Martini Henry em substituição dos Zanzibaristas; o povo de Cassange digo, poz-se mais ou menos em evidencia no meiado d'este seculo, no periodo de 1849 a 1866.

E como, felizmente, sobrevivem d'esse periodo os vultos eminentes da superior administração da provincia de Angola, que teve de providenciar sobre as mais graves occorrencias de rebeldia d'aquelle povo, que até então se tinha dado desde o principio do seculo, que já reconheciam a nossa soberania e no logar em que hoje estão,—motivo porque, com a devida vénia, em pagina especial lhes consigno a minha homenagem, invocando o seu testemunho para as illações que fôr deduzindo em face dos documentos que consegui colligir.

Senhor Conde—Por vezes me tem dito V. Ex.<sup>a</sup>, animando-me a tornar do dominio publico, os conhecimentos que vou adquirindo em Africa: —*continue a cavar na vinha do Senhor!*—e eu, que a desejo bem

desenvolvida para resultados proficuos, cá volto mais uma vez dando umas novas enchadadas a limp-a com vistas de melhor producção ou em linguagem real, no intento de levar ao bom caminho os que de melhor boa fé foram desorientados.

E se este meu novo trabalho, apadrinhado com o nome de V. Ex.<sup>a</sup>, fôr recebido com benevolencia, o que é de esperar, como sou persistente, ainda não en-sarilho armas, darei publicidade a um outro já prompto, ainda com o mesmo intento de orientação, da qual tão desviadas andam as estações competentes.

De V. Ex.<sup>a</sup>

Com o mais subido respeito e consideração  
amigo muito dedicado

C/V. Ex.<sup>a</sup>, Lisboa, 13 de maio de 1898.

*Henrique de Carvalho.*

AOS

Excellentissimos Senhores Conselheiros :

**Francisco Joaquim da Costa e Silva**

Dignissimo Director-Geral dos Negocios do Ultramar

**Sebastião Lopes de Galheiros e Menezes**

Dignissimo General de Divisão e Ministro e Secretario de Estado Honorario

**José Baptista de Andrade**

O valente e benemerito Almirante — Honra da Real Armada Portugueza

*TRIBUTO DE RESPEITOSO APREÇO E DE ADMIRAÇÃO.*

*H. de C.*



# O JAGADO DE CASSANGE

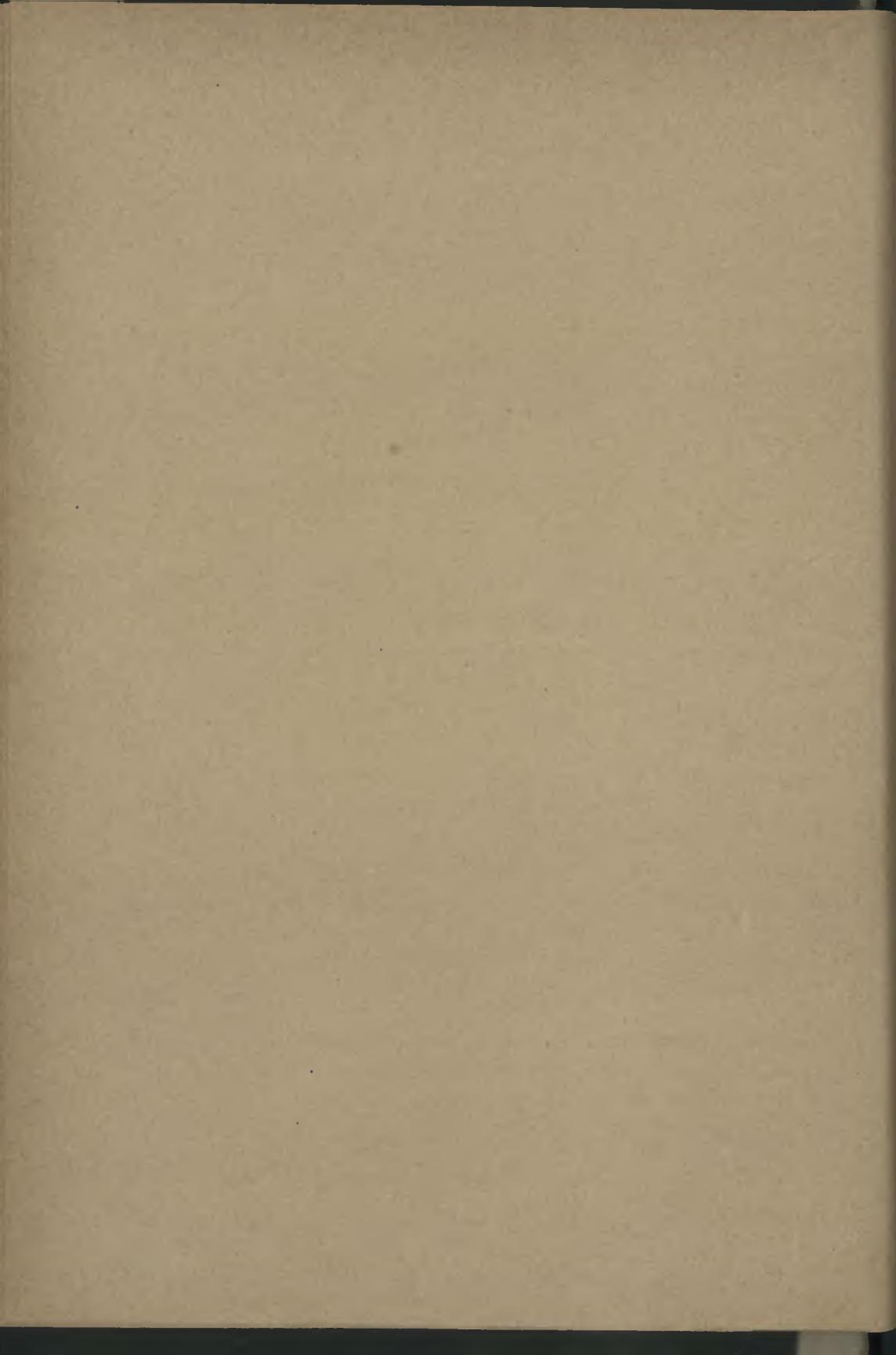
---

## SUMMARIO

---

Generalidades sobre a expansão do nosso dominio em Angola — Constituição do Jagado de Cassange — Suas relações com os Portuguezes — Vassalagens e rebelliões — Instituição da Feira — Epocha das maiores e mais graves occorrencias nas terras do Jagado — Guerras e seus resultados — Constituição do Concelho de Talla Mugongo — Os interesses e prejuizos do Commercio — O abandono do Concelho e Feira da nossa effectiva occupação — As pessimas consequencias d'este acto que ainda hoje se sentem — Dessidencias no Jagado — Reconstituição do Concelho de Talla Mugongo — A ineficacia da nossa Soberania por falta de acção — Situação instavel — Repetem-se os erros já condemnados de demonstrações de forças que mais enfraquece o nosso prestigio — Os reclamos da necessidade de guerra a Cassange — Opinião contraria e bem fundada em interesse da provincia e do Paiz de quem escreve estas linhas — E generalidades sobre os usos e costumes dos Cassanges.

---



**N**A minha viagem pelos estados do Muatiânvua <sup>1</sup>, 1884-1888, estando em constantes relações com povos de Cassange que, constituindo comitivas, andavam por aquelles estados, em exploração commercial; por que os seus chefes se me apresentassem como descendentes dos primitivos povoadores da região a que deram o nome de Lunda, e entre esses alguns se diziam parentes da familia do primeiro Muatiânvua; naturalmente occupei-me, com a maior perseverança, em ir investigando dia a dia, e quando se me offerecia oportunidade, quer nas discussões em audiencia dos potentados, quer nas visitas que me faziam os homens de consideração pelos seus elevados cargos e idade, do que

---

<sup>1</sup> Declaro já, sobre a fórma de escrever os vocabulos indigenas respeito nas transcripções o que n'estas se encontra, seguindo eu a que julgo mais acertada.

era da tradição com respeito á origem d'aquelles e outros povos que fui encontrando, ou de que me fallavam com diversa designação.

Dos apontamentos colligidos <sup>1</sup> cheguei a concluir que os povos conhecidos hoje por Cassanges (Bângallas), Bondos, Songos, Quiocos, Xinges, Lundas (sujeitos ao Muatiânvua formando diversos estados), Cazembes e os que entre estes tomaram outros nomes, como Minungos, Macossas, Maluênas, Cangombes, Lubas, Tucongos, Tubindis ou Tubingis, Cassongos (de Muene Puto) e Peindes, com excepção dos tres primeiros, todos além do rio Cuango, a que os antigos escriptores até principios d'este seculo chamavam Molúas, e antes os Jingas, Hollos e Longos, etc.; todos elles realmente eram oriundos d'uma mesma familia, a norte da região dos Lagos, que, com o tempo, contornando estes, e em grupos, por vezes foram descendo para leste, e d'entre os rios Lumâmi e Lulúa depois, uns continuaram n'aquelle rumo, e outros subiram, para sudoeste e sueste, a constituir estados independentes, sendo os que avançaram para leste, primeiro os Jingas que chegaram até ao litoral, e deram logar ao reino do N'gola (Angola), e depois, mais para o sul, os Libollos e Bailundos, e, ainda depois d'estes, os Cassanges, Bondos e Songos, hoje entre os Jingas e rio Cuango, dando-se o caso de se estabelecerem, entre todos, crusamentos d'onde se formaram os diversos agrupamentos ou estados a leste do Cuango, uns sujeitos ao Muatiânvua, e outros não, em-

---

<sup>1</sup> Vêr a Ethnographia e Historia tradicional dos Povos da Lunda, volume da Collecção—Expedição Portugueza ao Muatiânvua—1884-1888—Cap. 1.º—Origem dos Povos da Lunda.

bora alguns d'estes, por conveniencia, declararem ser seus subditos, e tambem a oeste do mesmo rio, entre Jingas, Libollos e Lundas de que se constituiu o estado de Cassange e outros.

Esta conclusão a que cheguei a vejo confirmada em diferentes documentos que se encontram dispersos nos nossos antigos archivos, que tive agora de consultar para esta *Memoria*, algum dos quaes terei de transcrever.

O tenente-coronel Francisco de Salles Ferreira a quem por vezes terei de citar escreveu uma pequena Memoria sobre Cassange que foi publicada no *Boletim do Conselho Ultramarino* n.º 2 de Março de 1854 e confirma o que alcancei da tradicção sobre os povos Cassanges.

É d'esta Memoria : Cassange, propriamente dito, fica nas terras entre o Bondo, Songo e o rio Quango que é o Zaire.

Avançar um passo sobre a historia d'este paiz, antes da occupação d'elle pelos Cassanges, cousa é por certo impossivel, sem talvez cair em equivocções. Sabe-se comtudo, que este paiz se achava occupado pelos povos Quilambas, divididos em diferentes pequenos estados ou sobados : taes eram Quilamba-Muanzumbe, Quizinga, Qicungo, Quiaupenge, Cunga, Muxinda, Lubollo, Bango iá Quissúa, Dambi iá Quissúa e outros.

Cassange é uma pequena planicie cercada por uma cordilheira de montanhas, que começando nas margens do Quango, na extrema do Quêmbó, vem descrevendo uma curva em volta da planicie, servindo de fronteira ao Songo, Bondo, e passando o Hiongo vem terminar outra vez no Quango. Comtudo as terras na proximidade do Quango ou Zaire, não são todas planas, porque ha algumas montanhas, ainda que não de grande altura.

O potentado Culaxingo era dos regulos sujeitos ao Matianvo da Lunda, e sendo expulso d'aquelle estado, veiu habitar o paiz que fica entre o districto de Ambaca e o Golungo Alto; mas, sendo muito turbulento, foi lançado fóra d'aquellas terras, e com seu povo foi formar suas senzalas nas terras em que hoje se acham estabelecidos, e mudaram o nome á terra dando-lhe o titulo do seu Jaga.

Nada se pode referir a epochas certas, porque a fonte d'onde tirei estes apontamentos foi os velhos *Maquitas*, que, recebendo de seus paes e avós por tradicção estas noticias, já se vê que nada podiam dizer das datas da sua historia. O primeiro Jaga estabelecido em terras portuguezas chamava-se Culaxingo, e pela sua morte sua familia tomou por appellido o nome do seu chefe, e foi d'esta familia, que não sei por quanto tempo, se tiravam os Jagas que governavam o estado, até que do Libollo veiu o regulo por nome Gongga, poderoso, que assentou com seu povo a sua residencia em terras de Cassange. Por ser temido pelos de Culaxingo foi por estes convidado para com os de sua familia entrar no estado succedendo a um Culaxingo um Gongga, a este um Culaxingo e assim successivamente, o que se fez.

Algum tempo depois, veiu dos estados do rei da Jinga outro regulo chamado Calunga e pelas mesmas circumstancias que concorreram em Gongga, foi convidado a ter entrada no estado; e é esta a origem de estar hoje o estado de Cassange nas tres familias:—Culaxingo, Gongga e Calunga.

Começaram os Songos a transitar o caminho da Lunda para Cassange, caminho muito mais curto do que o do Songo grande, e d'ahi vem a origem da feira de Cassange, porque alguns portuguezes começaram a ir ali commerciar, pela abundancia de marfim que os Cassanges traziam da

---

Lunda. Os Jagas consentiram no estabelecimento da feira, mas conservando o caminho occulto, e não consentindo que portuguez algum passasse além do rio Zaire ou Quango.

Em logar competente se verá, que o que alcancei da tradicção é muito mais desenvolvido.

Julguei de toda a conveniencia revêr e relembrar os apontamentos que existem sobre a Historia de Angola e merecem credito, para deduzir, no quanto possivel, a epocha em que nos apparecem os ascendentes dos actuaes Casanges e em que logar e circumstancias; e a proposito tambem procurarei prender a attenção do leitor para os factos que se tornaram mais notaveis nos governos que se foram succedendo até aos nossos dias.

É este, pois, um trabalho de buscas e copilação, que poupa muito tempo e fastidio aos estudiosos, querendo ficar sciente dos factos que alcancei reunir para formular esta *Memoria*. Com certeza para alguns leitores não tem ella o merito de novidade, nem o sabor litterario que recommenda trabalhos d'esta ordem, mas ainda lhes pode ser proveitoso, pelo menos para consulta de governos e de datas chronologicas para outros estudos que lhes offereçam interesse sobre a provincia de Angola.

---



## SECULO XVI

---

**A**o tempo da descoberta do reino do Congo (1485), a região entre os rios Dande e Cuanza, constituia a sua provincia meridional chamada N'dongo, cujo limite a leste não nos era conhecido; mas sabia-se da existencia das serras da Matamba, onde se estabeleceram os invasores de leste capitaneados por um jaga N'gola Zinga ou Jinga, que já principiava a conquistar terras d'aquella provincia do rei do Congo, para seu filho N'gola Bandi.

O facto de pae e filho se chamarem N'gola e por vezes as novas conquistas no N'dongo irem já constituindo um reino, que os antigos chamavam do N'dongo e os novos do N'gola, terem estado sob o dominio do imperante no reino de Matamba, comquanto os reinos fossem distinctos, diz Lopes de Lima, que deu logar a confusões nos escriptos que nos legaram diversos historiadores.

Descoberta a costa para sul do Congo, e collocados os primeiros padrões de Diogo Cam, commemorando os seus

trabalhos d'esta importante descoberta, seguiram-se 63 annos, em que apenas alguns armadores da ilha de S. Thomé d'ella se aproveitaram, com frequencia, fazendo resgates principalmente no porto de Loanda e Cuanza, já na posse de gente do N'gola; e tão avultado era já por ultimo esse commercio clandestino que, em 1548, o rei do Congo, considerando ainda os portos do litoral do N'dongo como parte do seu reino, se queixou e reclamou contra o procedimento d'aquelles armadores que, sem licença d'elle, assim prejudicavam, dizia o rei na sua reclamação, a *fazenda* d'El-Rei D. João III de quem era vassallo.

A queixa foi attendida, pois d'ella resultou a prohibição d'aquelle commercio como se vê n'uma carta escripta, annos depois, 20 de fevereiro de 1560, pelo bispo de S. Thomé e Congo — D. Fr. Gaspar Cam:... <sup>1</sup> «que duvidava fazerem-se catholicas as gentes do reino d'Angola sem que El-Rey lhes desse faculdade para fazerem negociação; e pois, que *El-Rey lh'a mandava prohibir* era difficiloso convertel-os; mas comtudo os Padres da Companhia se resolviam a ir; pois parecia ser certa a occasião em que Deus os chamava.»

Conhece-se que as negociações d'aquelles armadores eram feitas com os subditos não do rei do Congo, mas do N'gola rei do N'dongo, a que os seus, como é d'uso entre elles, deram ao reino o nome do seu conquistador N'gola e nós Angola.

A prohibição fez-se como nos diz a carta do referido bispo, e fez-se antes, de certo em virtude da reclamação do rei do Congo, porque em 1557 chegou a Lisboa uma embai-

---

<sup>1</sup> Corpo chronologico do archivo da Torre do Tombo — Parte 1.<sup>a</sup>, m. 104, doc. 3.

xada do reino de Angola que, por causa da prohibição, vinha em nome do seu rei pedir a amizade e trato dos portuguezes, do mesmo modo que a mantinham com o rei do Congo.

N'esse anno tinha morrido D. João III, e foi a rainha D. Catharina que recebeu a embaixada e só a poude despachar em fins do anno de 1559, na companhia de Paulo Dias de Novaes, neto do grande Bartholomeu Dias, que capitaneava uma expedição e fôra encarregado de entregar um especial presente ao rei d'Angola.

Segundo Lopes de Lima, n'esta primeira viagem o famoso explorador Paulo Dias, ia mais para sondar o animo d'aquelle potentado, do que para assentar, desde logo, a renovação do commercio que continuava a ser prohibido; e segundo Feo Cardoso de Castello Branco e Torres, eram suas instrucções: abrir commercio com elle e reduzil-o á christandade.

N'este mesmo anno (1559) o filho N'gola succedeu ao pae e estendeu a sua conquista até á barra do rio Dande, parecendo por isto que vieram do sul, Cuanza, para o norte, e que Loanda, porto das principaes negociações em questão, já antes de 1548 fazia parte do reino de Angola, pois foi n'este anno que, por mandado do rei do Congo, se fez a inquirição, em lingua portugueza, sobre os navios que o feitor e mais officiaes da ilha de S. Thomé mandavam sem licença d'elle a Loanda e portos ao sul, até ao Cuanza, e n'este rio, fazer as taes negociações em seu prejuizo e do rei de Portugal <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Esta inquirição encontra-se no corpo chronologico da Torre do Tombo — Parte 1.ª, m. 80, doc. 105.

Partira de Lisboa Paulo Dias de Novaes, com a sua expedição e embaixada do rei d'Angola, em setembro de 1559, e chegou, depois de muitos trabalhos e perigos, á barra do rio Cuanza em maio de 1560, onde soube ter fallecido o rei a quem devia apresentar-se; o filho d'este, porém, que não desejava menos a amizade dos portuguezes do que seu pae, recebendo a embaixada, tanto instou com Paulo Dias para ir avistar-se e travar relações d'amizade com elle, que este acreditando-o, desembarcou com vinte homens apenas, deixando prevenidas as suas caravellas para qualquer surpresa, e com ordem de regressarem a Portugal, quando elle não voltasse n'um prazo determinado.

Logo que saltou em terra marchou, com os guias do rei e os seus homens, para a côrte d'aquelle, que era onde hoje é a capital do concelho de Pungo-an-Dongo, vulgó, as celebres Pedras Negras, maravilha da Natureza, conquistadas, em 1671, pelo valoroso e assás destemido capitão Luiz Lopes de Sequeira, que ficou sendo então o nosso presidio mais a leste de Loanda.

Como entre o gentio é natural, e ainda hoje succede, o rei recebeu o melhor que era possível aquelle representante de Muene Puto (Rei de Portugal) e o presente que este lhe mandava; e sempre buscando pretextos de o querer despachar muito bem, e de arranjar bons presentes para corresponder aos que lhe levava, e ainda, de que necessitava do seu auxilio para apaziguar os inimigos, o ia demorando, a ponto d'expirar o prazo por elle calculado para o regresso; e foi preciso que um seu vassallo, Quilunge Quiassama se rebelasse contra a sua auctoridade, para se resolver a deixal-o partir, encarregando-o de lhe trazer de Portugal um bom soccorro de homens de guerra para derrotar aquelle rebelde e seus partidarios.

Este soba, nas Memórias de Feo Cardoso, com certeza por engano, e talvez dos typographos, apparece com o nome de Quiluango Quiacango. Diz Lopes de Lima que elle estava estabelecido nas serras de Matamba ao sul, região que foi conquistada, a um dos seus descendentes, já n'este seculo, em 1838, pelo tenente-coronel Joaquim Philippe d'Andrade, e onde logo se instituiu o nosso districto — Duque de Bragança.

Paulo Dias recebido na côrte em Lisboa, foi attendido com muito interesse por El-Rei D. Sebastião ainda antes da sua aclamação, e entre as diversas noticias de importancia que lhe communicou sobre a sua viagem, surprehen-deu-o com a existencia na côrte do Angola, e que este e os seus tinham em muita estima, de *missaes, pedras de ara*, e alguns ornamentos d'Egreja de feitos antiquissimos, o que fez suppôr que por muito tempo estiveram ali sacerdotes. E eram de certo alguns dos que foram para o Congo, ou talvez enviados directamente pelo bispo de S. Thomé e Congo, da ilha de S. Thomé onde era a sua residencia. Estas noticias impressionaram bem o joven rei, que, pouco depois de posse do reino, encarregou Paulo Dias d'organisar uma expedição para se tratar seriamente da conquista do reino d'Angola.

No emtanto Alvaro I, rei do Congo, que fôra sempre muito amigo dos portuguezes, tinha fallecido; succedera-lhe seu filho Alvaro II, que por vezes, talvez mal aconselhado, se tornara hostil aos portuguezes; mas tendo de sustentar guerras contra a invasão de diversos jagas, até na propria capital, com os portuguezes que ahi estavam se encontrou; pois foi com estes que poudo fugir para ilha na bocca do grande rio *Zaire*, e ahi esperar os soccorros que mandou

pedir ao rei de Portugal, visto que, além d'alliado, se considerava d'ahi em diante seu feudatario.

A satisfação a um tal pedido não teve grande demora, pois 4 annos antes da partida da nova expedição de Paulo Dias, em 1570 sae de Lisboa Francisco de Gouvêa com seiscentos homens, em soccorro de D. Alvaro, e chegando ao Zaire no fim d'esse mesmo anno, segue com o rei, e portuguezes que o acompanhavam e seus partidarios, por terra dentro, e pouco a pouco foram levando deante de si de vencida os invasores, conseguindo de novo collocar o rei de posse do seu Estado.

O escriptor *Cavaççi* nas suas descrições sobre os reinos do Congo e Angola, embora tenha contribuido como *Pigafetta* e outros estrangeiros, pelas suas fabulas, para estudos erroneos sobre a geographia e historia d'aquelles reinos, não se affastará da verdade quando assevera que em 1571 o rei do Congo se tornou feudatario da Corôa portugueza, por ser certo que, aos auxilios de Francisco Gouvêa no anno anterior, devia elle o ter recuperado a posse do seu Estado.

Quiz o Angola aproveitar-se da má situação em que se encontrava o rei do Congo pela invasão dos jagas, conquistando novas terras n'este reino para o norte do rio Dande até ao rio dos Ambras (Ambriz), e D. Alvaro mandou, ao encontro do jovem conquistador, em 1572, um exercito sob o commando do conde do Sonho <sup>1</sup> que depois de varios encontros mais ou menos felizes com as forças d'aquelle, nas

---

<sup>1</sup> Os titulos usados no Congo, de conde, marquez, duque, etc., foram adoptados em substituição dos que tinham, sobêtas, sobas, dembos, etc., no reinado de Alvaro I, concessão da corôa portugueza.

terras do Mossul (Marquez) e dos dembos Ambuilla, Ambuella e outros, assentaram pazes, ficando o Angola com as terras já conquistadas por elle e seu pae, tanto no interior como no litoral, reservando apenas para si o rei do Congo a posse da ilha de Loanda, d'onde elle recebia o buzio, chamado zimbo, que era a moeda com que pagava as suas despezas.

Eis pois, a situação conhecida em que se encontrava a vastissima região entre os rios Congo (Zaire) e Cuanza, dividida nos tres grandes reinos, Congo, Angola e Matamba (Jinga), onde mais ou menos se encontravam os povos nomades, tendo por chefes os seus jagas, homens valentes que vinham do interior vivendo sempre de guerras <sup>1</sup>, quando foi nomeado Paulo Dias de Novaes, conquistador, povoador, primeiro governador e capitão-mór do Reino de Angola, etc., com largos poderes para repartir as terras conquistadas.

A organização da nova expedição que devia acompanhar Paulo Dias já obedeceu aos titulos do alto cargo que lhe foi confiado; pois além dos homens d'armas de que eram principaes cabos de guerra, um seu parente Pedro da Fonseca, Luiz Serrão, André Ferreira Pereira, Garcia Mendes Castello Branco <sup>2</sup>, Manuel João e ainda outros tambem faziam

---

<sup>1</sup> Estes povos transportam-se com facilidade d'um para outro ponto sem attenção a distancias e sim a agua e lenha, proximo do que, estabelecem os seus acampamentos provisórios, *quilombo*; ou por causa de caça, de negocio ou de guerras por elles promovidas, ou por auxilios n'estas a quem os contracta. Tal qual procedem actualmente os Quio-cos alem-Cuango. D'aquelles nos servimos em diversas epochas para castigar povos rebeldes.

<sup>2</sup> Na Real Bibliotheca d'Ajuda encontra-se uma Memoria sobre as conquistas, escripta por Garcia Mendes Castello Branco.

parte da expedição, em quantidade, padres jesuitas, clérigos e outros missionarios, e ainda homens de officios; alfaiates, sapateiros, etc., mercadores, serviçaes e outros no intento de colonisação, tudo, pelo menos, em numero de setecentos individuos, e digo pelo menos, porque alguns escriptos da epocha dizem ser aquelle numero só de gente de guerra, que toda era *gente luzida* e bem armada, sendo toda a expedição dividida por sete caravellas, constituindo uma boa frota, que largou de Lisboa a 23 d'outubro de 1574, avistou a barra do Cuanza em fevereiro de 1575, depois de tres mezes e meio de viagem, e foi fundear no porto de Loanda entre a ilha d'este nome e o continente, entrando pela barra da Corimba, ainda accessivel a grandes embarcações.

Tinham decorrido portanto 90 annos depois da descoberta do Reino do Congo e de toda a costa até ao Cabo-Negro, onde foi collocado o padrão mais a sul de Diogo Cam, quando Paulo Dias, de mandado d'El-Rei D. Sebastião, se dispõe a fazer occupar por parte de Portugal as terras que fosse conquistando ao rei N'gola, outr'ora N'dongo do rei do Congo, que trez annos antes se tornara nosso feudatario; por assim dizer uma reconquista para a soberania de Portugal, e durante este longo periodo, pouco menos d'um seculo, de que existem ainda, felizmente, grande copia de documentos, em nenhum encontrei uma referencia especial ao jaga Cassange, podendo ser que entrasse já no numero dos invasores das terras do rei do Congo, que então se estendiam por um lado, até á Matamba do N'gola Zinga ou Jinga desde o principio citado.

Não é meu fim escrever a historia de Angola; pois me faltam os conhecimentos indispensaveis para um tão importante trabalho, que sendo do maximo interesse alguem d'elle

se encarregue, terá de recorrer não só a todos os archivos nacionaes, mas tambem a estrangeiros, principalmente de Hespanha do tempo dos Filippes que dominaram em Portugal; o meu objectivo, relembrando o que conheço do passado, é investigar da origem dos *Cassanges* na nossa actual provincia de Angola, com tal designação; verificar, até onde fôr possível, o que me foi dito da tradição que os principaes chefes, os que constituiram o jagado, eram Lundas já do Muatiãnvua, e antes de se estabelecerem onde hoje existem, estiveram algum tempo no Libollo, margem esquerda do Cuanza, então sob o dominio do Jinga imperante de Matamba, e depois na *Lucamba*, terra de Ambaca, com o consentimento da auctoridade portugueza, seguindo d'ahi pelo Hollo, batendo e repellindo povos, para as margens do Cuango, onde se fixaram; o que em parte se vê confirmado n'uma *Memoria* do valente e ainda muito lembrado tenente coronel (vulgo major) Francisco de Salles Ferreira (1853), que já tive occasião de transcrever, e do qual como disse me occuparei por vezes, pois d'elle se encontram publicados documentos de grande valia para este trabalho <sup>1</sup>.

Eis o que alcancei da tradição entre os Lundas, Quio-cos e proprios Cassanges:— Quingúri, irmão de Luégi, mãe

---

<sup>1</sup> Francisco de Salles Ferreira, que prestou relevantes serviços á provincia, falleceu em 18 de janeiro de 1857, de uma febre, no Bembe, districto de D. Pedro V, sendo commandante das forças em operações no mesmo districto; tinha 37 annos d'idade e deixou seis filhos menores, a sua esposa grávida em Lisboa e a estes um nome muito acreditado. Fôra promovido em 1851 por distincção nas guerras contra Cassange, a major. Tinha uma carreira gloriosa e bem jovem falleceu já tenente coronel.

do 1.º Muatiânvua, tornou-se dissidente do cunhado *Ilunga* que considerava de estrangeiro nas suas terras e a quem não queria humilhar-se nas cerimoniaes do estylo estabelecidas por sua irmã para mais distinguir o pae de seu filho.

Quingúri deixou de comparecer nas audiencias; principiou a organizar partido entre os parentes de sua mãe, procurando competir com o cunhado, tornando-se exigente entre os que o cercavam em obediencia, e extorquindo tributos, a pretexto de que *Ilunga* era um estrangeiro, estava comendo e gosando o que lhe pertencia; e querendo pelo terror excedê-lo em respeito, elle mesmo decepava as cabeças e d'um só golpe do *mucahli* aos que pretendiam oppôr-se ás suas determinações.

Estando Luégi ao facto do que se ia passando na residencia do irmão, principiou a receiar que elle obtivesse prestigio pelo terror e incitava *Ilunga* a que mandasse matar para exemplo um dos parentes d'ella que mais frequentava as reuniões de Quingúri, e mesmo o proprio Quingúri se isso julgasse conveniente para a segurança do estado de Muatiânvua.

Tal noticia mais ou menos deturpada ia tomando vulto, o desasocego era grande, originou-se a intriga na côrte, começaram as perseguições e as luctas internas.

Quingúri, não obstante contar com um grande numero de partidarios, receiava da gente de *Ilunga* e de *Cassongo*, grande potentado seu irmão, e por isso deliberou elle e alguns parentes mais affeçados, abandonarem as suas terras e irem organizar longe d'ali um grande estado, para mais tarde virem destruir o do Muatiânvua.

Uma noite, quando tudo estava em silencio, largaram fogo á sua povoação e partiram, deixando um homem en-

carregado de participar no dia seguinte á irmã — que, visto ella o querer matar, deixára as suas terras para ir procurar outras onde o sol se escondia, e ahi organisaria um grande estado, d'onde despacharia uma grande guerra que o havia de vingar das humilhações a que ella o quizera sujeitar; e que no entanto fosse ella comendo bem a riqueza das terras dos seus avós com o estrangeiro que escolhera para pae de seus filhos.

Seguiu Quingúri o rumo WSW, dirigindo-se a Quimbundo (chamado ainda hoje o caminho de Quingúri) e d'ahi foi passar o rio Cuanza proximo ás suas nascentes.

Esta marcha levou muito tempo (annos), porque elles iam fazendo acampamentos pelo caminho, onde se demoravam em procura de caça pelo systema de armadilhas e exercitando-se no uso da flecha; e tinham de combater alem d'isso os povos que queriam oppôr-se á marcha, quasi corpo a corpo, com as suas grandes facas de dois gumes (mucuâli) e assim iam passando de terra em terra.

Seguiram pela margem esquerda do Cuanza até ao Libollo, onde chegaram depois de grandes luctas, e Quingúri conseguiu travar relações de amizade com alguns potentados, e entre elles com o N'gonga e seus parentes, uma numerosa familia de grande importancia, com quem se aparentou pouco depois por se ligar a uma irmã d'aquelle chefe.

Quingúri demorou-se entre este povo por algum tempo por que do outro lado do Cuanza, N'gola, se travavam as encarniçadas luctas dos subditos de N'gola Zinda ou Jinga e do seu filho N'gola Bandi ou dos descendentes, que os actuaes Cassanges não distinguem e a tudo chamam da Jinga, cujo poder do imperante como mais tarde se verá ainda no fim do seculo XVIII se dizia chegava até sobre os

Quissâmas, e outros vassallos poderosos, no dizer da tradição, já contra as armas portuguezas; e assim será se fôr verdadeiro o que é tambem da tradição que a este tempo já existia fortificado o presidio de Massangano.

Quingúri quando se lhe proporcionou favoravel a occasião passou a vau o Cuanza com os seus, dirigiu-se á capitania portugueza e participou ao chefe que vinha de longe e procurava Muene Puto; e por mandado, d'aquelle seguiram para Massangano e d'ahi a Loanda onde estava o capitão general a quem foram apresentados.

Interrogado por este, disse-lhe terem partido das terras para lá do rio Lulúa guiando-se sempre pelo sol e como fosse desejo d'elles estabelecerem-se em terras onde o sol se escondesse e não podessem passar sobre o Calunga (mar), lhe pedia mandasse marcar um logar em que podessem constituir o seu estado sob a protecção de Muene Puto.

Surprehendeu a narração da viagem feita por elles e ainda mais as descripções que faziam das suas terras, das suas riquezas e guerras constantes entre os povos só pelo espirito de experimentar forças e de se engrandecerem uns estados em prejuizo de outros. Informado o capitão general de que esses homens eram destemidos e valentes entendeu dever aproveitá-los para auxiliares das nossas forças nas guerras das conquistas que ainda mantinhamos nos reinos do N'dondo e Matamba, com diversos potentados; e designou-lhes logar para se estabelecerem na margem do Lucalla proximo de Ambaca, a que deram o nome de Lucamba.

É da tradição que o governador se chamava D. Manuel, e lhes dera armas de fogo com polvora e balas e tambem diversas sementes, das quaes dizem que o milho não pro-

duziu por já ter sido cosido e as outras também não produziram por pôdres, sendo certo que as terras não prestavam para lavouras e por isso passado algum tempo deram ao sitio o nome de Lucamba e d'elle se retiraram logo que julgaram opportuno seguindo o caminho de nordeste, passando ao norte das montanhas de Matamba sempre repellindo povos, no que decorreram annos, indo acampar com tenção de permanencia em terras do Hollo, proximo d'uma salina com o fito de a explorar e até este tempo, por vezes, entraram nas guerras fazendo parte das nossas forças.

Como se verá, em principios do seculo XVII, de 1606 a 1609, governava as conquistas D. Manuel Pereira Forjaz e pouco depois, de 1630 a 1635, governava-as D. Manuel Pereira Coutinho; e como foi no tempo do primeiro que se iniciam as tentativas de descobrir caminho entre Angola e Moçambique, inclino-me a crêr que o D. Manuel de que se trata será esse, sendo crível que aquellas tentativas se baseassem nas descripções e informações dadas por Quingúri e os seus, sobre as terras onde passaram.

Já no decair do seculo XVIII, como também se verá, no governo de Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, em uma Carta-Officio d'este, que apresento adeante, de 16 de dezembro de 1767, se vê que ainda os Cassanges estavam acampados se não nas terras do Hollo, muito visinhos d'estas.

O titulo de jaga parece ter sido dado a Quingúri pelo capitão general que o recebeu, por isso que então aos principaes potentados dos povos que fômos encontrando nas terras que iamos conquistando, estes lhes davam taes titulos ou porque realmente lhes pertenciam ou por imitarem o que era d'outros povos; sendo certo que os Lundas e os Quio-cos que quanto a mim também são de origem dos Lundas

como os Cassanges, não usam de taes titulos nem pela tradicção os conhecem, e ainda mais, todos os povos além Cuango, na região da Lunda entre o Cuango e Lubiláchi, fallando do jaga de Cassange, dizem sempre: — O *Cassange*, o *Quingúri*.

Estou mesmo convencido que só depois da união das tres grandes familias de que falla Salles Ferreira e de que tambem tomei nota em as minhas informações; *Culaxingo* (Quingúri, Lunda), N'gonga (Libollo), e Calunga (Jinga); e do pacto feito que d'ellas sairia por seu turno o jaga para o estado; é que apparece com o nome de Cassange, um neto de Quingúri, que deu nome ao jagado e mais tarde á região, onde foi definitivamente estabelecido, na margem do Cuango entre este rio e a serra de Talla Mugango a seu oeste que por assim dizer a rodeia e quasi a fecha.

Segundo o catalogo dos governadores em 1624 no tempo de João Correia de Sousa já imperava este neto, ainda por tanto em terras de Ambaca, a quem elle teve de mandar castigar como se diz mais adiante.

Se tudo me encaminha a crer o Quingúri completamente extranho aos invasores jagas e sim das familias de Muatas da grande região, Lunda, e antes, descendentes dos Calambas e Xá Cálas dos Bungos que deram origem ao estado do Muatiãnvua; já não digo o mesmo com respeito aos Libollos, Bailundos e Jingas com quem Quingúri e os seus vieram a unir-se a constituir o seu estado, que veiu a denominar-se de Cassange, muito antes de estar no logar em que se fixou, e de certo como se irá vendo, pelos fins do seculo passado, onde se instituiu uma feira.

Da tradicção apurei por sua ordem a successão dos jagas que não pôde merecer grande confiança mas que apre-

sento porque embora mal collocados não deixarão de ter existido pelas referencias que lhes fazem.

A Quingúri succedeu-lhe o neto Cassange e depois um N'gonga e a este um Calunga.

Seguem-se a Cassange: N'g nga Bumba, Calunga cá Quilomba, Cassange cá Culaxingo, Quiluanje quiá N'Gonga, Quingúri quiá Cassombe. Cambamba cá Quingúri, Quitamba cá Calunga, Quissueia, Luame luá Quipungo, Calunga cá Luame, Malengue iá N'gonga, Quitamba quiá N'Gonga, N'Gunza Cambamba, Cassange cá Cambolo, Quitamba quiá Xiba, Muanha Cassange, Calunga cá Quilombo, Quienga quiá Cambolo, Quitamba quiá N'Gonga, Quingúri quiá Culaxingo, Camba cá Quingúri, Camassa cá Quinendi, Bumba iá Quingúri, Calunga cá Quissange, Cambolo cá N'Gonga, Camueji cá Calunga, Bumba cá Quinguri, Malengue, Cuango Culaxingo, Cassange cá Calanhi.

A alguns d'estes tenho de me referir, principalmente os da ultima metade do actual seculo que se puzeram em evidencia, vendo-se obrigada a auctoridade superior da provincia de os submeter á ordem, por meio de expedições bellicas como no tempo das conquistas.

É opportuno dizer já, que razão teve o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marquez de Ficalho <sup>1</sup> em não acceitar as relações dos Cassanges com os *Gallas*.

De facto, aos Cassanges, e é antigo na provincia como se verá, chamam-se bângalas o que não é, como se podia suppôr, o vocabulo proprio, *ba ngalla* ou *ban-galla* e mais parece o que me disseram: uma corrupção nossa de *ben-*

<sup>1</sup> Plantas uteis da Africa Portugueza, pags. 50 e 51.

gala; pois que elles e os povos da Lunda, Xinjes, Quiocos, Lundas, etc., referindo-se a um d'elles, adoptaram o vocabulo: Chi ou Qui-bangála, e a muitos Á-Chi ou Á-qui-bangála.

É da tradição entre elles que outr'ora em Ambaca se via um grande numero de meirinhos que usavam d'uns grossos paus revirados superiormente dando uma e mais voltas, signal da sua auctoridade, quando iam cobrar tributos em que faziam grandes extorsões; e a esses paus chamavam *bangalas* os ascendentes dos Cassanges, e ficou-lhes esta alcunha pelos nossos. O que se diz d'estes meirinhos é verdadeiro e tão grande era o seu numero e taes as extorsões que faziam ainda em 1846, que em supplemento ao Boletim Official da provincia n.º 40 d'esse anno se lê uma portaria do governador geral Pedro Alexandrino reduzindo muito o seu numero.

Ha de facto uma região no norte junto ao Zaire, de que fallou Henrique Stanley, cujo povo é muito aguerrido que se denomina *bangla* mas que não tem relação alguma com os naturaes de Cassange que os ambaquistas por má interpretação nos deram e acceitámos por *bângalas* Cassanges. Tambem quizeram alguns em tempos passados, como se verá, interpretar *bângala* de Cassange por *negociante*, traficante, aldrabão, intrigante, bulhento, desordeiro, etc., e ainda não pode conseguir saber se existiria algum vocabulo antigo, que a tal interpretação nos conduza.

O que é certo, — é ter-se confundido a alguns annos a esta parte, os *banglas* ou *bângalas* conhecidos por Stanley de que o Estado Independente se aproveitou para substituir os *Zanzibares* de que em principio se serviu para as suas tropas de linha e policia e a quem fez armar com as *Martini Henry*, com os *bângalas* de Cassange, e fez acreditar aos

nossos jornalistas, que estes eram senhores d'aquellas armas fornecidas pelos agentes do referido Estado.

A proseguirmos com as tentativas de fazermos guerra aos Cassanges é possível que isso venha a succeder; por emquanto não passou d'um erro de falta de conhecimento sobre aquelles povos.

Como seja de interesse para os leitores, menos versados sobre a occupação d'Angola, saber como esta se fez, e como poucos portuguezes no ultimo quartel do seculo XVI, conseguiram n'um meio que lhes era inteiramente extranho, conquistar palmo a palmo as terras conquistadas pelo Angola' ao rei do Congo, sujeitos a privações, inclemencias do clima, traições em principio dos diversos povos gentios, e mais tarde de europeus estrangeiros, e por falta de recursos, a muitos incommodos e sacrificios; extracto ainda que resumidamente, da *Memoria* de Feo Cardoso, da *Estatistica* de Lopes de Lima e de outras memorias e documentos e alguns ineditos, o que considero de mais importancia, chamando a attenção do leitor para o que me parece digno de reparo.

Sendo o rei do Congo já tributario de Portugal e tendo elle nas pazes feitas com o Angola reservado para si a ilha de Loanda, foi n'esta ilha que entendeu desembarcar Paulo Dias com a sua grande expedição, caminhando todos em procissão, precedidos de trombetas e outros instrumentos bellicos, e tambem um sacerdote que levava debaixo do pallio algumas Reliquias; dirigiram-se ao local que fóra escolhido antes, para se construir uma Igreja, onde em um altar portatil se celebrou missa, a que todos, expedição e habitantes, assistiram com a maior gravidade. Os habitantes da ilha eram vassallos do rei do Congo e tambem alguns portugue-

zes que para ali tinham retirado do seu reino, por causa das grandes guerras que tiveram logar nos annos anteriores. Paulo Dias, em nome de El-Rei D. Sebastião, tomou posse da ilha, e seguiram-se os festejos do estylo.

Mandou Paulo Dias participar ao rei de Angola, por Pedro da Silva, que tinha estabelecido provisoriamente a sua residencia na ilha. Este Silva estivera alguns annos em Portugal, e como era amigo do rei de Angola foi tambem encarregado pelo governador de entrègar-lhe o presente que El-Rei D. Sebastião lhe enviava.

O Angola apreciando o presente e tendo recebido com alegria a noticia da volta do seu amigo, com a força necessaria para o auxiliar contra os que se rebelaram contra a sua auctoridade; — fez logo sair uma embaixada para o cumprimentar, a qual lhe levou tambem a retribuição dos presentes, escravos, gados e mantimentos, e especialmente, para El-Rei de Portugal algumas manilhas de prata e de cobre e páus de Quicongo <sup>1</sup>.

Diz-se que d'aquella prata, ordenara o Cardeal Rei que se fizesse um *Calix* que deu á Egreja de Belem. <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Uma arvore que regula por 20 pés de altura, cuja madeira é aromatica, de cheiro pronunciado a camphora. Fazem uso do seu pó em infusões tonicas e estomacaeas. É frequente verem-se pelos sertões os indigenas trazendo suspensos ao pescoço fragmentos de troncos do *Quicongo* — a que ligam decerto grande importancia supersticiosa.

<sup>2</sup> Tratei de investigar onde existiria este calix. No convento dos Jeronymos, encontrei o rev. prior que ali serve ha 25 annos e não poude esclarecer-me, mostrando-me os que existem que são usuaes e modernos; procurei o sr. Faria e Silva, escrivão da Irmandade dos Passos da Conceição Velha — que em commemoração do Centenario escreveu o

Naturalmente investigou-se da proveniencia d'aquelles metaes, prata e cobre, e logo a apprehensão da existência de minas, cuja conquista se pretendeu fazer mesmo no tempo de Paulo Dias, embora incerta a sua situação, e no intento de as explorar, o que instantemente tambem foi depois, muito recommendado pela côrte e governos de Portugal.

Renovara o Angola o seu pedido de soccorro contra o rebelde Quilunge Quiassama, e como então se pactuara uma alliança <sup>1</sup> e já tinha reconhecido Paulo Dias, que não era a ilha logar proprio para o estabelecimento d'uma permanente povoação aos seus fins, parece ter aproveitado o ensejo. Em principios do anno de 1586, foi fundar esta no

---

folheto—Nossa Senhora do Restello — Os freires de Christo, e a Egreja da Conceição Velha — em que teve de proceder a muitas investigações, e tambem sobre aquelle calix, nada me poudo dizer. Mostrou-me um realmente artistico nos seus ornamentos, de prata dourada e com pintentes cuja origem não é conhecida n'aquella Egreja, mas tambem não é unico, porque o sr. Faria que o mandou para a Exposição da Arte Ornamental, lá foi ver depois mais no mesmo genero a ponto de se confundirem.

Tambem tenho apprehensões que a prata de que foram feitas as *malungas* podia muito bem ser de minas da Matamha (hoje Jinga) em vez das de Cabambe muito falladas, de que ha razões para duvidar da sua existencia, emquanto que das primeiras foi publico e notorio que o Coronel Pires de Pungo Andongo a quem por vezes terei de referir-me, recebia dos Jingas seus freguezes nos negocios. pedaços de prata com que carregava as espingardas em vez de chumbo e em 1884 a filha d'aquelle Coronel, hoje já fallecida, D. Rosa Christina Pires Terra, me mostrou tres pedaços amassados, dos taes que os Jingas levavam a seu pae.

<sup>1</sup> Foi mantida tres annos.

continente, na elevação a sul da bahia de Loanda, outeiro chamavam, a que deu o nome de S. Paulo (santo do seu nome), onde hoje está a fortaleza de S. Miguel, principiando, por religioso que era, a construir primeiro que tudo, uma Igreja, que dedicou a S. Sebastião, segundo a ordem que recebera na côrte, antes da sua partida de Lisboa. Creou todos os cargos e officios necessarios ao governo da nova colonia, a que chamou S. Paulo de Loanda, intitulado-se elle, capitão-mór e governador do novo Reino de *Sibasto* na conquista da Ethiopia.

Foi prestado ao Angola o auxilio pedido, e, sempre victoriosas as nossas forças conseguiram sujeitar o rebelde, proporcionando áquelle uma vida mais tranquilla que em compensação desejou que os portuguezes se estabelecessem na sua côrte e terras visinhas, para negociarem, e com muita satisfação do rei, foi nomeado o parente do governador Pedro da Fonseca, seu delegado junto d'aquelle, para conhecer e resolver das causas e contendias que se dessem entre os portuguezes, e d'estes com os indigenas, d'accordo com os seus chefes.

Decorridos alguns mezes de convivencia amistosa e boas relações commerciaes, o rei do Congo, D. Affonso II, que tanto devia aos portuguezes, enraivecido pela ambição e ciuimento das nossas amizades com os povos do Angola, que lhes tiravam o que elle chamava os interesses do seu negocio com os portuguezes; tratou de mandar gente sua, incutir no animo do Angola, que não confiasse nas amizades d'aquelles, pois as vistas de Paulo Dias era expulsal-o das suas terras e apossar-se das minas.

Uma tal noticia exasperou o rei e tão fortemente que os portuguezes receberam pelas suas vidas e haveres, conse-

guindo Pedro da Fonseca socegal-o, fazendo-o acreditar que aquelle aviso era uma astuciosa intriga do rei do Congo, para elle perder os interesses, em seu proveito, do negocio com os portuguezes, e certamente lhe lembrou como elle em tempo, e pela mesma fórma tinha alcançado a ordem de prohibição de commerciaem os portuguezes da ilha de S. Thomé nos portos do seu reino.

Serenados os animos d'elle e dos *seus macotas*, continuaram a manter-se as boas relações, o que não foi além de tres annos, como diz Lopes de Lima, porque uma nova intriga originou uma infame traição da parte do rei, e se romperam essas relações, sendo aquella severamente vingada em 1578.

Afirma-se que um dos portuguezes <sup>1</sup>, insistindo em levar por diante a intriga do rei do Congo, o que faz crêr comprado por este, avistando-se com o Angola lhe pedira para o marcar como seu escravo, pois tinha um segredo de importancia a communicar-lhe. O rei surprehendido fez chamar alguns dos seus macotas, e obrigou-o na presença d'estes a revelar o tal segredo: «que o governador Paulo Dias vinha avançando com o seu exercito a reunir-se ás forças destacadas nas povoações, onde viviam os portuguezes, na côrte e nos arredores, onde já tinha muita polvora e bala, com o fim de o expulsar a elle das suas terras e apossar-se das minas.» De facto Paulo Dias, já no anno anterior, tinha fundado a villa de Calumbo, na margem direita do Cuanza, e dis-

---

<sup>1</sup> Se era europeu,— o que pela pratica que tenho do meio africano não extranho,— era com certeza d'esses homens que nada tendo que perder, pouco lhe importa o mal da commuidade, com tanto que se imponha pela sua asquerosa vileza.

punha-se a internar-se seguindo esta margem, estabelecendo postos de apoio para a occupação em vista.

O rei de Angola, feita aquella communicação, ordenou que se reunisse o conselho, isto é, que tivesse lugar uma audiencia magna, como ainda hoje é da praxe, com todo o apparatus bellico, a que deviam assistir todos os portuguezes que viviam na côrte, para conhecerem o segredo do seu compatriota. Admirados estes de tanta maldade da parte d'um dos seus, quizeram desmentir o calumniador e convencer o rei da falsidade de tal noticia; porém elle não quiz attender a cousa alguma, ordenando que se retirassem da sua vista, e, ouvindo os seus macotas, foram estes d'opinião: «que se extinguisse tal gente no seu reino, pois só assim evitaria o perigo que receiava.»

Satisfeito o rei com este parecer, para o executar com mais segurança, fingiu esquecer o passado, e imaginando uma guerra, a ella mandou os innocentes portuguezes que foram repentinamente sacrificados ao furor d'aquelles a quem suppunham ir soccorrer.

Foram tambem mortos todos os escravos, mais de mil que pertenciam áquelles portuguezes, e egualmente todos os brancos que andavam pelo sertão nas suas transacções, e apprehendidos os haveres de todos que importavam n'uma valiosa somma.

O rei sentenceou ainda, que o traidor perdesse a vida; *por não poder viver quem fizera morrer seus irmãos.*

Depois de feita esta feroz carnificina, mandou o rei dizer a Paulo Dias, que não avançasse um passo além do sitio em que recebesse aquella ordem; — e este não conhecendo da horrosa catastrophe, mas desconfiado d'alguma traição, por cautella, retirou para o *N'Zelle*, logar entre os rios Bengo e Cuanza,

e, segundo os escriptores da epocha, a umas dez leguas distante da villa de S. Paulo de Loanda, onde levantou uma trincheira de madeira que guarneceu com duas peças d'artilleria, e assim fortificado, esperou a explicação de semelhante ordem.

Passados poucos dias teve então conhecimento, não só d'aquella crueldade, mas tambem que o rei vinha com a sua gente resoluta a exterminar o que ainda encontrasse de portuguezes, o que muito satisfez Paulo Dias, por lhe proporcionar, mais promptamente do que podia esperar, a occasião de vingar a affronta feita aos seus; e animando os 150 homens que tinha apenas por companheiros, com estes e as duas peças, tamanho estrago fez no inimigo que o destruiu completamente;— e, não se contentando com esta victoria, ordenou ao sargento-mór Manoel João que se internasse até á côrte e assolasse tudo a ferro e fogo; e tão bem cumprida foi a ordem que o rei arrependido fez matar os *macotas* que o aconselharam áquelle infame procedimento.

Animado Paulo Dias com estas victorias e com os reforços de homens e dinheiro que de Portugal lhe enviaram no anno seguinte (1579), o pae e o Cardeal Rei, proseguiu nas suas conquistas, principiando por derrotar alguns sobados da Quissâma (margem esquerda do Cuanza) subditos do Angola, e avassallar outros, vencendo de novo ainda aquelle rei em *Mucumbe* na Quissâma, pelejando já em favor dos portuguezes os sobas d'esta região, *Muxima Quitamgombe* e *Quizúa*.

Na margem esquerda do rio (Cuanza) continuavam em lucta as forças portuguezas e não foram inferiores as derrotas do gentio, tendo de fugir o soba *N'gola Quitaxo* potentado, senhor da *Ilamba*, sendo para o seu logar nomeado um outro pelo governador.

O capitão Luiz Serrão foi um grande auxiliar de Paulo Dias, pois pela sua parte foi vencendo um grande numero de potentados, de modo que no fim do anno de 1581, estava conquistada e devidamente occupada uma grande parte da Ilamba e não pouca da Quissâma.

Em 1582 resolveu Paulo Dias apossar-se das minas de prata que, segundo se dizia e ainda hoje se diz, existem nas terras do Cambambe; e n'esta empreza mandou a maior parte da sua gente, a qual no caminho sujeitou e avassallou o importante soba Bamba Tango, ficando elle, Luiz Serrão e 120 soldados em *Tucandongo*, sitio pouco distante do indicado das minas, onde se fortificou.

Veu ataca-lo aqui, com um exercito numerosissimo o rei Angola e confiando na protecção de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Purificação dia 2 fevereiro de 1583 marchou contra o inimigo antes que este tivesse tempo de desinvolver as suas forças na planicie, e com tal impeto o atacou que, em poucas horas, o desbarata, ficando o campo coberto de mortos. Attribuindo esta grande felicidade á sua muita devoção por N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup>, a festejou com a possivel solemnidade em Massangano, onde findou o primeiro presidio do sertão, com a invocação de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Victoria.

O rei desesperado por tão formidaveis perdas, tentou melhorar de fortuna; mas foi em vão; nova derrota soffreram as suas forças em numero não inferior ás anteriores, morrendo logo os seus trez principaes *macotas*, que foi a principal causa da victoria para os portuguezes, que em seguida levaram de vencida cincoenta sobas, penetrando pela terra dentro até ao rio Lucalla pouco antes das terras do actual concelho de Ambaca; e no regresso, marginando este rio, ainda desbarataram novas forças do Angola.

Preocupada a côrte em Portugal com a posse das minas de prata, uma nova expedição de homens d'armas (200) partiu para Angola no anno 1584, indo tambem o desembargador João Morgado de Rezende, já nomeado provedor da Fazenda e das Minas, fazendo-se acompanhar de varios instrumentos e ferramentas para a exploração da prata. E ainda em 1586, para lá seguiu um novo reforço de 90 soldados sob o commando do capitão Jacome da Cunha, e no anno seguinte 200 flamengos que morreram pouco depois das febres do paiz.

A Villa de S. Paulo de Loanda progredia com grande desenvolvimento e os portuguezes seus habitantes já iam fazendo pela costa até Benguella, por meio de patachos e outras embarcações, forte commercio, trazendo d'ahi escravos, marfim, cobre, gado bovino e mantimentos em quantidade, o que deu logar a Paulo Dias fundar um estabelecimento em Benguella, chegando a fazer construir e guarnecer um forte n'um morro (Benguella velha) que pouco depois foi destruido por descuido da guarnição e traição do gentio (1587).

Apoz um governo de 14 annos de gloriosas conquistas e bons trabalhos, mas de constantes fadigas, e quando estava preparando uma grande columna para operar contra o rei de Angola no seu Pungo (pedras do Pungo Andongo), falleceu o grande e benemerito Paulo Dias de Novaes, prostrado das febres, em fins d'outubro de 1589, no presidio de Massangano, deixando por testamento o cargo ao seu inseparavel companheiro de guerra Luiz Serrão, e foi sepultado, na Igreja por elle fundada N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Victoria, sendo mais tarde (1609) trasladadas as suas cinzas por ordem do governador Bento Banha Cardoso, para a Igreja dos Jesuitas em S. Paulo de Loanda.

Luiz Serrão apenas dois annos, se tanto, sobreviveu ao seu companheiro e mestre na guerra Paulo Dias, e se tinha sido feliz pelejando sob a direcção d'aquelle heroe, faltaválhe a sciencia e resolução d'este, para ser um general commandante de operações, o que ficou demonstrado no memoravel desastre em 28 de dezembro de 1590 junto ao rio Lucalla, onde se deixou surprehender pelas forças dos reis de Angola e Matamba (Jinga); desastre que ia sendo causa de se perder tudo quanto já estava conquistado.

Encontra-se n'uma descripção das conquistas d'Angola escripta por Abreu de Brito, que foi companheiro dos conquistadores, a narrativa d'este desastre. Luiz Serrão, no proposito do seu antecessor, julgando completos os preparativos da columna que devia ir atacar o Angola onde estava, foi informado sobre os preparativos que este tambem fazia para expulsar os portuguezes das suas terras, logo que teve conhecimento da morte de Paulo Dias.

Era auxiliado o rei não só com grandes forças de seu tio rei da Matamba, mas ainda pelas do traçoeiro rei do Congo e as dos Quindes e dos jagas <sup>1</sup>, reis visinhos do reino d'Angola.

Luiz Serrão chegou a passar com suas forças o rio Lucalla e estabeleceu o seu acampamento no *Aquitambo* a legua e meia já distante do rio, e foi aqui que teve conhecimento d'aquellas grandes forças que vinham marchando

<sup>1</sup> Entre estes jagas já se encontraria o dos Cassanges com o nome de Cassanchi ou Cassange e o seu N'golabole, immediato, 1.º dos *Bondos*, jaga N'dala Quissúa?... Não se me deparou documento algum a tal respeito.

contra elle, que nem lhe deram tempo para uma retirada em ordem para o presidio de Massangano, onde com muita difficuldade chegaram os portuguezes em debandada, deixando no campo os seus importantes haveres que os acompanhavam, como de costume, para os resgates, que só em fazendas, se diz ser a carga de vinte e quatro embarcações, (náus se lê no citado manuscrito) que estavam no porto de Loanda, e se affirmava ter um valor superior a um milhão d'ouro, o que tudo ficou em poder do inimigo, despojo ambicionado pelos reis que entre si o dividiram, passando tres dias a recolhel-o.

Devido a um auxilio de forças que, a muito custo, e de baixo do fogo das margens do Cuanza, o capitão Manoel Jorge de Oliveira conseguiu ir buscar a Loanda, com que reforçou a guarnição de Massangano, desistiram os inimigos de continuar a accometter os portuguezes e retiraram.

O mesmo Abreu de Brito diz que Luiz Serrão succumbiu a tamanho infortunio e passado um mez morreu (1591), succedendo-lhe o capitão-mór André Ferreira Pereira que, poucos mezes depois, entregou o governo a D. Francisco de Almeida, nomeado por carta regia (Filippe I) de 9 de janeiro de 1592, capitão-mór e governador da conquista do reino de Angola e mais provincias d'elle.

Chegou D. Francisco a Loanda em julho do mesmo anno com 400 infantes e 50 cavalleiros com os respectivos cavallos, todos bem armados e respectivas munições em quantidade e tambem muitos fidalgos, entre elles o irmão do governador, D. Jeronymo, e os capitães de nomeada L. Lopes de Sequeira e Balthazar Rebello d'Aragão.

Animaram-se os conquistadores com tão poderoso socorro, chegando a reunir-se uma força de europeus, aquella

e mais 300 infantes, homens já provados nas guerras com o gentio, mas não se alcançou, como era de uso e indispensavel, forças de gente preta frecheira; porque os jesuitas, que tinham já grande influencia n'esta gente, tal intriga fizeram, e tamanha foi a confusão que estabeleceram, devido ás excommunições que lançavam, que o governador desanimou e desistiu de proseguir nas conquistas e de se apossar das *minas de Prata*, o que tambem lhe fôra determinado por El-Rei D. Philippe.

Não querendo admittir os jesuitas, como elles instavam, por seus coadjucores no governo, fugiu para Pernambuco, embarcando em 8 de dezembro de 1593, tendo-se demorado apenas oito mezes.

Os capitães, Camara e povo, quasi á força, obrigaram D. Jeronymo a succeder ao irmão que tinha abandonado o governo. E elle mais politico, prudente e perseverante do que aquelle, com modos suaves socegou os animos na cidade, e estabeleceu a harmonia; e depois de consultar os velhos conquistadores entrou pelo sertão da Quissãma, onde avassallou muitos sobas e fundou um presidio de importancia junto das minas de sal, cujas pedras corriam no interior como moeda, e triumphante marchou com a sua columna para *Cambambe* no intento de se apoderar das taes minas, verdadeiras ou sonhadas, como diz Lopes de Lima, n'aquelle tempo muito apetecidas <sup>1</sup>; mas oppoz-se á sua marcha o soba

---

<sup>1</sup> D'estas minas tão falladas, ainda hoje acreditadas, a ellas faz referencias Abreu de Brito; das quaes se occupou, com entusiasmo, affiançando a sua muita prata e de outros metaes, o padre Guerreiro no seu relatorio annual (1604).

Cafuxe, o mais poderoso d'aquella região que rivalisava em poder com o rei d'Angola.

Além d'esta opposição as febres de tal modo prostraram D. Jeronymo que foi forçado logo a recolher-se a Loanda, deixando o commando das forças ao capitão-mór Balthazar d'Aragão, o qual, precipitando-se incautamente n'uma cilada dos gentios, sacrificou a melhor parte da sua gente, perdendo-se muito prestigio, e enfraquecendo de novo o terror do nome portuguez, pois se abandonou o recente presidio, tendo de recolher a Massangano o pouco que restava da brilhante expedição.

Quiz D. Jeronymo, ainda convalescente, levantar o espirito dos seus e readquirir o prestigio, mas sabendo da chegada do seu successor, João Furtado de Mendonça, a Loanda, no dia 1 d'agosto de 1594, fez suspender os preparativos, aguardando as suas ordens em Massangano, onde estava em tratamento.

Mendonça desembarcou em Loanda com uma força de 400 homens d'armas e 30 cavallos, sendo recebido, pela Camara e povo, com festejos brilhantes, porque deu tempo a fazer ornamentar as ruas por onde devia passar o cortejo.

O governador teve de demorar-se quinze dias a bordo, para prevenir a hospedagem para doze mulheres brancas, convertidas da Casa Pia, que o acompanharam do reino, as primeiras europêas que entravam na colonia, e as quaes todas casaram no tempo do seu governo.

Terminadas as festas prevenira D. Jeronymo de que tomara posse do governo, e este recolhendo immediatamente a Loanda foi por elle tratado com especiaes attentões e na sua residencia até que retirou para Portugal.

Informado Mendonça das más circumstancias em que se

encontravam as conquistas pelo sertão, resolveu ir castigar os rebeldes, seguindo com a sua expedição pela margem do rio Bengo; mas sendo a epocha a peor do anno, a das chuvas, que então foram excessivas, morreram logo na baixa do Bengo 200 soldados, e o proprio governador tão perigosamente foi atacado das febres que o fizeram recolher immediatamente a Loanda, onde esteve sete mezes doente, e por um descuido inexplicavel, continuava no mesmo sitio a columna, soffrendo as inclemencias do clima e fome, a ponto dos soldados já se alimentarem com a carne dos cavallos que morriam de febres. E o peor foi, que de taes contrariedades se aproveitou o rei Angola, que poz um apertado cêrco ao presidio de Massangano, de modo que não podia receber socorros de parte alguma.

Restabelecido o governador seguiu logo para junto da columna de operações, e levantando-a do acampamento avançou e cahiu impetuosamente sobre todos os sobados rebeldes do Icolo e do Bengo (1596), fazendo-lhes grande destruição e importantes presas; e de seguida determinou que partisse, com uma forte expedição em auxilio de Massangano, um dos capitães-móres de mais nomeada em Angola, Balthazar Rebello d'Aragão pelos relevantissimos serviços nas suas conquistas, e que para lá fôra com D. Francisco d'Almeida.

Pela sua parte conseguiu Aragão (1598) derrotar os sitiados de Massangano e fazel-os fugir em debandada, guardando logo o presidio com mais gente; e deixando-o com as providencias necessarias, passou o rio Cuanza para a margem esquerda e sujeitou á obediencia alguns sobas sublevados da Quissâma. Para de futuro mais promptamente se soffocarem as rebelliões dos sobas, nas terras da Mu-

xima, e á sua custa, fundou o presidio (1599) d'este nome, por ter sido abandonado o *d'Adenda*, mandado levantar por D. Jeronymo d'Almeida junto das referidas minas de sal.

Até 1602 em que terminou o seu governo não conseguiu João Furtado de Mendonça vencer, como desejava, o feroz soba Cafuxe (Quissâma), o qual, ensoberbecido com a passada victoria sobre as forças commandadas pelo incauto Balthazar d'Almeida, no tempo de D. Jeronymo, ameaçava de continuo os portuguezes e o rei Angola que o temia.

Como se vê findara o seculo XVI empregando os portuguezes todos os seus esforços em consolidar o dominio das conquistas emprehendidas pelo grande capitão Paulo Dias de Novaes, e não foi sem custo, muito trabalho, sacrificios e vidas que isso se conseguiu, não se indo mais além por causa das vantagens de prestigio entre o gentio adquiridas pelo soba Cafuxe e alguns potentados da Quissâma que o temiam e faziam causa com elle, não só contra os brancos, mas contra o rei Angola, que pretendeu submeter ao seu poder depois da victoria que sobre os brancos alcançou.

E para completo de informação, devo dizer agora, que principiara o Seculo XVII, iniciando-se as guerras na costa, do que era já do nosso dominio, com os estrangeiros; pois em 1600 quatro navios francezes, piratas, aportando em *Pinda*, na foz do grande Zaire, ahí fizeram desembarques de forças para roubar aquelle porto, que já se considerava importante pelo seu commercio.

No decorrer d'este seculo, além das luctas no sertão, tiveram os portuguezes de sustentar as não menos encarniçadas com os europeus estrangeiros que invadiam o nosso dominio pela sua extensa costa, chegando, como se verá, a

complicar aquellas; pois faziam causa commum com os gentios que combatiamos em diversos logares do sertão. Todavia não foram menos gloriosos os resultados d'essas luctas para as nossas armas.

Dos documentos que me foi dado consultar do Seculo XVI não encontrei referencia especial alguma, nem por incidente, sobre a existencia do jagado de Cassange. Se effectivamente existia e elle entra já no numero dos que invadiram o reino do Congo e que se estabeleceram definitivamente na região d'este ou dos reinos que se conheciam de Angola e da Matamba, os portuguezes da epocha que nos deixaram escriptos, sobre estes reinos, mesmo ineditos, não o mencionam.

---

## SECULO XVII

---

**A**INDA no intento de se promover a conquista das minas de prata de Cambambe, El-Rei D. Filippe II que despachara João Rodrigues Coutinho governador de Angola concedeu-lhe prerogativas superiores ás dos seus antecessores e fê-lo acompanhar d'uma grande expedição de gente e de munições.

Dispunha-se o governador, com uma bem organizada columna, a ir bater o soba Cafuxe, mas ao entrar nas suas terras de tal modo foi atacado das febres que não viveu mais que seis dias. Pelos poderes que lhe foram conferidos tinha nomeado em testamento, felizmente, o capitão d'infanteria Manoel Cerveira Pereira para lhe succeder.

Este distincto official que partira de Portugal com o governador e por ser da sua confiança estava sciente dos seus planos; tomando posse do governo em 1603, a contento dos seus camaradas, da camara, do clero e do povo, resollvido a continuar a guerra contra Cafuxe e conquistar as minas, seguiu com a expedição para as serras de Cambambe.

Os soldados mais antigos, lembrando-se dos desastres em tempo de D. Jeronymo, marchavam com algum receio, e a gente do soba vendo-se atacada por poucos brancos e contando com uma nova victoria, em alta gritaria na fórma do costume, demonstrava a sua satisfação *por medir outra vez as forças*, como elles dizem, com os homens de guerra de Muene Puto.

Deu-se a batalha em 10 d'agosto, no mesmo sitio em que se dera a anterior, e em tres encontros successivos em que os portuguezes só perderam um homem, fizeram estes grande mortandade e tal foi o desanimo do soba que logo se avassallou, seguindo-se a prestar vassallagem o rei Angola e outros sobas poderosos, sendo immediatamente aberto o caminho para a passagem da expedição que avançou e foi dar batalha ao soba de Cambambe, que, depois de porfiadas luctas sobre as serras, o anniquillou e venceu (1604), fazendo-se com promptidão construir a tão desejada fortaleza de Cambambe, proximo do sitio em que se dizia existirem as minas. E segundo as instrucções de D. Philippe ao seu antecessor, inaugurou Cerveira a fundação do presidio com o nome de Nossa Senhora do Rosario de Cambambe, deivando n'elle, por seu commandante, o capitão Paio d'Araujo de Azevedo, que tinha partido de Lisboa alferes da sua companhia.

Reduzida á obediencia aquella grande região, regressou o victorioso governador a Loanda que tratou de fazer desenvolver em casarias até ao lugar, em que os religiosos da ordem Terceira fundaram o convento de S. José; tendo estes recebido a ermida dos irmãos de S. José, que a cederam com a condição do convento tomar o nome d'este santo, e cujas ruinas ainda hoje por lá se vêem.

No anno seguinte novamente teve de sair o governador

com uma expedição a castigar a ousadia do potentado Axila M'Banza, que induzia os sobas de Musseque, vassallos de seu genro, o rei Angola, a rebellarem-se e a vexar os portuguezes n'aquelle presidio, e com tal impeto cahiu sobre elles e de tal fórma lhes fez arrazar as terras que o Axila tomou o partido de pedir perdão e prestou-se a reconhecer a Soberania de Portugal.

Voltando a Loanda triumphante, poude então dedicar-se com todo o afan e muito boa vontade a dar grande desenvolvimento ao commercio, o que se estava vendo no fim do anno de 1607, quando chegou o seu successor D. Manoel Pereira Forjaz; mas as machinações urdidas pelos invejosos seus inimigos, sem attenção aos relevantissimos serviços que tinha feito á colonia, foram causa, para aquelle illustre capitão, na verdade heroe e benemerito, de muitos dissabores e trabalhos; pois que o seu successor, em vez de saber imital-o, como diz Lopes de Lima, prestou-se a dar ouvidos aos maldizentes, e sem tratar de proceder a averiguações o mandou prender e embarcar com violencia e desprezo <sup>1</sup>.

Não contente o novo governador com a execução d'uma tal indignidade, exonerou do commando do presidio ou Capitania de Cambambe o leal companheiro do seu antecessor, Paio d'Araujo d'Azevedo, promovendo n'aquelle cargo um seu creado, substituição que poz em risco de perder-se aquella conquista que tantos sacrificios custou; pois logo que os sobas visinhos souberam da retirada de Araujo juntaram-se com os de Musseque e cercaram a fortaleza (1608), e tão

<sup>1</sup> Este facto que se deu em 1607, tambem se deu com quem escreve estas linhas em 1896!

amiudados assaltos lhe fizeram que se lhe não acode tão rapidamente a marchas forçadas o intrepido e valente alferes-mór Roque de São Miguel, companheiro nas victorias de Manoel Cerveira Pereira, com uma forte columna, seria presa dos gentios.

Tentaram os corsarios hollandezes, sob a occulta protecção do rei do Congo, entrar em Pinda no Zaire e construir ahi um posto fortificado no intento de compra d'escravos, porém, segundo as instrucções d'El-Rei D. Philippe, para ali partiu immediatamente uma frota sob o commando do capitão Alvaro Ferreira que conseguiu expulsar e perseguir os hollandezes.

Foi no tempo de D. Manoel que Balthazar Rebello de Aragão, que já tinha dezeseis annos de permanencia em Angola, intentou penetrar no sertão dos Molúas com uma força armada a descobrir caminho para a costa de Moçambique (Rio de Senna se dizia); mas não foi este projecto por diante, porque, embora já muito internado, tendo conhecimento no caminho do cêrco á fortaleza de Cambambe, e encontrando difficuldades em avançar, retrocedeu e foi reunir-se ás forças que desalloyaram os sitiantes d'aquella fortaleza.

Parece ter sido aquella tentativa de penetração nas terras dos Molúas devido a informações obtidas d'individuos que de lá tivessem chegado até aos nossos, e como é da tradição dos actuaes Cassanges, Bondos, Lundas e Quiocos, foram aquelles os que não quizeram reconhecer o 1.º Muatiânvua que se lhe impunha, e vieram emigrando para sudoeste até Quimbundo, seguindo d'aqui em rumo do oeste passaram o rio Cuango, demorando-se algum tempo na actual região do Bailundo, e mais no Libollo até á Quissama, atravessando

mais tarde o Cuanza na altura da hoje villa do Dondo. Entre esses individuos vinha o Quingúri, irmão de Lueji, mãe do 1.º Muatiânvua, o qual adoptou o titulo de guerra *Cula Xingo* (corta pescoço), o fundador de um novo estado em terras de Angola, mais tarde Cassange.

Morreu D. Manoel de repente a 12 d'abril de 1611, e a 15 do mesmo mez foi eleito para succeder-lhe o capitão-mór Bento Banha Cardoso, por um auto em que assignaram a camara, o bispo do Congo, D. Fr. Manoel Baptista, os officiaes militares de maior hierarchia, e os cidadãos de maior importancia na já florescente cidade de Loanda.

Valente e intrepido cabo de guerra, ainda n'este anno organisou e partiu com uma expedição para o interior a castigar o rei Angola a quem venceu, aprisionando o seu poderoso alliado Quilonga que mandou degolar; bem como o traidor soba Bamba Tungo que, servindo com os nossos, dava todos os planos ao inimigo, e ainda fez enforcar tres macotas de muita importancia.

Em numero de quatorze se reuniram os principaes sobas do N'Dongo e Matamba, no intuito de vingar aquellas mortes, e dispondo d'uma força de cinco mil homens, n'uma madrugada, por differentes pontos, investiram ao mesmo tempo contra a fortaleza de Cambambe, que resistindo a uma tal surpresa com tanto impeto (1612) em breve foi soccorrida.

Continuas guerras se seguiram para sujeitar de novo os rebeldes á antiga vassallagem, chegando o governador a impôr-se pelo terror; pois sempre victorioso não lhes dava quartel e castigava-os severamente, inutilisando por completo em 1613 a tal confederação dos sobas, deixando apenas sobreviver os que reconheceram de novo a soberania de Portugal. Passou no anno seguinte á Quissâma e fez prender Na-

bua N'Gungo e outros sobas, que fez substituir por vassallos.

E não confiando ainda na constancia e lealdade dos submettidos, junto á margem do rio Lucalla, 40 kilometros distante de Massangano, n'uma elevação, fez construir um forte que guarneceu para vigiar pela segurança dos vassallos (1614), o qual, tres annos depois, foi substituido por um outro, de ordem do governador Luiz Mendes de Vasconcellos, conhecido pelo de Ambaca, de que existem as ruinas.

Bento Banha foi rendido em 1615 pelo valente e corajoso Manoel Cerveira Pereira, que voltou triumphante das passadas calumnias porque entrando em Portugal entendeu ir logo a Madrid justificar-se dos crimes de que falsamente o arguiram; e reconhecendo El-Rei D. Philippe sua innocencia, prestimo, merecimento, grande actividade, e apreciando os seus relevantes serviços nas conquistas; quiz dar-lhe satisfação completa restituindo-lhe a honra onde quizeram fazer-lh'a perder; nomeou-o pois governador de Angola e mais, governador, conquistador e povoador do reino de Benguella, separando por uma provisão este governo da jurisdicção de Angola, e ordenando-lhe que se demorasse em Angola o tempo que julgasse necessario e quando passasse a Benguella entregasse aquelle governo a pessoa de sua confiança, que de Portugal se enviaria então o que devia succeder-lhe.

El-Rei D. Philippe, além de diversas mercês que concedeu a Cerveira Pereira, presenteou-o com um cavallo do seu serviço que tinha em grande estima, dizendo-lhe ser para o montar na primeira batalha que tivesse de dar para a conquista de Benguella.

Desembarcou em Loanda em fins de setembro de 1615 e teve de demorar-se anno e meio no governo de Angola,

por conhecer indispensavel a sua presença no interior, para de novo sujeitar os sobas ainda desobedientes, o que conseguiu; e collocou de novo em Cambambe o seu antigo companheiro Paio d'Araujo de Azevedo. Recolhendo a Loanda, pouco tempo aqui esteve, voltou ao sertão para castigar o soba Caculo Cahenda que dava coito a todos os escravos que fugiam dos seus amos em Loanda e nos presidios, que o obrigou a restituil-os e depois avassallou-o. Tendo-se revoltado a este tempo os sobas Caculo Cabaça, Bumba Andalla, Quitubia e outros, foi por ordem sua Azevedo submettel-os e avassallal-os.

Passados alguns mezes vendo em socego o que era da conquista, tinha decorrido anno e meio, entregou o governo de Angola a Antonio Gonçalves Pita, que tinha sido capitão-mór no Congo, e em 11 d'abril de 1617 partiu para a conquista de Benguella, levando, em quatro navios e um patacho, mantimentos, munições e 150 homens brancos.

Apezar dos relevantissimos serviços que prestou n'esta conquista, alcançada após successivas victorias, e dos muitos trabalhos e perigos por que passou querendo apossar-se das minas de cobre do seu sertão, rodeadas por diversos jagas e outros sobas de importancia, ainda os invejosos que para si queriam a exploração das ditas minas, um frade, um clerigo e outros descontentes da severidade que lhe era peculiar, não o podendo envenenar como pretenderam, repentinamente invadiram a sua casa, e sem respeito algum, o maltrataram de pancadas, roubaram-n'o, deixando-o sem camisa, e, preso a ferros, o metteram em um batel pôdre que lançaram ao mar.

Á Providencia Divina deve o ter sido levado pela corrente ao porto de Loanda, onde desembarcou, tendo sido

mal recebido pelo governador, então, Luiz Mendes de Vasconcellos, que tomara posse do governo em novembro de 1617; e não o quiz attender em cousa alguma. Em Loanda se demorou dois annos aguardando instrucções de Portugal que chegaram, e tambem importantes soccorros para voltar a Benguella e proseguir nos seus trabalhos, o que fez, ainda com muita gloria, fallecendo no sertão, mas entre os seus triumphos.

Luiz Mendes, logo de seguida a tomar posse do governo, no mesmo anno ainda, 1617, foi visitar os presidios e foi n'essa occasião que fez demolir o forte no Lucalla de Banha Cardoso, e construir o de que já fallei, mais para o interior.

Em 1618 N'gola Jinga Bandi 8.º rei de Matamba (Jinga) foi assassinado pelos seus que contra elle conspiraram por causa da sua tyrannia; tendo deixado um filho e tres filhas naturaes e um legitimo. O natural, tambem N'gola Bandi, era filho d'uma escrava e o verdadeiro herdeiro das crueldades de seu pae, o qual logo de seguida á morte d'este, convocou seus partidarios e disse-lhes que seu irmão legitimo não podia succeder ao pae na posse do estado, por ter sido a mãe d'elle convencida d'adulterio, crime por que estava presa quando mataram o rei; que quanto a elle N'gola Bandi, por ser filho d'uma escrava, tambem não podia pretender aquelle cargo, por isso tratassem elles d'eleger um rei.

Tudo estava de antemão preparado pelos que o acompanhavam para o elegerem, e aquella reunião não era mais que uma astucia propria dos gentios, e sem mesmo esperar pela formalidade da votação de todos os macotas como é de estylo, pelos presentes foi proclamado rei e como tal reconhecido, mandando logo matar quantos macotas contava se opporiam á sua eleição, e para poder reinar sem receio

de rebelião, fez tambem matar em seguida o irmão, a madrastra e um sobrinho, filho de sua irmã Jinga Bandi, que mais tarde foi a celebre rainha Jinga (D. Anna de Sousa).

Desembaraçado d'aquelles que podiam angariar partidarios para o destituirem do poder, planeou expulsar os portuguezes dos seus dominios, e sem ter attenção aos revezes que seus antecessores experimentaram pelas nossas armas, aos conselhos dos seus macotas e homens idoneos que tentavam dissuadil-o d'aquella inconsiderada resolução, impavido com a sua arrogancia e cego de vaidade; sahiu com uma grande força em guerra a provocar os portuguezes.

Prevenido o governador foi ao encontro d'aquella gente; e por ultimo entregou o commando da sua columna ao pratico capitão-mór das guerras com o gentio, Pedro de Sousa Coelho, o qual com tal impeto fez carregar as suas valorosas forças sobre as inimigas, que em minutos foram estas inteiramente derrotadas, com a circumstancia, que mais realce deu á victoria, de serem presos a mulher do rei e muitos dos principaes que a acompanhavam, que fizeram quanto lhes era possivel para a defender de semelhante sorte.

O rei, desesperado por um tal resultado, que nunca podia esperar, andou mezes pensando, e com magoa, no modo de alcançar a liberdade da rainha, tomando por ultimo o expediente de rogar humildemente ao governador a sua entrega e de todos os prisioneiros, sujeitando-se elle ás condições que lhe fossem impostas.

Sem ter tenção de cumprir sequer uma d'essas condições a que asseverava sujeitar-se, todas acceitou; e logo que lhe foi entregue a mulher e mais prisioneiros provocou de novo os portuguezes, o que deu logar a uma segunda batalha, mas d'esta vez ficou vencido (1619) perdendo os melhores de seus

guerreiros; e desesperando d'alcançar nova paz refugiou-se com os destroços de suas forças nas serras, e ahí se conservaram em socego, em todo o tempo do governo de Luiz Mendes.

Nada tendo o governador a receiar dos Jingas, foi no anno seguinte com o seu victorioso exercito guerrear o rei do N'Dongo, o Angola, por fazer extorsões e maltratar os sobas vassallos de Portugal pouco lhe importando as advertencias da auctoridade, chegando mesmo a injuriar os portadores d'estas advertencias, tornando-se audaz nas suas respostas;— e tão grande foi a derrota que soffreram os N'Dongos que o governador não lhes concedeu a paz que imploravam, sem que o rei assignasse, como fez, a condição de ficar tributario da corôa portugueza, reconhecendo-se-lhe a vassallagem, com 100 escravos por anno.

Teve este governador ensejo, por vezes, de conhecer que a maior parte das rebelliões dos sobas *eram devidas aos vexames que soffriam dos negociantes portuguezes que os procuravam*, e continuamente com roubos, tyrannias e violencias, e por isso foi um dos seus ultimos actos prohibir, com graves penalidades, a entrada no sertão além dos pontos fortificados, aos negociantes brancos, mulatos e pretos calçados, que todos se diziam portuguezes, para comprar escravos; só permitindo que para ali fossem com tal fim ou outro qualquer negocio, aos pombeiros, pretos descalços aviados dos estabelecimentos commerciaes.

Termina o primeiro quarto d'este seculo (XVII) governando as conquistas dos reinos de Angola e de Benguella, João Corrêa de Sousa, uma outra victima dos invejosos e intrigantes capitaneados pelos jesuitas que, sempre insaciaveis de riquezas, queriam tornar-se á força universaes her-

deiros d'um capital superior a quatrocentos mil cruzados, e conseguiram,— tendo elle feito um excellente governo de mais de cinco annos, que se torna muito recommendado pelo que trabalhou na submissão dos Jingas,— fazendo-o entrar preso no Limoeiro em Lisboa onde morreu.

Nomeado governador, por carta regia de 7 d'abril de 1621, ainda n'este anno, em Loanda, tomou posse do seu cargo, o que, constando ao rei N'gola Jinga Bandi, deu lugar a que este tentasse reconciliar-se com os portuguezes, lembrando-se para isto da intervenção de sua irmã Jinga, mulher bastante intelligente e desembaraçada, de quem elle tambem desejava as boas graças; pois que esta não podia deixar de lhe ser contraria, e vivia affastada e independente de si, por elle ter mandado matar o seu filho a quem pertencia o estado pela morte do irmão, tambem obra da sua crueldade e ambição.

A Jinga, que ainda não tinha encontrado oportunidade de se vingar do seu irmão N'gola, preparou se com toda a presteza, demonstrando boa vontade no desempenho da missão que lhe confiara, e seguiu acompanhada d'uma numerosa comitiva para Loanda, onde foi excellentemente recebida pelo governador, magistrados e principaes habitantes, tendo tido lugar a audiencia do governador, que foi o mais imponente possivel, advogando ella com bastante vivacidade e interesse a causa do rei, conseguindo que se ajustassem as pazes, sem outra condição que a de restituir os escravos fugidos dos portuguezes, que elle estava acoitando <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Ficou d'esta senhora, memoravel o facto de ella se ter sentado, na primeira audiencia do governador, sobre as costas d'uma sua serva, que

Demorou-se a Jinga, alguns mezes em Loanda bem hospedada e o seu sequito, e como adquirisse a geral estima pelo seu modo affavel e talento, sem difficuldade annuiu ao pedido do governador d'entrar no gremio catholico, e a pouco e pouco, convencida dos mysterios da Santa Fé por habeis sacerdotes, que lhe foram apresentados pelo governador, pediu ella para ser baptisada, tinha então 40 annos d'idade; o que se fez com toda a pompa (1622) na Cathedral, sendo o governador João Corrêa de Sousa padrinho e recebendo ella o nome de D. Anna de Sousa.

Tratando do regresso a Matamba foi muito presenteada, não só pelo governador como por todos os principaes de Loanda que com ella mantiveram relações, sendo despedida com as mesmas honras que lhe foram dispensadas quando entrou n'aquella cidade.

Em audiencia solemne participou ao irmão é sua côrte, as attenções e estima que devia a todos os portuguezes; o bom resultado da missão, como foram ajustadas as pazes, e em fim que se fizera catholica; e fazendo-lhe perceber as vantagens d'essa religião, incitou-o a seguir-lhe o exemplo.

---

a um olhar de sua ama se curvara para esse fim pousando os joelhos e mãos no chão. Fez isto por ter reparado na existencia d'uma só cadeira para o governador, destinando se para ella duas almofadas de veludo franjadas de ouro sobre uma rica alcatifa, o que considerou de inferior á cadeira e portanto se melindrou a sua dignidade. Ao despedir se indo o governador acompanhá-la, reparou ter ficado a preta na mesma extravagante posição e pediu á embaixatriz para a mandar levantar. Respondeu-lhe ella rindo se, que ficava ali a sua escrava, não por esquecimento, mas porque não podia tornar a usar de semelhante assento.

O rei muito satisfeito, escreveu logo ao governador agradecendo e pedindo lhe enviasse um sacerdote; pois como sua irmã, desejava ser instruído na religião catholica e baptisar-se. O governador, querendo ser-lhe agradavel e esquecendo que tratava com um gentio, immediatamente lhe enviou o padre Dionysio de Faria, homem preto, natural de Matamba e de exemplar comportamento. O rei vendo-o, tratou-o com desprezo e ignominia, fazendo-o retirar da sua presença, e disse aos macotas, que era aquelle padre filho d'uma sua escrava, e o governador mandando-lhe aquelle homem para o baptisar quiz rebaixal-o, fazendo menos caso d'elle do que de sua irmã que fôra instruída pelos padres brancos, e d'ahi em diante como furioso, vociferava contra os portuguezes e tratava mal os que andavam negociando na sua côrte.

Sentira-se o governador com os insultos ao sacerdote e perseguiu o barbaro rei com tão viva guerra em 1623, que elle chegando a vêr-se abandonado pelos seus, desesperado e sem recursos, fugiu para uma ilha no rio Cuanza, onde a irmã D. Anna teve occasião de vingar a morte do filho, mandando-o envenenar, e fez-se acclamar rainha.

É d'esta epocha que vi os primeiros documentos a dar-nos noticia da existencia dos Cassanges que já estavam em relações commerciaes com os portuguezes, mas ainda não se percebendo por esses documentos o logar da sua verdadeira situação, parecendo contudo verificar-se o que é da tradiçãõ: que vindo do interior, de além do Cuango, se estabeleceram primeiro na margem esquerda do Cuanza, na actual região Libollo, que ainda tudo seria Quissâma, e que vieram d'ahi combater ao lado dos portuguezes contra as rebelliões dos de Matamba, hoje, no vulgo, Jingas, e dando-se este caso, que elle tivera logar no tempo do governo de D. Manoel

Pereira Forjaz, 1606 a 1611; sendo o seu primeiro estabelecimento como vassallos na Lucamba em Ambaca, mas ainda com denominação que não era a de Cassanges.

Transcrevo o que diz Feo Cardoso que fez um extracto dos documentos a que me refiro :

«Quiz o jaga Cassange (em 1624) aproveitar a occasião, em que os nossos andavam occupados com as guerras contra os Matambas (Jingas), fazendo roubar os *pombeiros* que estavam negociando nas suas terras e tambem os que passavam por estas para outras partes do sertão, o que causou consideraveis prejuizos aos negociantes portuguezes; e o governador João Corrêa, cuidando de impedir a communição dos seus com a Quissâma, para não ser soccorrido pelos sobas d'esta região, ordenou ao capitão Roque de São Miguel que fosse com a columna, que acabava de desbaratar os Matambas, castigar o atrevimento do Cassange; e este pagou sua temeridade com tal derrota e perseguição que bastaram as razzias, os captivos que lhe fizeram, para resarcir em tres dobros o damno que havia causado.»

A situação do jagado de Cassange não era pois, com certeza, onde hoje está na margem do Cuango; era para áquem, a oeste das serras de Matamba, d'onde lhes era facil communicar com os sobas da Quissâma, portanto proximo ás margens do Cuanza e decerto além das terras do N'Dongo (Pungo-an-Dongo); e sendo as terras d'aquelle jagado de passagem aos *pombeiros* portuguezes, para outras partes do sertão se, de qualquer d'estas, fossem para além do Cuango, que se suppunha então serem terras dos Molúas, decerto em algum documento se mencionaria tal facto.

Na Bibliotheca Publica encontrei uma carta do benemérito e sempre lembrado governador de Angola, Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, datada de Loanda, 16 de dezembro de 1767, cento e quarenta e tres annos depois do facto a que me vou reportando, e que transcrevo tal qual por se me affigurar justificar as minhas deducções :

«Tem havido nos certoens immediatos a este Reino (Angola) a mais extranha e violenta revolução, que ha mais de hum seculo succedeu; Levantarão-se os Povos da Raynha da Ginga contra ella, coroarão hum sobrinho que a degolou, e a quasi todos os seus filhos escapando huma só filha, que com alguns poucos vassallos fieis, veyo refugiar-se a huma das Ilhas, que possui o rio Quanza, nas imediações do Presidio das Pedras (Pungo-an-Dongo); ao mesmo tempo veyo armado hum grande Povo, que se crê muito visinho da Contra Costa chamado o Quizúa contra o Cassange e contra o Hollo e achando auxilio no Mogueto, Potentado grande, que confina com Ambaca e derão cruelissimas Batalhas: Todos estes discordes Povos me pedirão por diversos titulos, alguns socorros, eu lhos não dei, fundando a negação nas culpas que havião cometido, e na verdade, por que me pareceo justo amansal-os pelas suas proprias maons; porem como se avisinhavão muito aos dois Presidios de Ambaca e Pedras, mandei marchar algumas tropas para aquella Fronteira, a fim de livrala das irregularidades de semelhantes barbaros e espero por este meyo ellas não influão nada no socego publico de que gozamos pela infinita misericordia de Deus.»

Por esta carta-officio, se vê: ainda então se considerava como fronteira na parte mais a leste do reino d'Angola,— Ambaca e Pungo-an-Dongo; que o Cassange estava nas suas visinhanças e ahi o foram bater outros povos; e n'esta parte é o contrario da lenda ou tradicção que me apresentaram os Cassanges, pois, segundo elles, o Quingúri, tendo por guarda avançada o N'Dalla Quissúa, decerto o Quizúa referido, que de facto viera com aquella da Lunda, deixaram a Lucamba, região de Ambaca, e foram batendo para nordeste os da Matamba (Jingas), Hollos e os do Mogucto, decerto Muhuêto Anguimbo entre o Luii e Cuango; e deixaram a Lucamba (ainda da lenda) no intento de procurar melhor sitio para o seu estabelecimento, allegando que a Lucamba era um torrão esteril para culturas (o que é facto), e por algum tempo estiveram no Hollo, junto a uma salina, e d'ahi passaram o rio Luii para a margem direita e encontrando algumas salinas se estabeleceram então definitivamente, por onde hoje estão; tendo batido aquelles povos e os Peindes que estavam junto ao Cuango, fugiram estes para nordeste e se situaram em terras do poderoso Muata Cum-bana (Lunda).

É tambem da tradição que um descendente do Quingúri, como já disse, chamado Cassange, é que deu o nome ao estado, constituido onde está junto ao Cuango, tendo por limite ao oeste a serra de Talla-Mugongo e que o D'Nalla (Andalla) Quissúa por determinação do jaga Cassange, seu superior, ficara n'uma montanha áquem d'aquella serra com o seu estado (os Bondos) para vigiar os Jingas, evitar as incursões d'estes ao jagado do Cassange, onde os Bondos se refugiariam quando não podessem resistir aos ataques d'aquelles.

Mas se pelos documentos do tempo de João Corrêa (1624) já se demonstra a existencia do Jaga Cassange, é pois n'este ponto a tradição alterada, o que não deve surprehender; já então com o nome de Cassange existia o jagado na Lucamba, conservando a terra este nome, e n'elle veio encorporar-se o Quissúa, como antes o N'gonga (Angonga) do Libollo e muito depois o Calunga da Jinga que constituiram as taes tres familias d'onde foram eleitos por ordem os jagas, até uma certa epocha.

O governador João Corrêa, depois das victorias alcançadas sobre os Jingas e Cassanges, recolhendo sosegado a Loanda foi seu primeiro acto ratificar a prohibição do seu antecessor d'irem brancos, mulatos e pretos calçados, negociarem aos sertões além dos postos fortificados, e para não haver diminuição de commercio estabeleceu, no anno seguinte, 1625, as chamadas feiras (mercados) sobre a protecção d'aquelles postos, *Dondo, Beja e Lucamba*, onde sem oppressão dos gentios se deviam fazer as transacções.

Foi em seguida a tantos trabalhos e fadigas, que tão sensato quanto illustrado governador teve de pôr termo em sua carreira de prosperidade, por causa do conflicto com os jesuitas, de que resultou partir immediatamente para Lisboa, e aqui de tal modo a Companhia contra elle havia já machinado, que immediatamente, como disse, recolheu ao Limociro, onde acabrunhado de desgostos morreu em 1626.

No quarto do seculo que se segue encontro em resumo, na Estatistica de Lopes de Lima, o que ha de maior importancia para esta minha *Memoria* que me limito a transcrever, seguindo a mesma ordem chronologica.

Segura estava já por esse tempo contra todo o poder africano, a nossa conquista dos reinos de Angola e Benguella; as aleivosias da refractaria rainha Jinga, D. Anna de Sousa, foram sempre duramente castigadas (1627 e 1636), e reprimidas as rebelliões dos sobas Zinze e Cafuxe, 1626, do Ambúilla que vivia independente em matos impenetraveis (hoje região de Encoje), e nos ficou sujeito, 1631, sobas dos mais ferozes da região entre os rios Dande e Quanza, aonde já o nome portuguez infundia terror e respeito; isto durante os governos: dos bispos D. Fr. Simão Mascarenhas de 1626 a 1627, o qual ainda teve de fortificar Loanda pelo lado do mar, para resistir ás hostilidades dos hollandezes; de Fernão de Sousa, 1627 a 1630, que tambem em 1629 repelliu uma esquadra hollandeza que durante tres mezes crusava na costa de Angola com intento de desembarque; de D. Manoel Pereira Coutinho que, como os antecessores, no anno 1636, teve luctas com os hollandezes; armando cinco navios em guerra que combateram duas náus do inimigo, levando-as de vencida; e de Francisco Vasconcellos da Cunha de 1635 a 1639 que teve de manter uma esquadra commandada por seu irmão Bartholomeu de Vasconcellos, que pelejou muitas vezes com os hollandezes, tomando-lhes em 1637 um navio de vinte e quatro peças;—mas, se a fortuna lhes era prospera nas guerras pelo sertão e se tiveram aquelles governadores a felicidade de manter-se e vêr sempre tremular a bandeira portugueza na costa, não obstante as successivas tentativas de desembarque dos hollandezes,

é certo que as forças d'estes iam engrossando e se tornou um poderoso inimigo no governo seguinte de Pedro Cesar de Menezes de 1639 a 1645.

Este, mais infeliz que seus antecessores, vindo de repente, no dia 21 d'agosto de 1641, entrar a barra de Loanda uma temerosa armada de vinte náus hollandezas, carregadas de tropas de desembarque, dois mil homens afóra novecentos marujos; tal foi o seu panico e dos habitantes da cidade e tropas, que sem accordo nem a menor resistencia, fugiram para o sitio do Bem-bem deixando ao inimigo, a cidade, fortaleza, e um immenso e valoroso despojo.

D'aqui passou o governador com sua gente para as margens do Bengo e pouco depois entraram em Massangano, onde morreram muitos soldados; aproveitando-se da desolação dos portuguezes, não só os hollandezes, que conseguiram alliar a si e revoltar contra os nossos, a falsaria rainha da Jinga, D. Anna, e o desleal rei do Congo, D. Garcia II, mas tambem muitos sobas da Quissâma e outros em 1642.

Foram suspensas as hostilidades entre o governador e os hollandezes em consequencia das noticias da paz com os Estados Geraes, 1643, vindo o governador com as suas forças acampar nas margens do Bengo, onde foi surprehendido por um assalto dos hollandezes que quebraram a tregua ajustada, mataram os seus melhores capitães, feriram e fizeram prisioneiro o proprio governador e o capitão Bartholomeu de Vasconcellos, escapando-se da prisão de Loanda, o governador, entre os pretos que sahiam para o trabalho. E devido aos esforços do capitão-mór Abreu de Miranda que assumiu o governo em Massangano, conseguiu entrar n'este presidio em 1644, onde logo aquelle lhe entregou o seu cargo, que desempenhou durante seis mezes.

Terminou o seu governo no anno seguinte fazendo sahir uma columna sob o commando do capitão Gomes Morales a bater os jagas do Libollo e Bailundo, a quem fez arrazar todos os acampamentos e avassallou mais de trinta sobas.

Em 26 de julho de 1645 deu fundo em Quicombo, Francisco de Soutomaior que deixara o governo do Rio de Janeiro para render o infeliz Pedro Cesar de Menezes, com instrucções de remediar pelo seu provado valor e talento o mau estado em que se encontravam os reinos de Angola e Benguella; e por sua felicidade no dia seguinte fundeavam a seu lado Antonio Gomes de Gouvêa e Antonio Teixeira de Mendonça que retiravam de Benguella, conduzindo o que restava da infantaria e algumas munições que poderam salvar da perfida traição dos hollandezes, que infringindo a paz jurada tomaram as povoações do litoral d'aquelle reino. E foi uma felicidade porque como Gouvêa era pratico dos sertões, margens do Cuanza, e d'este rio, indo n'uma lancha com alguns arcabuzeiros foi correndo a costa a procurar porto para desembarque e a saber noticias dos portuguezes em Massangano.

Conseguindo descobrir a enseada de Suto em Cabo Ledo, d'ahi por veredas occultas achou caminho para o presidio de Massangano, e apoz quatro jornadas de ida e volta alcançou, sem ser presentido pelos hollandezes, lá fazer chegar o governador, tropa e com muita difficuldade a artilheria, fazendo retirar e embarcar tambem com toda a cautella o governador rendido e escravos que seguiram para o Rio de Janeiro.

No anno seguinte, logo em janeiro, o novo governador teve de mandar sair o capitão Madureira com uma pequena columna ao encontro da astuciosa rainha Jinga, que vinha com um poderoso exercito contra os portuguezes, e com tal

ancia o atacou que o desbaratou, ficando mortos no campo dois mil dos seus e cinco hollandezes ao serviço da mesma rainha. Entre os prisioneiros ficou a sua irmã D. Barbara, que já no governo de Fernando de Sousa, com sua irmã D. Engracia, fôra prisioneira dos portuguezes.

Poucos dias depois d'esta victoria, quebraram de novo os hollandezes a tregua, tomando á viva força um patacho portuguez, que ia de aviso, pelejando o capitão seu commandante, Gaspar Gonçalves, até morrer; e Francisco de Soutomaior, escandalizado de tão infame procedimento, immediatamente publicou um manifesto em que declarando a guerra aos hollandezes, os tratava de perfidos e de indignos. E preparou uma expedição para os ir atacar a Loanda, quando uma grande doença foi causa do seu fallecimento em maio do mesmo anno (1646).

Afflictos os portuguezes com a inesperada morte do governador, elegeram os capitães Bartholomeu Vasconcellos da Cunha, Antonio Teixeira de Mendonça e João Zuarte de Andrade, para tomar conta do governo, os quaes cuidaram logo de socorrer os nossos no presidio da Muxima, que estavam cercados e soffrendo successivos assaltos dos hollandezes, que Gomes Morales com as suas forças conseguiu repellir, perdendo elles cincoenta mortos.

Foram reforçadas as forças hollandezas que vindo de novo em 1647 sobre os nossos lhe causaram grande damno, obrigando os que sobreviveram a recolher-se a Massangano, onde sob a direcção de Morales se repararam as muralhas da fortaleza, pondo-as em estado de defesa, e ahi se conservaram até á chegada do invicto Salvador Corrêa de Sá Benevides, um heroe que deixou um nome eterno nos nossos dominios d'America e d'África.

Salvador Corrêa sahiu do porto do Rio de Janeiro com quinze navios, quatro d'estes comprados á sua custa, contribuindo para os outros com um grosso e voluntario donativo os moradores d'aquella já florescente colonia portugueza, em que foram transportados novecentos homens bem providos d'armamento e munições e tudo necessario para uma guerra que se suppunha de duração.

Fundeando em Quicombe, nos principios d'agosto (1648), depois de ter estudado o logar que pelas suas instrucções tinha de fazer fortificar; reuniu todos os seus officiaes e foi de parecer que: não obstante as ordens que recebera de não infringir a paz com os hollandezes, como estes o tivessem já feito e estavam opprimindo e tratando mal os portuguezes, deviam elles não se demorar e correr o mais depressa, quanto possivel, a soccorrer os compatriotas.

Sendo unanime a approvação seguiram com presteza para Loanda, entrando no seu porto na madrugada do dia 12 (agosto) indo logo a terra o secretario do general intimar os hollandezes para que em 48 horas entregassem a cidade, e na tarde do dia 14, de novo mandou um official saber do chefe (Director) a resposta, com ordem, no caso de negativa, fazer um signal convencionado.

Tudo estava providenciado a bordo dos navios para o rapido desembarque, e, visto o signal, ouviu-se um tiro de peça e logo se cobriu o mar de barcos carregados dos homens de guerra devidamente armados, que immediatamente se dirigiram para a praia onde formaram em devida ordem.

Os hollandezes, que só de soldados brancos dispunham de mais de mil, vendo a rapidez e boa ordem do desembarque dos nossos, espavoridos abandonaram os pontos fortificados em toda a extensa praia, não lhes importando a arti-

lheria e todo o seu armamento e fugiram n'uma debandada a buscar protecção na fortaleza de S. Miguel.

O general Salvador Corrêa, ainda na praia com a maior tranquillidade, fez celebrar o sancto sacrificio da Missa, e montando depois a cavallo seguiu com a sua columna para o largo em frente do Convento de S. José e d'ali pela rua principal (da Misericordia) avançou para a fortaleza, apodegando-se da artilheria dos proprios hollandezes que ia encontrando, e mais quatro peças que vieram de bordo. Na noite d'esse dia, as foi pôr em bateria no largo da Sé, e fez romper o fogo para a fortaleza; mas como não produzia o effeito que desejava, na madrugada do dia 15 mandou dar um assalto geral á fortaleza.

Investiram-n'a os portuguezes por differentes partes, soffrendo muito damno n'este primeiro assalto, sem que os hollandezes d'isso se apercebessem, e antes receiando muito d'um novo assalto, içaram a bandeira branca e enviaram um official ajustar a capitulação que lhes foi concedida com honrosas condições. Sairam desarmados mil e cem infantes hollandezes, francezes e allemães, e outros tantos pretos; e poderam conhecer da sua fraqueza, passando em frente dos nossos, admirados do seu pequeno numero, e arrependidos decerto pela precipitação com que se haviam rendido.

Salvador Corrêa os mandou logo conduzir a bordo de tres navios destinados para o seu transporte, ficando sómente em terra alguns officiaes, esperando os seus compatriotas que andavam pelo sertão, os quaes á medida que chegaram todos embarcavam; saindo do porto ao mesmo tempo.

Em recordação de tão memoravel dia, ficou a capital de Angola chamando-se cidade de S. Paulo de Assumpção de Loanda.

Não descansou Salvador Corrêa enquanto não expulsou os holandezes de Benguella, que foi entregue sem resistencia, e de Pinda e Luango, fazendo arrazar as suas feitorias, o que tudo se fez em poucos dias.

Restaurada a cidade mandou ordem a Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha, que andava no sertão por ordem do governo anterior com a gente de guerra, que regressasse a Loanda, mas com as devidas cautelas, porque ainda na companhia da rainha da Jinga estavam trezentos holandezes, por quem esperaram os primeiros embarcados.

Expulsos os holandezes seguiu o mesmo Cunha com uma expedição, ainda n'este anno 1648, a castigar o rei do Congo pela sua traição sujeitando-se aos nossos inimigos, tendo aquelle de pedir perdão, cedendo aos portuguezes a ilha de Loanda e umas minas de ouro. Receiosa a rainha da Jinga que já andava pelos matos e com a sua gente dispersa, á força de supplicas e humilhações, no anno seguinte, alcançou o perdão que implorava.

Tambem em 1649 os sobas rebeldes, que seguiram os holandezes, do Lumbo, Ilamba, Ambolla, os de Quissâma e ainda os jagas do Libollo, durante mezes tiveram de sofrer com a guerra até que todos, os que sobreviveram e os successores dos que foram mortos, se sujeitaram a reconhecer a soberania de Portugal, ficando seus tributarios.

O nome de Salvador Corrêa troára, por justo motivo, com terror e respeito em toda a vastissima região de Angola e Benguella, restaurando ahi o prestigio portuguez, reconquistando o que já se considerava de perdido, e terminou o seu governo cuidando de reparar a cidade de Loanda, animando os que fugiram para o sertão a regressarem e fundarem novas habitações e estabelecimentos, e todos a toma-

rem terras nas margens do Bengo, Dande e Cuanza; a constituirem arimos (lavras). Não esqueceu o desenvolvimento das missões, fazendo-as destacar pelos sertões, e tambem de mandar construir barcos appropriados para vigiar os rios e costas do litoral, para promptamente se affastar os corsarios hollandezes, como ainda se fez.

---

A metade do seculo que se segue não foi ainda tranquilla para os governadores e tropas de que dispunham, não obstante o commercio progredir com grande desinvolvimento para os portuguezes.

Sucedeu a Salvador Corrêa, o governador Rodrigo de Miranda Henriques, nomeado em 4 de maio de 1651, que morreu em 1653, tomando então conta do governo o pratico capitão Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha, que o entregou em 1655 ao novo governador Luiz Martins de Sousa Chichorro, que no anno de 1656 se viu na necessidade de fazer castigar os atrevimentos do rei do Congo, em faltar ao capitulado com seu antecessor, o que ratificou por uma embaixada; e logo em seguida pela força obriga o rei do N'Dongo (Angola) a continuar a pagar o tributo devido á nossa soberania, a que pretendia esquivar-se; e ainda no mesmo anno, de novo sujeitou os sobas rebeldes da Quisâma, sendo encarregado d'estas importantes commissões de guerra, o valente capitão Diógo Gomes Morales.

No anno seguinte a varonil rainha Jinga, D. Anna de Sousa, de novo convertida á religião Catholica pelos missionarios Capuchinhos italianos, escreve uma carta ao governador, mostrando quanto estava arrependida pela sua ingravidão contra os portuguezes, de quem tivera tão bom acolhimento, e pedindo-lhe perdão, lembrava-lhe que a um Sousa devia ella o primeiro conhecimento da Fé, e agora em tempo d'outro Sousa voltava a ella, com inalteravel observancia. Rogava, e n'isso empenhava o Bispo e os principaes do Clero, para por ella, que estava já velha, se interessassem na reconciliação que desejava com os portuguezes, e pelo governador lhe ser restituída sua irmã D. Barbara, que estava prisioneira em Loanda havia onze annos.

Concedeu-lhe o governador o perdão sollicitado e, com toda a pompa uma embaixada lhe foi entregar a irmã.

Sucedem-se áquelle governador dois afamados heroes das guerras do Brazil: o conquistador de Pêrnambuco, João Fernandes Vieira 1658 a 1662, e o seu companheiro d'armas André Vidal de Negreiros, 1662 a 1666; o primeiro foi um governo de tranquillidade, comquanto lhe não faltasse occasião de punir severamente a audacia de piratas (hollandezes) no mar, o levantamento de dois sobas no sertão e a insolencia dos jesuitas em Loanda; o segundo deu occasião a Negreiros de juntar novos louros aos alcançados para sua corôa nas guerras do Brazil, e foram devidos ao intrepido capitão, natural de Angola, Luiz Lopes Sequeira, filho de Luiz Lopes de Sequeira, natural de Portugal, que morreu no tempo do governo de Salvador Corrêa. Aquelle com uma pequena columna de 400 portuguezes e 6:000 indigenas frecheiros com duas peças de campanha, no 1.º de janeiro de 1666, desbaratou o exercito do rei do Congo de cem mil homens, o qual

perdeu a vida na pejeja, servindo a sua cabeça de tropheu de victoria; affirmando os seus que tinham visto entre os portuguezes, distribuindo-lhes polvora, uma senhora muito bonita, lenda que ainda hoje se mantêm, crendo-se ser esta, Nossa Senhora da Nazareth —o oraculo da Egreja, mandada erigir pelo governador á entrada do porto de Loanda, vendo-se como commemoração pintada essa batalha, que teve logar nas terras do Ambuilla, nos azulejos ao lado direito da capella-mór.

Tinha o governador instrucções para exigir do rei do Congo, D. Antonio, as minas de ouro, concedidas por elle nas pazes celebradas com Salvador Corrêa, e não querendo aquelle entregal-as, e no intento de evitar que os portuguezes as procurassem e d'ellas se apossassem; foi a razão por que marchou com aquella grande força para as terras do Ambuilla, e teve logar a referida batalha, em que, além do rei, morreram o duque de Bamba, seu general, o duque de Patas, o marquez de Pimba, o principe D. Alvaro e muitos outros fidalgos.

Já no fim do seu governo, Negreiros tendo aviso d'El-Rei D. Affonso VI, que os castelhanos se preparavam para uma invasão no reino de Angola, de tal modo fez reparar as fortificações maritimas e se dispoz a defender-se, que a côrte de Madrid desistiu da empreza.

Succede a este governador o orgulhoso, despotico e demoralizado Tristão da Cunha, em 20 de agosto do mesmo anno 1666, que os moradores e tropas repelliram com violencia, fazendo-o embarcar em janeiro de 1667, para regressar ao Brazil, e no mesmo navio em que viera, pelo que o senado da Camara tomou posse do Governo, sendo por carta regia de 9 de julho do mesmo anno auctorizado a continuar

no exercicio de taes funcções, até á chegada do novo governador.

Conseguiu o senado depois de ajustar pazes com D. Alvaro, rei do Congo, no anno de 1668 fazer explorar as terras em que se asseverava a existencia das cedidas minas de ouro, cedencia de novo ratificada nas pazes com D. Alvaro; mas de que senão obteve resultado proficuo, em consequencia da opposição dos grandes da cõrte que collocaram o rei em embaraços, sendo addiadas as pesquisas para melhor oportunidade.

Chegara o novo governador Francisco de Tavora, a quem a Camara deu posse a 26 d'agosto de 1669, que foi um excellento governo em administração apesar de sua pouca idade (não contava 25 annos), pelo que logo de principio lhe deram o cognome de *Menino Prudente*; mas ainda assim um revez na guerra em 1670, contra o Conde de Sonho que mandara sujeitar pela força sob o commando de João Soares, por algum tempo deslustrou a reputação *d'invenciveis*, que os portuguezes adquiriram em todas as guerras d'este seculo.

Este desastre foi-nos fatal porque, no anno seguinte, animou-se o rei do N'Dongo a rebellar-se contra a auctoridade dos portuguezes, contra o qual felizmente pôde Francisco de Tavora recuperar com vantagem a gloria das suas armas; pois enviando-lhe o invicto capitão Luiz Lopes de Sequeira, com uma bem organisaada columna, para operar sobre as forças d'aquelle, este fugindo ás ciladas do gentio que bem conhecia, fêl-o rechaçar em dois ataques no seu proprio campo, no ultimo dos quaes, em 20 d'agosto de 1671, lhe causou uma derrota de ordem a desalentar os barbaros, com grande enthusiasmo dos nossos, do que se aproveitou, deliberando terminar a campanha que já durava

onze mezes, com um feito decisivo, expulsando o rebelde e todos os seus d'aquella fortaleza natural, considerada inexpugnavel, as famosas Pedras de Pungo-an-Dongo, o que se executou em 18 de novembro do mesmo anno 1671.

A entrada fez-se com impeto por diversas partes, com grande mortandade do gentio que as guarnecia; dando lugar a que o rei D. João Hary, desesperado, se precipitasse do cimo d'um dos elevados penedos, tendo morte instantanea; que se entregassem e fossem presos os seus dois irmãos; e que o seu estado fosse incorporado no dominio portuguez, construindo-se logo, no recinto das pedras, um dos nossos melhores presidios, vulgarmente conhecido por muito tempo pelo das Pedras Negras.

Ainda no anno seguinte, 1672, teve de castigar os sobas da Quissâma que tentaram assaltar o presidio da Muxima, e tambem a mulataria que em Massangano pensou em revoltar-se contra os portuguezes.

Segura ficou desde então por mar e por terra a vastissima região dos nossos dominios; apenas de quando em quando foi necessario castigar alguns rebeldes, nos governos de Ayres Saldanha de Menezes e Sousa, 1676 a 1680, no Libollo e Quissâma, em que por ultimo se fizeram por vezes grandes destroços aos inimigos, conservando-se sempre no rio Cuanza canôas armadas de prevenção; e no de João da Silva e Sousa, 1680 a 1684, na Jinga, os descendentes da rainha, em que foi morto o proprio rei D. Francisco Guterres, jovem de condicção intrepida e de animo guerreiro, em 4 de setembro de 1681; e tambem por traição dos nossos, os invejosos, mataram o invicto capitão Luiz Lopes de Sequeira que commandava as operações contra aquelle e depois de ter alcançado a victoria.

Por morte d'aquelle rei, succedeu-lhe sua irmã D. Victo-  
ria, que escreveu logo ao governador, culpando a temeridade  
do irmão, no que não tivera parte, e pedindo lhe fosse con-  
servada a paz jurada pela rainha D. Anna de Sousa, que fal-  
lecera já muita velha no anno anterior, e tambem as relações  
commercaes e de amizade com os portuguezes.

A nova rainha tanto desejava essa paz e relações que pe-  
diu a intervenção do Bispo, vigario geral, prelados das missões  
e a Jeronymo Teixeira de Mendonça para alcançal-as, e por  
isso o governador annuiu a tal pedido, debaixo de determi-  
nadas condições que ella acceitou.

O motivo da guerra ao rei D. Francisco foi devido a  
este depois de aclamado, ufano com o poder, sem atten-  
ção a ser o jaga de Cassange vassallo de Portugal, querer  
impôr-lhe a obrigação de o reconhecer por seu senhor, ao  
que este não annuindo lhe declarou a guerra. Fez arrazar  
as suas povoações, prender o jaga a quem mandou cortar  
o pescoço, ficando com a cabeça por tropheu, e nomeou  
um jaga da sua feição.

Nos seguintes governos de Luiz Lobo da Silva, 1684 a  
1688, e de D. João de Lencastre, de 1688 a 1691, no reino  
d'Angola, limitaram-se, no que respeito a guerras, a castigar  
alguns sobas da Quissâma em 1686 e 1689.

Até 1696, nos governos de Gonçalo da Costa de Alcaçovas  
Carneiro de Menezes, e de Henrique Jacques de Maga-  
lhães, apenas se deram pequenos levantamentos de rebel-  
dia d'alguns *dembos* mais ou menos aparentados com o  
Ambúilla, proximo ás pedras de Encoje, e ainda de alguns  
sobas da Quissâma, que com felicidade e sem maiores dif-  
ficuldades foram reprimidos.

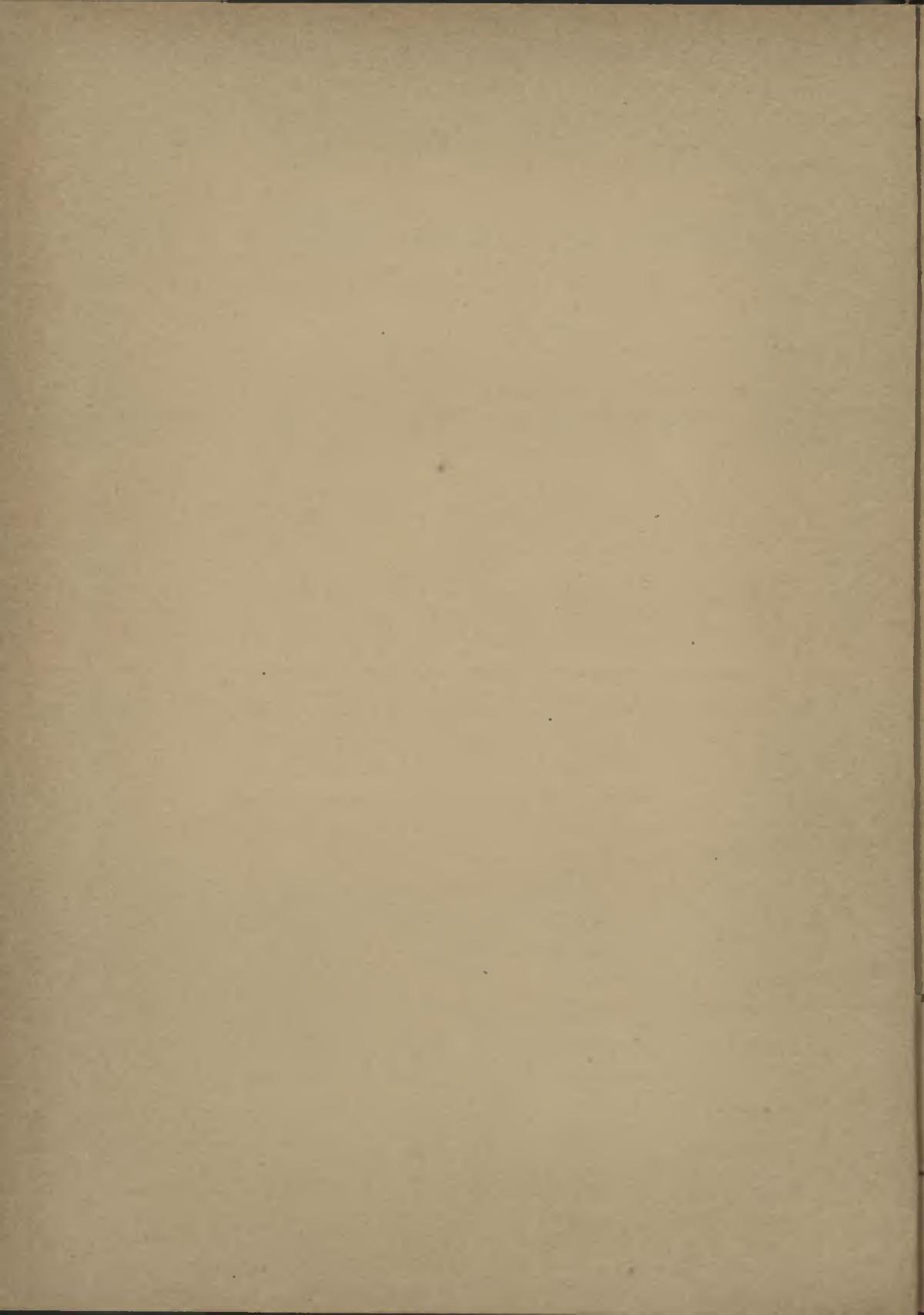
Fechou o Seculo XVII com o governo de Luiz Cesar de

Menezes, que findou exactamente no anno de 1700, reinando tranquillidade todo o seu tempo, podendo por isso dedicar-se a melhorar a administração e dar mais desinvolvimento a obras de reconhecida utilidade.

Na rapida resenha que fica exposta do mais importante, que é puramente da conquista do nosso dominio em Angola, e sua segurança, no seculo XVII; apenas se encontra com relação aos Cassanges, o seu apparecimento em principio d'esse seculo, sendo castigados em 1624 pelo denodado capitão Roque de São Miguel; e já no seu ultimo quartel em 1681, em que, por ser nosso vassallo o jaga, encontrou o apoio da soberania de Portugal, que vingou a sua morte ordenada pelo rei da Jinga (Matamba), levando-lhe tão formidavel guerra que levou de vencida as suas forças, ficando o proprio rei morto no campo da batalha.

No Catalogo dos governadores do Reino de Angola, escripto no fim do seculo XVIII e publicado pela Real Academia das Sciencias, durante o seculo a que me reporteí nada mais adianta com respeito á intervenção dos Cassanges e instituição do seu jagado no reino de Angola antes e depois do nosso dominio.

---



## SEculo XVIII

---

**C**ONTINUOU, pôde dizer-se, a reinar a tranquillidade, sendo respeitada a nossa soberania nos dominios conquistados em Angola e Benguella, no decorrer da primeira metade d'este seculo, não sem algumas rebeldias entre os Quisâmas e nos sertões de Benguella, promptamente castigados, e ainda uma expedição militar a Matamba, de bom resultado, que fez de novo submeter a rainha Jinga, a qual pagou as despezas d'essa expedição e se sujeitou a outras condições para obter a paz que solicitava.

Succederam-se n'este periodo: Bernardo de Tavora Sousa Tavares, 1700 a 1702, que cumpriu a ordem de fazer coroar o rei do Congo, eleito pelo conde do Sonho, duque de Bamba e marquez de Pemba; a camara, pelo seu fallecimento, até 1704; D. Lourenço d'Almada até 1709; Antonio Saldanha d'Albuquerque Castro Ribafria, de 1709 a 1713, que em 1710 se soube impôr á rainha Jinga, protegendo o soba Cahenda, nosso vassallo, a quem a gente d'aquella estava

incommodando constantemente com roubos; preferindo ella fazel-os restituir a ter d'experimentar uma guerra dos portuguezes, e em 1711 mandou soccorrer os nossos avassallados na Quissâma contra os sobados inimigos, em que se lhes fez grandes damnos; D. João Manoel Noronha, de 1713 a 1717, que em 1716, com gloria para as nossas armas, submetteu os rebeldes em Caconda e os Quissâmas que pretenderam assaltar de surpresa o presidio da Muxima; Henrique de Figueiredo e Alarcão, de 1717 a 1722, que em 1718 fez castigar duramente os sobas rebeldes de Caconda e alguns de Benguella, e fez de novo observar a prohibição de Luiz Mendes de Vasconcellos, d'irem negociar além dos postos fortificados nos sertões,—os brancos, mulatos e pretos calçados, e em 1720 destroe quadrilhas de salteadores na Ilamba; Antonio de Albuquerque de Coelho de Carvalho, de 1722 a 1725, que tambem de novo fez, em 1722, castigar as rebeldias ainda dos sobas conjurados no sertão de Benguella; e por ter fallecido no anno de 1725, succede-lhe o mestre de campo, José de Carvalho da Costa; Paulo Caetano d'Albuquerque, de 1726 a 1732, e por seu fallecimento succede-lhe a camara; Rodrigo Cesar de Menezes, de 1733 a 1738; João Jacques de Magalhães, de 1738 a 1748, e foi este governador que em 1744 declarou a guerra á rainha Jinga, por ter esta mandado matar um negociante branco e roubado alguns pombeiros, sendo encarregado do commando das operações o capitão-mór Bartholomeu Duarte de Sequeira, que lhe tomou logo as ilhas do Cuanza, fazendo grande destruição nos seus habitantes, e tendo alcançado successivas victorias penetrou na capital da Matamba, d'onde fugiu a rainha e os seus macotas para os matos, permanecendo ahi a columna de operações, enquanto não foram estipuladas as

condições da paz implorada pela rainha, allegando não ser cúmplice nos motivos por que se lhe fazia aquella guerra, culpa de seus vassallos que, sem ordem nem conhecimento d'ella, mal tinham procedido. Declarava obrigar-se a pagar uma pensão annual para as despezas da guerra, e fazer restituir todos os roubos praticados ou o seu equivalente;— condições estas que foram approvadas pelo governador a quem se deu parte, retirando então a victoriosa columna.

Ainda esta columna, passando por Massangano, teve o encargo de ir á Quissâma castigar varios sobas rebeldes, sendo o que mais soffreu o soberbo Quizúa, que teve de entregar uma lagôa, que já então rendia quinhentos mil réis annuaes de dizimo de pescado.

Apoz dez annos de bom governo, falleceu João Jacques de Magalhães a 17 d'abril de 1748, succedendo-lhe, depois de grandes altercações, uma junta composta do bispo, ouvidor e sargento-mór, os quaes viveram em contínua desunião durante os mezes que governaram.

Seguiu-se o conde de Lavradio, de 1749 a 1753, que melhorou as condições da cidade de Loanda; fez reparar com toda a decencia a sua Cathedral; renovou a prohibição dos brancos, mulatos e pretos calçados irem negociar nos ser-tões fóra da alçada da auctoridade, asseverando não serem soccorridos os que, esquecendo tal determinação, ali se encontrassem em perigo, e perseguiu com afan os salteadores da Quissâma, no intento de garantir a passagem por aquella região para Benguella.

Logo ao declinar d'este seculo se conhece o interesse dos governadores em tirar proveito das conquistas, desinvolvendo o seu commercio, fomentando a boa fé nas transacções; fazendo explorar as suas terras e introduzindo-lhes appropriadas culturas; creando industrias e tentando tornar mais regular a administração; não deixando comtudo de concorrer com forças, onde preciso, para garantir a conservação de todas as conquistas, e tambem não desprezar o ensejo de alargar os nossos dominios, fazendo proficuas occupações.

Póde dizer-se ter sido o iniciador d'esta nova empreza D. Antonio Alvares da Cunha, que depois foi o 1.º Conde da Cunha, nosso embaixador em França, tenente general dos exercitos de Sua Magestade, Vice-Rey do Estado do Brazil, presidente do conselho ultramarino, etc., que tomou posse do governo em Loanda no dia 31 de julho de 1753.

Incansavel trabalhador, com summa actividade, dedicou-se logo a construcções de grande necessidade em Loanda: um quartel para infantaria dividido em dez companhias, cada uma para 50 homens, e as respectivas officinas, secretarias, etc.; quartel para cavallaria dividido em duas companhias, que podiam ter duzentas praças e respectivos cavallos, e as competentes repartições para officiaes, sargentos, etc.; a fortaleza no morro de Cassandâna a 5 kilometros distante da cidade; e ainda outros reparos nas fortalezas e edificios existentes, chegando tambem a fazer os estudos e o projecto da canalisação da agua para a cidade de Loanda, primeiro do rio Bengo e depois do rio Cuanza; mas faltaram-lhe os recursos essenciaes para uma obra de tanta utilidade como era aquella, o que só se conseguiu do Bengo, ha poucos annos.

Desde 1660 que nas terras do Bango Aquitamba, no Go-

lungo, existia, e com prosperidade no seu desenvolvimento, a missão dos Carmelitas descalços, da qual os seus membros exploravam, com vantagens e até em proveito proprio, da cathechese dos povos visinhos; e sendo avisado o governador, passados alguns mezes da sua administração, que o missionario Francisco Lourenço de Jesus Maria encontrara ouro n'aquellas terras, tratou de se informar do que havia de verdadeiro a este respeito, sendo certo que, no 1.º d'abril de 1754, enceta uma activa correspondencia sobre o assumpto, com Diogo de Mendonça Côrte Real, da governação do reino em Lisboa, cujas cartas-officios, algumas mesmo em duplicado, ainda se encontram na Bibliotheca Publica, colleccionadas por annos, 1754 a 1756.

Porque não deixa de ter interesse para a historia das minas em Angola o conhecimento d'aquella correspondencia, fiz alguns extractos que transcrevo.

Na primeira carta communica o governador que Caetano Alvares, homem que 19 mezes antes chegara a Angola, vindo do Brazil, onde adquirira pratica na exploração de minas, estava sendo protegido pelo referido missionario Francisco Lourenço, e examinara a existencia de ouro no rio Lifune, e com mais abundancia no rio Lombiji, do qual se dizia ter enchido um frasco que vendera.

Em vista d'estas informações diz o governador que ordenara o interrogassem, e negando elle sempre a venda do frasco e a existencia do ouro, como houvesse conhecimento de quem lhe comprara o frasco, o fez prender para novos interrogatorios; e tendo dado entrada no hospital, por estar doente, aqui confessara ter apenas vendido uma *oitava d'ouro* que tinha trazido da America.

Não acreditava o governador que vivendo elle miseravel-

mente, *sem meias nem roupas indispensaveis*, comendo só de esmolas durante os 19 mezes que andava pelo sertão, e tendo trazido aquelle ouro, o não tivesse vendido logo de principio para satisfazer ás suas necessidades. E convencido de que elle trabalhava por conta do missionario que havia 14 annos vivia nas terras do Bango Aquitamba, affastando-se das lides do convento, senhor de mais de cem escravos; que exercia grande influencia sobre o gentio; que deixara as vestes monasticas pelos ricos trajes de velludo, negociando sempre em grande escala e não obedecia ao seu prelado;— por estas razões participa o governador ter tomado a resolução de mandar ir o Alvares para o seu palacio, onde esteve preso a ferros para novos interrogatorios, — a que elle quiz proceder,— confessando então Alvares, que de facto aquella oitava de ouro era do Lombiji, e se promptificava a ensinar alguém de confiança do governador, onde este existia em abundancia.

As terras das minas, informa ainda o governador, confinam com as dos dembos e dos Mabires da parte do Luango, que para ali fazem seguir grande commercio de armas, polvora e roupas, vindo pelo norte do porto do Luango, e por isso propoz fazer-se proximo das minas um reducto em boas condições para proteger uma força respeitavel que vigie as minas de Sua Magestade, e tambem fortificar a pedra de Encoge, entre os Dembos Ambúilla e Ambuella, da qual se promptifica a ir tomar posse.

O ouro em questão acompanhou esta carta, para ser devidamente examinado em Lisboa, e obteve-o o governador restituindo ao comprador o custo por que fôra vendido.

Em 26 de junho do mesmo anno, em outra carta, participa a satisfação que teve, no dia do anniversario natalicio

de Sua Alteza, estando a jantar na Mayanga (Loanda) com o Bispo, Prelado dos Religiosos, officiaes militares e outros funcionarios, que na maioria não acreditavam de bom resultado da exploração a que mandara proceder do ouro no Lombiji, — ao apresentar-se-lhe o alferes Caetano Mathias, que chegava da região das minas, com uma carta do capitão-mór Simão Pereira Bravo, por elle encarregado de dirigir a exploração, acompanhando vinte e oito oitavas de ouro, encontrado em diferentes pontos d'aquelle rio, em que cavou a pequena profundidade as suas areias.

A 24 de julho ainda d'esse anno, muito entusiasmado e considerando de grande importancia a exploração, em devida regra, d'aquellas minas aos interesses do paiz e florescimento de Ançola; e, não se julgando com os precisos conhecimentos para dirigir taes trabalhos, pede para ser substituido por uma capacidade conhecida; e, como era bastante pobre, pois só tinha os seus honorarios para manter-se, e desejando, até morrer, continuar ao serviço do seu Rei; pedia por ultimo lhe fosse concedido um outro cargo ou no Brazil ou na India, ou onde podesse ser.

Com a data de 17 de maio de 1755 encontrei outra carta-officio em que o governador responde a uma do governo em Lisboa, em que se lhe diz satisfaça aos seguintes quesitos: Será facil a guarda das minas do Lombiji?— Em quanto se póde calcular as despezas a fazer com a exploração?— Qual será a quantidade de ouro que um preto póde extrahir em um dia?

Não deixou de reconhecer as difficuldades: grande extensão do rio por causa das voltas para norte e sul, até chegar a Cahenda onde se dizia nascer, que calculou approximadamente de cem leguas; as margens que em algumas partes considerava esplendidas de vegetação, na maioria as

apresenta asperas e rochosas; sendo as visinhanças muito povoadas de gentio ambicioso e turbulento, o qual vendo os trabalhos d'exploração, suppunha por certo os fariam em proveito proprio, e o mesmo pensava succederia com os brancos, mulatos e pretos de Loanda que ali affluirão, o que se tornava um prejuizo para o Estado.

Lembrava, pois, como providencias a evitar este prejuizo que considerava de grave: guardar as minas e vigial-as por uma força nas circumstancias de se fazer respeitar; estabelecer uma passagem obrigatoria no rio Bengo, com a respectiva fiscalisação, em que deveria ser pago tudo o que fosse para lá e gratuito o que de lá viesse; obrigada a passagem a passaportes que seriam gratuitos, afim de conhecer quem para ali ia; fazer uma estrada real de Loanda á referida passagem; crear mais duas companhias de cavallaria, uma destacada no Bango Aquitamba para patrulhar o rio, e a outra para fornecer patrulhas na estrada real, entre a cidade e o Bengo.

Quanto ás despezas a fazer com a exploração e á quantidade de ouro que um preto póde extrahir n'um dia?— Dizia o governador nada poder informar de positivo porque o o mineiro Caetano Alvares era muito malicioso, nunca quiz ensinar pessoa alguma a pesquisizar e limpar o ouro; que tanto o capitão-mór Bravo como os homens da sua comitativo eram muito boçaes, para que tivessem tomado sentido nos trabalhos que fizera Alvares que tinha adoecido, mas que continuava preso a ferros por querer fingir de surdo, não deixando de ouvir quando lhe convinha.

Não havendo na cidade de Loanda um homem que soubesse minerar, aproveitou-se o governador dos serviços d'um degredado recentemente vindo do Rio de Janeiro, o grego

Jorge Thadeu, que trabalhava nas minas de diamantes, o qual foi com o referido capitão-mór Bravo ao lugar que este bem conhecia, onde esteve o Alvares, que lavou o cascalho já por este batido e declarou logo ser elle um ignorante, pois deixara n'esse cascalho muito ouro.

Fez Thadeu outras pesquisas nos rios Lifune e Lombiji, lavando o lodo em que encontrou ouro; mas tendo adoecido com febres do paiz, teve de retirar para Bango Aquitamba, e pelo caminho, sempre que lhe era possível, batendo algum cascalho, d'elle extrahiu ouro de boa pinta.

O frade, diz ainda o governador, é quem sustenta e com abundancia o Alvares na prisão, por intervenção e cuidado de terceira pessoa, e isto o fazia desconfiar ser aquelle a causa das negações do Alvares, por querer o ouro para si; e em taes circumstancias, resolveu o governador addiar os trabalhos de exploração, aguardando do Brazil os mineiros que pedira, para se fazer cousa com geito, e guardar o sitio das minas por cavallaria.

Querendo aproveitar-se o governador das desintelligencias entre os dembos Ambúilla e Ambuella, convicto que por suas terras entravam pacotilhas do commercio europeu, desembarcadas nos portos do norte, em prejuizo dos interesses do estado; e das guerras dos Jingas contra os Hollos, e rebellião dos Calandullas na jurisdição;— chegou a preparar uma grande expedição no intento de ir apossar-se da muita falada pedra d'*Encoge*, em cujo recinto se dizia poder aquartelar-se numerosas forças de todas as armas; mas, infelizmente, as febres do paiz, como elle o diz na sua carta-officio de 26 de janeiro de 1756, de tal modo o prostraram durante oito mezes, que nada pôde fazer de util ao serviço d'El-Rei, nem mesmo fazer seguir aquella expedição, da qual esperava

os melhores resultados; e tanto por isto como por que os Angollistas, continua elle, *me não gostão, me desejava ver rendido, mas não por outro motivo por que nem temo acabar a vida em qualquer parte no real serviço, nem deixo de conhecer a minha inutilidade para qualquer emprego, e neste vejo o muito que Sua Magestade me omrra.*

Sobre a exploração do rio de Lombiji diz que os mineiros que para lá mandou, por pouca sciencia mineira, pouco tinham feito, gastando-lhe a paciencia; pois se em alguns pontos chegaram a apresentar por dia mais de dez oitavas, era certo que no intento de mais producção se lembraram de caminhar mais para cima, onde em sitios escasseava e em muitas partes se não viu nenhum. Todavia esperava que os dois mineiros que a seu pedido lhe mandara apresentar o Governador das Minas, e tinham partido em 15 d'aquelle mez para o Lombiji, lhe diriam com certeza qual a producção que por dia se poderia obter; pois estes já o tinham informado que os trabalhos deviam fazer-se no rio em baixo e não em cima.

Insistia ainda o governador pelo que dissera em principio, que devia tomar a direcção de tão séria empreza quem conhecesse d'aquelles trabalhos, no que elle era um ignorante, e lhe deviam ser desculpados os erros commettidos, não sendo por falta de suas boas diligencias que senão tinha feito mais e com melhor resultado.

Terminou esta carta o governador, lamentando que as doenças tivessem inutilizado os homens d'algun prestimo e pedia em favor do serviço d'El-Rey, que se mandasse para Angola, soldados, officiaes, secretario do governo, empregados e tambem um governador capaz; pois só assim se podiam remediar os males presentes.

Em 12 de março de 1757, diz o governador ainda sobre a exploração do ouro; que em 18 de junho do anno anterior dera conta do que se tinha feito no exame das minas do Lombiji e Dande, e as difficuldades em continuar-se a exploração por não haver homens que soubessem minerar;— que em 10 de julho, communicara ter mandado para o Dande o grego Jorge Thadeu, que parecia saber da arte e lá morrera, e Antonio da Silveira acompanhado d'um esquadrão de valleria; que em 21 d'agosto, mais participara que fôra para o Lombiji, com um esquadrão de cavallaria, o mineiro João Paes do Amaral; mas era certo que as cheias produzidas pelas chuvas, a falta de conhecimento dos homens que para lá tinham mandado na supposição de que alguma cousa sabiam, o não virem mineiros do Brazil, e tambem a falta de officiaes do Reino em quem poderia confiar a direcção dos trabalhos pelos pretos;— foram difficuldades a fazer gorar a sua empreza.

Mas o maior obstaculo conhecia o governador ser o interesse dos habitantes europeus e Angolistas que com estes faziam causa,— em se não fazer a exploração por conta do estado, pelo que desconfiava que compravam os suppostos mineiros para não fazerem os trabalhos como deviam; pois, exclama o governador:— Então os primeiros encontraram vinte e tantas oitavas á flôr da terra, abrindo outros poços mais acima outras tantas extrahiram, e passados poucos dias mais nada?! Novos mineiros lá foram; dão em principio boas esperanças, abrem poços, procedem a lavagens, em trinta dias apresentam trinta e tantas oitavas, e passados poucos dias mais nada?!— Mando seguir terceira expedição e tambem nada?!

E termina esta carta dizendo: se me deixei enganar, em-

bora fosse na melhor boa fé, que eu seja substituído por um funcionario que esteja no caso de reconhecer de que provem o engano e saiba encaminhar as cousas.

Como se vê foram estas as primeiras tentativas de exploração do ouro do Lombiji de que vieram para o Reino amostras, exploração mandada prohibir em 1761.

Não é meu intento voltar a tratar d'estas minas, e se desviei a attenção dos leitores para os primeiros trabalhos que seprehenderam para extrahir o seu ouro:— é pelas duvidas que se levantam hoje, como então, sobre a existencia do precioso metal, chegando a avançar-se: «que se falou muito do tal frasco, mas ninguem o viu.» É certo que ultimamente, no meio seculo a findar sobretudo, muitos trabalhos se tem feito na exploração do Lombiji, sem os resultados que animam as emprezas a perseguil-o;—mas não é menos verdadeiro que algum ouro d'esses trabalhos se obteve, e, em 1886, os habitantes de Loanda entenderam d'elle facturar uma medalha commemorativa, preito de homenagem ao ex-governador, hoje Ministro e Secretario de Estado honorario, grande do Reino e capitão de mar e guerra, o conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amiral <sup>1</sup>, pela sua excellente administração.

Tinha o incansavel D. Antonio A. da Cunha preparado a sua expedição para ir occupar Encoje; mas um anno depois, á ordem que recebeu do Reino para o fazer, responde em 26 de março de 1757 não poder cumpril-a pela falta de força, pois nem sequer tem os brancos indispensaveis, o que prova

---

<sup>1</sup> De todos estes trabalhos já dei conhecimento na *Revista Scientifica — Portugal em Africa* — n.º 53, maio, 1898.

com o mappa da força, encontrando-se elle muito doente para ir dirigir, como era do seu dever, as operações.

N'uma carta de 9 de junho do mesmo anno, participa tambem as providencias que teve de tomar para fazer prender o capitão-mór de Ambaca, parente da rainha Jinga, que tentou submeter-se a esta, e revoltar-se contra a nossa soberania, chegando a desprestigiar-nos.

Tambem teve de fazer sair forças para Benguella a castigar os sobas rebeldes.

E apoz tantas fadigas, doenças, e no meio de tantos trabalhos de importancia, este prestimoso funcionario não esquecia uma empreza de grande utilidade para o paiz, como era a de estabelecer a communição de Angola a Moçambique, o que se vê na sua carta-officio de 26 de fevereiro de 1756, ainda soffrendo do seu padecimento, que diz:

«Vejo attentamente as advertencias que El-Rey nosso Senhor foy servido mandar-me fazer sobre os inconvenientes que ha para senão continuar nas diligencias que ententei afim de poder dar principio ao descobrimento da communição d'esta costa com a do Oriente e em observancia do que n'este ponto Sua Magestade me ordena despachei logo, proprio para *Caçange*<sup>1</sup>, onde presentemente terão chegado os dous encarregados da descoberta e lhes ordeney que sem mais averiguações com o que tivessem feito voltacem com touda a pressa para esta cidade e as noticias que elles me

---

<sup>1</sup> Caçange, Cassanchi ou Cassange, n'este tempo, como se vê, já é nome, d'uma região e de passagem para além do rio Cuango, por certo aquella a que hoje se dá este nome.

derem as porey com o segredo devido na presença de Sua Magestade pela Secretaria de Estado.»

Foi substituído o governador D. Antonio da Cunha, por Antonio de Vasconcellos, que tomou posse em 14 d'outubro de 1758 e foi seu primeiro acto, que lhe fôra muito recomendado, a conquista da Pedra de Encoje entre os dembos Ambúilla e Ambuella, e na supposição de se levantarem grandes difficuldades n'essa conquista por opposição d'estes dembos pelo que se dizia.

Encontra-se ainda na collecção de cartas-officios do governador D. Antonio da Cunha, no anno de 1756, uma de 24 de fevereiro em que diz, que já no tempo do governador Rodrigo Cesar de Menezes, 1733 a 38, vinte annos antes, este decerto, pelas informações dos Angolistas, pensava como elle na necessidade de conquistar aos dembos a *Pedra de Encoje*, e fazer devidamente occupal-a por tropas afim de evitar a concorrência do commercio estrangeiro, que ali chegava vindo do norte.

Os nossos negociantes, como se vê, de ha muito suppunham que uma vez occupado aquelle logar pela auctoridade portugueza, se tornaria uma barreira a evitar a introducção de fazendas, polvora, armas, contaria, etc., do estrangeiro no sertão do reino de Angola, consequencia da compra de escravos que os estrangeiros faziam continuamente nos portos de Luango, Cabinda, Ambriz e outros desprotegidos da nossa auctoridade; e tambem convencido o governador Cunha de que assim era, chegara, como disse, a preparar uma expedição, para a conquista d'aquella Pedra, que queria mandar e não foi por deante, por ter adoecido.

Coube pois ao seu successor tal empreza, que encarre-

gou a Francisco Manuel de Lira, official de provada capacidade e resolução, de commandar uma columna composta de infantaria, cavallaria e 6 peças que ficariam para a guarnição de novo presidio.

Já á vista da referida Pedra, os dembos Ambuilla e Ambuella ao contrario do que se esperava, decerto por andarem constantemente em desintelligencias um com o outro, ambos mandaram cumprimentar o commandante e presentear-o com mantimentos para si e tropa, e depois da primeira entrevista, elles mesmos assistiram e com o serviço de seus *filhos*, subditos, ás construcções ligeiras que logo se fizeram para o presidio, affirmando que estimavam este se fundasse e tão depressa quanto possivel, por terem n'elle seguro auxilio contra os seus inimigos.

Guarnecido o Presidio, o governo fez logo avassallar, além d'aquelles dembos, o de Quitete, e tambem os sobas importantes Mulundo e Quiangula visinhos, mas na região de Ambaca.

Foi no tempo d'este governador (1761) que, pela primeira vez, se aproveita a pedra calcarea em Angola fabricando-se cal.

Sendo justo foi realmente muito severo nos castigos e quasi termina o seu governo suffocando uma revolta premeditada pelos degredados (1773), que o queriam matar e aos officiaes e saquear a cidade, tendo mandado suppliciar no patibulo os cabeças João Alves e outros.

A este succede-se o memoravel governo de D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, 1764-1772, que segundo Lopes de Lima foi o primeiro que emprehendeu civilisar aquella semi-barbara possessão, que até ali não havia sido mais que um paiz de guerra e de commercio, devido ás

pelejas em que todos, mais ou menos quinhoavam de seus despojos; de que resultaram queixas gravissimas de delapidações e violencias, cujos documentos se encontram na Real Bibliotheca da Ajuda.

Teve tambem de impor a nossa soberania pela força em 1766, tanto ao norte nos dembos como ao sul em Caconda. No norte para garantir segura a occupação de Encoge, em que a paz tinha sido perturbada pelos Mussõens que se associaram ao Ambuella, que se tornara rebelde, e embaraçavam os trabalhos dos povos na agricultura, matando diariamente os soldados que em pequeno numero os soccorriam; uma expedição sob o commando de Duarte Sequeira destruiu e venceu em acções successivas, durante nove mezes, Ambuella, Mussõens, Mahungos e outros potentados, que perderam as suas *quipacas*, <sup>1</sup> que ficaram reduzidas a cinzas, tornando-se ainda memoravel essa victoria, em que os habitantes de Encoje e Ambaca por muito tempo viveram descansados, sem necessidade de auxilio de forças da capital, pelas doenças e grande fome nas regiões d'aquelles — No sul não foi menos feliz o resultado da expedição que o governador mandou a Caconda, pois castigou os gentios dos sertões visinhos que roubaram e mataram alguns negociantes, expondo as suas cabeças em altos postes na frente das suas povoações.

Já tive occasião de tornar conhecido o officio de Sousa Coutinho de 16 de dezembro de 1767, com respeito ás guer-

---

<sup>1</sup> Grandes espaços cercados de grossa e alta estacaria a formar grossas paredes, uma especie de fortificação com que protegem as suas povoações.

ras do gentio nas fronteiras de Matamba, Jingas, Cassanges e outros, e as providencias que elle tomara para que estas não viessem a perturbar a paz nos nossos dominios, e pelo terminar d'esse officio se conhece que era então geral o socego em toda a possessão portugueza.

Sobre a excellente administração d'este benemerito governador, Lopes de Lima, em poucas palavras faz uma rezenha dos seus mais importantes actos, que transcrevo tal qual por ser o bastante a vulgarisal-os: «Deu conhecimento a um systema de agricultura; regularisou o commercio sob novos regulamentos de typo europeu; banii dos tratos a chicana e introduziu n'elles a boa fé: reformou toda a legislação fiscal e militar, cortando pela raiz cruelissimos abusos e inauditas ladroerias, que passavam como moeda corrente com a sancção das velhas uzanças: e por taes meios conseguiu desopprimir os pequenos, refrear a cubiça dos grandes e duplicar as rendas reaes».

«Fundou o terreiro publico para prevenir as fomes do povo tão communs a Loanda; construiu em terrenos contiguos: um pequeno arsenal, um trem, e uma bella alfandega com um pequeno caes; e para tudo, organisou optimos regulamentos.»

«Junto ás minas de ferro de Golungo, fez construir a bellissima e bem acabada fabrica de ferro de Oeiras; e até estabeleceu uma fundição, aonde se fundiram canhões, que ainda hoje formam parte dos parques de campanha com os seus competentes reparos».

«Em dezeseite mezes fez levantar sobre um penedo no meio do mar a respeitavel fortaleza de S. Francisco, a mais importante para a defeza do porto, cuja entrada fecha completamente.»

«Fez a casa dos Contos ou da junta de fazenda; melhorou o palacio da residencia dos governadores; reparou todos os presidios do sertão; mudou para melhor local o presidio de Caconda que desaffrontou os seus moradores dos insultos dos visinhos jagas; reformou toda a legislação fiscal de Benguella e levantou desde os alicerces a sua actual fortaleza; fundou o novo presidio de Novo Redondo na foz do rio Gunza, para escala de commercio entre Benguella e Loanda; fez construir os hospitaes de Misericordia em Loanda e Benguella.»

«Não escapou a instrucção aos seus disvelos, pois além de muitas escolas primarias instituiu uma aula de geometria e fortificação muito frequentada no seu tempo e da qual sahiram bem bons estudantes; mas, infelizmente um tão util estabelecimento acabou depois d'elle pela morte dos professores, que não foram devidamente substituidos. A propagação do Christianismo tambem foi um dos seus grandes cuidados como meio mais suave e mais seguro de civilisar os povos conquistados.»

D'este governo regenerador muito póde dizer-se quando se transcrevam os officios de Sousa Coutinho sobre as explorações emprehendidas em seu tempo: a já referida de ferro em Oeiras, de que chegou a remetter por vezes as produções da sua fabrica para o Rio de Janeiro e Lisboa; a de enxofre em Benguella e a de petroleo e asphalto no Dande; officios em que são bem palpaveis os cuidados no ensino e tratamento do pessoal que ia fazendo habilitar em taes serviços; e tambem sobre construcções de mais proficiencia como a da *fragata Loanda*, que não poude fazer terminar no seu tempo e muitas outras antes d'esta.

E para terminar direi o que é ainda de Lopes de Lima:

«Eterno viverá em Angola o nome d'este governador, a quem o tempo e o dinheiro chegou para tudo; que fez tudo de novo e tudo fez bem feito; — e todavia *não viveu elle izento dos tiros da inveja e da malignidade*. Taes governadores — activos, intelligentes e incansaveis — são em todo o tempo uma necessidade para as nossas longes terras do Ultramar; mas nem sempre os mais uteis são os mais afortunados. Quem se encarrega de os honrar é quasi sempre a posteridade.»

A este governador succederam-se por sua ordem, ainda n'este seculo: D. Antonio de Lencastre de 1772 a 1779; D. José Gonçalo da Camara de 1779 a 1782; o barão de Mossamedes de 1784 a 1790; Manuel d'Almeida Vasconcellos de 1790 a 1795 e D. Miguel Antonio de Mello de 1795 a 1800.

Os dois ultimos foram os que mais se applicaram a aperfeiçoar algumas das obras do grande Sousa Coutinho, sendo o segundo quem conseguiu fazer concluir a fragata, fallecendo pouco depois e sendo substituido por uma junta, Bispo, ouvidor e o coronel d'infanteria que a fizeram armar.

Esta junta sustentou, mal succedida, uma guerra com os Quissâmas em 1784, e teve ainda, por infelicidade n'este anno para fecho do seu governo, de ver cápitular a guarnição (300 homens) da Fortaleza que no anno anterior mandara fundar em Cabinda, ante uma esquadra franceza que arrazou a dita Fortaleza, sem outro direito que o da força.

O primeiro, D. Antonio de Lencastre, como factos mais importantes do seu governo, deixou registadas as victorias alcançadas sobre os sobas de Selles (Novo Redondo), do Bailundo e outros dos sertões de Benguella: o barão de Mossamedes, as explorações por mar e terra d'essa explen-

dida e vastissima região ao sul de Benguella, a que elle deu o seu nome — Mossamedes ; — e já no fim do seu governo a expedição contra o marquez de Mossul que invadiu de repente os nossos dominios até ao Bengo ; — o qual foi por fim avassalado, depois de vencido, pelo seu successor Manuel d'Almeida Vasconcellos.

Sobre esta guerra ao marquez de Mossul, encontrei nos Annaes Maritimos e Coloniaes — 5.<sup>a</sup> serie — um documento inedito de Paulo Martins Pinheiro Lacerda, coronel de infantaria (1792) que commandava a columna de operações, onde narra as successivas victorias que alcançou, nos assaltos ás forças d'aquelle, sempre repellindo-o, até que o subjugou e avassallou.

Junto a este documento encontra-se um outro que não está assignado, d'alguns annos antes, que offerece interesse para a historia da Jinga, pois se refere ás rainhas ; poderio que tiveram na Quissâma, região em que diz existirem as sepulturas d'algumas d'ellas, e tambem que a influencia do seu mando chegara até ao litoral de Loanda.

É de crer que fosse escripto sobre as impressões de noticias dos povos da Quissâma e com certeza devidas á tradição, que deve remontar a uma epocha anterior ás conquistas iniciadas por Paulo Dias de Novaes, que encontrou da primeira vez no *N'dongo* (Angola) o *N'gola* filho do Jinga Bandy, o imperante na Matamba, depois Jinga ; tendo já depois das conquistas por primeira rainha a D. Anna de Sousa.

A ser verdadeira a tradição do documento a que me reporto, parece dever concluir-se que os Jingas antes de se estabelecerem na Matamba e no *N'Dongo* (Angola), isto é, ao norte do rio Cuanza, residiram por muito tempo na região ao sul d'este rio.

Com respeito aos Cassanges a este tempo, fins do seculo XVIII, já se encontravam na região que hoje occupam; mas só na margem esquerda do rio Cuango, sendo esta a barreira natural que os separava dos povos do interior, o que elles sempre estimaram e lhes ha servido, e ainda hoje, para se tornarem intermediarios das relações commerciaes d'aquelles com os nossos, impondo-se-lhes, aproveitando-se de muitas circumstancias que bastante os favorecem, e pelo que, d'elles nos deviamos ter utilizado, com que muito lucrava o desenvolvimento do nosso commercio, em vez de os pretendermos guerrear, como ainda hoje; não obstante a pratica no actual seculo, principalmente nos ultimos sessenta annos, quando se principiaram a estreitar as relações dos portuguezes com os Cassanges, estar condemnando, como erroneo, um tal procedimento.

---



# SECULO XIX

## 1.ª PARTE

**S**ENDO certo que na segundá parte do actual seculo, é o periodo em que mais se pozeram em evidencia os Casanges que já então officialmente se acceitavam com a denominação vulgar de *Bângalas*; e reconhecendo ser indispensavel aproveitar para esta *Memoria* tudo que me foi possivel encontrar de documentos a esclarecer o leitor sobre as suas relações boas ou más com as nossas auctoridades, e com os nossos negociantes; e considerando-os todos de grande valor para serem transcriptos, o que muito avoluma a materia; razão porque julguei conveniente destacar as duas partes d'este seculo, subdividindo a segunda em diferentes secções, reportando-se algumas a ássumptos em que tive de intervir, por onde se póde apreciar do modo porque entendi sempre se deve proceder com aquelle povo e seus visinhos.

Do primeiro governo d'este seculo que foi o de D. Fer-

nando Antonio Soares de Noronha, 1800 a 1807,— como d'importancia para esta *Memoria*, considero as instrucções enviadas de Portugal no anno de 1800 ao governador, que acompanharam as memorias do dr. Lacerda sobre a sua expedição de Tete ao Muata Cazembe, e em que se lhe ordenava tentasse tambem uma expedição para a costa oriental, e, sendo possivel, fosse estabelecendo presidios pelas margens do Cuanza até ao ponto mais internado.

Nos mencionados *Annaes Maritimos e Coloniaes*, em mais d'um documento se vê, que já em 1797 existia uma feira — *Mucari*— na região dos Cassanges ou nas suas fronteiras, da qual foi nomeado chefe o tenente coronel de milicias Francisco Honorato da Costa; e que este principiara a trabalhar para fazer seguir, por sua conta; uma expedição ao jaga, talvez Muata, Caðembe, no intento d'abrir communição com a nação dos Molúas <sup>1</sup>.

Honorato da Costa vivia retirado em Pungo Andongo, onde se dedicava á agricultura e commercio; mas é certo que accitando o cargo de chefe da feira de Cassange, foi estabelecer esta na propria região actual dos Cassanges e proximo da residencia do jaga.

Diz Feo Cardoso: que o projecto da communicação das duas costas, oriental e occidental, d'África, já tinha existido no tempo do governo de D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho; mas havia sido abandonado. Consistia esse projecto em se organisarem duas expedições que deviam partir ao mesmo tempo de Moçambique e Angola, a encontrar-se no sertão.

---

<sup>1</sup> Ainda n'este tempo se não falava na Lunda.

Substituído em 1807 o governador Soares de Noronha, por Antonio Saldanha da Gama, a este coube dar um bom impulso ao que até então não passara de tentativas frustradas. A expedição de Moçambique suspendera a sua marcha no Muata Cazembe, onde infelizmente fallecera, por causa da insalubridade do clima, o seu chefe, o intelligente naturalista dr. Lacerda; e como consequencia da pequena expedição de Honorato da Costa, para além Cuango, teve o governador varias noticias de que entendeu procurar ser devidamente esclarecido por este, junto do jaga de Cassange, que já então se sabia ser o *mais oriental dos Potentados avassallados* dos reinos de Angola e Matamba.

Informou Honorato o que ainda se me asseverou em 1884: que além do Cuango se estendia uma vastissima região em que já existiam constituidos um grande numero de estados com os seus potentados e todos subditos do Muatiânvua, que pelo leste confrontava com o paiz dos Molúas; que o jaga de Cassange se communicava com aquelle grande senhor, um dos mais poderosos do centro do Continente, que era considerado o terror dos povos d'aquelles estados, e impedia-lhe e aos seus todo o trafico directo com os portuguezes, para conservar o monopolio de que obtinha grandes lucros, servindo-se para esse fim, de varios ardis grosseiros, os que julgava proprios para conter o Muatiânvua, cujas forças temia, asseverando-lhe por exemplo: que os brancos sahiam do mar; que comiam os negros; que as fazendas com que elles commerciam eram fabricadas nas suas terras e que se o Muatiânvua invadissem os seus estados (do jaga) o Muene Puto (nome que os negros dão ao Soberano de Portugal e por extensão ao governador de Angola) tomaria d'isso vingança.

Note-se: isto é cópia textual da *Memoria* publicada por

Feo Cardoso em 1825, e que se ouvia ainda e muito mais, no mesmo fim, em 1888 <sup>1</sup> e ainda se repete hoje embora seja outra a phraseologia.

Insistiu o governador com Honorato para alcançar relações com o Muatiânvua, que na sua capital recebeu e hospedou muito bem os pombeiros que lhe enviara sem que o jaga de Cassange d'isso tivesse conhecimento, e lhe levaram presentes para o convencer que estava illudido por aquelle, e que os seus negociantes seriam bem recebidos nas terras de Muene Puto.

O Muatiânvua, ainda que receioso pelo que lhe affirmavam os Cassanges, fez acompanhar os pombeiros por uma embaixada que devia ouvir o governador d'Angola; todos passaram o rio Cuango a sul das terras do jaga nos estados do Bumba, d'elle independente, o qual lhes franqueou a passagem e tambem quiz mandar um seu representante na companhia d'aquelles ao governador; e porque uns já estivessem fatigados da marcha assentaram juntarem-se todos em Ambaca, o que fizeram; e d'aqui partiram para Lôanda, com guias da nossa auctoridade, onde chegaram em janeiro de 1808.

Recebeu-os o governador, como é natural, com todo o apparatus, na sala do docel, rodeado das principaes auctoridades e officiaes de maior graduação; mostrando-lhe muito agrado, acceitando-lhes os presentes que elles, segundo o seu estylo, depozeram a seus pés, rojando-se elles mesmos como o fazem cumprimentando os seus Muatas.

---

<sup>1</sup> Vêr Descripção da Viagem ao Muatiânvua, 1884-1888, e relatorios do capitão Simão Candido Sarmiento das expedições que se seguiram.

Consistiram os presentes em: alguns escravos, uma pelle de zebra, outras de macacos ferozes, esteiras, cabazes de palha, duas barras de cobre e uma porção de sal do Muata Cazembe.

Não descrevo os trajos, bem como os usos dos homens da comitiva, que muito surprehenderam os habitantes de Loanda, e que ainda hoje são os mesmos dos Lundas e seus confinantes, porque iria alongar muito esta *Memoria*, e se encontra por mim descripto na *Ethnographia e Historia tradicional dos Povos da Lunda*.

Informaram os pombeiros que a capital dos estados do Muatiânvua era já algum tanto civilisada, devidamente aruada e borrifada no tempo do verão, para mitigar a ardenscia do sol e evitar a poeira; que tinha uma especie de Terreiro Publico para guarda e distribuição dos mantimentos e muitas praças ou largos consideraveis.

Diz Feo Cardoso: «A barbaridade das leis e a falta do commercio que dá sahida aos criminosos, eram a causa da horrivel multiplicidade de supplicios. Emquanto durar a barbaria e a ignorancia das Nações Africanas, o resgate dos Negros, será sempre considerada pelos Philantropos instruidos, como o unico lenitivo da ferocidade das leis, que regem aquellas Nações, a despeito das theorias e das declamações das almas sensiveis, illudidas por falsas noções do verdadeiro estado da questão.»

Isto infelizmente, ainda hoje se pôde asseverar como verdadeiro, e se tivéssemos aproveitado a existencia d'este modo de sêr, applicando a gente resgatada em trabalhos bem dirigidos nas terras que fômos conquistando, fazendo-a educar segundo as suas naturaes vocações para a mais facil lucta pela vida n'estas; com certeza muitas difficuldades,

que ainda hoje encontramos, para o seu desenvolvimento, teriam desaparecido.

Ficou sabendo ainda pelos pombeiros que a Lunda do Muata Cazembe, onde tinha fallecido o dr. Lacerda, era feudataria do Muatiânvua, que a este pagava, como tributo de vassallagem, sal marinho que lhe vinha da costa oriental.

Assim se tornou conhecida a possibilidade da comunicação interior das duas costas e o governador Saldanha, deu logo as providencias necessarias para que os pombeiros proseguissem o seu caminho para o oriente até vêrem o mar e gente branca de que aquelles já tinham tido noticias por alguns negros que encontraram na Mussumba, capital, residencia do Muatiânvua.

Muitos actos da sábia administração d'este governador teria de mencionar se fôra meu intento ir além do fim d'esta *Memoria*, por isso restrinjo-me ao indispensavel, como nas anteriores administrações, no que encontro a elucidar o meu proposito sobre os assumptos a que ella se reporta.

Já nos seculos anteriores e desde a primitiva se tem visto, e com frequencia, que em todas as expedições de gente de guerra que se enviavam para as conquistas em Angola, ia mais ou menos gado cavallar, muito principalmente da America, que parece se acclimatara bem aliás não se repetiriam com frequencia as remessas.

O governador Saldanha da Gama, em 1809, considerando sobre a falta de meios de transporte no interior, e quão vantajosa seria a introdução de bestas muares, que alliviando os sobbas vassallos d'aquelle tributo, daria ao mesmo tempo maior actividade e expansão ao commercio;— estabeleceu para esse fim uma *Caudelaria no Dande*, para a qual impoz a cada navio que viesse do Brazil que trouxesse uma egua. Caudelaria

que se fez muito mais tarde terminar por causa do desleixo a que os encarregados a deixaram attingir; mas que ainda ha tres annos um negociante e agricultor, residente em Loanda, propoz ao governo geral fazer reinstituir, aproveitando as ruinas que ainda por lá se vêem.

Foi no tempo do seu successor José d'Oliveira Barbosa (1810 a 1816) no anno de 1815 que chegaram os pombeiros de Honorato da Costa, Pedro João Baptista e Antonio José com cartas do governador de Moçambique datadas em 1811, ficando assim comprovada a possibilidade do transito d'uma a outra costa atravez do Continente.

Nos *Annaes Marítimos e Coloniaes*, redigidos por intelligentes officiaes da nossa armada, se encontram os roteiros e varios documentos referentes áquella viagem e entre elles lá está o de 28 de agosto de 1815, que organisa uma companhia de Pedestres, de que faziam parte como officiaes os referidos dois pombeiros, com o fim de se repetirem viagens entre as suas costas, e o de 31 do mesmo mez, concedendo o posto de brigadeiro de milicias e a pensão vitalicia de oitocentos mil réis annuaes a Francisco Honorato da Costa, que ainda continuou com o encargo de chefe da Feira de Cassange.

Até ao meiado do seculo seguem-se os governos de Luiz da Motta Feo e Torres, de 1816 a 1819; de Manoel Vieira Tovar d'Albuquerque, de 1819 a 1821; de Joaquim Ignacio de Lima, de 1821 a 1823, succedendo-lhe uma Junta provisoria eleita pelo povo; de Christovam Avelino Dias, de 1823 a 1824; de Nicolau d'Abreu Castello Branco, de 1824 a 1829; do Barão de Santa Comba Dão, de 1829 a 1834, seguindo-se uma Junta provisoria; de Domingos Saldanha d'Oliveira Daun, 1836, que morreu em Pungo Andongo de febres em

agosto do mesmo anno, succedendo-lhe uma Junta; de Manoel Bernardo Vidal, de 1837 a 1839; de António Manoel de Noronha, poucos mezês de 1839, e ainda assim foi em seu tempo que entraram os primeiros camellos na provincia, (dois machos e quatro femeas) <sup>1</sup>; de Manoel Eleutherio Malheiro, de 1839 a 1842; de José Xavier Bressane Leite, de 1842 a 1844; de Lourenço Germack Possolo, de 1844 a 1845; de Pedro Alexandrino da Cunha, de maio de 1845 a agosto de 1848, e de Adrião Acacio da Silveira Pinto, de 17 d'agosto de 1848 a 26 d'agosto de 1851.

N'este periodo, mais ou menos, todos os governadores se interessaram por conservar a tranquillidade com os povos gentios avassallados e não avassallados, dedicando-se ao desenvolvimento da nossa já vastissima possessão, occupando-se com tenacidade e procurando quanto possivel aproveitar os seus recursos naturaes.

Ainda n'este tempo foi necessario reprimir algumas rebelliões de povos e sublevação das nossas tropas e de degredados, e coube a Manoel Bernardo Vidal, em 1838, conquistar uma parte da Matamba, de que era soba, vassallo da Jinga, o Quilunge Quiassâma, de quem já fallei, que ousou invadir as nossas terras de Ambaca; mas foi derrotado, perseguido e preso por uma columna de quatro mil homens sob o commando do tenente coronel Joaquim Philippe de Andrade.

---

<sup>1</sup> Em 1843 já tinham morrido os 2 machos, vivendo as femeas, das quaes 3, que foram gravidas já de Teneriffe, pariram, vivendo duas d'essas crias em 1845. Em novembro de 1844 chegaram ainda mais camellos, 4 machos e duas femeas, que de novo se compraram em Teneriffe no intento de propagação, de que se desistiu em 1846.

Tambem a Manoel Eleutherio Martins, com os excellentes auxiliares, o capitão tenente Pedro Alexandrino da Cunha e tenente d'infanteria Garcia, lhe pertence a gloria dos primeiros trabalhos para a occupação effectiva do districto de Mossamedes, que teve grande impulso no governo do seu successor José Bressane Leite.

Foi este governador que em 1843, apreciando a proposta do sertanejo Joaquim Rodrigues Graça, socio de D. Anna Joaquina dos Santos Silva, africana (vulgo Dembo e Alála), muito considerada pelos povos dos estados da Lunda e de toda a provincia, que a suppunham senhora de todos os artigos de commercio europeu que viam passar em suas terras, — o qual ia tentar uma exploração commercial por aquelles estados e no intento de chegar até ao muito poderoso e afamado potentado Muatiânvua; n'elle delegou poderes officiaes afim de mais estreitar as relações já iniciadas no principio do seculo sob o governo de Saldanha da Gama, confiando-lhe as instrucções de 18 de março d'aquelle anno.

Se por improvidencias, tão fatigante e demorada viagem não foi d'exitto favoravel para os associados, é certo que a sua descripção foi para os estrangeiros a luz sobre o desconhecido ainda no meiado d'este seculo, e d'ahi a ancia por explorarem as riquezas imaginarias em marfim do poderoso Muatiânvua, a que nos deixámos preceder e tanto mal nos fez na partilha do interior do continente, fundados em suppostos direitos adquiridos depois, procurando-se, pela imposição da força, fazer olvidar os já antigos por nós adquiridos, de não menos valia dos por elles apresentados, e que, sem o nosso auxilio, nem esses mesmo, os poderiam alcançar no campo pratico.

E é notavel que ainda n'esse tempo, Rodrigues Graça

saindo do Bango Aquitamba, então districto do Golungo Alto, se dirigiu a Malange que eram terras do gentio, e descaiu para o sul, acompanhando o Cuanza, para se affastar dos Cassanges que diziam, se oppunham á sua passagem no Cuango pelas terras d'elles, e foi fazer uma grande estação no Bié, esperando soccorros que pedira ao governador, por que entre os povos quiôcos fôra muito roubado nas suas cargas.

Pelo decreto de 10 de dezembro de 1836 fôra abolido o trafico da escravatura, que por não ter sido cumprido ainda em 1838 na provincia de Angola, foi demittido o governador Manoel Bernardo Vidal, sem que lhe fosse attenuante o ter augmentado os nossos dominios com o vasto districto — Duque de Bragança, — e tambem apezar d'este facto, foi só o governador Pedro Alexandrino da Cunha que iniciou o seu excellente governo, empregando logo medidas terminantes para dar execução áquelle decreto, — acabar com a escravatura; e porque assim fez, os habitantes de Angola, os pensantes, entenderam perpetuar o seu nome, como de um benemerito, erigindo-lhe uma estatua de bronze na praça de entrada na cidade á beira-mar.

O seu suçcessor, governador Adrião Accacio, se viu encerrar-se a primeira metade do seculo sem conflictos, e todos os povos satisfeitos com a sua boa administração; é certo que pouco depois, já os Bondos e Cassanges deram motivo a alterar-se a paz que se disfructava, embora alguns pronunciamentos anteriores ainda que de pouca monta.

Se n'aquelles governos, nos ultimos trinta annos, não encontrei documentos de circumstancia referentes a Cassange, a feira continuou existindo e a ella concorriam os

negociantes portuguezes dos quaes alguns e n'este numero europeus, ahí se estabeleciam temporariamente, dois, tres e mais annos successivos, tendo a feira um director de nomeação do governador geral, o que se deprehende do officio n.º 290 de 3 de janeiro de 1846 (governo de Pedro Alexandrino) a João José Ribeiro em que se lhe ordena faça entregar a directoria d'aquella feira a José Valentim da Costa, visto até á data do mesmo officio, não ter solicitado o respectivo diploma. E este, ainda era director em 1848, pois se lhe dirigiu um officio para apresentar ao jaga 4 pretos fugidos do serviço d'um seu subdito, e parece ter sido elle quem entregou a directoria em 26 de fevereiro de 1850 ao alferes da 1.ª companhia de Ambaca, Paschoal Corrêa Freire de Andrade, que, em 9 de maio de 1849, obtivera licença do governo geral para ir negociar no sertão de Cassange.

Voltou o mesmo Valentim da Costa pouco depois a occupar aquelle cargo, porque logo em agosto com a data de 15, apparece publicado um officio d'elle n'essa qualidade dirigido ao governador geral, de que darei conhecimento; e d'esta data em deante já se nota a maior attenção das nossas auctoridades para Cassange.

---



# SECULO XIX

## 2.ª PARTE

**A** exploração commercial de Rodrigues Graça nos estados do Muatiânvua, iniciada em 1843, demorou-se até 1846; e é de suppôr que os successivos revezes de roubos nas cargas pelo transitio, as muitas exigencias dos regulos por quem era hospedado, nas dadas ou presentes como retribuição das insignificancias que lhe offertavam, a sua longa estadia no Bié, esperando soccorros para o proseguimento da viagem á residencia do Muatiânvua, a intriga depois aqui, promovida pelos pretos pombeiros da sua socia D. Anna, que entre os gentios conseguiram desprestigial-o não só na parte que entre elles até então tinha representado de delegado do governador de Angola, mas tambem de senhor das mercadorias e do já permutado com ellas, que era transportado pela expedição; apresentando-o apenas, como um *cangundo*, insignificante subalterno empregado da sua ama, o que motivou o desastre de o obrigarem a retirar da Mussumba, só com o que lhe era indispensavel para a sua viagem de regresso;

emfim tudo isto, e mais a inveja dos Cassanges em não terem tomado parte n'aquelles roubos, a sua zanga por terem os portuguezes devassado os estados do Muatiãnvua, irem conhecer o que elles chamam o seu commercio e foram estragar, dando-lhe mais na permuta do que elles costumavam dar; foram quanto a mim as principaes causas que excitaram os animos dos maioraes do jagado que sob o mais pequeno pretexto levantaram conflictos com os negociantes estabelecidos e com os que andavam fazendo transacções nas suas terras, e d'ahi as demonstrações de força e provocações dos Cassanges, Bondos e visinhos, que por de principio terem ficado impunes, deu azo a atrevimentos de maior monta, e começa por assim dizer a epocha em que se pozeram em evidencia aquelles povos, incommodando-nos, o que não podia deixar de chamar a attenção da auctoridade que teve de providenciar a submettel-os.

Porque não encontrei documentos reportando-se a qualquer queixa do director da feira de Cassange ou do commandante dos presidios, ou mesmo dos negociantes portuguezes que motivasse a expedição de guerra de 1850 contra os Bondos e Cassanges, que certamente deviam existir nas secretarias do Ministerio do Ultramar ou do governo geral de Angola; lembrei-me que bem me podia elucidar sobre tal lacuna, pelo menos a memoria do actual secretario geral do Ministerio da Marinha e Ultramar, o sr. conselheiro Francisco Joaquim da Costa e Silva, o unico talvez, senão dos raros, que sobrevive d'essa epocha; pois tomou posse do cargo de secretario geral do governo de Angola em 31 de dezembro de 1847 e foi exonerado em 22 d'outubro de 1851, para ser nomeado 1.º official da secretaria do conselho ultramarino em 30 do mesmo mez.

Serviu com Pedro Alexandrino e com o brigadeiro Adrião Accacio da Silveira Pinto que sendo nomeado governador em 18 de fevereiro de 1848 só tomou posse em 17 d'agosto d'esse anno. Na excellente administração d'este, tomou o conselheiro Costa e Silva, que tinha pouco mais de vinte annos, uma parte muito activa e importante, o que assevera o proprio governador em diversos documentos que se encontram publicados nos Boletins d'aquelle tempo.

Foi rendido Silveira Pinto em 20 d'agosto de 1851 pelo capitão de fragata, governador de Mossamedes, Antonio Sergio de Sousa, com o qual ainda serviu alguns mezes o mesmo secretario Costa e Silva.

Não se podendo conhecer, pelo que existe de publicado em todo aquelle periodo, o que originara dos conflictos que se deram em Cassange, nos Bondos e outros pontos, e motivaram as providencias extraordinarias, que sem se esperar foram adoptadas;—da melhor vontade e promptamente annuiu o ex.<sup>mo</sup> conselheiro Costa e Silva ao meu pedido d'uma conferencia, tendo em vista apenas este assumpto, sobre que desejava os seus valiosos esclarecimentos. Vou pois referir-me não só ao que é das suas recordações, como tambem a alguns documentos que ainda se encontram no archivo da sua direcção, cuja leitura me proporcionou, e se reportam especialmente ás successivas operações contra Cassange em todo esse periodo.

Por portaria regia de 25 de julho de 1849 foi concedida licença, para residir em Angola, ao major graduado da Provincia de S. Thomé e Principe, Francisco de Salles Ferreira, portaria que foi publicada pela Repartição Militar de Angola em 20 de setembro do mesmo anno.

Este bravo official, que já tinha exercido diversas com-

missões na provincia, e então contava apenas vinte e nove annos d'idade, pouco gosou da licença em descanso, porque sendo exonerado o commandante do presidio de Pungo Andongo, o tenente José Botelho de Sampaio, por lhe ser concedido ir ao reino, em 18 do mez d'outubro seguinte; n'esta mesma data foi aquelle nomeado para tomar o commando do dito presidio.

Esta nomeação já teve em vista o fim propositado de se confiar ao major Francisco de Salles Ferreira, official que como subalterno se acreditára no serviço da provincia, o commando d'uma expedição que elle devia organizar em Pungo Andongo com os recursos de que se podesse dispôr no presidio e do que fosse possivel ir enviando-lhe o governo geral. Tinha esta expedição o encargo d'ir castigar o Andalla Quissúa e os seus, que mataram o capitão da companhia movel do Duque de Bragança, Simão Rodrigues da Cruz, chefe da divisão de Cafuxe na baixa da montanha em que residia aquelle jaga.

N'aquelle tempo, tudo isto se fazia sem apparatus nem reclamos pela imprensa, serviam-se os governadores geraes dos recursos que tinham, poupando á metropole grandes dispendios e os resultados não eram menos proficuos.

A publicidade tinha logar depois das conclusões;— comprehendia-se e decerto bem não dar a perceber ao gentio das nossas intenções; e o contrario d'isto tem sido um grande mal ultimamente nas nossas questões com os Cassanges e tambem no sul com outros povos, dando-lhes occasião a prepararem-se ou para resistir ou para fugir, frustrando-se os melhores planos.

Teve logar com certeza uma activa correspondencia entre Salles Ferreira e a secretaria do governo geral, que pela

circumstancia referida não teve publicidade; mas os officios e mais documentos que me foram facultados e os publicados que transcrevo, pela ordem chronologica, de 15 d'agosto de 1850 a 1854, periodo em que foram successores de Adrião Accacio, os governadores Antonio Sergio de Sousa, depois Visconde de Sergio, que já mencionei; o capitão de mar e guerra Antonio Ricardo Graça, de 19 de fevereiro a 29 de setembro de 1855; e Visconde do Pinheiro, d'esta data a 27 de março de 1854, que entregou o governo ao conselho governativo, por ser eleito deputado ás côrtes, e tambem os do tempo do governador José Rodrigues Coelho do Amaral, 18 d'outubro de 1854 a 8 d'agosto de 1860; supprem bem algumas faltas para nos esclarecerem sobre o passado.

O presidio de Pungo Andongo era ainda muito extenso; d'elle faziam parte muitos sobados, que mais tarde se incorporaram aos Concelhos do Duque de Bragança, Malange e Talla Mugongo. Na occasião grande numero d'esses sobas em que se tornara mais notavel o *Marimba Angombe*, esquivavam-se a pagar os dizimos, tornando-se insolentes aos avisos da auctoridade para çumprirem com aquelle dever, chegando o Marimba ás ameaças: de que fossem os nossos soldados com as suas armas buscar os dizimos que sabia como os devia receber. Por outro lado já o governador geral tinha conhecimento pelo commandante do presidio do Duque de Bragança, do assassinato do capitão Cruz, director da feira em Cafuxe nos Bondos que se dizia auctorizado ou instigado pelo jaga Andalla Quissúa.

Além d'isto, como o diz o Governador Adrião Accacio ao Ministro: de ha muito que o jaga de Cassange estava opprimindo e vexando os sertanejos portuguezes que iam com-

merciar nas terras do jagado em vez de os proteger fazendo perder importantes capitaes ao nosso commercio.

Tudo reclamava, pois, immediatas providencias, tendo em vista, porém, que os resultados fossem de bom exito para não se perder o prestigio da nossa soberania.

Sabia o governador pela correspondencia em archivo que 4 ou 5 dos seus antecessores e de certo Bressane Leite se não o primeiro, dos primeiros, por causa dos revezes da expedição commercial de Rodrigues Graça, tentaram e por mais de uma vez, fazer guerra a Cassange, que, ou por falta de recursos ou pelo receio que se frustrasse qualquer expedição os negociantes seriam perseguidos pelo jaga, nada fizeram, continuando o commercio n'uma situação de abandono, desprotegido das garantias de segurança da nossa auctoridade, dando isto logar a desprezar-se, dizia o mesmo governador em officio ao Ministro, a desprezar-se o que tanta consideração merecera ao capitão general, sempre lembrado, D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho e ao que o substituiu D. Antonio de Lencastre.

Tendo uma grande confiança o governador geral na pratica, bom sênso e prudencia do major Francisco de Salles Ferreira, dando-lhe as precisas e bem elaboradas instrucções <sup>1</sup> encarregou-o, como disse, de organizar em Pungo Andongo uma expedição na altura, de com ella poder contar para chamar á ordem os sobas rebeldes ao pagamento dos dizimos, de sujeitar por um severo castigo, se fosse indispensavel, o Marimba; e quando isto satisfeito, mas de modo proficuo, de accordo com o commandante do Duque de

---

<sup>1</sup> Existem no Archivo da Direcção do Ultramar.

Bragança, seguirem a prender o jaga Quissúa que com segurança devia ser enviado a Loanda, collocando em seu lugar um homem de eleição dos povos, mas que se sujeitasse á nossa soberania.

Tinha o major Salles Ferreira as necessarias auctorisações para promptamente reunir os recursos que julgou necessarios de mantimentos e munições para a gente armada com que ia, contando com os sobados a quem se dirigiu; e d'elles encontrou não só a constituição da expedição que chegou a ser de 1:200 homens entrando n'este numero os carregadores precisos, mas tambem o bom exito do plano da marcha e depois o cumprimento da primeira parte da sua missão: a submissão dos sobas e os pagamentos que fizeram; o castigo a Marimba que logo se avassalou e o seu acampamento na feira do Bondo, onde chamára o jaga Andalla Quissúa, para lhe fazer a entrega dos criminosos que assassinaram o director d'aquella feira.

Em julho participou o mesmo major: que o Andalla não se apresentára; sempre procurando pretextos e presenteando a expedição com gado vaccum e mantimentos fôra addiando a sua apresentação até que fugiu para as terras do jaga de Cassange; — que officiára a este, D. Paschoal Machado (Bumba) para prender aquelle e nomear quem lhe devia succeder, tendo por resposta: que mandára sair a sua gente sob o commando do seu immediato (N'Gola M'Bolle) perseguir o D. Paschoal como era do estylo e o apresentaria; e que ia mandar reunir os macotas para se proceder á eleição de quem o devia substituir.

O jaga D. Paschoal faltou a tudo a que se comprometteu, de modo que julgou indispensavel o commandante da expedição o fazer eleger entre os Bondos uma jaga sem lhe

importar com a dependencia d'aquelle; e com o aprazimento geral, foi investido d'aquelle cargo segundo as praxes, o velho prudente Quissúa Cassange Camuaxi e concluidas as cerimoniaes a que assistiu o referido commandante, marchou com a sua expedição para as terras de Cassange no intento de perseguir o Andalla Quissúa até o prender e de o fazer enviar para Loanda.

Do director da feira de Cassange, que de novo era José Valentim da Costa, ao governador geral Adriaão Accacio, encontra-se este officio de 15 d'agosto de 1850:

Levo ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> que, no dia 9 do corrente, foi eleito Jaga de Cassange o maquita Calunga cá Quissanga, e no dia immediato teve logar a sua apresentação no acampamento do sr. major commandante das Forças (Francisco de Salles Ferreira), e ali prestou juramento sobre a bandeira portugueza de ser fiel vassallo, e dar inteiro cumprimento ás ordens que lhe forem dadas; n'este acto o Sr. commandante lhe metteu no braço esquerdo, em que elle uza as *malungas* de seus ritos, uma grossa malunga de prata com uma corôa do mesmo metal, e lhe fez ver que esta corôa era o emblema d'elle Jaga <sup>1</sup> ser tributario á corôa de Portugal; em seguida lhe apresentou o referido Sr. commandante as condições por parte do Ex.<sup>mo</sup> governo, pelas quaes elle jaga é obrigado a pagar um tributo annual de dez escravos, um macaco e um papagaio, a respeitar e a

---

<sup>1</sup> Esta malunga (bracelete) foi mandada fazer promptamente e de proposito pelo Major F. de Salles Ferreira, sendo a corôa que n'ella aparafusara, a das charlateiras d'elle, como consta do seu officio ao governador geral cuja copia li no archivo da Direcção do Ultramar.

guardar a mais cega obdiencia ás ordens que lhe forem indicadas, e respeitar as auctoridades e pessoas dos feirantes e seus capitaes, e a cumprir e fazer cumprir as condições que por parte do commercio lhe forem apresentadas, ficando comtudo dependendo da aprovação de V. Ex.<sup>a</sup>

A Feira de Cassange, assim como outros sertões, como Bondo e Songo *que ha muitos annos careciam d'uma licção*, como a que agora se acaba de dar, estavam bastante ensoberbecidos, bem persuadidos de que o Ex.<sup>mo</sup> Governo pouco se lhe dava dos vexames que soffriam seus subditos, e que seus roubos podiam continuar impunemente; mas veio o desengano, e foi ao sabio, philanthropico e justo governo de V. Ex.<sup>a</sup>, que os subditos portuguezes se veem novamente respeitados e o commercio com garantias; honra seja feita ao benemerito official o Sr. Major Francisco de Salles Ferreira, a quem V. Ex.<sup>a</sup> houve de entregar esta tão ardua quanto espinhosa commissão: a maneira digna por que este official se houve, já castigando o orgulhoso rebelde ex-Jaga que pretendia resistir, já fazendo com que immediatamente se reunissem os potentados para a eleição do novo Jaga, merecendo a confiança de todos a quem se dirigia, inculcando o maior respeito, e por ultimo fazendo respeitar a auctoridade de V. Ex.<sup>a</sup> n'estes sertões, e pugnando pelos interesses da Fazenda Nacional, e do commercio; a honradez e desinteresse do Sr. Major Francisco de Salles Ferreira é digna de louvores.

Eu, em nome de todos os Feirantes, dirijo a V. Ex.<sup>a</sup> o voto do nosso reconhecimento pela protecção que de V. Ex.<sup>a</sup> receberam todos os subditos portuguezes residentes n'este sertão: e cabe a V. Ex.<sup>a</sup> a gloria de ter feito animar o importante ramo de commercio, que, a pouco pouco se ia

estagnando, e proximo estava a ficar reduzido ao nada pelos muitos vexames que soffriam aquelles que, por estes longiquos sertões, se entranhavam, sem poder esperar minorar as perseguições que soffriam, por isso vêr-se-iam na necessidade de abandonar esse diminuto interesse, que hoje colhem á custa de bastantes fadigas.

Como se vê, o jaga Bumba, D. Paschoal Machado, foi severamente castigado, deposto e substituido por outro que sendo eleito pelos principaes do jagado — foi confirmado pela nossa auctoridade; mas ha mais, foi mesmo perseguido com o fim de ser preso e tambem enviado para Loanda o que succedeu ao Andalla Quissúa, que a expedição conseguiu prender nas terras ao sul, no lugar, em que se tinha escondido sob a protecção d'um regulo que por ultimo o entregou.

Por occasião dos conflictos, os negociantes abandonaram a feira e sobre a protecção de forças da expedição pouco a pouco foram retirando para Talla Mugongo, onde provisoriamente se quartellára a expedição, andando a este tempo o major Salles Ferreira já nas terras a norte, na diligencia de capturar o ex-jaga, tendo a satisfação de ser este repellido pelos *maquitas* e outros potentados a quem procurara para sob a protecção d'elles se occultar das nossas forças.

Em 7 de dezembro do mesmo anno publicou-se no Boletim da Provincia o seguinte:

Pela correspondencia official que o correio nos trouxe hontem de Pungo Andongo recebemos muito satisfatorias noticias dos negocios relativos á feira de Cassange.

O major Salles Ferreira havia recebido uma carta assignada por todos os feirantes d'aquelle estabelecimento, re-

sidentes agora em Talla Mugongo, dando-lhe parte de se acharem a salvo n'este ultimo logar, todos os generos que existiam em Cassange, á excepção sómente dos que na occasião da fuga tinham sido roubados: sendo a feitoria de José Maria Gomes, morto no longo, a que soffreu maior prejuizo, porque os seus proprios *pombeiros* a roubaram. Entretanto já d'esta feitoria mesmo se hão salvado alguns valores importantes.

Na carta dirigida pelos feirantes de Cassange, diz-se tambem que se acham seguras, e sem perda alguma, as fazendas e outros generos existentes no Quêmbô, e que todos os maquitas e macotas se consideram inimigos do ex-jaga rebellado, com quem se não ligaram, e que, como vassallos, estão promptos a fazer quanto lhes fôr exigido a favor da força ali mandada sob o commando do major Salles Ferreira.

Assevera-se que, achando-se todos os potentados visinhos de Cassange contra o referido ex-jaga, mui difficil lhe será escapar-se ao castigo que lhe está destinado.

De Golungo Alto, de Ambaca e de Pungo Andongo, tem marchado grande numero de carregadores para Talla Mugongo, afim de conduzirem para Loanda os generos de exportação que os feirantes teem obtido de Cassange, e conta-se que em breve será restabelecida a ordem, e a segurança que tanto se deseja, e que foi perturbada pelos infelizes, que mui caro pagaram a imprudencia que commetteram e nós tanto lamentâmos.

Estava terminada a campanha e assim o communicou o governador Silveira Pinto em setembro ao Ministro e o major Francisco de Salles Ferreira que em outubro tinha re-

gressado a Pundo Andongo, ahi recebeu pouco depois ordem para organizar segunda expedição para castigar o ex-jaga Bumba rebelde, que conseguiu com alguns partidarios matar o jaga eleito e levantar conflictos com os potentados que obedeciam a este e praticando roubos importantes nas comitivas dos negociantes portuguezes. Partiu com as instrucções para ser rigoroso no seu proceder com o ex-jaga e com todos os que foram a causa dos motins e roubos, e ainda de exigir-lhes o pagamento das despezas das guerras, o que se tornou publico pelo Supplemento ao Boletim da provincia de 19 de feve-reiro de 1851.

Chegaram hoje noticias de Cassange, que nos informaram do estado e posições da expedição que s. ex.<sup>a</sup> o governador geral ali mandou sob o commando do major Salles Ferreira, afim de castigar o ex-jaga Bumba pelos attentados por elle commettidos em fins do anno passado.

No dia 4 do mez proximo findo chegou a expedição a terras de Cassange e no dia 6 entrou na feira onde encontrou quasi todas as casas dos feirantes em perfeito estado.

O rebelde retirou a sua gente para o Longo na maior precipitação, logo que soube da approximação das nossas forças.

Teem-se apresentado ao major Salles Ferreira os potentados vassallos que se achavam espalhados até ao Songo Grande: e os sobas do Quango, para onde os rebeldes se podiam evadir, prometteram não lhes dar passagem; o que nos faz crêr que não é possivel escaparem-se á perseguição das nossas forças que iam partir ao seu encontro.

Para conhecimento dos negociantes e sua conveniencia, S. Ex.<sup>a</sup> manda publicar o officio que abaixo transcrevemos

e que lhe foi dirigido pelo major Salles Ferreira em 28 do mez passado :

Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup>, que se encontram desembaraçados todos os caminhos do Quêmbô, onde se acha grande porção de marfim e cêra, e não existe ali um só fio de fazenda para negocio; e os Cassanges já veem á feira principiando a trazer algum marfim.

O negocio n'esta occasião deve ser de grande vantagem, e por isso muito conveniente aos negociantes, o mandarem suas fazendas para aqui, porque o gentio de Cassange desenganou-se agora, pela experiencia, que lhe não é possível passar senão na posição que convem ao governo e ao commercio, á vista das privações, e mesmo porque os ameacei de abrir o caminho directo para a Lundá o que *muito os aterrorisou*.

Publicava-se no Boletim official em 12 d'abril:

Acabamos de receber noticias de Cassange, de 5 de março ultimo, das quaes consta ter saído d'ali a expedição do commando do major Francisco de Salles Ferreira no dia 21 de fevereiro e chegado a Pupo no dia 27 do mesmo mez, d'onde avançou sobre o rebelde ex-jaga com quatro peças d'artilheira, seguindo para as terras do Quissongo quia Passo.

A distancia de legua e meia foi o inimigo encontrado n'uma eminencia, fazendo a vozearia do costume, e ao primeiro tiro de metralha começou logo a debandar, ficando ainda por algum tempo parte a fazer fogo, a qual foi pouco depois desalojada, e perseguida até á distancia de duas leguas com algum fogo. Do inimigo morreu grande numero, e a nossa expedição apenas teve um empacaceiro ferido.

No dia seguinte continuou a expedição a perseguir os re-

beldes, ficando bastantes mortos e mais de sessenta prisioneiros. O ex-jaga pôde escapar-se; mas julgava-se que dentro em pouco seria capturado, em virtude das disposições tomadas pelo major Salles Ferreira, que esperava poder descobrir o logar do refugio d'aquelle.

Foi já preso o rebelde Andalla Quissúa, causador da morte do capitão da companhia movel do Presidio Duque de Bragança, Simão Rodrigues da Cruz, não sendo por ora mandado para Loanda, por não se poder dispensar força para esse fim.

Publicou-se em 17 de maio: Acabamos de receber noticias de Cassange, que alcançam até 27 d'abril proximo passado e são as mais lisongeiras e satisfactorias que podiam esperar-se.

O major Salles Ferreira não cessando de perseguir o ex-jaga Bumba e sua gente, e depois de 24 dias de estadia no Quango, conseguiu prender todos os principaes rebeldes em diversos ataques, á excepção porém do dito ex-jaga que fugiu, sómente acompanhado por um sobrinho e não houve meios de o apanhar, porque foi tal o receio que os potentados visinhos tiveram das armas portuguezas, pelo castigo que infligiram a quasi todos, que nenhum queria receber em suas terras o rebelde, que por toda a parte levava com o nome de Bumba o terror e assolamento.

Antes porém de desaparecer totalmente fez entregar ao major Salles Ferreira as insignias do estado de Cassange, que já era a unica cousa que lhe dava algum prestigio entre os seus, o que, como é sabido, abandonadas que fossem, o reduziria a um simples preto, sem mando nem influencia de especie alguma.

O soba gentio que podendo segurar o rebelde o não fez, deixando-o escapar, foi immediatamente preso, e acha-se entre os prisioneiros rebeldes.

Logo que o major Salles Ferreira pôde voltar a Cassange, deixando ainda alguma força por fóra sob o commando do capitão movel, Antonio Rodrigues Neves, para reduzir a perfeito estado de socego toda a margem do Quango e sertão do Bondo, tratou de dispôr as cousas para a eleição d'um novo jaga, o restabelecimento e ordem da feira, nomeando depois o capitão Neves para director.

No dia 26 d'abril teve logar a eleição e baptismo do novo jaga que tomou o nome de D. Fernando Accacio Ferreira, nome de Sua Magestade El-Rei Regente, sobrenome do governador e appellido do major; o qual depois prestou juramento de vassallagem á Corôa portugueza, e de não mais derramar sangue humano, nem comer carne de gente no Sambamento, ou banquete em que se matava um preto e depois de cosinhado era comido por todos os do Estado. O banco de ferro e mais instrumentos de assassinato em Sambamento, estão em poder do commandante da expedição, que os deve trazer para Loanda.

O major Salles Ferreira, devia partir no dia 3o do passado para esta cidade, deixando em Cassange 5o homens e uma peça de artilheria, e conduzindo para cima de 400 prisioneiros, livres e escravos.

Deve pois reputar-se acabada a grande e importante tarefa de socegar aquelles sertões, e n'elles se deve agora proteger o commercio portuguez que já ia tão decadente, que mal chegava para pagar as fazendas e as despezas necessarias para a sua permutação por generos do paiz. Ficou aberto o caminho para a Lunda e Luba sem intervenção

dos Cassanges, que com isso lucravam quasi 30 por cento no que traziam á feira.

Não vem para aqui a ennumeração das vantagens que deve experimentar o commercio, com os bons resultados obtidos na *conquista e vassallagem* de Cassange, cujo jaga é o *primeiro* que se sujeitou ás condições que lhe foram impostas, que não lhe dão toda a auctoridade que tiveram os seus antecessores e com que vexavam os sertanejos, obrigando-os a pagar-lhes ás vezes avultada quantidade de fazenda por suppostos crimes.

Hoje as attribuições do director da feira, ficaram sendo diversas, e de tal modo que não succederá o que n'outro tempo acontecia, pelo pouco respeito com que era olhada pelos pretos a sua auctoridade.

Persuadimo-nos que por muitos annos lembrará em Cassange o castigo que lhe foi dado em 1851, e de fórma tal que nenhuma vontade terão aquelles povos de se revoltarem contra a auctoridade portugueza.

Sabemos que na alfandega de Loanda se tem despachado grande numero de fardos de varias fazendas; — que no Goolungo Alto estão alguns feirantes esperando que possam receber carregadores para a conducção de suas mercadorias, porque ali os não ha por ora, pela grande quantidade que já tem partido para o sertão; — e que no Songo, no Quango e em diversos pontos mais, se acham muitos generos do paiz, como cêra, marfim, etc. para se permutarem, agora mais livremente.

Temos muita satisfação em referir todas estas noticias, e congratulamo-nos com os commerciantes d'esta praça, que hão de sentir os lucros e proveitos que d'ellas se devem derivar.

Da correspondencia official apenas se tornaram do dominio publico os documentos que se seguem, mas são o bastante para se conhecer da conclusão d'esta segunda campanha contra os rebeldes de Cassange, e das providencias que se adoptaram no intento de garantir a segurança das relações estabelecidas e o exercicio da nossa auctoridade:

Ill.<sup>mo</sup> Sr. S. Ex.<sup>a</sup> o governador geral incumbe-me d'acusar a recepção do seu officio n.º 26 de 4 do corrente, que acompanhou a relação demonstrativa das contas apresentadas pelos feirantes de Cassange, e das que foram legalisadas e mandadas pagar; e de dizer a V. S.<sup>a</sup> que approva a sua conducta em tal caso; ordenando o mesmo Ex.<sup>mo</sup> Sr. por esta occasião que eu diga mais a V. S.<sup>a</sup> que tem marcado o praso de sessenta dias, contados da recepção d'este officio para a justificação das contas que ainda o não foram, e a que se refere no final da mencionada relação; cumprindo porém ao director da feira nada levar a effeito sem approvação d'este governo geral, e que se haja n'este negocio com a necessaria prudencia, sisudez e verdade, para o que V. S.<sup>a</sup> lhe fará as convenientes recommendações. S. Ex.<sup>a</sup> não vendo na dita relação mencionados os assassinados em Cassange, nem ninguem que os represente, quer que V. S.<sup>a</sup> lhe diga alguma cousa a este respeito.

Secretaria do governo geral da provincia d'Angola, 21 de maio de 1851.

Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> que hontem, 21 do corrente, pelas 8 horas da manhã, entrou n'este presidio o major e commandante Francisco de Salles Ferreira, com a força do seu commando, e grande numero de

prisioneiros, com o embaixador do jaga de Cassange, e seus impungas. O major Salles Ferreira foi recebido com o maior entusiasmo pelos habitantes do presidio, não só pela victoria alcançada na conquista de Cassange, d'onde resultam por certo o florescimento do commercio, mas pela obdiencia e vassallagem ao governo de Sua Magestade. Foi tambem o nosso chefe recebido nos braços de seus numerosos amigos, e não só o felicitámos pelo seu triumpho, mas hoje eu e os habitantes do presidio por unanime accôrdo fizemos celebrar, na igreja parochial d'este presidio, solemne missa cantada e *Te-Deum* em acção de graças ao Ente Supremo por haver o governo portuguez alcançado uma victoria, que depois das guerras do norte, n'esta provincia, é a primeira. Mais gloria a V. Ex.<sup>a</sup> que n'estas epochas fez respeitar o pavilhão portuguez nos logares *onde elle nunca tinha sido respeitado, nem obdecido*. Este feito só por isso deixará nos corações dos Angolenses gravada eternamente a memoria de V. Ex.<sup>a</sup>; e o futuro mostrará ainda mais claramente quaes as vantagens que se hão de colher d'esta campanha.

Quartel do Commando em Pungo-Andongo, 22 de maio de 1851.

#### PORTARIA N.º 274

O governador geral da provincia d'Angola e suas dependencias, determina o seguinte:

Attendendo ás boas informações que o major graduado Francisco de Salles Ferreira, commandante do presidio de Pungo-Andongo e da expedição a Cassange, me deu a respeito do capitão da 3.<sup>a</sup> companhia movel do districto d'Am-baca, Antonio Rodrigues Neves: hei por conveniente nomeal-o director da feira de Cassange.

As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento d'esta competir assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo em Loanda, 6 de junho de 1851.—  
O governador geral, *Adrião Accacio da Silveira Pinto*.

Em abono da verdade, eu devo á maior parte das praças do meu commando, obdiencia, e o cumprimento das ordens que lhe dei: desejo dar um testemunho publico da minha gratidão, porque emfim muito me glorio em dizer que é a primeira expedição que tanto faz em tão má estação, e muito mais sendo gente pela maior parte não militar; vou pois dirigir-lhes a inclusa proclamação — é quanto lhes posso fazer em signal da minha gratidão — e como desejo que seja o mais publico possivel, peço a V. Ex.<sup>a</sup> haja de a mandar publicar no Boletim official do governo, se V. Ex.<sup>a</sup> não julgar inconveniente.

Quartel do commando geral da expedição em campanha em N'Gunda Ja-Quibinda, 11 de maio de 1851.

### PROCLAMAÇÃO

SOLDADOS!— Está vingada a authoridade da nossa Augusta Soberana, e está vingado o sangue portuguez atrozmente derramado por esses barbaros. A minha satisfação é superior a todas as expressões, e feliz o chefe que commanda taes soldados.

Submitter os rebeldes, e desobedientes á legitima authoridade muito era; mas entrar em um paiz inimigo, vencel-o, e ver-se em breves dias rodeado pela maxima parte dos habitantes d'esse paiz, trazendo seus filhos ao abrigo, e generosidade dos vencedores, isto só estava reservado a solda-

dos portuguezes; mas tal é a conducta de taes soldados, que implacaveis inimigos no campo da batalha, teem bastante generosidade para receber benignamente aquelles, que reconhecendo a nossa superioridade no valor, e coragem, mais que no numero, são tão valentes, quanto compassivos.

Foi assim que nos reinados dos nossos soberanos D. João II e D. Manoel, de feliz recordação, Portugal espantou o mundo inteiro com suas conquistas na Asia, na Africa e na America.

Nós, imitando os nossos maiores, levámos pela primeira vez ao Songo, e Cassange, não só a força para obdiencia e vassallagem, mas os soccorros da sacrosanta religião de Jesus Christo, fazendo entrar no gremio da Santa Igreja os chefes, e grande parte do povo, dos idolatras d'estes sertões.

Este serviço é digno d'aquelles que professam a lei do Deus d'Affonso Henriques, Augusto fundador da Monarchia Portugueza.

Mas baldados seriam nossos esforços se não tivessemos á testa do governo d'esta possessão, o immortal Adrião Accacio da Silveira Pinto, que sabio, prudente e justo, acaba de prestar a esta provincia, e a toda a monarchia portugueza tão importante serviço.

Façamos pois votos ao ceo pela prosperidade do nosso idolatrado general que com prudencia, e tão pequenos recursos venceu, vingando afrontas e crimes que ha tanto pareciam esquecidos.

Soldados! Os meus agradecimentos são nascidos do coração e oxalá que nas minhas mãos estivesse a fortuna de cada um de vós, para vos poder mostrar qual a gratidão de que me acho possuido para comvosco, pelo cumprimento do vosso dever.

Viva Sua Magestade Fidelissima. Viva a familia real

portugueza. Viva o general Silveira Pinto. Quartel do commando geral da expedição em campanha na divisão de Cassange, 5 de maio de 1851. — *Francisco de Salles Ferreira*, major graduado e commandante geral.

PORTARIA N.º 276

O governo geral da provincia d'Angola e suas dependencias determina o seguinte:

A segunda expedição que por minha ordem foi posta em campo debaixo do commando do major graduado, Francisco de Salles Ferreira, para o fim de vingar as affrontas e atrocidades commettidas pelo rebelde ex-jaga de Cassange, contra alguns dos subditos de Sua Magestade Fidelissima, acaba de recolher como a primeira, havendo batido e escarmentado de tal modo os rebeldes, e todos os que se atreveram a dar-lhe ajuda ou protecção, que eu não julgo possivel que no futuro algum d'esses potentados do sertão se atrevam a praticar a minima hostilidade contra portuguezes, ou contra os povos que se acham avassallados.— Todos os que tomaram parte em tão gloriosa, quam ardua empreza, (pelo tempo em que foi levada a effeito) merecem os meus mais pronunciados louvores e agradecimentos, pela valentia que desenvolveram em combate, pela moderação com que se houveram depois da peleja, e pela disciplina e respeito ás leis que mantiveram por todo esse tempo, que durou a campanha, de constantes e copiosas chuvas, tendo de atravessar um Paiz por toda a parte alagado, e muitos rios caudalosos.— Que os recebam seni excepção, e com esses agradecimentos e louvores o publico testemunho de que praticaram um serviço importantissimo á Nação a que temos a gloria de

pertencer, e em particular a esta provincia, que ha de mais immediatamente colher o resultado de tão nobres esforços. Quero que a expressão do meu agradecimento chegue ao conhecimento de todos os que tiveram parte na expedição sem exceptuar um, se fôr possível, e encarrego por isso aos differentes chefes dos districtos, que forneceram contingentes de gente armada ou carregadores, de fazerem affixar os impressos que para um tal fim lhes são enviados.

As authoridades e mais pessoas, a quem conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo em Loanda, 14 de junho de 1851.—  
O governador geral, *Adrião Accacio da Silveira Pinto*.

Havendo V. S.<sup>a</sup> concluido com a sua chegada a esta cidade, e com o diario que remetteu a S. Ex.<sup>a</sup> em data de 26 de maio ultimo—com tanta gloria para V. S.<sup>a</sup> quanto é o interesse e vantagem que resulta para a Nação a que felizmente pertencemos, e mais particularmente para esta provincia em que nos achamos—os trabalhos de uma expedição difficil, ardua, e arriscada, qual a que lhe foi por S. Ex.<sup>a</sup> commettida de submetter em primeiro logar todo esse vastissimo sertão do Iongo, e os dominios do jaga de Cassange, cuja altivez, mau trato aos feirantes portuguezes, continuados roubos e delapidações, por elle e seus povos praticadas, exigiam de ha muito um severo e exemplar castigo, e mais tarde a de vingar o sangue portuguez derramado por esses impios, que aproveitando-se d'uma imprudencia commettida por alguns, que tão caro a pagaram, tiveram o arrojo de praticar actos proprios de barbaros e sem fé;—não quer o mesmo Ex.<sup>mo</sup> Snr. deixar para mais tarde o fazer-lhe conhecer que todos os actos por V. S.<sup>a</sup> praticados, em observancia das

instruções que recebeu de S. Ex.<sup>a</sup>, mereceram sua completa aprovação; e que tanto em a primeira, como em a segunda campanha, V. S.<sup>a</sup> desenvolveu as grandes qualidades que são essencialmente precisas a um militar, e que S. Ex.<sup>a</sup> já conheceu em V. S.<sup>a</sup>; quaes sejam as de valeroso, intelligente e devidamente prudente, havendo colhido um resultado ainda superior á expectativa de S. Ex.<sup>a</sup> que bem calculou, e depois melhor teve occasião de conhecer, as difficuldades que V. S.<sup>a</sup> tinha a vencer, sendo a principal a de ter de capitanear e conduzir, conservando sempre a melhor ordem e a mais severa disciplina, a numerosa porção de gente armada, que V. S.<sup>a</sup> teve ás suas ordens, na sua maxima parte composta de soldados moveis e empacaceiros <sup>1</sup>, com poucos soldados de 1.<sup>a</sup> linha, providenciando para que nada lhe faltasse em tão vastos sertões, e evitando assim que se praticassem vexames ou extorsões — do que S. Ex.<sup>a</sup> se acha bem persuadido, pois que até hoje não chegou ao seu conhecimento representação alguma ou queixa a tal respeito; — e por isso tornando-se o comportamento de V. S.<sup>a</sup> tanto mais digno de estimação e apreço quer que eu o faça sciente de que os serviços de V. S.<sup>a</sup>, e os da expedição debaixo do seu commando mereceram não só os seus mais bem cabidos louvores, mas tambem o seu mais completo reconhecimento pelo ter habilitado a entregar ao seu successor esta provincia *mais augmentada*, e por isso mais rica, e os povos que a habitam sujeitos e perfeitamente obedientes, e escarmentados — esses que se atreveram a rebellarse contra a authoridade da nossa Augusta Soberana.

---

<sup>1</sup> Tres mil homens, contando com os carregadores.

Quer igualmente S. Ex.<sup>a</sup> que eu faça constar a V. S.<sup>a</sup> que já levou aos pés do throno, e por mais d'uma vez, respeitosa representação e rogativas para que taes serviços sejam generosa e devidamente recompensados em V. S.<sup>a</sup>, sendo bem de esperar da rectidão e amor maternal com que Sua Magestade costuma premiar as acções famosas feitas por seus subditos, que as de V. S.<sup>a</sup> não fiquem sem uma condigna recompensa.

S. Ex.<sup>a</sup>, pois, encarregando-me de transmittir-lhe a expressão do seu bem merecido louvor e agradecimento, quer que esta expressão chegue a todos os que o coadjuvaram em tão nobres feitos, e por isso manda remetter-lhe cinco exemplares do impresso que mandou para os differentes districtos, para que V. S.<sup>a</sup> os empregue como tiver por mais proprio; e outrosim permite que V. S.<sup>a</sup> faça d'este officio o uzo que tiver por mais conveniente.

Secretaria do governo geral da provincia d'Angola, 14 de junho de 1851.

No archivo da direcção do Ultramar encontrei um officio do governador geral ao commandante da expedição, accetando bem a proposta que este lhe apresentara de se estabelecer um presidio, hoje chamar-se-ia posto militar, entre Pungo Andongo e Songo, lembrando *Malange* ou *Sanza*, então ainda regiões gentílicas;—mas, lamentando não poder por falta de recursos dar-lhe execução, tendo tambem em vista não ser opportuno ainda fazel-o pelo receio que tinha fosse prejudicial ao commercio.

Encontra-se um outro officio do governador geral ao Ministro pedindo auctorisação, caso se conseguisse prender os jagas rebeldes e outros principaes do jagado, de os enviar

em um navio de guerra para a ilha de S. Thomé, pois não confiava que mesmo enviando-os para o sul, elles não fugissem d'aquí e voltassem ás suas terras como em tempos succedera com um preso d'importancia de Ambaca. Parece não ter havido resposta; sendo certo que o preso de mais alta cathegoria, o jaga Andalla Quissúa, esteve alguns annos na fortaleza de Loanda e em attenção a não ter sido julgado, depois de solicitar por vezes o seu perdão com promessas de ser fiel vassallo e obediente ás auctoridades portuguezas, voltou a occupar o seu cargo, e lá o fui encontrar já muito velho e um tanto surdo em 1884.

Terminada a segunda campanha de Cassange e com feliz exito, entendeu o governador geral a occasião propicia para se garantir a conquista d'aquelle dominio tornando effectiva a sua occupação e n'esse intuito logo providenciou, mas esta sua deliberação resente-se mais tarde por não se levar a effeito o que lembrara o major F. de Salles Ferreira,— a criação dos postos intermedios entre Pungo Andongo ou Duque de Bragança e Cassange ou Songo,— o que o tempo mostrou depois ser indispensavel.

#### PORTARIA N.º 290

O governador geral da provincia d'Angola e suas dependencias, em conselho, determina o seguinte:

Achando-se actualmente pacificados e sujeitos os sertões do Bondo e do Songo, e o de Cassange, onde de ha muito os jagas respectivos desobedeciam á auctoridade portugueza e maltratavam os negociadores que ali acudiam, protegendo os roubos e extorsões, que seus filhos lhes faziam; e tornando-se agora preciso dar providencias salutaes não só

para que haja em todos aquelles sertões um official militar, que os governe e dirija, como para que não mais se repitam os referidos acontecimentos e o commercio d'aquelles pontos se faça com a maior boa fé e regularidade possível; não abusando tambem os ditos negociadores pela sua parte da protecção e vantagens que lhes foram alcançadas pelo governo geral depois da expedição que ali mandou ultimamente: hei por conveniente, emquanto Sua Magestade A Rainha não mandar o contrario, ordenar que todos os mencionados sertões constituam d'ora em diante um districto que se denominará — Districto de Talla-Mugongo — cujo chefe observará, e fará observar, até novas determinações, o regimento que n'esta data lhe dou por mim assignado; ficando derogado o dado á feira de Cassange pelo sr. governador e capitão general, Barão de Mossamedes, em 6 d'outubro de 1790, que ora não pode ter conveniente applicação.

As auctoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo em Loanda, 16 d'agosto de 1851.—  
O governador geral, *Adrião Accacio da Silveira Pinto*.

### REGIMENTO DO CHEFE DO DISTRICTO DE TALLA-MUGONGO

Artigo 1.º— O districto de Talla-Mugongo será composto de quatro divisões; fazendo parte da primeira o Bondo que limita ao sul com Cassange, ao norte com o Hollo e Ginga, e a leste com o Songo;— da segunda o Songo grande que limita ao sul com o Quanza, ao norte com Cassange, a leste com o Quioco, e a oeste com o rio Loando no limite da jurisdição de Pundo Andongo nas terras do Soba N'Gio;—

da quarta Cassange que limita ao norte e leste com o rio Zaire (Cuango) e sertão do Bondo, e ao sul e ao oeste com as montanhas do Songo.

§ 1.º Este districto será commandado por um official militar que se corresponderá directamente com o governo geral, e Junta da Fazenda no que tocar a rendimentos publicos, tendo as mesmas attribuições que exercem os demais chefes e commandantes de districtos e presidios da provincia, além das que particularmente adiante vão mencionadas.

§ 2.º Cada uma das divisões terá um commandante que será, sempre que fôr possível, um official militar subalterno.

§ 3.º Junto ao chefe do districto haverá um escrivão por elle proposto, e confirmado pelo governo geral, tendo as attribuições e vantagens que nos districtos e presidios competem aos respectivos escrivães.

Art.º 2.º— Os commandantes da 1.ª, 2.ª e 3.ª divisões do districto receberão do chefe competente as instrucções proprias para se regularem na direcção dos povos a seu cargo; e o mesmo fará o commandante da 4.ª divisão, o qual, além d'isso, cumprirá o mais que lhe é determinado n'este regimento.

Art.º 3.º— O chefe do districto mandará construir interinamente em Talla-Mugongo, no grande môrro do lado direito da estrada, uma forte Quimbaca <sup>1</sup>, dentro da qual se possa depois edificar um grande reducto, contendo um quartel para o destacamento; um dito para uma companhia movel, que ali deve organisar-se, quando o governador entender conveniente, e um quartel para o chefe, etc.

---

<sup>1</sup> Quimbaca = Reducto d'estacaria.

Art.º 4.º— Na divisão de Cassange continuará a haver a feira que de ha muito ali se acha estabelecida, não se podendo mudar seu local sem previa auctorisação do governo geral.

§ unico. Será permittido aos feirantes negociar fóra da feira, mas dentro do limite do districto, sahindo d'elle só com permissão do governo geral.

Art.º 5.º— O Jaga de Cassange e todos os sobas obedeceirão, como subditos da Corôa portugueza, a todas as ordens que lhes forem communicadas pelo chefe do districto de Talla-Mugongo.

Art.º 6.º— Todo o feirante que entrar no districto de Talla-Mugongo será obrigado a apresentar-se ao seu respectivo chefe, manifestando as mercadorias e generos que conduzir para a sua negociação, e procedendo do mesmo modo quando houver de retirar-se do districto.

Art.º 7.º— Quando um feirante pretender construir alguma habitação em qualquer das divisões se dirigirá ao commandante respectivo, que lhe marcará o terreno, onde deve proceder áquella construcção e bem assim qual o lugar onde convêm que fiquem os quimbares <sup>1</sup> que costumam formar a catacalla <sup>2</sup>.

§ unico. O infractor d'este artigo e do procedente pagará uma multa de dez peças de fazenda.

Art.º 8.º— Feirante algum portuguez estabelecido em

---

<sup>1</sup> Quimbares — São os pretos de Ambaca que se vão estabelecer em Cassange com pequenas quantidades de fazendas e que vendem.

<sup>2</sup> Catacalla — É a povoação de pequenas cubatas, onde habitam os Quimbares.

Cassange se poderá dirigir ao jaga para qualquer questão que tenha com seus subditos, sem intermedio do chefe do districto.

§ unico. O transgressor d'este artigo, depois de lavrado o competente auto, será expulso do districto para algum dos visinhos, dando o chefe parte de tudo ao governo geral, a quem remetterá o proprio auto que mandar lavrar pelo seu escrivão, ficando com o traslado.

Art.º 9.º— Logo que o chefe do districto receber o presente regimento para ser posto em vigor, proporá ao governo geral a calibamba <sup>1</sup> da feira de Cassange, ouvidos para esse fim o commandante da 4.ª divisão, todos os feirantes e o jaga; não podendo, depois de approvada pelo governo geral, ser alterada de modo algum sem nova proposta devidamente resolvida.

§ 1.º A respeito do feirante que alterar a calibamba da feira, proporá o commandante da 4.ª divisão ao chefe a execução do determinado no § unico do art.º 8.º, para este resolver o que fôr justo.

§ 2.º Logo que qualquer feirante chegar á feira irá receber do commandante da divisão a medida da calibamba, e um covado afferido que lhe deverá custar 250 réis, que entrarão n'um cofre de multas, devendo este covado ser afferido em todos os mezes de janeiro e julho.

Art.º 10.º— Haverá em Talla-Mugongo uma balança afferida pela do assougue publico, de Loanda, e n'ella se pesará toda a cêra e marfim que tiver de vir para esta cidade, pa-

<sup>1</sup> Calibamba — Medida das fazendas estabelecida em Cassange para a permutação dos generos.

gando o dono de taes generos por cada ponta de marfim de lei 100 réis, por cada uma de meão 50 réis, de escravelho 25 réis, 12 réis e meio de uma a dezeseis libras de cêra, 25 réis de dezeseis a trinta e duas, 37 e meio réis de trinta e duas a quarenta e oito, e assim por diante.

§ unico. Este rendimento entrará no cofre do districto quando andar administrado pelo chefe, para depois entrar no da Junta da fazenda publica de seis em seis mezes.

Art.º 11.º—Quando qualquer feirante tenha devedores Banglas <sup>1</sup> que não queiram satisfazer seus pagamentos, conforme contrataram, deverá apresentar ao commandante da divisão uma lista nominal dos devedores, seus sitios, lembas <sup>2</sup>, e quantidade dos banzos <sup>3</sup>, declarando n'essa lista quaes os generos que devia receber em troca; e ficando d'este modo prohibidas as amarrações dos Banglas pelos proprios negociadores.

§ unico. Deve porém todo o feirante, quando despachar fazendas para qualquer ponto, dar d'isso conhecimento ao jaga, para este poder mandar o seu Impunga <sup>4</sup> assistir á entrega de taes fazendas e tornar-se por isso responsavel no caso de demora do reepectivo pagamento.

Art.º 12.º—Logo que o commandante houver recebido a lista do que falla o artigo antecedente, a remetterá ao

<sup>1</sup> Banglas — Nome que se dá em geral aos pretos de Cassange que negoceiam. Que se repare n'esta interpretação.

<sup>2</sup> Lemba — Protector, procurador e fiador.

<sup>3</sup> Banzo — Certa porção de fazendas, e outros generos que se troca por um escravo ou ponta de marfim.

<sup>4</sup> Impunga — Encarregado de qualquer commissão, ou portador de qualquer recado do jaga.

chefe com a sua informação, pedindo a necessaria auctorição para a apresentar ao jaga, afim de que este faça apparecer os devedores que sejam seus subditos, para os obrigar á satisfação da divida pelos meios ao seu alcance.

§ unico. N'este caso pertencerá ao jaga a gratificação de dez beirames <sup>1</sup> e um frasco de agoardente que devia, por antiga pratica, receber o Bangla, para que assim sejam pagas as despezas feitas com a sua busca.

Art.º 13.º— Por qualquer motivo que seja, não poderá o jaga receber dos negociadores portuguezes imposto algum ou multa por crime de caballo <sup>2</sup> ou de opanda <sup>3</sup> commettido contra os seus usos pelos ditos negociadores; só poderá representar ao commandante da divisão submittendo a questão á sua decisão, á qual se sujeitará, podendo, quando se julgar aggravado, representar ao chefe do districto e recorrer ainda ao governo geral.

## IMPOSIÇÕES

Art.º 14.º— Ficarão a cargo do Tendalla <sup>4</sup> do estado de Cassange, as passagens do rio Luiu, recebendo elle a quarta parte do producto do seu rendimento, o jaga igual parte, e sendo o resto entregue ao commandante da divisão que o mandará ao chefe do districto, para que este o faça entrar

---

<sup>1</sup> Beirame — Medida de fazenda que varia segundo o sertão em que se negoceia. De 1<sup>m</sup>,70 a 2<sup>m</sup>.

<sup>2</sup> Caballo — Crime gentilico.

<sup>3</sup> Opanda — Adulterio.

<sup>4</sup> Tendalla — Interprete.

nos cofres da fazenda publica, cumprindo porém ao dito Tendalla ter boas canôas e pilotos promptos nas mesmas passagens.

§ unico. O preço que cada pessoa ou carga deve pagar de passagem é de 25 réis.

Art.º 15.º—Ácerca do producto das passagens dos rios do districto, vigorarão as disposições determinadas para os presidios e districtos da provincia relativamente a taes cobranças.

Art.º 16.º—Cada cabeça de gado, morto no assougue da 4.ª divisão, pagará para a fazenda publica a quantia de duzentos e cincoenta réis.

Art.º 17.º—Conforme foi ajustado, pagará o jaga de Cassange annualmente um tributo de dez escravos, no valor de 500.000 réis, ou o correspondente em marfim ou cêra, emquanto se não proceder ao alistamento e cobrança de dizimos n'aquelle territorio.

### ATTRIBUIÇÕES DO CHEFE DO DISTRICTO

Art.º 18.º—Além das attribuições que para o chefe do districto vão apontadas nos artigos precedentes compete a esta auctoridade:

§ 1.º Assignar as guias de passagens e generos tanto para o interior como para os districtos e Loanda.

Estas guias valerão até ao ponto do destino dos individuos e generos, não podendo ser reformadas por auctoridade alguma, e pagarão de emolumentos ao chefe a quantia de 100 réis, como até agora nos demais districtos; quando porém os portadores das ditas guias deixarem em qualquer dos districtos, por onde transitarem, alguns dos generos que

conduzirem, o chefe respectivo fará no verso da guia, passada em Talla-Mugongo, a competente nota, e por ella levará de emolumentos 50 réis.

§ 2.º Ter no archivo do districto um registo de correspondencia recebida do governo.

Idem da correspondencia com as differentes auctoridades da provincia.

Idem de entrada e sahida de generos e fazendas do districto, lançando na margem direita o extracto das guias que passar para fóra do districto; e na margem esquerda o resumo do que n'elle entrar.

Idem do registo de obitos e nascimentos das pessoas principaes no districto.

§ 3.º Remetter para o governo geral todos os semestres um mappa demonstrativo da entrada e sahida do districto, dos differentes generos e mercadorias, extrahindo este mappa do respectivo livro.

§ 4.º Autuar e prender qualquer individuo que no districto commetta algum crime, que as leis condemnam, remetendo depois o réu com o processo preparatorio para as justiças de Loanda: não se intromettendo porém nos usos e estylos gentilicos consentidos.

§ 5.º Empregar todos os meios ao seu alcance para evitar os reviros tão prejudiciaes ao commercio da provincia, e proceder a este respeito na conformidade com a lei e regulamentos.

§ 6.º— Remetter todos os seis mezes um relatorio ácerca do districto.

§ 7.º— Conservar a melhor harmonia com os potentados d'além do rio Quango, e conservar igualmente os postos que foram abertos no Hiongo para o livre transito do commercio.

§ 8.º Cumprir as instrucções e ordens que lhe forem dadas pela Junta da Fazenda Publica, ácerca dos espolios dos fallecidos e cobranças.

### ATTRIBUIÇÕES ESPECIAES DO COMMANDANTE DA 4.ª DIVISÃO

Art.º 19.º—Emquanto se não podem fixar as attribuições dos commandantes das outras divisões, serão as do da 4.ª divisão, as seguintes :

§ 1.º Cumprir as ordens do chefe do districto de Tallamugongo com a maior exactidão, e proteger legalmente, e quanto possivel, o commercio da feira de Cassange, vigiando pelo socego da sua divisão, e tratando os povos com justiça.

§ 2.º Assignar a correspondencia que tiver a dirigir ao chefe do districto.

§ 3.º Ter a seu cargo o archivo da divisão competentemente inventariado, onde haverão os livros seguintes :

Um registro da correspondencia recebida do chefe do districto.

Idem da correspondencia com o chefe do districto.

Idem da receita e despeza da divisão.

§ 4.º Vigiare que nenhum feirante negoceie fraudulenta e clandestinamente com os pretos, para evitar assim prejuizos e desordens, sempre prejudiciaes á tranquillidade da feira.

§ 5.º Fazer respeitar o jaga pelos Maquitas <sup>1</sup> e seu povo.

---

<sup>1</sup> Maquita — Nobre que pertence ás familias que tem direito a exercer no Estado o cargo de jaga, e são chefes de povoações.

## DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 20.<sup>o</sup>— O producto das multas será devidamente recolhido no cofre do districto e escripturado no livro respectivo de receita e despeza, declarando o chefe todos os tres mezes qual a quantia que contêm o mesmo cofre, para que o governo geral lhe mande dar a applicação que julgar conveniente.

Art. 21.<sup>o</sup>— Enquanto o governo geral não mandar o contrario, fica por ora evpressamente prohibido ao chefe do districto dar carregadores, não podendo comtudo oppôr-se a que os povos se ajustem para o serviço de carretos com os proprios negociadores, a quem dará completa protecção.

Art. 22.<sup>o</sup>— Não deve por ora o chefe do districto consentir que as diligencias nas Banzas <sup>1</sup> dos chefes sejam feitas por soldados, nem meirinhos, mas sim por empacaceiros.

Art. 23.<sup>o</sup>— O dizimo deverá ser cobrado por lotação, e não por alistamento, até que o contrario seja julgado conveniente pelo governo geral.

Art. 24.<sup>o</sup>— Para o districto de Talla-Mugongo mandará de tres em tres mezes o commandante do presidio de Pungo-Andongo um destacamento de trinta praças, e o do Duque de Bragança um outro de quinze, emquanlo não fôr determinado o contrario.

Art. 25.<sup>o</sup>— Para as obras necessarias em Talla-Mugongo fornecerá de dois em dois mezes o districto de Ambaca, alternadamente com o presidio de Cambambe, quarenta car-

---

<sup>1</sup> Banza — Povoação capital dos potentados em Cassange.

regadores, requisitando o chefe de Talla-Mugongo ao de Ambaca a importancia necessaria em fazendas para sustento dos ditos carregadores, que este fornecerá por conta da Fazenda.

Art. 26.º— Haverá na divisão de Cassange um corpo da guerra preta de que será capitão, sempre que o governador geral o entender, o jaga de Cassange, e o chefe proporá o modo de organizar em Talla-Mugongo uma força de empacaceiros para o serviço nos sobados que julgar mais proprios para esse fim.

Art. 27.º— Logo que seja possivel tratará o chefe de mandar construir de adobe uma igreja em Talla-Mugongo para parochia do districto.

Art. 28.º—O chefe do districto fará cumprir pelos commandantes das outras divisões, na parte applicavel, as disposições que n'este regulamento vão determinadas para o commandante da 4.ª divisão.

Art. 29.º— Todas as disposições regulamentares contrarias ás que vão determinadas n'este regimento ficam d'esta data em diante derogadas.

Palacio do Governo em Loanda 16 d'agosto de 1851.—  
O governador geral, *Adrião Accacio da Silveira Pinto*.

#### PORTARIA N.º 291

O governador geral da provincia de Angola e suas dependencias determina o seguinte :

Attendendo ás circumstancias que concorrem no capitão do batalhão de infantaria de Loanda, Joaquim José Cardoso da Silva, e ás provas que tem dado da sua prudencia e capacidade: hei por conveniente nomeal-o para exercer o logar de

chefe do districto de Talla-Mugongo, emquanto Sua Magestade a Rainha não mandar o contrario ; dirigindo-se pelo regimento que para o dito logar mandei publicar n'esta data ; e ficando portanto exonerado de chefe da primeira secção da repartição militar da secretaria d'este governo geral, onde se houve com intelligencia, probidade e zelo pelo serviço publico.

As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do Governo em Loanda, 16 d'agosto de 1851.—  
*Adrião Accacio da Silveira Pinto.*

Os relevantissimos serviços prestados pelo major graduado Francisco de Salles Ferreira á provincia no augmento do seu dominio a leste do antigo reino de Angola, não podiam ser esquecidos e por isso foram recompensados como se vê :

### DECRETO

Tendo em consideração os distinctos e valiosos serviços prestados pelo major graduado de primeira linha das ilhas de S. Thomé e Príncipe, servindo na provincia de Angola, Francisco de Salles Ferreira, no commando das duas expedições enviadas contra o ex-jaga de Cassange, do qual obteve uma completa e assignalada victoria, conseguindo assim desembaraçar o commercio dos sertanejos até ali interrompido por falta de segurança, e trazendo ao dominio portuguez aquelle territorio, onde já tremula a bandeira nacional, e querendo dar-lhe um publico testemunho do apreço em que tenho estes serviços ;

Hei por bem transferir o mencionado major graduado,

Francisco de Salles Ferreira para a provincia de Angola, e promovel-o ao posto de major effectivo de infantaria da referida provincia.

O ministro e secretario d'estado dos negocios de Mari-nha e Ultramar e interinamente encarregado dos da Fazenda assim o tenha entendido e faça executar. Paço em 20 de novembro de 1851.— Rainha.— Antonio Maria de Fontes Pe-reira de Mello.

De facto no tempo do governador Adrião Accacio não mais se falla de alteração de ordem em Cassange, mas pouco depois da posse do seu successor, Antonio Sergio de Sousa, pelos documentõs que passo a transcrever vê-se que de novo o ex-jaga Bumba (D. Paschoal Machado), por querer rebel-lar-se contra D. Fernando, joga reconhecido pelo governa-dor geral, deu logar a uma nova evpedição ainda sob o com-mando do major Salles Ferreira, para perseguir o ex-jaga e inutilisal-o e ás suas forças.

O major Francisco de Salles Ferreira que estava com-mandando o batalhão de voluntarios de Caçadores da Rai-nha foi exonerado d'esta commissão em 12 de fevereiro de 1852, por ter sido nomeado por Portaria de 10 do mesmo mez, para uma importante commissão de serviço que era a do commando d'uma nova expedição a Cassange, o que se conhece pelo seguinte officio:

Foi presente a S. Ex.<sup>a</sup> o governador geral da provincia, o officio de V. Ex.<sup>a</sup> datado de 23 do mez findo, em que par-ticipa haver o tenente coronel reformado de 2.<sup>a</sup> linha, Ma-nuel Antonio Pires, morador d'esse Presidio <sup>1</sup>, offerecido um

<sup>1</sup> O Presidio a que se refere é Pungo-Andongo.

pequeno uniforme completo a cada uma das praças de que se compõe o destacamento do esquadrão de cavallaria que por ahí passou, fazendo parte da expedição a Cassange, e o mesmo ex.<sup>mo</sup> sr. me incumbe de dizer a V. S.<sup>a</sup> que lhe foi muito lisongeiro o ver que o referido tenente coronel reformado continua a prestar seus bons e uteis serviços á Provincia, dando mais por esta occasião uma prova evidente do seu patriotismo na offerta que fez aquellas praças : o que V. S.<sup>a</sup> se servirá fazer constar ao referido official da parte do Governo Geral d'esta Provincia.

Deus Guarde, etc., 8 de março de 1852.

Os documentos que transcrevo em seguida dizem o sufficiente para se conhecer da terceira expedição a Cassange sob o commando do já distincto official F. de Salles Ferreira :

Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> que cheguei a esta divisão hontem 14 do corrente ; a marcha foi demorada por causa da falta de fornecimento de milho em differentes pontos, aonde era preciso mandal-o buscar mais longe, e mesmo os lameiros nos impossibilitavam de marchar ; no Songo soube que o rebelde se havia retirado da Feira, e que o chefe do districto o havia mandado perseguir ; quando aqui cheguei disse-me este official que effectivamente no dia 15 de fevereiro, o rebelde se havia retirado do sitio Muvo, e que apenas o soubera o mandára perseguir, e que tendo havido fogo no dia 17, conforme elle chefe já o havia participado a V. Ex.<sup>a</sup>, o resultado foi a perca de bastante gente morta aos rebeldes, havendo da nossa parte alguns mortos e prisioneiros ; por ora ignorava o chefe a direcção que o rebelde tomou.

Devo com franqueza de soldado dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que as ordens do governador geral não são cumpridas em cousa alguma pelos chefes de Ambaca, Cambambe e Pungo-Andongo; que além do seu rigoroso dever no cumprimento das ordens de V. Ex.<sup>a</sup>, deviam ter toda a attenção ao menos por humanidade para com os miseraveis soldados, que (os de Pungo Andongo) estão por pagar desde outubro, sem transportes para de suas casas receberem mantimentos ou auxilios; ordenados não tem sido fornecidos por estes empregados, e em verdade, é sobre isso mais indecoroso que se deixe exposta á miseria gente tão humilde, e a tão grande distancia de suas habitações; eu peço pois a V. Ex.<sup>a</sup> as ordens para que aquelles empregados satisfaçam ao que lhes está ordenado pela secretaria geral e ao que por aqui se tem requisitado, tudo de facil satisfação. Não posso por emquanto dizer mais a V. Ex.<sup>a</sup>, se não que a feira está segura sob a força do meu commando, que o commercio tem concorrido, e que com os meios que tenho á minha disposição, irei providenciando a tudo o que puder. Como as chuvas apertam, limito-me por emquanto, a combinar com o jaga e potentados, para descobrir o logar dos rebeldes que fugiram á minha chegada por me conhecerem, e fico prompto a perseguil-os aonde os encontrar.

Inclusa tenho a honra de enviar a V. Ex.<sup>a</sup> a ordem á expedição para a formação e divisão da força; confio na dita força porque a tenho levado a fogo por bastantes vezes, e nunca tem desmentido o seu dever. Ainda que os meios não tem sido abundantes na Feira, o chefe tem, segundo me diz tentado o fornecimento de maneira que se não ha abundancia, tambem não ha fome. É absolutamente preciso que o chefe do districto do Golungo-Alto forneça com urgencia

quatro ferreiros; que o chefe do districto de Pungo-Andongo forneça tambem um ferreiro chamado Lourenço, que ali se acha, que é soldado; e que os chefes d'este districto forneçam carregadores, porque o serviço de campanha n'estes paizes é especial, são elles que fazem os trabalhos de esclarecedores, e outros, para o que na Europa ha pessoal proprio, e como aqui o não ha, se costuma fazer estes serviços com carregadores, e não é possivel sem o auxilio d'estes, tentar marchas longas.

Quartel em Cassange 15 de março de 1852 — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Governador geral da provincia — Francisco de Salles Ferreira, major graduado e commandante geral.

Quartel do commando geral da expedição em campanha na divisão de Cassange 15 de março de 1852.

### ORDEM Á EXPEDIÇÃO

Tendo sido nomeado por S. Ex.<sup>a</sup> o governador geral, commandante geral da expedição em campanha, e sendo necessario dar organização á sobredita expedição, determino o seguinte:

1.<sup>o</sup> A expedição é composta da força d'artilheria, cavallaria, infantaria, voluntarios incluindo moradores, empacasseiros e corpo da guerra preta de Cassange.

2.<sup>o</sup> O sr. capitão e chefe de districto como patente mais graduada, é nomeado segundo commandante da expedição; a artilheria será commandada pelo sr. tenente M. J. de Rezende, a cavallaria pelo sr. alferes J. M. de Carvalho, a infantaria pelo sr. tenente Antonio de Paula Salgado, a de voluntarios pelo sr. capitão Antonio Rodrigues Neves, os

empacaceiros pelo sr. coronel D. Francisco André Fernandes Torres; o corpo da guerra preta de Cassange, pelo sr. capitão-mór o jaga de Cassange.

3.º Estes corpos serão aquartellados convenientemente, e no entretanto aonde fôr possível, formando fundos <sup>1</sup> nas proximidades das casas dos respectivos commandantes.

4.º Os srs. commandantes das forças darão todos os dias para o quartel do commando geral um mappa da força dos seus commandos.

5.º O detalhe será feito pelo quartel do commando geral do dia 16 em diante, pelo sr. tenente Rezende sob a inspecção do sr. capitão segundo commandante, a quem fica reservado o detalhe d'um official inferior para a guarda e um sr. official para parada, e ronda.

6.º É nomeado commissario da expedição para o fornecimento o sr. capitão Antonio Rodrigues Neves, que tomará conta de tudo quanto houver de se adquirir para fornecimento, satisfazendo elle por valles assignados pelos respectivos commandantes, e rubricados pelo sr. capitão segundo commandante.

7.º A guarda sendo collocada no logar que fôr indicado, será de nove homens, reforçada á noite por 30 homens para dar quatro patrulhas rondantes para os quatro lados da povoação; sargentos á ordem todos os dias ás dez horas da manhã no quartel do commando geral; ordenanças, uma de cavallaria para o quartel do commando geral e duas de infantaria, uma ao commandante geral, e a outra ao sr. capitão segundo commandante.

---

<sup>1</sup> Pequenas cubatas, abrigos ligeiros.

8.º O sr. tenente Matta é nomeado commandante militar da 4.ª divisão, na ausencia da expedição, e commanda por tanto a força que n'ella ficar. Assignado, Manuel Ignacio de Rezende, tenente ás ordens — Está conforme — *Francisco de Salles Ferreira*, major graduado commandante geral.

Conhecia o prestimoso Salles Ferreira pela sua longa pratica do meio em que tinha de exercer as funcções da sua auctoridade, como facilmente e sem consciencia se faziam propalar boatos não só entre o gentio mas o que mais admira entre os nossos, os quaes na maioria dos casos não tendo fundamento algum, accitando-se como verdadeiros tem dado logar a soluções que prejudicam os melhores planos e ferem quasi sempre a honra de um ou outro funcionario que n'estes tem de intervir.

As noticias que então correram deram logar ao referido major commandante adoptar um certo numero de providencias que julgo conveniente tornar conhecidas.

Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup>, que nada tem occorrido de extraordinario n'esta divisão depois do meu officio ultimo. Não é possivel por emquanto descobrir o logar do rebelde, no entanto tenho mandado avisos a todos os potentados que povoam este sertão para evitar que pelas terras d'algum d'elles o rebelde se escape; tenho porém, sempre tratado de compôr as desintelligencias que lavravam entre os Maquitas; e cuido de me apromptar, porque agora é o tempo das maiores chuvas, e me impossibilitam absolutamente de marchar, para saber com certeza qual o logar para onde o dito rebelde seguiu; eu não dou credito a muitas noticias, porque sei pela experiencia o credito que ellas merecem.

Tenho diligenciado proteger o mais possível a liberdade do commercio, e tenho a satisfação de asseverar a V. Ex.<sup>a</sup> que á feira tem vindo negocio.

Hontem aqui recebi os impungas de um caquata da Lunda, que ha tempo estava no Quango, e agora me mandou pedir licença para vir á feira, disse-lhe que sim, e que seria muito bem tratado; porque é clara a conveniencia de estabelecer estreitas relações com aquelle grande potentado.

Por esta occasião tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.<sup>a</sup> uma copia d'um auto de reunião dos feirantes que mandei reunir a pedido do capitão Cardoso, para ver se elle havia dado as precisas providencias para a segurança dos feirantes, e das fazendas, na occasião em que estiveram ameaçados pelo bando de rebeldes, o que por um lance de fortuna não aconteceu; os feirantes dizem que nada soffreram, e que o capitão Cardoso providenciou a guardar-se-lhes as fazendas: quanto ás providencias para repellir os rebeldes, diz o capitão Cardoso, que queria mandar uma força, mas que os feirantes se oppozeram, e estes dizem que o capitão Cardoso não queria sahir, nem mandar; d'esta conjectura é difficil apurar a verdade, e desejo ser quanto possível imparcial. Resta-me asseverar a V. Ex.<sup>a</sup> que tendo eu ja obtido só com a minha presença perfeito socego e segurança nas pessoas e cabedaes dos feirantes, continuarei a providenciar para o total restabelecimento de boa paz n'este tão vasto quanto rico districto.

Os soldados de cavallaria tem padecido bastante, porém graças á providencia de V. Ex.<sup>a</sup> ter mandado a botica, estão quasi promptos; os cavalloos estão tão bons ou melhores do que d'ahi sahiram, devido aos bons pastos que abundam

n'este districto, e á continuação do zelo, actividade e interesse com que os continua a tratar o alferes Carvalho.

Quartel do commando geral em Cassange, 27 de março de 1852. — Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. Governador Geral da Provincia. — *Francisco de Salles Ferreira*, major graduado e commandante geral.

### PUBLICA FORMA

Auto de reunião dos feirantes d'esta feira de Cassange, em consequencia de uma denuncia que teve o capitão e chefe d'este districto de Talla-Mugongo, Joaquim José Cardoso da Silva. — Aos vinte e tres dias do mez de março de mil oitocentos e cincoenta e dois, n'esta feira de Cassange, 4.<sup>a</sup> divisão do districto de Talla-Mugongo, no quartel do major e commandante geral da expedição, Francisco de Salles Ferreira, onde estava o capitão e chefe d'este districto, Joaquim José Cardoso da Silva, ahi reunidos os feirantes todos, foram estes perguntados pelo major e commandante se algum d'elles soffreu algum prejuizo, roubo, e outro mais extravio dos seus fundos na occasião em que o rebelde ex-jaga Bumba tentou queimar o Quilombo do actual jaga, querendo assaltar a feira, e que esse prejuizo se devesse ao chefe por falta de providencias. — E ainda, se o chefe deu as precisas providencias para evitar qualquer prejuizo. Ouvido por todos os feirantes, unanimemente responderam, que ninguem soffreu prejuizo, e que o chefe deu todas as providencias, não só para a segurança da feira, como para evitar qualquer prejuizo nos fundos de todos os feirantes, e tanto assim que o escrivão Faria tinha mandado recolher todas as fazendas dos feirantes em uma casa aonde estiveram bem acondicio-

nadas até terminar a situação oppressiva.— De como assim o declararam, mandou o major commandante lavrar esta acta que assignou com todos os officiaes da expedição, os feirantes, e commigo João de Faria Marinho, escrivão que a escrevi.— Francisco de Salles Ferreira, major graduado e commandante geral; Joaquim José Cardoso da Silva, capitão e chefe do districto; Antonio Rodrigues Neves, capitão movel; Antonio Paula Salgado, tenente d'infanteria de linha; Francisco José da Matta, tenente e commandante da divisão; Antonio Pereira Lisboa Sant'Anna, tenente; Joaquim Maria de Carvalho, alferes de cavallaria; Manuel Ignacio de Rezende, tenente movel; João Pedro Fragoso, alferes; Remigio Luiz dos Santos, Antonio dos Reis Castro, Manuel José Rebello Cardoso, Luiz Manuel dos Santos, Antonio Rosa d'Oliveira, João Euzebio da Cruz, Guilherme Telles Cacio d'Azevedo, Antonio Almeida Vasconcellos Castello Branco, Narciso Alves de Carvalho, José Teixeira Liomil, Achilles da Costa Lemos, Manuel Antonio de Brito, Simões Pereira Bravo, Joaquim Anacleto da Costa Guimarães, Ignacio Mendes do Nascimento Machado, João de Faria Marinho.— Nada mais se continha em a dita acta que eu escrivão bem, e fielmente, mandei copiar da propria, e ao original me reporto em mão do major e commandante geral da expedição, a quem com esta entreguei em triplicado, sendo por mim conferida, concertada e subscripta n'esta feira de Cassange. Divisão do districto de Talla-Mugongo aos vinte e tres dias do mez de março de mil oitocentos cincoenta e dois.— Eu João de Faria Marinho, escrivão que o subscrevi e assignei em publico, e raso que uso.— Em testemunho de verdade J, F. M.— O tabellião, *João de Faria Marinho*.

Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> que nada tem occorrido de extraordinario n'este acampamento. Continuo a indagar o logar aonde o rebelde se escondeu — ha ideias de que se acoitou nos colhes da serra, mas não é possível dar-se inteiro credito a estas noticias, porque n'esta gente não ha que fiar em semelhantes noticias. Ainda que a estação é a mais impropria por causa dos capins e chuvas, eu iria sobre elle se tivesse a certeza do logar em que se acha.

O jaga tem sido obedecido por todos os potentados que lhes devem obediencia, á excepção dos poucos partidarios que quizeram seguir o rebelde, e consta que os potentados do Songo negam-se a prestar ao mesmo rebelde os auxilios que lhes pede; respondendo-lhes que se consideram vassallos, de Portugal e como taes não lhes cumpre coadjuvar os desobedientes ao seu governo.

Tenho feito todo o possível para não parar o giro da feira, facultando até licença para os feirantes despacharem suas fazendas quando as queiram fazer transportar para os logares que tenho em segurança.

Por ora não tenho falta de rações, porque me tenho prevenido em comprar gado, mesmo a credito, contando que me não faltarão os auxilios pecuniarios que a Junta da Fazenda me mandou dar, mas que até agora não recebi á excepção de 500.000 réis que recebi em Pungo-Andongo, que estão dispendidos com os pretos da cavallaria, compra de algum gado, milho para os cavallo e outras despesas que tenho feito.

Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup> Quartel do commando geral da expedição em campanha na divisão de Cassange, 5 d'agosto de 1852. — Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. Governador geral da provincia

de Angola.— *Francisco de Salles Ferreira*, major graduado e commandante geral.

As duas portarias que se seguem são devidas ás propostas do major Salles Ferreira, commandante geral da columna em operações, que procurava deixar garantida uma effectiva occupação nas terras do jagado.

#### PORTARIA N.º 110

O governador geral da provincia de Angola e suas dependencias, determina o seguinte :

Attendendo ao que me representou o major de infantaria de linha d'esta provincia, commandante da expedição em Cassange, Francisco de Salles Ferreira, em seu officio n.º 12 de 21 de maio do corrente anno, mostrando a conveniencia da creação de uma companhia movel no districto a que pertence aquella divisão, sendo n'esse logar o seu quartel, afim de manter a segurança da feira ali estabelecida : hei por conveniente ordenar que no districto de Talla Mugongo seja creada uma companhia movel, conforme o plano publicado na ordem do dia d'este governo geral de 13 de junho de 1838; devendo o seu quartel ser na 4.ª divisão do mencionado districto, para o fim designado na proposta do referido major Francisco de Salles Ferreira.

As autoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento d'esta competir assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo em Loanda, 7 de julho de 1852 —  
*Antonio Sergio de Souza*, governador geral interino.

## PORTARIA N.º 111

Attendendo á proposta do major de infantaria d'esta provincia, Francisco de Salles Ferreira, commandante da expedição a Cassange: hei por conveniente nomear para officaes da companhia movel do districto de Talla-Mugongo, creada por portaria datada de hontem, aos individuos abaixo declarados: capitão, o capitão da 3.ª compauhia movel do districto de Ambaca, Antonio Rodrigues Neves; tenente, o morador José Pinto Pinheiro d'Almeida; alferes, o feirante, Luiz Manuel dos Santos, e o 1.º sargento da 3.ª companhia movel d'Ambaca, Manuel José Machado Porto.

As autoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo em Loanda, 8 de julho de 1852.—  
*Antonio Sergio de Souza*, governador interino.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup>, que depois de desenganado, que em Catouge não existia mais gente do rebelde, levantei no dia 6 do corrente, e desci a serra em Calende, caminho muito difficil, e aonde foi preciso construir uma ponte entre dois pontões da rocha por causa da profunda escavação na serra, que ia d'ali á sua raiz, e como não temos ferramentas proprias, foi a podões que fizemos esse trabalho para os cavallos poderem passar, peças de artilheria e reparos, o que conseguimos ás quatro horas da tarde, e seguimos na terra chã até á distancia d'uma legua, aonde se achava o jaga acampado, deixando o capitão Cardoso com alguma gente, a peça maior e bagagem, seguimos até o logar que me indicaram estavam alguns fugitivos de Catouge; nós passámos o Luiu ás onze horas do dia 7,

ás duas descançamos na entrada d'uma matta, no centro da qual havia um pouco elevada montanha, e era do lado opposto d'esta que se nos disse estavam os ditos rebeldes; na madrugada do dia 8 mandei piquetes em diferentes direcções torneando a montanha, assim como mandei tomar os portos do Luiu, e as estradas que iam em direcção ás montanhas; pela tarde regressaram os piquetes dos lados da montanha havendo batido alguns rebeldes que ali estavam escondidos, fizeram prisioneiro um preto, perseguiram os outros até á margem do Luiu, onde se precipitaram afogando-se alguns; os outros passaram ao outro lado, e vendo-os mandei o alferes Carvalho com gente de cavallaria, mas o Luiu não dava passagem n'aquelle logar por causa da corrente, e os fugitivos tiveram tempo de se refugiarem nas senzallas ao pé da serra; no dia 9 levantei e marchei sobre o sitio Póco, e d'ali mandei atacar as senzallas do Quincano, aonde se achavam os rebeldes fugidos das montanhas; o alferes Carvalho com sessenta e quatro homens marchou toda a noite para não ser presentido; pelas 10 horas do dia 10 atacou as senzallas e depois de algum fogo fugiram os pretos que em parte foram apanhados pelos pretos do jaga que antes appareceram na matta, e o alferes Carvalho correndo sobre o resto apanhou-lhes as familias; ali me disse aquelle official que encontraram grande porção de fubas e outros mantimentos, indicios de preparativos de grande viagem, e dá a entender como certo que o rebelde pretende seguir pelo Songo Grande para a Lunda: regressou o alferes Carvalho no dia 12 e me demorei n'este acampamento do Póco até ao dia 16, em que me puz em marcha para a feira porque nada mais tinha a fazer, e de todas as partes que havia piquetes, davam parte de estar tudo em socego; no dia 17 en-

trei na feira, aonde me disseram nada ter occorrido e só falta de negocio na ausencia da força, supponho que com receio da falta de apoio que lhes tenho sempre prestado, e do que estão bem certos os pretos negociadores, porque os feirantes me asseveram que antes da minha ausencia aqui o negocio não faltava.

O alferes Carvalho, tem-se conduzido o melhor possível; este official ha-de com a pratica da guerra d'estes sertões tornar-se de muita utilidade ao serviço, pela sua actividade, valentia e intelligencia.

O tenente Rezende acompanhou-me sempre, pena é que não seja este official de primeira linha, porque o serviço tiraria decerto muita vantagem do seu prestimo; é valente, desembaraçado, tem muito enthusiasmo, e deseja adquirir bom nome: permitta me V. Ex.<sup>a</sup> que muito lhe recommende estes dois benemeritos officiaes.

Hoje com certeza estou sciente do occorrido em Catouge no dia 28 pelo que me dizem os prisioneiros: o rebelde não esperando força por aquelle lado estava bastante descansado, quando ouviu o tropel dos cavallos fugiu immediatamente, levando a gente que nos fez o fogo, e tal foi a precipitação com que correram, que ao chegar á serra se lançaram no precipicio, morrendo muitos, e o rebelde desceu por uma arcada de troncos aberta na rocha, e assim se salvou nas mattas da terra chã, sacrificando não só os que o acompanhavam, mas até o ultimo parente, o Quindore.

Em quanto na feira me demoro a ver se obtenho a certeza do destino do rebelde, preparo tudo para a minha retirada que será nos fins de junho, se houver a certeza de que não é possível apanhal-o, trato de providenciar de maneira que este districto fique a coberto de qualquer tenta-

tiva, e das medidas que estou tomando dou conta a V. Ex.<sup>a</sup> em officio separado com a data de hoje.

Quartel do commando da divisão de Cassange, 21 de maio de 1852.—Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Governador Geral da Provincia de Angola.—*Francisco de Salles Ferreira*, major e commandante geral.

Sua Ex.<sup>a</sup> o Governador Geral da Provincia a quem foi presente o officio de V. S.<sup>a</sup> n.º 10 de 21 de maio ultimo, no qual dá parte dos differentes movimentos das forças em operações, e do bom comportamento havido pelo alferes Joaquim Maria de Carvalho, commandante do contingente de cavallaria, e tenente Rezende: encarrega-me de lhe dizer que bem certo está de que V. S.<sup>a</sup> ha de fazer da sua parte todo o possivel, para que as despezas que tem occasionado a expedição cujo commando se lhe confiou, não sejam baldadas, que ao rebelde não reste a ideia de poder ainda para o futuro inquietar a feira; cumprindo a V. S.<sup>a</sup> louvar da parte de S. Ex.<sup>a</sup> os dois officiaes acima referidos, pelo seu bom comportamento.

Palacio geral do governo da Provincia de Angola, 7 de junho de 1852.—Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. major commandante da expedição em Cassange.—*Carlos Possolo de Sousa*.

Nos mezes de setembro e outubro publicaram-se as portarias de que só em resumo extracto, por onde se conhece que ficou terminada a guerra de Cassange n'este anno de 1852, mas foi uma questão de poucos mezes como vae ver-se.

## PORTARIA DE 1 DE SETEMBRO

Exonerado da commissão da expedição de Cassange, onde prestou uteis serviços, o sr. major Francisco de Salles Ferreira, por terem cessado os motivos que deram logar à sua nomeação pela portaria n.º 64 de 10 de fevereiro ultimo, devendo ser empregado como mais conveniente fôr ao serviço.

## PORTARIA DE 2 DE SETEMBRO

O governador geral Antonio Sergio de Sousa, exonera por ter requerido, pelo seu mau estado de saude de precisar de tratamento, o capitão d'infanteria de linha, Joaquim José Cardoso da Silva, de chefe do districto de Talla-Mugongo, para que tinha sido nomeado em 11 d'agosto de 1851, e voltando a chefe da repartição militar da secretaria do governo geral, d'onde fôra para ali.

## PORTARIA DE 2 DE OUTUBRO

Nomeia o major Francisco de Salles Ferreira, commandante interino do batalhão d'infanteria de Loanda.

## PORTARIA

O governador geral da provincia de Angola e suas dependencias determina o seguinte:

Tendo em muita consideração o bom serviço, prestado na ultima expedição a Cassange, pelo alferes do esquadrão de cavallaria d'esta cidade, Joaquim Maria de Carvalho, e a achar-se exercendo interinamente o commando do districto

de Talla-Mugongo desde 3o de junho ultimo; hei por conveniente nomear o referido official, para o logar de chefe d'aquelle districto, sendo obrigado a tirar o respectivo diploma, com o previo pagamento dos direitos de mercê e de sello que dever.

As auctoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo em Loanda, 29 d'outubro de 1852.  
— *Antonio Sergio de Souza*, governador geral interino.

Como apontamento para a historia de Cassange, dou cabida n'este logar á offerta que fez o chefe do districto de Cazengo, Candido Augusto Fortunato da Costa, ao governador geral, d'um mappa topographico de Cassange, o que se vê pelos officios que fôram publicados muito mais tarde, e fôram causa d'uma discussão pela imprensa com um dos partidarios do missionario Livingston, e a quem queria attribuir a factura d'aquelle mappa, e sustentando Fortunato da Costa os direitos ao seu trabalho, concluido antes da vinda do referido missionario a Cassange.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.— Peço mui respeitosa licença de offerecer a V. Ex.<sup>a</sup> o mappa topographico de Cassange, em que fui feiraute pelo espaço de oito annos, desde 1842 até 1850; passando algumas vezes o rio Quango em 1851 para o outro lado no Xinge, a negociar com o gentio d'aquelles potentados. O seu maior comprimento e largura, vão calculadas em leguas de jornada por dia. Digne-se V. Ex.<sup>a</sup> aceitar este diminuto offerecimento como um verdadeiro testemunho da sincera gratidão com que me prezo e tenho a honra de ser de V. Ex.<sup>a</sup> o mais respeitoso subdito.

Luinha, 3 de agosto de 1852.— *Candido Augusto Fortunato da Costa.*

Governo Geral da Provincia de Angola — Repartição Civil — L.<sup>o</sup> 9.<sup>o</sup> N.<sup>o</sup> 849 — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — S. Ex.<sup>a</sup> o governador geral da Próvincia a quem foi presente o officio de V. S.<sup>a</sup> n.<sup>o</sup> 101 de 4 do corrente mez, remettendo uma carta acompanhada d'um mappa topographico de Cassange, feito e offerecido ao mesmo Ex.<sup>mo</sup> Sr. pelo alferes da Companhia Movel d'este districto Candido Augusto Fortunato da Costa, me encarrega de dizer a V. S.<sup>a</sup> para que assim o faça constar aquelle brioso official, que muito agradece esta prova de interesse que elle toma pelos melhoramentos d'aquelle sertão; pois que em presença do referido mappa melhor se poderá formar ideia dos recursos que d'ali se podem tirar, e quando fôr opportuno, tomarem-se assim algumas medidas para a sua completa pacificação.

Secretaria do Governo Geral da Pravincia de Angola, 3o de agosto de 1852.— Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Chefe do districto de Cazengo. — *Carlos Possolo de Sousa*, secretario geral.

Poucos mezes decorreram de socego para as auctoridades em Cassange e do governador geral, então, Ricardo da Graça, o que se conhece pelo aviso que se publicou em abril de 1853, sobre a nova tentativa de rebelião do ex-jaga Bumba.

LOANDA, 9 DE ABRIL DE 1853

Pelas ultimas noticias de Cassange consta que a Feira se acha em completo socego, abundando o marfim, cêra e mais generos do sertão, mas notando-ae grande falta das fa-

zendas que d'esta cidade costumam para ali mandar-se á permutação dos referidos generos, o que talvez seja devido a algumas noticias atterradoras, que se tem espalhado ácerca d'um premeditado ataque do Bumba, o que podêmos asseverar, não ter fundamento algum, nem hoje existe a menor probabilidade a que tal aconteça, não só por se haverem dado todas as providencias necessarias para neutralisar quaesquer loucos planos que o rebelde porventura ainda possa conceber, mas tambem porque o jaga de Cassange começa já a ter grande prestigio entre o seu povo, mui principalmente desde que se concluíram e pozeram em pratica certas cerimoniaes do seu rito.

Comprehendeu-se a necessidade de crear uma feira no sitio de Malange, pois era esse o modo de attrahir ali um nucleo de negociantes europeus que com o tempo fundariam uma povoação, o que succedeu, mais proximo de Talla-Mungongo, que qualquer dos centros dos presidios já constituídos, Pungo-Andongo, Encoje e Duque de Bragança, e como consequencia se fez de Malange uma nova divisão de Pungo-Andongo, o que se conhece pelo seguinte officio do commandante d'aquelle presidio ao governador geral, então general Visconde do Pinheiro.

Não havendo na feira de Malange casa de residencia para o commandante d'aquella Divisão, quartel para o destacamento e casa de hospedagem para os viajantes europeus, deliberei, eu, que o commandante d'aquella Divisão mandasse proceder ao córte de madeiras para se edificar uma casa com as accomodações supraditas: o que constando ao sr. tenente coronel reformado, Manuel Antonio Pires, conhecedor bem d'esse terreno onde habita ha muitos annos, e

onde é hoje um dos principaes proprietarios n'esta Provincia, as difficuldades que se me deviam offerecer e despezas para levar a effeito o supradito quartel de tanta necessidade, me dirigiu o officio, copia inclusa, que tenho a honra de levar á alta presença de V. Ex.<sup>a</sup> assim como o documento de desistencia do predio que offereceu á Fazenda Nacional na feira de Malange; que tem bastante espaço para as divisões necessarias de residencia para o commandante d'aquella divisão, quartel e hospedaria, cujo predio mandando avaliar por mim me dizem valer trezentos mil réis, e não só por este serviço, mas por outros muitos, como consta por alguns Boletins officiaes do Governo, prestados por este official, V. Ex.<sup>a</sup> me permittirá da honra de o recommendar perante a alta presença de V. Ex.<sup>a</sup>

Secretaria do Commando do Presídio de Pungo-Andongo,  
25 de outubro de 1853.

Durante o anno de 1853 e grande parte do de 1854, correram os negocios de Cassange sem demonstração de força da nossa parte, no emtanto conhece-se que o ex-jaga, continuava irriquieto, preparando-se para derrubar o que lhe succedeu e se mantinha pela imposição das nossas armas.

O officio que transcrevo, já no tempo do governador interino José Rodrigues Coelho de Amaral, mas pela sua ausencia do conselho governativo suppre a falta de publicidade de noticias em todo aquelle periodo, que faziam suppôr a existencia de completo socego.

O governador geral encarrega-me de dizer ao chefe do districto de Talla-Mugongo, em resposta ao seu officio n.º 116 de 11 do corrente, dando parte da communicação que

lhe fizera o rebelde Bumba, de ter prompta sua força, para ir atacar o jaga de Cassange, pedindo por essa occasião que as authoridades portuguezas não intervissem na contenda que ia ter lugar, por quanto n'esse caso teria de as atacar tambem, que bem certo está o governo de que taes ameaças não se levarão a effeito, porque o dito Bumba não pôde dispôr na actualidade da força necessaria para as realisar, e sendo d'esta opinião o mesmo chefe do districto como refere no seu citado officio, não pôde S. Ex.<sup>a</sup> deixar de desapprovar a licença que concedeu á gente do jaga, para marchar contra os pretendidos aggressores, disposição esta inteiramente opposta ao que sempre se lhe tem recommendado, e com especialidade no officio que lhe foi dirigido em data de 17 de maio ultimo, no qual se lhe dizia que uzasse para com os indigenas de meios conciliadores e palavras persuasivas, procurando despertar n'elles estímulos de honra, por que assim mais se consegue, do que empregando a força e violencia, como acaba de demonstrar-se pela restituição do roubo, effectuado pelo dito Bumba no capitão Baima, conforme o mesmo chefe participou em officio datado de 1 e 19 de setembro do corrente anno.

Deve portanto o mesmo Chefe assim como todos os mais commandantes de districtos e presidios, possuirem-se bem d'estes principios, ficando entendido, que em regra nunca se deve ser o primeiro a atacar o gentio, visto as peculiares circumstancias da força de que o governo pôde dispôr exigem a observancia d'este preceito, pois que a maior parte das guerras que nos temos visto obrigados a sustentar, precedem de acõmettimentos imprudentes e quasi sempre injustos.

Quer mais S. Ex.<sup>a</sup> que eu diga ao referido chefe de Talla-

Mugongo, que se o rebelde Bumba tentar accommetter a feira de Cassange, no que S. Ex.<sup>a</sup> não crê, mais do que o proprio chefe, será necessario repellil-o, sendo para isso sufficiente a força que existe no districto. Depois de obtido este resultado se avliará da conveniencia de ir procurar o Bumba aonde estiver, para lhe dar o merecido castigo, que, em tal caso, deverá ser severissimo.

Por ultimo S. Ex.<sup>a</sup> recommenda a este chefe, e a todos os mais que se acham n'esta data encarregados de commandos de districtos e presidios, que tenham muito em vista estas considerações para seu futuro governo.

Secretaria do Governo Geral da Provincia do Angola, 3 de outubro de 1854.

Não tiveram logar as recommendações do governador geral, isto é, do conselho governativo que desde 24 de março estava em exercicio, pois o governador geral exonerado, que era governador de Benguella, José Rodrigues Coelho do Amaral, só tomou posse em 18 de outubro e foi reconduzido em 18 de janeiro de 1858, terminando o seu governo com geral agrado, em 6 de agosto de 1860, ou porque os movimentos se precipitassem devido ás exaltações dos contendores ou mesmo, o que é mais natural, as participações do chefe já eram tardias, e o gentio quiz ainda aproveitar o tempo do cacimbo para se fazer a guerra a descoberto, o contrario do modo porque procedem connosco; mas ainda d'esta vez não deixou de ser soccorrido o D. Fernando e derrotado o rebelde D. Paschoal: o que se vê pelos avisos que se seguem:

## LOANDA 24 DE NOVEMBRO DE 1854

Por participação do chefe do districto de Talla-Mugongo, de 3 do corrente, consta haver o ex-jaga de Cassange, Bumba, levantado do seu quilombo para Zuilla no dia primeiro, e no dia seguinte uma grande força do rebelde, tinha principiado a bater o Maquita Camoeigi; mas este tratou de se defender, sendo logo coadjuvado pela força portugueza, de que resultou o rebelde Bumba ser batido pelo dito Maquita Camoeigi, que lhe causou consideravel perda de gente, e, vendo-se o citado rebelde perseguido, fugiu, não se sabendo aonde actualmente se acha.

## LOANDA 9 DE DEZEMBRO DE 1854

Por participações ultimamente recebidas do chefe do districto de Talla-Mugongo, se confirma a noticia da completa derrota que soffreu o rebelde Bumba, vindo atacar o Maquita Camoeigi, em soccorro do qual se achavam as nossas forças. Parece tambem que o mesmo Bumba foi morto, pois que assim o declaram os prisioneiros, e é voz constante entre o gentio.

Para este novo triumpho das nossas armas muito concorreu o Maquita Camoeigi, com as suas forças, o que se tornou publico pelos documentos que transcrevo:

## PORTARIA N.º 62

O governador geral interino da Provincia de Angola e suas dependencias determina o seguinte:

Attendendo aos relevantes serviços que tem constantemente prestado o Maquita Camoeigi, desde que principia-ram as hostilidades do rebelde Bumba, contra o jaga de Cas-sange, unindo-se sempre com a sua gente de guerra, á força portugueza, posta em campo para o bater: Considerando que, ao importante auxilio por elle prestado, no dia 31 de outubro ultimo, se deve em grande parte a segurança e tran-quillidade de que n'este momento se gosa na feira de Cas-sange, por quanto logo que soube da aproximação do refe-rido rebelde Bumba, sahiu do sitio em que se achava acampado com a sua gente, e foi ao encontro d'aquelle turbu-lento regulo, tomando tão acertadas medidas, que conseguiu cercal-o e batel-o completamente, matando-lhe a maior parte dos seus sequazes mais influentes, e obrigando o resto a in-ternar-se no matto: sendo o dito Maquita por todos estes motivos digno de que se lhe dê uma demonstração, pela qual conheça o apreço em que são tidos os seus bons ser-viços: hei por conveniente em quanto Sua Magestade não mandar o contrario eleva-lo ao posto de capitão honorario das margens do rio Luiu, passando-se-lhe em virtude d'este despacho, a respectiva patente, depois de prehenchidas todas as formalidades do estylo.

As autoridades e mais pessoas a quem o conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governador em Loanda, 26 de janeiro de 1855.  
— *José Rodrigues Coelho do Amaral*, Governador Geral in-terino.

#### DECRETO

Tomando em consideração os bons serviços, que tem constantemente prestado o Maquita Camoeige, potentado do

districto de Talla-Mugongo na Provincia de Angola : hei por bem, em nome d'El-Rei, confirmando-me com a consulta do conselho ultramarino de 12 de junho ultimo, confirmal-o no posto honorario de capitão das margens do Luiu, na dita provincia. O Visconde de Athouguia, Par do Reino, Ministro e Secretario d'Estado dos negocios estrangeiros e dos da marinha e ultramar o tenha assim entendido e faça executar.—Paço, em 10 de julho de 1855 — Rei, Regente.—  
*Visconde de Athouguia.*

O soba Caboco do concelho de Cambambe pelos auxilios que prestou nas expedições a Cassange, como aquelle jaga fosse isento de impostos por determinação de 1855, requereu e obteve isenção do serviço de carregadores para o commercio do sertão, o que se vê por esta Portaria :

Sendo presente a Sua Magestade El-Rei, o requerimento de Francisco André Fernandes Torres, Dembo Caboco e Coronel da guerra preta da Provincia de Angola, pedindo que os seus estados sejam isemptos do serviço de carregadores para o commercio do sertão, e tomando o Mesmo Augusto Senhor em consideração, as informações havidas pelo conselho ultramarino, pelas quaes consta que o supplicante prestara importantes serviços na expedição a Cassange : hei por bem determinar, conformando-me com a consulta do conselho ultramarino, de 2 de outubro ultimo, que os estados do dito Dembo Caboco e Coronel da guerra preta, Francisco André Fernandes Torres, fiquem isemptos do serviço de carregadores ; o que, pela secretaria de estado dos nego-

cios da marinha e ultramar, se participa ao governador geral da provincia de Angola, para seu conhecimento e execução.

Paço, em 9 de novembro de 1855. — *Visconde de Athouguia*.

Terminam as publicações sobre os negocios de Cassange no anno de 1855 com a declaração que se segue que mostra consolidar-se o nosso prestigio entre os povos gentios d'aquella região :

Antonio Gomes de Miranda, feirante estabelecido na 3.<sup>a</sup> divisão do districto de Talla-Mugongo, no sitio Sanza ; tendo no dia primeiro do corrente anno participado ao actual chefe d'este districto, o tenente graduado de cavallaria, Joaquim Maria de Carvalho, o insulto e ataque que lhe fez o gentio do Songo da mesma divisão, pedindo-lhe dêsse providencias em rasão do mesmo gentio ameaçar de lhe roubar e incendiar a sua casa, apresentou-se o mesmo chefe no sitio aonde reside o supplicante, com uma peça e cincoenta praças de primeira linha ; mandou intimar aos sobas para comparecerem perante elle, afim de averiguar qual o motivo de terem atacado o supplicante, e o ameaçarem. Apresentaram-se os sobas trazendo mais de seiscentos de seus filhos armados, dando indicios de virem com animo hostile ; porém elles vendo a presença de espirito com que este benemerito chefe estava, a boa ordem em que tinha a força que trazia, apta a poder repellir qualquer attentado que elles premeditassem ; procuraram os meios de humiliação e protestaram uma fiel obediência. O abaixo assignado julga dever cumprir com um dever, publicando o serviço que prestou este benemerito official

em de prompto dar providencias que infundiram n'estes povoso maior respeito ás auctoridades portuguezas e lhes fez ver que não ficariam impunes quaesquer attentados que elles commettessem, assim como lhes seria prestada toda a justiça quando elles a tivessem; a prudencia e valor com que este digno official se apresentou, evitou que houvesse algum funesto acontecimento, e fez com que este povos se tenham commedido de praticarem alguns actos de violencias que tinham de costume; porque conheceram que tinham um chefe prompto a lhes administrar imparcial justiça; mas tambem prompto a castigar aquelles que fossem desobedientes e revoltosos. O supplicante faltaria a todo o seu dever de bom cidadão, quando não dêsse testemunho de tão honrosos serviços.— Sanza, 6 de dezembro de 1855.— *Antonio Gomes de Miranda.*

Em meados de 1856 se tomam providencias mais serias contra as novas tentativas do rebelde Bumba sempre persistindo em readquirir pela força o seu antigo cargo; o que se torna conhecido pelas seguintes publicações:

Para tranquillisar os commerciantes, que tem interesses em Cassange, se transcreve o seguinte officio do chefe de Talla-Mugongo, communicando que o rebelde ex-jaga Bumba, que se havia approximado bastante da feira de Cassange, com forças consideraveis, dando mostras de a querer atacar, foi posto em completa debandada, pelas forças reunidas do districto, e do jaga Camoeige. Ha noticias posteriores de 2 dias, de continuar a perseguição do resto dos aggressores, já a muita distancia de Cassange.

Tenho a honra de communicar a V. Ex.<sup>a</sup>, que no dia 18 do corrente mez, acabei de concluir uma estacaria em torno d'esta residencia, com grande aterro, e nos quatro angulos fiz construir reductos para as peças d'artilleria. Considero este local inacessivel aos rebeldes, que se chegaram a reunir com fins hostis, como nunca n'este districto. Julgando pois este ponto seguro, combinei com o jaga pôr, uma força em campo em perseguição dos rebeldes, o que effectuei, sendo esta força de trezentas armas portuguezas, e do jaga mil e duzentas. Nomeei para commandante da força o capitão movel do presidio do Duque de Bragança, Manuel de Souza Santos Conceição, e para o coadjuvar, o alferes da companhia movel d'este districto, Manuel José Machado Porto. Furneci-lhe uma peça d'artilleria de calibre um, com as competentes munições. Marcharam em direcção ao acampamento dos rebeldes, no referido dia 18. Logo que aquelles souberam da sahida da força e da maneira porque eu fortifiquei este ponto, retiraram-se da proximidade d'esta feira, em que estavam, a pouco mais de duas horas de marcha. A força continúa em sua perseguição. Vae marchando muito bem, já lhe tem tomado os pontos mais difficultosos, aonde elles se julgavam seguros, sem por emquanto se gastar um só cartucho de polvora, por elles não esperarem. Continuo a mandal-os perseguir até onde me fôr possível, afim de restabelecer o socego n'este districto. Os rebeldes perderam já a força moral, porque chegando a reunir mais de tres mil armas, no momento que lhes constou os movimentos da força portugueza, pozeram-se em fuga, dispersando a metade da gente que tinham, e espero que em breves dias serão de todo destroçados. Os feirantes já levaram para suas casas as fazendas, que tinham recolhido n'esta re-

sidencia, por as considerarem seguras. É quanto me cumpre participar a V. Ex.<sup>a</sup> sobre o occorrido.

Quartel do commando do districto de Talla-Mugongo, 25 de junho de 1856. (a) O chefe.

Tenho a honra de participar a V. S.<sup>a</sup>, que se dignará de o levar ao respeitavel conhecimento de S. Ex.<sup>a</sup>, que no dia 23 de junho ultimo, proxiuo ao rio Quango, sitio do Quembo, teve logar o encontro da força bangla e portugueza, e os partidarios do rebelde Bumba. Houve fogo por mais de duas horas. Estes pozeram-se em retirada, em completa debandada, em direcção ao rio Quango, afim de passarem para terras gentlicas. Perderam na retirada e afogados no rio, para mais de cem pessoas, e da nossa parte morreram cinco pessoas e houve quatorze feridos, sendo estes da força bangla, inclusivé um com cinco balas que teve a felicidade de escapar. Quatro mortos eram banglas tambem, e o quinto, portuguez pombeiro. Quasi todos os potentados do Quembo depois que se viram perseguidos até fóra de suas povoações, teem pedido treguas ao jaga, e protestam de futuro conservarem-se obedientes e em socego. O rebelde Bumba, logo que sahiu a força, retirou-se para mais longe do que a sua habitação no longo. Elle nem chegou a entrar em fogo. A força chegou a esta residencia no dia 3 do corrente mez, pelas dez horas da manhã, deixando o Quembo em socego, Consta-me que a gente do jaga fez algumas presas na gente do rebelde, do sexo femenino, o que em taes occasiões costumam praticar. É quanto me cumpre participar a V. S.<sup>a</sup>

Quartel do commando do districto de Talla Mugongo, em Cassange, 5 de julho de 1856. (a) O chefe.

Participo a V. S.<sup>a</sup> para se dignar levar ao conhecimento

de S. Ex.<sup>a</sup> o Governador Geral da Provincia, que no dia 3o de setembro ultimo ficaram concluidas, a nova residencia, casa da guarda, calabouço militar e cadeia publica, e um telheiro para arrecadação da artilheria, tudo de pau a pique. Despendeu-se com estas obras a quantia de 647800 réis, como da conta junta, cuja despeza foi feita pelo rendimento dos dizimos nacionaes d'este districto, do corrente anno; a nova residencia tem 10 braças e meia de comprimento, duas braças de largura, contendo seis quartos e um corredor espaçosos; uma salla para o archivo do districto e audiencias, com tres braças de comprimento; uma varanda corrida na rectaguarda, com dois quartos para despensas, tendo tudo seis portas cheias, uma de grades, e quatro janelas. As fechaduras para as portas, foram aproveitadas da residencia incendiada; a casa da guarda, calabouço militar e cadeia civil, tem de comprimento sete braças, duas ditas e tres palmos de largura; o calabouço com uma porta de grade, e a cadeia civil com outra dita. O telheiro tem sete braças de comprimento e tres ditas de largura. Foram construidas estas obras, empregando os empacaceiros, no córte e carreto de madeiras; sendo coadjuvados n'este serviço por alguns carregadores dos feirantes, Joaquim José da Matta e Antonio Rodrigues Neves, bem como pelos contingentes de linha, aqui destacados; pois em vista dos recursos d'este districto, a não lançar mão d'estes braços, fazendo com elles faxinas no referido serviço, não era possivel ter concluido semelhantes trabalhos.

Quartel do Commando do districto de Talla-Mugongo em Cassange, 12 de outubro de 1856.

O chefe do districto de Talla-Mugongo participa, em data

de 17 do mez passado, novembro, que sahira a castigar as povoações que tem tomado partido pelo rebelde Bumba, em consequencia d'um attentado praticado ultimamente contra o conductor da malla do correio, e a escolta que o acompanhava <sup>1</sup>.

Na noite do 1.º do mesmo mez, entrou no sitio Caginga, e ahi teve um conflicto com os ditos rebeldes, fazendo-lhes abandonar as povoações, causando-lhes perda bastante em mortos e feridos. As senzallas e plantações foram arrasadas. A nossa perda consistiu em dúas pessoas mortas e seis feridas levemente. Tudo isto é deploravel e precisa de remedio radical, submettendo completamente á obediencia aquelles povos, que d'ella andam desviados. O governo vae cuidar d'isto seriamente. Como medida previa, indispensavel, acabam de ser expedidas as ordens ao chefe, para que faça executar rigorosamente a antiga prohibição de residirem os feirantes fóra do logar da feira, em Cassange.

O governador geral na sua correspondencia do mez de junho, informando o governo de Sua Magestade das occorrencias em Cassange, que estavam preoccupando a attenção do mesmo governo, fez lhe sciente : que o negociante sertanejo Antonio Rodrigues Neves, estabelecido em Cassange, como feirante, que era capitão da companhia movel de Talla-Mugongo e já tinha sido director da feira, fôra o *principal cabeça* dos maus tratos commettidos em muitos pretos livres carregadores, os quaes em contravenção das ordens es-

---

<sup>1</sup> Como se vê é antigo este attentado de se apoderarem da correspondencia do correio, com o fim de a destruir.

tabelecidas, foram mandados sahir de Cassange para fôra dos dominios portuguezes, presos com correntes ao pescoço afim de carregarem com fazendas pertencentes a diversos especuladores, de cujos maus tratos resultou a morte de vinte e dois d'entre elles, e grandes soffrimentos a muitos outros.

Como era de prever o nobre ministro, o sempre liberal Sá Bandeira, em nome d'El-Rei determina ao governador geral: *«que em satisfação aos preceitos da religião, e aos direitos da humanidade tão atrozmente offendidos, demittir immediatamente do dito posto de capitão ao mencionado Antonio Rodrigues Neves, que não poderá nunca mais ser nomeado para exercer funcções publicas, ainda mesmo de menos importancia, sem que para esse fim preceda de authorisação de Sua Magestade* <sup>1</sup>.

Eram animadoras as noticias de Talla-Mugongo, com que terminava o anno de 1856; pois, em toda a jurisdicção havia socego desde o severo castigo infligido aos partidarios do ex-jaga Bumba em Caginga. O proprio rebelde Bumba e outros potentados seus sequazes se dirigiram ao chefe do districto pedindo-lhes alcançasse perdão e a faculdade de se estabelecerem definitivamente em terras onde era reconhecida a sua auctoridade, sujeitando-se elles a todas as condições que lhe fossem impostas.

O governador geral immediatamente deu as convenien-

---

<sup>1</sup> Mezen depois como se verá, era esquecida esta determinação.—  
Portaria Regia de 26 de setembro de 1856.

tes ordens ao chefe, no sentido de usar da clemencia compativel com a justiça e a segurança que era indispensavel obter da futura conducta do ex-jaga.

Sendo repetidas as queixas dos negociantes por causa dos roubos nas cargas das suas caravanas, no transito de Loanda para Cassange e vice-versa, principalmente no longo espaço de Ambaca a Cassange, onde não se encontrava auctoridade nem força publica a garantir a segurança d'este frequentado caminho pelo commercio; e reconhecendo o governador geral que as transacções commerciaes com Cassange estavam merecendo a mais seria attenção, pois que, segundo elle, absorviam a maior parte da importação e forneciam quasi toda a exportação que se fazia pela alfandega de Loanda; e ainda por outras rasões na ordem de civilisar e fazer progredir os povos indigenas longe do convivio europeu: fez crear em 10 de março de 1857, um novo presidio no logar denominado Malange, sobre a estrada de Ambaca a Cassange, que se estendia para leste até ao Sanza, e lhe deu os limites da antiga divisão do Lombe com Ambaca, Pungo-Andongo e Duque, incorporando n'elle aquella divisão. Ficou este novo presidio constituindo um concelho dependente do districto administrativo e da circumscripção municipal de Golungo-Alto.

Organisou-se para este concelho, uma companhia de infantaria de linha, que teve principalmente por fim fornecer escoltas ás caravanas de commercio entre Ambaca e Cassange, segundo um regulamento para esse serviço, em que foram determinados os dias 1, 8, 15 e 22 de cada mez para as partidas das caravanas de Cambunze em Ambaca para

Cassange, e os dias 4, 11, 18 e 25 de cada mez para as partidas de Cassange para Ambaca, marcando-se o itinerario para as marchas que era de 15 dias, regulando as marchas em cada dia por quatro leguas. Este Regulamento que tem a mesma data de 10 de março, estabelece os preceitos de escripturação, pagamento de cargas, multas e outras providencias; e foi recebido com geral agrado.

O governador do districto de Golungo-Alto, então, o tenente coronel Antonio Joaquim de Castro, empregou todos os seus esforços em levar á execução e o mais promptamente possivel aquellas providencias, e assim se conhece pelos seus officios de 20 de junho e 9 de julho; no primeiro manifestando a sua satisfação porque se apresentavam os pretos a engajarem-se voluntariamente para o serviço de carretos tanto com destino a Loanda, como para o interior até Cassange, o que proporcionara a João Euzebio da Cruz fazer seguir uma comitiva importante de cargas para aquelle ponto; no segundo communicando que os chefes dos concelhos de Malange e Talla-Mugongo, estavam prevnidos para começar o serviço das caravanas officiaes no dia 1 d'agosto, devendo a primeira sair de Cambunze, sitio designado para a reunião dos carregadores e onde havia de ir a escolta, o que já tinha feito sciente por avisos aos chefes dos concelhos do seu districto para o fazerem constar aos interessados, e pedia de tal noticia se dêsse publicidade no Boletim Official, para conhecimento de todos os negociantes que mantinham relações com Cassange e outros pontos do interior.

Quanto á situação de Cassange durante o primeiro semestre, pelos relatorios mensaes se vê que foi sempre tranquilladora, continuando a affluir ali o commercio d'além

Cuango; tendo em abril uma pequena paralisação devido ás copiosas chuvas, que deram logar ás grandes cheias dos rios, que constituíram pantanos em diversos pontos, e tornaram intransitaveis os caminhos.

Continuaram a insistir o ex-jaga Bumba e seus partidarios em Caginga, nos seus pedidos de construcção de cubatas e de fazer culturas n'aquelle sitio, e prestaram o bom serviço de fazerem acompanhar os estafetas do nosso correio até Talla-Mugongo, e garantir a segurança dos caminhos aos negociantes em transitio pelas terras em que habitam.

Em 24 de maio pelas duas horas da noite, os habitantes da feira foram sobresaltados por um pavoroso incendio na casa do feirante Joaquim José da Moita, cujos prejuizos foram calculados superiores a cinco contos de réis, e que não tomou maior vulto pelas providencias tomadas pelo chefe, que conseguiu salvar a tempo o payol da polvora.

Sendo exemplar aquelle feirante no seu modo de commerciar e de bem tratar os pretos que o procuravam para transacções e os seus serviçaes, causaram a maior admiracção os indicios que havia de ser intencional aquelle incendio, e fizeram-se todas as diligencias para averiguar qual teria sido a causa, e, quando conhecida a existencia do crime perseguir os seus auctores.

Como nos dias 1 e 6 de julho, tivessem logar outros incendios: o primeiro, na casa do morador Francisco José Ferreira que a tempo se atalhou, soffrendo pequenos prejuizos em roupas de uso; e o segundo na casa do feirante Antonio Vicente da Cunha Pereira, em que felizmente se conseguiu salvar todas as fazendas e mais generos de nego-

gocio, o chefe continuava com mais insistencia em querer descobrir se n'esses successivos incendios haveria crime, mas foram infructiferos os seus esforços n'este sentido.

Insistia D. Paschoal Machado, ex-jaga Bumba, em que o governo lhe perdoasse as suas faltas de obediencia á nossa authoridade, mostrando-se arrependido, e pelo muito que tinha soffrido de castigos mais lhe pedio lhe fosse concedido estabelecer-se com seu estado nas terras em que vivia, tendo a protecção do governo; e por isso no mez de setembro lê-se no Boletim Official:— O Bumba ex-jaga de Cassange, que por tantos annos se conservou em rebeldia, reconhecendo afinal que d'isto só lhe proveiu a perda do estado, e severos castigos todas as vezes que ousou affrontar as nossas armas, resolveu-se ha mezes já a sollicitar o seu perdão ao governo da provincia.

Promettendo dar solidas garantias do seu bom procedimento futuro, foi-lhe concedido. A consideração do interesse do commercio no socego por uma parte, e por outra a de que mal pode exigir-se severa responsabilidade pelos maus actos a quem os pratica sem plena consciencia da sua ruindade, caso este em que estão mais ou menos todos os potentados do paiz, aconselhavam aquella resolução.

D'ella surtiu pleno effeito: O ex-jaga fez a sua submissão, da qual se lavrou o auto com as formalidades do estylo, obrigando-se elle ás condições do costume, entre estas á do pagamento do dizimo pelas terras de Caginga onde lhe foi permittido estabelecer-se com a sua gente.

Foi em seguida a esta noticia publicado o officio do governador do districto do Golungo Alto, participando o re-

sultado d'aquella diligencia commettida ao chefe de Talla-Mugongo, na qual se houve com intelligencia e acerto <sup>1</sup>.

Não se publicaram os documentos da sujeição do ex jaga pela sua demasiada extensão; mas existem archivados na secretaria do Governo Geral de Angola.

Dizia o Governador do districto do Golungo Alto ao Governador Geral: Para dar mais completo conhecimento a V. Ex.<sup>a</sup> das occurrencias que no dia 9 do mez d'agosto ultimo tiveram logar em Talla-Mugongo, por occasião do regresso do ex-jaga Bumba quiá Quinguri á obediencia do governo portuguez, incluso tenho a honra de levar ás mãos de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> uma copia do officio n.º 80 de 14 do dito mez que me dirigiu o chefe d'aquelle concelho.

Do referido officio se depreheende o muito medo de que estava possuido o ex-jaga, e o cauteloso proceder do respectivo chefe, que me parece ter andado com acerto em tal diligencia.

Tambem V. Ex.<sup>a</sup> encontrará junto o original do termo do juramento de fidelidade e vassalagem, que por tal occasião prestou o dito ex-jaga Bumba, com os seus macotas.

As demonstrações d'arrependimento pelos seus passados desvarios; o contentamento manifestado quando se viu restituído ao gremio de vassallo portuguez; o receio que ha de ter de incorrer em novos castigos; o contentamento com que recebeu a bandeira portugueza que se lhe confiou; tudo me leva a crer que o ex-jaga, não perjurarã, resultando d'isto a tranquillidade d'aquellas terras e grande melhoramento para o commercio de Cassange.

<sup>1</sup> Lembro a nota de pag. 27.

O governador do districto de Colungo Alto já antes, no mez de julho, com auctorisação do Governador geral, porque diversos sobas da jurisdicção de Pungo Andongo, andavam affastados da obediencia ao governo da Provincia, tornando-se mais notavel o Cambari pertencente á divisão de Quimbamba d'aquelle Presidio que em vez de reprimir a sua gente pelas malfetorias que praticava, se revoltava respondendo altanadamente ás advertencias que se lhe fazia: — viu-se forçado a organizar uma expedição para castigar taes ousadias e restabelecer a segurança ao commercio n'aquella localidade, atravez a qual seguiam as comitivas para Cassange.

A expedição de 840 homens, compunha-se dos contingentes das companhias de linha do Duque de Bragança e de Malange, das companhias moveis do Golungo, Ambaca, Cazengo e Pungo Andongo e pombeiros do tenente coronel reformado Manuel Antonio Pires, d'empacaceiros do Presidio de Pungo Andongo e de Malange, e de moradores voluntarios de Pungo Andongo, a qual expedição sob o commando do referido tenente coronel Pires, que tambem se fez acompanhar de duas peças de campanha, concentrou-se no Saly, divisão de Pungo Andongo, e d'aqui partiu observando-se o seguinte plano de antemão combinado com o governador do districto.

Seguiu até ao Sanza, limite de Malange em Talla-Mungongo, limpando os caminhos de salteadores que eram acoutados e protegidos pelo potentado Marimba Angombe, obrigando este a perseguil-os; e tambem sujeitando os pequenos sobas confinantes d'aquelles caminhos á obediencia e a prestarem o seu auxilio garantindo a segurança dos caminhos. Os sobas do caminho de Cassange apresentaram-se

logo, renovando os seus protestos de obediência e deram contingentes de gente armada a reforçar a expedição. O Marimba Angombe prestou juramento de vassallagem do qual se lavrou o competente auto, sendo uma das condições a de ficar um destacamento de tropa de Malange no Sanza, e um outro de tropa de Talla-Mugongo na povoação Cahiongo, residencia do dito Marimba.

No regresso a expedição atravessou as divisões de Quissende e Quimbamba, de Pungo Andongo, e como os gentios das margens do Luando confluyente do Cuanza, quizeram disputar a passagem d'aquelle rio, foram batidos completamente abandonando todas as posições que tomou.

Acampara a expedição no Condo margem do Cuanza, e sabendo-se aqui ter fugido o rebelde Cambari, para as ilhas no Cuanza, e era difficil ir atacal-o n'aquella posição, resolveu-se em attenção á demora que já tinha o serviço da expedição que estava prejudicando os interesses dos voluntarios, e que estava chegada a estação das pequenas chuvas, e era o tempo proprio para se cuidar das culturas, de se aguardar ordens do governador geral que n'esta data, 6 de outubro, estava em Pungo Andongo, o qual determinou que recolhesse a expedição.

Esta demonstração de força teve além das vantagens já expostas, a da sujeição á nossa auctoridade de dez sobas, não avassallados do Quissende, de que se lavraram os respectivos autos, e ainda a do perdão sollicitado por Cambari, que protestou obediência, allegando não se ter apresentado e ter fugido para as ilhas, pelo receio que teve das nossas armas.

O juramento de vassallagem do ex-jaga Bumba foi pres-

tado em Caginga, onde foi o chefe de Talla Mugongo com uma força para esse fim, no dia 11 de agosto, foi acceite o juramento como jaga desligado de Cassange, ao que annuiram os seus macotas, que tambem prestaram juramento de fidelidade, e como no dia 18 pelas 3 horas da tarde fallecera o jaga Camoeigi D. Fernando Accacio Ferreira, aquelle a quem por vezes o Bumba tentou derrubar e sempre foi mantido no estado pelo auxilio das nossas armas, tinha de se proceder á eleição do que lhe devia succeder, e por isso no dia 28 apresentou-se o jaga desligado Bumba, quiá Quingúri, e successivamente se foram apresentando ao chefe de Talla Mugongo os mais potentados do jagado de Cassange, pedindo que a auctoridade portugueza fizesse proceder á eleição.

Como todos estiveram de accordo, emquanto se esperava resposta do Governador geral, ficou o Bumba, jaga desligado, encarregado do estado, e continuou o commercio a fazer as suas transacções com toda a segurança vendo findar o anno sem alteração do socego que se estava disfructando.

Por portaria de 6 de novembro, entendeu o Governador geral, que havia moradores em Talla Mugongo habilitados para o desempenho dos cargos municipaes e que tanto estes como outros Concelhos estavam já no caso d'uma administração municipal propria; e por isso em vista dás auctorisações que tinha, desannexou Ambaca e Talla Mugongo da circumscripção municipal com determinadas attribuições, seudo a primeira composta de Antonio Rodrigues Neves <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Eis como foi esquecida a portaria regia de 26 de setembro de 1856; quatorze mezes depois!

presidente, e de José Maria da Cunha, João Euzebio da Cunha, Antonio Luiz da Costa e Manuel Antonio Pinheiro, vogaes.

Tratando o Governador geral de fixar o *quantum* do imposto do dizimo, correspondente a fogos no interior da provincia para o anno seguinte de 1858, que elevou a 600 réis por fogo, mereceu-lhe todo o cuidado Talla Mugongo que foi exceptuado, continuando ahi a pagar-se como até então, 12 de dezembro de 1857, duzentos réis por fogo.

Durante o anno de 1858, os relatorios mensaes do chefe do Cassange, demonstram ter-se aproveitado das circumstancias que se deram em 1857, para acceitar o rebelde Bumba de novo como jaga, tendo previamente sollicitado o perdão de Sua Magestade para poder exercer tal cargo. Para isto decerto concorreram os negociantes portuguezes, olhando aos seus interesses, o chefe do concelho Joaquim Maria de Carvalho que como commandante da secção de cavallaria fizera parte da ultima expedição de Salles Ferreira contra aquelle rebelde, tendo o tempo sufficiente para o conhecer e ao meio que o cercava, e tambem o partido que o rebelde nos annos decorridos fôra conquistando para ser reeleito.

Se uma tal resolução, para a qual decerto se teve em vista o socego dos povos, sem mais despezas com expedições de guerras, e facilidade de transacções do commercio, foi boa ou má, veremos nos annos que se seguem.

No primeiro relatorio d'este anno diz o chefe: As estradas da jurisdicção de Cassange conservaram-se em segurança para os viandantes; muito pouco negocio tem affluído em razão dos indigenas não costumarem trazel-o emquanto não ha jaga eleito. No immediato informa o chefe que os subditos do ex-jaga Bumba auxiliaram as nossas forças na perse-

guição dos criminosos, prendendo alguns que roubaram as cargas de uma comitiva pertencente ao negociante Joaquim José da Motta. E diz ainda n'este: O ex-jaga ainda se não apresentou a prestar juramento de jaga eleito, em razão das copiosas chuvas que tem havido e continuam; mas já se nota affluencia de commercio á feira.

Continuam os relatorios asseverando socego e movimento commercial e em junho escreve o jaga ao Governador geral a carta que transcrevo, bem como a resposta, por onde se avalia a boa phase que pareciam ter tomado os negocios de Cassange.

### CARTA DO JAGA

Do jaga de Cassange D. Paschoal Bumba ao Governador Geral d'Angola: — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Tendo sido perdoado dos crimes de que fui arguido, e que occasionaram os funestos acontecimentos que me foram tão sensiveis, foi a minha primeira idéa ir pessoalmente agradecer a V. Ex.<sup>a</sup>, por que acho na sua pessoa um General illustrado, honrado e dedicado ao bem publico. As molestias que adquiri, durante a infeliz lucta a que fui coagido (lucta que creio não haveria se na epocha dos acontecimentos que lhe deram origem V. Ex.<sup>a</sup> estivesse já á testa da provincia), me impedem de tal dever para mim sagrado; e como vae correndo demasiado tempo, por isso dirijo a V. Ex.<sup>a</sup> esta, por mão de meu primo Quilundo quiá Sabo, afim de preencher obrigação, e por este meio derijo a V. Ex.<sup>a</sup> os mais subidos protestos de gratidão; não só pelo meu socego pessoal, mas mais ainda, porque terminaram os roubos nas estradas, que me foram sempre attribuidos, os quaes tanto detrimento causam ao commercio.

Desejava que o portador levasse um donativo que pretendo fazer ao Estado. Tenho escrupulo de o fazer na mesma occasião em que mando cumprimentar a V. Ex.<sup>a</sup> sobre um objecto que seja tambem de natureza publica, parecer mais origem em interesse pessoal, que é o da summa gratidão para com V. Ex.<sup>a</sup>, em relação ao perdão que me restituiu aos meus lares, e me collocou no numero dos fiéis vassallos de Sua Magestade Fidelissima.

Consultei algumas pessoas entendidas, e acharam ser incompetente a occasião: Venho todavia pedir a permissão de V. Ex.<sup>a</sup> para remetter esse donativo.

Deus, para bem da justiça e da humanidade perseguida, e para esplendor do nome portuguez, guarde a preciosa vida de V. Ex.<sup>a</sup> por muitos annos.

Cassange 12 de junho de 1858 — Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Rodrigues Coelho do Amaral, Governador Geral da Provincia — De V. Ex.<sup>a</sup> muito humilde subdito D. Paschoal Bumba jaga de Cassange.

## RESPOSTA DO GOVERNADOR GERAL D'ANGOLA

Recebi a vossa carta de 15 de junho proximo passado, tendo por principal objecto a significação do apreço que ligaes ao esquecimento de passadas occorrencias desagradaveis, da gratidão que por isso sentis, e do vosso firme proposito de fazer inteiramente desvanecer as más impressões d'aquellas occorrencias, com uma conducta futura toda lealdade e devoção a Sua Magestade, como é do vosso stricto dever.

Folguei de saber que assim pensaes. Mais que outro qualquer podeis avaliar as consequencias do devido respeito

ao dominio portuguez n'este paiz. Quando não foram os riscos de o contrariar, os bens da civilisação moral, e o augmento de commodos materiaes que vos temos trazido, devem ser de sobra para radicar aquella convicção nas intelligencias menos preparadas.

Conto, pois, com vosco d'ora ávante como um dos mais obedientes subditos de Sua Magestade.

Contaê tambem com toda a protecção d'este governo, emquanto a não desmerecerdes, o que espero que nunca acontecerá. Para tornar isto mais seguro, guiae-vos pelos conselhos do chefe d'essa localidade, que tem mostrado ser vosso amigo e possui a minha eonfiança.

Sem querer dissuadir-vos da intenção que manifestaes, de offerecer um donativo ao Estado, devo dizer-vos que o melhor meio de provar as boas disposições em que vos achaes, consiste em usar da vossa influencia para fazer comprehender aos povos a necessidade de que se dediquem de veras ao trabalho, e que do fructo d'elle contribuam para as despesas publicas, com a satisfação regular do dizimo. Não será difficil que elles enrendam, que os melhoramentos para a sua condição moral e material, o governo lh'os não poderá proporcionar de outro modo.

Fazeis idéa da immensa superioridade dos povos da Europa, pela amostra do poder que aqui vos apresentamos. É a tal estado que pretendemos tambem elevar-vos, mas para isto torna-se indispensavel o cumprimento das obrigações que acima menciono.

Desejo-vos saude e prosperidades.

Palacio do Governo em Loanda 20 de setembro de 1858.

— (a) *José Rodrigues Coelho do Amaral* — Governador geral.

Já em principio do anno preocupava a superior administração da provincia a questão dos transportes para o commercio; o serviço obrigatorio de carregadores estava incommodando as auctoridades porque d'elle se abuzava; e por isso em 29 de janeiro se providenciava para que o chefe de Malange podesse, aproveitando as boas madeiras, fazer fabricar carros para serem tirados a bois; mas só a mão d'obra do primeiro importou em perto de sessenta mil réis, o que se tornou desanimador.

Foi n'este anno que o importante negociante e industrial Francisco Antonio Flores, apresentou para serviço de transportes um carro modelo do Transwal, que mandára vir do Cabo da Boa Esperança.

Não era só na provincia, principalmente no actual districto de Loanda, que se procurava providenciar sobre estradas e transportes; em 22 d'outubro d'este anno o nobre ministro Sá da Bandeira, fazendo algumas considerações sobre o que informa o Governador geral com respeito ao serviço obrigatorio de carregadores, lembra algumas providencias no intento de não prejudicar o commercio, e tambem de não tornar penoso aquelle serviço aos pretos.

Era geral a satisfação por irem correndo bem os negocios de Cassange; porém em outubro sobresaltou um pouco os animos a communicação do Chefe de Malange: que estivera interrompido por algum tempo o transito para Cassange pelo soba *Marimba Augombe*, por este ter supposto que uma força militar ia atacal-o.

Foi questão de poucos dias porque logo a secretaria do Governo Geral, recebidas as noticias de Talla Mugongo annuncia: que o chefe d'este concelho relata o recontro que

teve com a gente do soba Marimba Angombe, no sitio Cahongo, indo ali a pedido d'aquelle soba, que dizia querer prestar juramento de vassallagem, que ou por traição premeditada como pensa o chefe, ou o que é mais provavel por desconfiança que se apoderasse do espirito d'aquelles barba-ros, sobre a intensão dos designios do mesmo chefe, o caso é que o conflicto rompeu.

O chefe tinha comsigo duzentas e cincoenta praças com duas peças d'artilheria; a força do soba montava a 1500 homens armados.

Estes foram desbaratados, deixando no campo 26 cadaveres, além dos que levaram como é do seu costume; da nossa parte houve 1 morto, 7 feridos de gravidade e 12 ligeiramente.

As libatas proximas do logar da acção foram incendiadas. Na vinda de Talla Mugongo havia o chefe avassallado o soba Cunque, visinho da 3.<sup>a</sup> divizão d'aquelle concelhò.

Em Cassange conservou-se o socego, continuando as relações usuaes com a Lunda, Peinde e Quiôco.

Foi d'aquelle conflicto a interrupção do transito de Sauza para Cassange, a que se referiu o chefe de Malange na sua communicação mensal; mas restabeleceu-se, e tratou-se de providenciar sobre as causas do impedimento.

Para terminar sobre o que encontrei de documentos referentes a Cassange, n'este anno; transcrevo ainda um, por onde se aprecia o que era devido ao chefe de Talla Mugongo, da melhor paz e harmonia que gosava aquella região, que tanto preoccupou a superior administração da provincia:

Os abaixo assignados residentes em Talla Mugongo, reunidos em commissão a pedido dos negociantes e mais mo-

radores do mesmo concelho — apresentam o meio de se dar uma demonstração de apreço e gratidão ao sr. Joaquim Maria de Carvalho tenente e chefe d'esta localidade, ha hoje de 4 para 5 annos.

Devendo-se tanta dedicação e serviços a este digno official, especialmente pelo completo socego que elle restituiu ao paiz, e a segurança que tem dado ao commercio, d'antes sempre inquietado por continuas guerras, cumpria-nos testemunhar lhe o nosso reconhecimento.

Achando-nos pois auctorisados a levar a effeito o meio que para tal propozemos, e, parecendo-nos que a Sua Excellencia o Governador geral devia ser agradavel ver galaradoado o bravo e discreto militar da sua confiança, pelo povo cuja administração lhe confiou, com uma arma de honra, unanimemente concordámos em pôr á disposição do negociante de Lisboa, o sr. Luiz Antonio d'Oliveira Machado, por intermedio do sr. Joaquim José da Motta, a somma precisa para mandar fazer uma rica espada, em cuja folha se gravará uma legenda que expresse a nossa gratidão, afim de ser offerecida ao dito sr. Joaquim Maria de Carvalho, com prévia licença do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Governador Geral.

Sendo tão justo este acto de reconhecimento, como honroso e distincto o brinde que nos propomos fazer, e desejando que tudo tenha a maior publicidade, assim como o carácter de regularidade, encarregamos o nosso correspondente de Loanda, de obter, de Sua Excellencia o Governador geral, licença para que esta exposição seja inserta no Boletim Official.

Cassange 12 de julho de 1858. (ass.) *Joaquim José da Motta, Antonio Luiz da Costa, Narciso Alves de Carvalho, Manuel Antonio Pinheiro, Achilles da Costa Lemos.*

Os annos de 1859 e 1860 para Cassange correram com certa tranquillidade e satisfeitos os negociantes com as suas transacções, como em 1858, para o que decerto concorreu a reintegração do jaga D. Paschoal Bumba quiá Quinguri e a estabilidade do Governador geral; o que se prova com os documentos que transcrevo e encontrei publicados.

### CARTA

Do Governador Geral d'Angola ao jaga de Cassange,  
D. Paschoal Bumba :

Recebi a vossa carta de 1 de março ultimo em resposta á que vos dirigi em 2 de setembro proximo passado. Muito me satisfaz ver a continuação das boas disposições em que vos achaeis, quer para obter a obediencia que deveis ás auctoridades portuguezas, quer para promover o desenvolvimento dos trabalhos uteis entre os vossos fillos.

Não tenho duvida em reconhecer que os povos de Cassange se distinguem já, entre os individuos de outras localidades, pela actividade com que se dedicam ao commercio, á agricultura e aos transportes. Por isso os louvo.

Foram recebidos os oito pretos e as oito gamellas de cera que mandaste, como donativo para o Estado, e tambem os objectos de mimo que me dirigiste especialmente, tudo mencionado na vossa carta.

Em retribuição vae o que consta da nota inclusa. Tambem vos enviarei opportunamente os retratos de Suas Magestades El-Rei e a Rainha, bem como um uniforme completo para vosso uzo.

Os oito pretos e a preta Albina ficam a cargo do Estado como libertos, e serão, os primeiros ensinados na repartição

das obras publicas, nos officios para que mostrarem disposições.

De novo vos recommendo as diligencias para que esses povos reconheçam geralmente a necessidade de contribuirem para as despesas do Estado, com a satisfação regular do dizimo.

A experiencia vos ha de ir convencendo, de cada vez mais, de que o governo de Sua Magestade quer e seriamente trata de promover a civilisação dos indigenas, por todos os meios adequados. É preciso que elles da sua parte concorram para aquelle bom proposito, na realisação do qual são os primeiros interessados. O modo de o fazerem consiste no cumprimento da obrigação que acabo de lembrar-vos, e na perseverança da sua applicação ao trabalho, que tornará facil tal cumprimento.

Eu tenho a mais firme esperanza em que o tempo das guerras em Cassange vae passando <sup>1</sup>, e como disfructando os beneficios da paz, todas as condições de melhoramento d'esses povos serão faceis de realisar.

Desejo-vos saude e prosperidades. Palacio do Governo em Loanda, 12 de abril de 1859.

Officio do Governador do districto de Golungo Alto ao Governador Geral: O chefe de Talla Mugongo em seu officio n.º 75 de 4 do corrente mez, participou-me ter chegado áquelle concelho em 21 do mez proximo, preterito, o parochó José Augusto Torres, bastante incommodado de saude,

---

<sup>1</sup> Que se repare n'isto.

mas que depois se achou melhor, e a 24 do dito mez celebrou a *primeira missa*, que foi muito concorrida por todos os habitantes proximos, e que o mesmo parochio continuava a empregar-se nos mais serviços divinos.

Tambem tomou posse da aula de instrucção primaria do concelho no dia 2 do corrente, o que tudo communico a V. Ex.<sup>a</sup> para seu conhecimento. Deus guarde etc. Golungo Alto 19 de maio de 1859.

### CARTA

Do jaga de Cassange D. Paschoal Bumba quiá Quinguri ao Governador geral:

Em consequencia de me constar o obito da Rainha a Seuhora D. Estephania, esposa do nosso Monarcha, El-Rei D. Pedro V, despacho para ir cumprimentar a V. Ex.<sup>a</sup>, como seu representante n'esta provincia, os meus primos Quitamba quiá N'Gunza e Cambamba ca Quissueia, a bem de significarem o pezar de que eu e os potentados meus subordinados, bem como minha mulher, estamos possuidos por uma tal catastrophe. Creio que V. Ex.<sup>a</sup> acreditará na sinceridade d'esta minha conducta; porque conheço a gratidão que devo a Sua Magestade, por ser no seu reinado que obtive a paz nos meus estados e a boa harmonia com o governo portuguez, a quem os meus antecessores sempre deveram obediencia, a qual protesto manter para não se arrepender V. Ex.<sup>a</sup> das boas intenções com que tem estado animado da minha pessoa, Cassange 13 de janeiro de 1860.

Nota da secretaria do Governo geral: Foi convenientemente respondida esta digna manifestação do jaga de Cassange.

O Governador geral José Rodrigues Coelho do Amaral pediu a sua exenoração em 31 de maio de 1860; foi nomeado o tenente coronel graduado d'infanteria, chefe do estado maior da 1.<sup>a</sup> divisão, Carlos Augusto Franco para lhe succeder, o que teve logar em 8 d'agosto d'esse anno. Deixou pois aquelle governador a provincia, mantendo o jaga de Cassange as melhores relações com a nossa auctoridade, vendo-se prosperar nas terras de Cassange o commercio licito, e tendo cessado de ha muito os motivos de perturbações da ordem.

Infelizmente pouco depois morre o chefe Joaquim Maria de Carvalho que se era muito estimado pelos portuguezes, não o era menos pelos povos de Cassange, e a sua falta se faz sentir, não no governo de Carlos Augusto Franco, que em 11 de setembro seguinte foi transferido para a provincia de Cabo Verde, mas no do seu successor o governador d'esta provincia o major d'engenheiros Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes, que só tomou posse do governo em 1 de janeiro de 1861.

Tive conhecimento da morte d'aquelle prestante official quanto a mim, que pela sua prudencia, longa pratica da vida com o gentio e sensatez, o continha na obediencia como symbolo da paz, pela seguinte portaria :

Achando-se vago o logar de chefe do concelho de Talla Mugongo, por fallecimento do official que o exercia, o tenente do esquadrão de cavallaria Joaquim Maria de Carvalho : attendendo á maneira digna de elogio como sempre tem desempenhado commissões d'esta natureza o 2.<sup>o</sup> tenente de artilheria da provincia, Manuel Antonio de Sousa Lobo ; e tendo outro sim em attenção não só á confiança que o corpo

do commercio d'esta praça em geral, e alguns negociantes que mais estreitas relações mantêm com aquelle ponto de Cassange, em particular, deposita n'este official; mas tambem ás circumstancias muito especiaes do dito concelho: hei por conveniente nomear o referido official Manuel Antonio de Sousa Lobo, chefe do mencionado concelho. As auctoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram. Palacio do Governo em Loanda, 22 de outubro de 1860. (a) *Carlos Augusto Franco*, Governador geral.

Sempre assim! Quiz-se justificar a nomeação do novo chefe, um official moderno, com laudatorias, e nem sequer uma palavra de gratidão ao que tendo prestado só ali n'uma administração de oito annos, serviços relevantissimos, que seus administrados pediram a devida venia para galardoar, com uma espada de honra, commemorativa da paz e do bem estar que lhe deviam, e fôra victima da sua constante permanencia e util actividade n'aquelle inhospito clima!

Nem uma palavra, repito, n'aquella portaria, de referencia saudosa, áquelle benemerito chefe, nem tão pouco publicação alguma por onde se avalie dos seus ultimos momentos, e lembre á posteridade quanto Angola, e o Paiz em geral, ficou devendo-lhe de bons serviços!

O que é certo é que a sua falta se sente logo, pois o Governador Calheiros que, como ficou dito tomou posse em 7 de janeiro de 1861, decerto, depois de troca de correspondencia que se não publicou sobre a alteração da ordem em Cassange, já em 18 d'outubro d'esse mesmo anno diz em portaria:

Attendendo ao distincto comportamento do major de 2.<sup>a</sup>

linha João Francisco do Casal, *desde que lhe ordenei*, que marchasse de Pungo Andongo sobre o Songo na linha de Cassange, commandando a 1.<sup>a</sup> columna d'operações contra os povos rebeldes que infestavam aquelle paiz e principalmente os de Marimba Angombe; á maneira como se houve batendo e dispersando estes povos, e sobretudo á marcha acertada, rapida e fadigosa, que executou sobre a feira de Cassange, salvando aquelle estabelecimento em crise apurada, da furia e depredação dos povos que se dispunham a atacal-a; e attendendo mais á maneira acertada como ali se tem comportado para punir os desacatos e recuperar os objectos roubados pelos povos rebellados do Quembo e Quango: hei por conveniente promovel o ao posto de tenente coronel de 2.<sup>a</sup> linha. As authoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo em Loanda, 18 de outubro de 1861.

— (a) *Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes*, Governador Geral <sup>1</sup>.

No dia seguinte ao d'esta data, sem que se saiba dos motivos foram nomeados: Joaquim Pedro dos Santos, tenente do batalhão de caçadores n.º 2, chefe do concelho de Talla-Mugongo; e Joaquim Antonio Pedro dos Reis, capitão graduado de 2.<sup>a</sup> linha, commandante do forte em construcção na divisão do Sanza.

---

<sup>1</sup> Foi confirmada esta promoção por Decreto Regio de 3 de dezembro do mesmo anno.

Em 14 de dezembro publica-se no Boletim Official as seguintes noticias de Cassange de 16 do mez antecedente :

Consta que, tendo as duas columnas em operações do commando do tenente coronel de 2.<sup>a</sup> linha João Francisco do Casal, e do tenente de infantaria n.º 1, Julio Augusto da Serra, marchado de Cassange no dia 11 do mesmo mez sobre o Quilombo (acampamento) do jaga Bumba, este fugira precipitadamente, tendo depois aquellas columnas batido o inimigo em diffeantes encontros.

As columnas apenas soffreram perda de 2 soldados mortos, 2 feridos levemente e um pretó camoeigi ferido gravemente ; a do inimigo foi grande. Além dos mortos, cujo numero deve ser avultado, mas desconhecido, pois que o genitio aqui, como por toda a parte, costuma retirá-os do campo, perdeu 30 prisioneiros e 350 cabeças de gado grosso e outras do meudo.

Os commandpntes das columnas, animados das melhores disposições, esperam que esta campanha estará brevemente concluida com o mais feliz resultado para os interesses provinciaes.

Em 19 do mesmo mez foi lavrada a seguinte portaria do governo geral :

Attendendo ás informações havidas a respeito de Joaquim Pedro dos Reis, e aos serviços por elle prestados na columna de operações em Cassange: hei por conveniente, na conformidade do § 10 do art. 18 do decreto de 15 de julho de 1857, nomeal-o commandante do forte em construcção na divisão do Sanza, com a graduação de capitão de 2.<sup>a</sup> linha.

As auctoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

No dia 21 publicou-se do Boletim Official as noticias referidas a 28 de novembro: N'este dia achavam-se acampadas nas margens do Luiu, em perseguição do jaga Bumba e seus sequazes, batidos sempre que são encontrados.

O inimigo tem soffrido grande perda, principalmente em gados, pois que, além do necessario para sustento da tropa desde a saída de Cassange, já foram enviadas para este ponto 500 cabeças de gado vaccum.

Como se vê o jaga Bumba de novo perjura revoltando-se contra a nossa auctoridade e força o governo geral a tomar serias providencias para o castigar e aos seus partidarios.

O governador Calheiros e Menezes, publicou o seu relatório referido ao anno de 1861, e d'esse, extracto apenas o que encontrei sobre Cassange:

*Commercio*: — Acheio frouxo por causa da guerra que tinha havido no norte (Ambriz), e dos disturbios que já soffria o de Cassange e por causa da apathia que se dava no mercado de generos coloniaes na Europa.

*Força militar*: — Conservando a companhia de linha em Malange tive em vista sustentar o nucleo da força, que nunca devia deixar de haver n'aquelle importante ponto, que já depois mandei convenientemente fortificar, como ponto de apoio ao Duque de Bragança, e baze natural de operações, quando houvermos de sustentar guerra no interior, a leste, norte ou sul.— Ordenei a fortificação dos pontos, Malange, Sanza, Talla Mugongo e Cassange <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Nem tudo se fez como se verá, sendo o governador illudido pelas informações que se lhe davam.

O governo de Sua Magestade não ignora que a condição natural da administração d'esta colonia é fazer a guerra e preparar-se para ella. Se pois já mostrei que n'essa previsão mereceu todo o cuidado o pessoal e material proprio, não se extranhará que eu tenha de dizer, que me foi necessario fazer a guerra.

Quando me achava ainda pouco seguro, e não tranquillo a respeito do norte, quando uma expedição que levava mantimentos e soccorros ao Bembe e Congo, acabava de recolher, apresentou-se-me a necessidade de fazer a guerra a leste de Malange.

A tranquillidade e segurança tinham desaparecido do concelho do Pungo Andongo pelo desenfreamento de alguns escravos fugidos, e o commercio de Cassange soffria gravemente dos ataques feitos no Songo ás suas caravanas pelos pretos do territorio não avassallado.

Tomei as medidas adequadas e obtive que Pungo Andongo entrasse nas condições normaes. Uma columna de operações manobrava logo depois no Songo, e as depredações que o commercio havia soffrido, recebiam o merecido castigo, que ia completar com a entrada em campanha de uma segunda columna, cuja organização eu mesmo fui presenciar em Malange, visitando por essa occasião todos os concelhos do interior nos valles do Bengo, Lucalla e Quanza.

N'esta occasião, porém, sobreveiu uma grave complicação. O gentio da jurisdicção de Cassange, collocou-se em hostilidade com as auctoridades e com os commerciantes portuguezes ali estabelecidos, e quando a força de que o chefe dispunha, operava na divisão do Songo, os negociantes das Maias foram atacados e roubados e a feira ficou seriamente ameaçada.

O commandante da 1.<sup>a</sup> columna de operações, o major graduado de 2.<sup>a</sup> linha, João Francisco do Casal, accudindo ao chamamento feito de Cassange, salvou aquella feira, prestando um serviço relevantissimo, o que junto com outros já prestados eu contemplei promovendo-o a tenente coronel e submettendo essa resolução á approvação de Sua Magestade. Restava porém, vingar as injurias e elevar a nossa auctoridade. Ali accudiu, pois, a 2.<sup>a</sup> columna sob o commando do tenente de 1.<sup>a</sup> linha Julio Augusto da Serra, novos reforços lhe foram enviados, e depois de dar ao commercio da feira o tempo de negociar com o gentio a entrega dos objectos roubados, quanto foi possível, entraram essas forças em campanha com boa fortuna.

Um revez que soffreram as nossas forças em 29 de junho <sup>1</sup>, obsta a que eu não possa declarar n'este relatório terminada a campanha. Tomei já as medidas precisas, enviei os reforços necessarios, e espero que não tardará muito que esse revez seja vingado, pacificado o paiz e concluida a guerra.

Ao passo que levava a guerra aos sertões longiquos do Sanza e de Cassange, cuidei de satisfazer a instante necessidade de uma occupação n'aquelle paiz. Os negociantes estabelecidos n'aquelles pontos da linha por nós occupada e a tropa que os garante, achavam-se sem fortificação para sua defeza. Mandeí construir uma fortaleza em Malange e outra em Cassange, e reductos apropriados em cada um dos pon-

---

<sup>1</sup> Este revez foi a surpresa do ataque á primeira columna que debandou, abandonando o commandante tenente coronel Casal que foi trucidado, seguindo-se depois a perseguição aos nossos fugitivos que os rebeldes encontraram isolados.

tos intermedios no Sanza e Talla Mugongo. Espero que a licção que com a guerra receberá o gentio, e a força material e moral que dará a linha de fortificação, mudarão para o futuro a nossa situação, até hoje tão precaria n'aquellas paragens.

Depois do revez soffrido pelas nossas tropas, em 29 de dezembro, a morte do tenente coronel Casal e completa debandada das forças sob o seu commando perseguidas pelo inimigo; o Governador geral teve de tomar serias providencias no bom intuito d'uma vingança que se tornasse lembrada, em todos os tempos, do gentio, e foi com taes preparativos que começara o anno de 1862.

### PORTARIA

Attendendo ás circumstancias que concorrem na pessoa do tenente de infantaria Julio Augusto da Serra, e ás provas que tem dado da sua capacidade no commando da 2.<sup>a</sup> columna de operações em Cassange: hei por conveniente, uzando da faculdade que me concede o art.º 3.º § 2.º do decreto de 28 de setembro de 1838, conferir-lhe por conveniencia do serviço publico, o posto de capitão de commissão; e outro sim nomeal-o commandante de todas as forças de operações em Cassange. As auctoridades, etc.

Palacio do Governo de Loanda, 20 de janeiro de 1862.

Em 14 de fevereiro, consequencia de novas noticias alarmantes, publicou-se est'outra:

### PORTARIA

Devendo a povoação de Malange considerar-se centro e ponto de apoio de operações militares e ao mesmo tempo de transacções commerciaes: hei por conveniente ordenar que ali se construa uma fortaleza sobre a planura situada a leste da povoação, approvando o projecto que mandei coordenar e se acha assignado por Francisco Pereira Dultra <sup>1</sup>, encarregado do serviço d'obras publicas na provincia, comprehendendo a linha de defeza abaluartada d'um quadrado de 223 metros de lado, os edificios para os alojamentos do chefe do concelho e commandante, officiaes e soldados, e outros precisos para o serviço publico, e para o dos particulares em caso de necessidade; e comprehendendo mais o alinhamento da povoação

E outro sim hei por conveniente ordenar, ouvida a Junta de fazenda publica, que se abra, como a mesma Junta julgar conveniente, um credito de fundos applicaveis ás sobre-ditas obras, como o permittam as forças do cofre publico, conjuntamente com os meios de que póde e deve dispor o chefe do respectivo concelho, e com o trabalho da columna de reserva que marcha sobre aquelle ponto. As auctoridades etc. Palacio do Governo, Loanda 14 de fevereiro de 1861.

Apezar da situação bellica com respeito a Cassange em que se encontrava o Governador Calheiros, não esqueceu elle

---

<sup>1</sup> A fortaleza foi demolida ha 4 annos e da linha abaluartada que rodeava a povoação ainda em parte se vê as ruinas.

em 25 do mesmo mez de mandar lavrar uma Portaria renovando a Commissão Municipal do concelho de Talla Mungongo, que devia servir no biennio de 1862-1863 e nomeando os cidadãos que a deviam compôr.

Em 3 de março encarregou o major do exercito commandante do Batalhão de infantaria n.º 1 Domingos Antonio Gomes, do commando e organisação das forças de operações em Malange, e bem assim da direcção superior das obras da fortaleza mandada construir n'aquelle ponto pela portaria de 14 de fevereiro, segundo as instrucções que lhe foram dadas; e determinou que o chefe do concelho do Golungo Alto cumprisse as requisições e ordens que para o desempenho da sua commissão houvesse de transmitir-lhe o referido major.

Impressionara em Lisboa a traiçoeira morte que tivera o tenente coronel Casal, que pouco antes El-Rei havia agraciado pelos seus prestimosos serviços, confirmando o posto d'accessão que lhe fôra conferido pelo Governador geral, e por isso não surprehende o decreto que se segue de 2 d'abril:

### DECRETO

Attendendo aos distinctos serviços que o tenente coronel de 2.<sup>a</sup> linha da provincia de Angola, João Francisco do Casal, prestou no desempenho de arriscadas commissões, e ultimamente no commando das forças destinadas a subjugar as povoações rebelladas do sertão do Quêmbô; tendo em consideração o esforço de que deu repetidas provas, e o ter acabado entre turbas de inimigos, victima do proprio denodo, no combate de 29 de dezembro do anno passado; e querendo premiar na pessoa de sua mãe, viuva, Josepha Vieira

do Casal, o prestimo e sacrificio d'aquelle official, por varias vezes recommendado pelo Governador geral da mesma provincia: hei por bem conceder á mencionada Josepha Vieira do Casal uma pensão de trezentos e trinta e seis mil réis annuaes, equivalente ao soldo do seu fallecido filho, na conformidade da carta de lei de 16 de maio de 1860.

No intento que tinha em vista, não esquecia o Governador geral de galardoar os serviços de todos aquelles que se distinguiam cooperando com elle para o bom exito e assim mais uma vez elle elevou na hierarchia militar o joven official Serra e não esqueceu os auxiliares por elle recommendados, o que se vê nos seguintes honrosos documentos:

### PORTARIA

Attendendo ao distincto comportamento, acerto e denodo com que se houve nos dias 29 e 30 de dezembro ultimo, no sitio do Papho, o capitão de infantaria n.º 1 Julio Augusto da Serra <sup>1</sup> actual commandante das forças de operações a leste, repellindo o inimigo que atacou com grande vantagem de numero a força do seu commando; bem assim ao modo como se comportou no dia 20 de janeiro no sitio de Cassanza;

---

<sup>1</sup> Quem escreve esta *Memoria* assistiu á missa mandada celebrar na Igreja da Encarnação em Lisboa, pelo Ministro Mendes Leal, por alma do fallecido tenente coronel Casal, e mezes depois commandava a força do deposito do Ultramar, que no cemiterio do Alto de S. João prestava as honras funebres ao major Julio Augusto da Serra, que regressando bastante doente a Lisboa, áqui falleceu.

Attendendo á maneira como sustentou em criticas circumstancias a feira de Cassange; que não abandonou senão em ultima extremidade de falta de recursos;

Attendendo ao seu comportamento depois que chegou a Malange, onde tem continuado a servir com zelo, apesar do seu mau estado de saude:

Hei por conveniente. usando da faculdade que me é concedida pelo artigo 3.º § 2.º do decreto de 28 de setembro de 1838 e artigo 11.º § 6.º do decreto de 15 de julho de 1857, conferir o posto de major de commissão ao mencionado capitão Julio Augusto da Serra, pelo seu distincto comportamento em campo de batalha, e pelos serviços que tem prestado e espero continuará a prestar. As auctoridades etc. Palacio do Governo em Loanda 11 de junho de 1862 (a) *Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes*, Governador geral.

### PORTARIA

Attendendo aos serviços que tem prestado o alferes de infantaria n.º 1 Joaquim da Costa; e ás repetidas recommendações que mereceu do tenente coronel João Francisco do Casal, e major Julio Augusto da Serra, commandantes das columnas de operações a leste, pela maneira distincta como se comportou em frente do inimigo, especialmente no dia 20 de janeiro d'este anno, no sitio de Cassanza, bem como na defeza da feira de Cassange, e outras occasiões posteriores: hei por conveniente, usando das faculdades que me concede o artigo 3.º do § 2.º do decreto de 28 de setembro de 1838, e artigo 11.º § 6.º do decreto de 15 de julho de 1857, conferir ao mencionado alferes, Joaquim da Costa,

o posto de tenente de commissão. As auctoridades etc. Palacio do Governo em Loanda, 11 de junho de 1862. (a) *Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes*, Governador geral.

Cada vez mais se complicava a situação de Cassange, ao mesmo tempo que outras questões se levantavam pelos conflictos que se deram com o consulado americano e muito difficultaram a superior administração, cujas resoluções foram de geral agrado por dignas e patriotas; e decerto, devido ao modo porque se houve em taes conjuncturas o illustrado Governador, poucos annos depois, lhe foi confiado o alto cargo de Ministro e Secretario d'Estado, se bem me recordo, dos Negocios das obras publicas commercio e industria; no emtanto fora exonerado em 11 agosto, dando a posse do seu cargo, em 18 de setembro, ao distincto official da nossa armada José Baptista d'Andrade, a quem a provincia já devia relevantissimos serviços, o qual bem conhecia do pessimo estado dos negocios de Cassange, e lhe fôra confirmado pelo seu antecessor no discursso d'entrega n'estas palavras:

...Já disse, que quando tomei conta da administração d'esta provincia, havia disposições a hostilidades da parte dos povos gentios, e assim acontecia desde Malange até ao Cuango, ou fosse porque essas disposições sempre ali germinassem mais ou menos, ou porque o estado de guerra, em que se tinha achado a provincia (norte) animava esses povos a satisfazerem os seus instinctos.

Estas hostilidades não tardaram a manifestar-se no Songo sob as apparencias de roubos repetidos, muito incommodos

para o commercio. Em vista das representações que me foram feitas, e das communicações officiaes, resolvi-me a fazer marchar uma columna commandada pelo infeliz e valente tenente coronel Casal.

A columna marchou e encontrou a resistencia que era de esperar. Ao mesmo tempo se praticavam nas Maias grandes desacatos contra os feirantes ali estabelecidos, e por fim a mesma feira de Cassange foi ameaçada pelos povos visinhos e abandonada pelos feirantes, os quaes recorreram ao tenente coronel Casal, que lhes prestou prompto soccorro apesar da grande distancia a que se achava, e a feira foi salva.

Organisou-se uma segunda columna de operações, a qual eu vi partir de Ambaca primeiro, e depois de Malange no mez de setembro (1861).

As duas columnas reunidas em Cassange operaram ambas contra os povos rebeldes, que sempre foram batidos até ao dia 29 de dezembro, quando por uma imprudencia e demasiada confiança do commandante da 1.<sup>a</sup> columna, soffreu esta no sitio do Quêmbu um grande revez, onde foi morto o mesmo commandante.

O commandante da 2.<sup>a</sup> columna soube sustentar com denodo a sua posição, bateu o gentio, reuniu os soldados dispersos da 1.<sup>a</sup>, e retirou para a feira perseguido sempre, mas em boa ordem.

Logo que tive conhecimento d'este successo, mandei marchar o necessario reforço, e marchou com promptidão até Malange, executando-se as minhas ordens.

Seguiu-se o *sítio* a Cassange, onde os defensores, habitantes e feirantes soffreram grandes privações, a fortaleza foi bem defendida, o inimigo sempre repellido com perda, tendo a força feito algumas sortidas ao principio com o fim

de impedir a reunião da gente do inimigo, e depois para ver se conseguia afastal-o.

Por fim a fortaleza foi abandonada no dia 23 de março (1862) por falta absoluta de viveres, e porque as febres faziam e tinham feito grandes estragos, retirando-se toda a artilheria, e quanto pertencia ao Estado.

Durante este periodo do sitio a Cassange marchava a força que devia soccorrer a feira, composta de 700 homens e uma bocca de fogo, a qual gastou até *Petujiá Mulla* distante da feira dez horas de marcha, o triplo do tempo que devia empregar. Foi esta a unica causa do abandono de Cassange. A força que retirava encontrou-se a quatro dias de morosa marcha com a que a devia soccorrer.

Toda a força reunida retirou para Malange, onde chegou no dia 17 d'abril.

Se tantos esforços e constancia tivessem sido coroados com a victoria, cada um disputaria a sua parte na gloria dos feitos, como, porém, terminaram no abandono da feira, quasi todos passaram ao campo das recriminações, e cada um attribuia os desastres a causas que a sua imaginação lhe suggeria, esquecendo-se da parte que lhe cabia nos soffrimentos e perigos da defeza de Cassange, que não tem ainda pouco valor. Eu creio que poucos tem razão e que quasi todos fizeram o seu dever.

A força que retirou de Cassange conservou-se em Malange, e eu principiei logo a tomar as devidas disposições para a reunião de novas forças, remessa de material, munições e meios precisos para emprehender de novo uma campanha decisiva.

Alguns negociantes de Loanda interessados no commercio de Cassange propozeram-se a convidar e minuciar uma

guerra dos povos alliados do Bailundo. A proposta foi-lhes bem recebida.

Este meio de fazer a guerra nos sertões de Angola é bem conhecido: foi assim que se conquistou esta provincia.

Os povos de Bailundo acceitaram o convite, e devem estar hoje em marcha para o ponto que lhes foi indicado, bem como ás forças regulares do governo, e, todas juntas, ainda dando o devido desconto a noticias e participações officiaes exageradas, não devem operar em numero inferior a 15:000 homens, força armada e serventes. Marcharam de Loanda parte dos officiaes que entraram em campanha, e com elles se acha o major Serra e o major Lucena, commandante geral.

Toda a divisão de operações organizada e municuada, como tenho dito, deve marchar de Malange nos primeiros dias d'outubro. A força é sufficiente para empregar as operações com segurança, e para castigar os povos rebeldes de Cassange, Quêmbô, Quanza e outros por maneira, que ha de acabar por uma vez o estado de repetidas hostilidades, em que permaneciam.

Em consequencia do bravo major Julio Augusto da Serra ter recolhido a Malange, bastante doente, não obstante continuar a fazer serviço, foi nomeado em 18 de junho, o major do exercito de Portugal em commissão na provincia João José Botelho de Lucena que então commandava o batalhão de infantaria n.º 1, para substituir o major do mesmo exercito Domingos Antonio Gomes, no commando geral das forças em operações a leste, que por Portaria de 18 de abril deixou d'exercer esta commissão para que tinha sido nomeado

em 3 de março anterior e ficou este substituindo o major Lucena no commando do referido Batalhão.

O novo governador Baptista de Andrade, hoje, venerando e muito querido Almirante da nossa Armada, dias depois de tomar posse do seu elevado cargo, não esqueceu um dos seus valorosos auxiliares nas campanhas que commandou e de que saiu sempre glorioso no norte da provincia, o então já coronel<sup>1</sup>, Theotonio Maria Coelho Borges, e faz lavrar a seguinte

#### PORTARIA

Tendo pedido a demissão do cargo de governador do districto de Golungo Alto, o tenente do exercito de Portugal, Vicente Frederico Scamichia, o qual agora se acha em Mossamedes com licença da junta de saude; sendo da maior urgencia que o mesmo cargo seja provido, e em pessoa que reuna, aos conhecimentos especiaes do paiz, *eminentes qualidades militares*; concorrendo no coronel Theotonio Maria Coelho Borges, os dotes necessarios para, nas circumstancias difficeis em que actualmente se acha o centro da provincia, bem desempenhar o dito cargo: hei por conveniente, na conformidade do voto unanime do Conselho do Governo,

---

<sup>1</sup> Do coronel Theotonio Maria Coelho Borges tive a honra d'alguma cousa dizer dos seus reconhecidos feitos illustres nas guerras de Angola na Revista Illustrada «As Colonias Portuguezas», n.º 2 do 1.º anno, pag. 18 e 19 para que chamo a attenção do leitor, limitando-me aqui, a transcrever as palavras do muito illustre Almirante Baptista de Andrade, chefe de operações no Congo (1860): «A valentia do major Borges já era bem provada; eu só tinha a esperar d'elle o que vi.»

nomear o mencionado coronel para exercer interinamente o cargo de governador do districto de Gulongo Alto.

As auctoridades, etc. Palacio do Governo em Loanda, 1 d'outubro de 1862.— (a) *José Baptista de Andrade*, Governador geral.

Em 16 de outubro o novo governador do districto estava em Malange, onde tomou o commando das forças que deviam operar sobre Cassange e mais terras de diversos rebeldes; e decorreram o ultimo trimestre d'este anno e o primeiro semestre de 1863, em preparativos para se operar com segurança contra aquelles povos, o que deve concluir-se do silencio em que se conservou o Boletim Official a tal respeito, e da publicação em junho do interessante relatorio do então chefe do concelho de Malange, capitão Antonio Maria Ribeiro, enviado ao governador do districto (Golungo-Alto) o coronel Theotonio Maria Coelho Borges, que transcrevo :

### RELATORIO

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.— Para dar execução ao que me foi ordenado por V. Ex.<sup>a</sup> em seu officio n.º 35 de 31 do mez preterito, sahi de Malange no dia 8 do corrente e cheguei a este ponto do Sanza pelas 10 horas do dia 10, com o fim de o observar, estudar e conhecer das vantagens que elle apresenta com relação ao apoio que aqui devem ter as operações sobre Cassange.

Logo que aqui cheguei explorei este sitio em todas as direcções nas duas margens do rio Cuige: e pelo estudo e observações que fiz, é minha opinião que este ponto Sanza pela sua posição se presta em tudo aos desejos do governo,

não só em relação ás indicações que V. Ex.<sup>a</sup> se dignou designar-me no seu citado officio, como tambem para se levantar n'este ponto uma fortificação <sup>1</sup> quer passageira, quer permanente, pelas vantagens que passo a informar a V. Ex.<sup>a</sup>

O Sanza, propriamente dito, é esta parte do terreno contiguo ao rio Cuige, e onde este forma uma grande cachoeira de pedras de que é formado o seu leito. É d'estas a que o gentio denomina Massanza, que este ponto deriva o nome Sanza.

Temos pois o sitio do Sanza com o apoio d'aquelle rio na sua frente, correndo no sentido do sul para o norte, com bellissima agua em toda a estação do anno, e dando passagem no Cacimbo para o outro lado a pé enchuto por cima d'aquellas pedras, o que já fiz por mais d'uma vez, correndo a agua do rio por entre as grandes fendas e agulheiros praticadas nas mesmas.

Ha aqui n'este sitio dois portos, um junto ao outro, onde é transposto o rio, e tem tambem na margem direita uma pequena ilha, proveniente do deslocamento que faz de parte de suas aguas, não mui longe do primeiro d'aquelles, tornando a reunil-as onde é o segundo. São estas as duas primeiras vantagens que terá a fortificação que aqui se levantar, apoio no rio e abundancia de agua.

A terceira é ter a sua posição situada em terreno aberto para ambas as margens, e desembaraçado até grande distancia de arvoredo em uma estensa campina com um pequeno declive ascendente desde as margens do rio, avistando este a grande distancia para a parte sul e mesmo para o norte, bem como as mattas que lhe ficam ao sul, leste e oeste.

---

<sup>1</sup> Como se vê do tempo do governador Calheiros nada existia.

A quarta é a de ser aqui onde se juntam as duas estradas principaes que demandam de Cassange: uma a dos Bondas que, passando o rio n'este ponto, segue na direcção leste, para a montanha de Talla-Mugongo no sitio Macoria, para a descer e achar-se nas terras de Cassange; a segunda, denominada estrada real de Cassange ou de Talla-Mugongo, sobe ao longo d'aquelle rio, e, com 12 a 13 horas de marcha, o vae atravessar no porto propriamente dito Cuige, e d'este para estar no cimo d'aquella montanha Talla-Mugongo gasta uma hora, para d'ali a descer, com duas horas de marcha, e achar-se em Catuiha, já povoação situada na estensa planicie de Cassange.

Esta planicie é approximadamente circular, apresentando a configuração d'uma bacia, circumdada pela grande montanha de Talla-Mugongo. É dividida ao meio pelo grande rio Quango, que, talhando aquella montanha pelo lado sul para dar entrada ás suas aguas, atravessa aquella planicie, e recebendo no seu leito as aguas de todos os rios e riachos que por ella serpenteam, vae com o rumo norte fender por este lado a montanha para lhe dar sahida, e segue na mesma direcção a juntar as suas aguas ás do rio Cassai, ou Canzáre, que passa além de Talla-Mugongo nas terras dos Quiocos. É este rio que alguns dizem ser o grande rio Zaire.

Os terrenos que estão da margem esquerda do rio Quango, lado oeste, e chegam até á crista da montanha, é ao que propriamente chamam Cassange, e são povoados pelos povos Banglas ou Cassanges. E os comprehendidos na margem direito, lado leste, e até ao cimo da montanha, é a parte que denominam Xinge, habitada pelos Maxinges, inimigos dos Banglas.

Ha a observar, n'estas duas partes, na proximidade da

abertura que faz o rio Quango, para dar entrada ás suas aguas na planicie, formado em angulo, cujos lados são os rios Luali e Cuambe, nascentes ambos na montanha e tributando-as ao Quango, quasi na mesma altura no sitio Casangulo, que a parte de terreno interno a este angulo é habitado de ambas as margens do Quango pelos Minungos, que prestam obediencia e tributam ao jaga Bumba. O rio Luali divide o terreno da parte oeste ou dos Banglas, e junta as suas aguas ás do Quango e pela margem esquerda, e o Cuambe ás de leste ou dos Maxinges na margem direita.

Este gentio pagava dizimos ao Estado desde que em 1859, ali foi posto pelo fallecido tenente Carvalho o soba Chavafunvo, morto pelo jaga Bumba na ultima guerra por ser affecto ao partido do governo. Agora domina ali o celebre soba Camassa, que tão saliente se tornou na guerra de 61 e 62, e um irmão d'aquelle fallecido soba de nome Macoanha Bengo.

Da parte posterior da meia circumferencia da montanha que olha a leste, começa a nação dos Quiocos, que seguindo para o interior n'aquella direcção, vae confinar com a Lunda, pertencente ao potentado Matianvo.

Na outra parte posterior da meia circumferencia da montanha que olha a oeste, e nos fica em frente, estão os terrenos do Songo grande e pequeno, e são povoados pelos Massongos; pelos Bondos, raça gentilica mesclada de Massongos e Gingas; por parte d'estes; e junto á abertura norte que faz o Quango na montanha, para dar sahida ás suas aguas, que seguem o seu curso n'aquelle rumo, pelos Maxinges e Hollos, e confinantes com estes, d'ambas as margens d'aquelle rio pelos Peindes.

N'esta parte ha a notar-se a circumstancia e ter muita

atenção, para quando ali chegue a columna que operar sobre aquelle ponto; por quanto é por esta parte que o jaga Bumba tenciona evadir-se, caso soffra revez para ir refugiar-se nas terras dos Peindes, ou então para o Songo, nas pertencentes ao Marimba Angombe, que ficam entre a montanha e a margem direita do Cuige: isto segundo consta dito por elle jaga.

Voltarei a tratar d'este assumpto em occasião opportuna; e continuando na descripção que diz respeito ao Sanza, informarei mais a V. Ex.<sup>a</sup> que no trajecto a percorrer na estrada real, que segue a Cassange, se encontra logo a quarto de hora de distancia o riacho Catombe 1.<sup>o</sup>, de pouca importancia, tributando as suas aguas ao Cuige, vadiavel em todo o tempo, e do cacimbo a pé enchuto por cima das pedras de que é formado o seu leito, o que eu já fiz quando o observei.

Mais ávante, na distancia de duas horas de caminho, se depara com a Quizanga do Marimba (lagôa grande) que no cacimbo está sempre secca, como tambem já o observei; porém durante as chuvas maiores é perigo atravessal-a por encher muito com as aguas que não pôde abranger no seu leito o Cuige, e ser bastante extensa, de mais de uma legua.

Adiante d'esta se encontra o riacho Camalenda, de pouca importancia e secco no cacimbo. Em seguida a este está o riacho Catombe 2.<sup>o</sup>, é maior, dá as suas aguas ao Cuige, e o seu fundo é mui lodoso e atascadisso, sendo por tal motivo perigoso ao vadeal-o, principalmente para cavalgadas e viaturas de tracção: é pois de absoluta necessidade montar uma ponte n'este riacho, para obstar a demoras e acontecimentos sinistros. A estes seguem-se os riachos Caiongo e Massafo, pequenos e sêccos nò cacimbo. Adiante d'estes se encontra o pequeno morro de Gundo-já-quistinda, cercado

pelo riacho Camacollo, tambem de pouca importancia e sêcco em partes, no cacimbo. D'este se passa á lagoa ou pantano Caribo, de pessimo trajecto por ser lodosa e nunca sécca mesmo no cacimbo; tem muitas raizes de arbustos e mabuz que n'ella nascem, e terá de extensão approximadamente 300 metros: é tambem de absoluta nécessidade melhorar a estrada n'este sitio. D'esta lagôa se vae ao porto propriamente chamado Cuige, para vadear este rio, não offerecendo obstaculo no cacimbo, porém no tempo das grandes chuvas, se precisam canôas ou jangadas para atravessal-o. D'este se sobe á montanha de Talla-Mugongo, para a descer e achar-se na planice de Cassange. A descida d'esta montanha é pessima, mui escabrosa, e cobêrta de mui grande e vasto arvoredos; sendo difficulosissimo conduzir n'aquella descida a artilheria de tracção, ou melhor direi que não se poderá praticar sem que primeiro se regularise. N'esta estrada tambem se encontram algumas mattas, porém pequenas e pouco espessas.

Passarei agora á dos Bondos, n'esta o arvoredos é constante em toda a estrada, mais denso e maior; tem alguns riachos todos pequenos e seccos no cacimbo. A maior difficuldade que apresenta é já na montanha de Talla-Mugongo, pelos 3 morros que tem a transpor, sendo o ultimo o maior, e mais ingreme para chegar ao seu cume, no sitio *Macoria* onde n'outro tempo foi a localidade da feira de Cassange. D'este sitio se desce ao de Cafuxe, na raiz d'aquelle morro, e já situado na extrema planice de Cassange; d'este se passa á margem do rio Luhanda, demarcação dos Bondos com Cassange. O tempo preciso para percorrer esta estrada é de 20 horas approximadamente.

Na margem direita do Cuige e a pouca distancia do

porto que esta estrada ali atravessa, está assente a Banza ou libata do soba N'hanga, que ultimamente prestou em Malange a devida vassalagem; a referida estrada passa pelo centro d'aquella libata, que fica fronteira ao local onde se deve levantar a fortificação n'este ponto, e estou certo que o obuz de montanha, que aqui tenho, lançará uma granada espherical dentro d'aquella libata.

Temós pois observadas as estradas principaes que d'este ponto Sanza conduzem a Cassange, e os principaes obstaculos que n'ellas se encontram, os quaes devem ser melhorados ou direi antes abstrahidos; fazendo n'estas estradas a precisa exploração para estudar e conhecer dos meios a empregar para tal fim, mais faceis e aproveitaveis, que julgo serão: Procurar dar-lhes melhor direcção e mais proxima; construir sobre os riachos solidas pontes, e nas lagoas abrir-lhes grandes vállas, que affastem as aguas de vir interromper as estradas; ou então na margem do rio Cuige, formar diques ou bongues (termo do paiz) á imitação dos que fazem os lavradores, que habitam nas proximidades dos rios Bengo, Zenza, Dande e outros, para obstar a que nas grandes chuvas as aguas d'aquelles rios trasbordem, e vão alagar as plantações que fazem nas suas margens. Com estes melhoramentos se tornará necessariamente o trajecto n'estas estradas mais rapido e livre dos inconvenientes que actualmente se lhes nota e riscos a que estão sujeitos os viajantes.

Julgo tambem ser de absoluta necessidade que n'estas duas estradas, antes de marchar a expedição sobre Cassange, se faça até Talla-Mugongo um reconhecimento, podendo então, se a occasião o permittir, fazer n'ellas o estudo e observações que acima deixo ditas, com o fim principal de observar os animos, disposições e maneira como é

recebida a força que se empregar n'aquelle reconhecimento, pelo gentio que habita ao longo d'ellas; principalmente o soba Marimba Angombe, que tendo a sua Libata proxima á estrada real de Cassange pelo lado sul no sitio Cangumbo, entre os riachos Caiongo e Massafo, e não se tendo elle antes d'isso apresentado e submettido á devida vassalagem, ou V. Ex.<sup>a</sup> a isto o obrigue, queira apresentar alguma resistencia e oppor-se á passagem da força, por ser este soba muito affecto ao jaga Bumba e seus partidarios; porquanto foi por intermedio d'este que o actual soba entrou ha pouco tempo no estado d'aquelle sobado. Mais para o interior, subindo ao Songo grande se acha o principal soba d'esta parte do Songo pequêno, denominado Cungo-á-Palanga; a este presta obediencia e é subordinado o Marimba; mas não consta que em tempo algum aquelle soba se tenha opposto ou feito resistencia e guerra na passagem das expedições que tem marchado sobre Cassange, ou tambem que se tenha envolvido com os outros. E antes sim consta que em 1850, quando o sr. major Salles Ferreira subiu a Cassange com a primeira expedição, esteve em boa harmonia com elle e o presenteou por vezes.

Comtudo o reconhecimento a estas duas estradas muito convem se faça. Temos tambem visto quaes são as vantagens a que se presta o ponto Sanza em relação á sua posição para aqui se levantar uma fortificação que sirva de apoio á divisão que o invadir para operar na extensa planicie de Cassange, tendo esta como se sabe e conhece a barreira natural tão respeitavel da montanha de Talla-Mugongo que a circunda; apresentando por assim dizer um apoio ou fortificação natural que cobre, defende e guarda aos que na área d'aquella teem as suas moradias. Passarei agora a compa-

rar as vantagens que este ponto Sanza apresenta sobre o de Malange, e os inconvenientes d'este.

Temos logo duas desvantagens bem salientes e principaes a notar, que não se dão no Sanza, e são a arborisação e falta d'agua; por quanto Malange está collocado no centro d'um bosque, e, bem se póde dizer, em uma baixa, cercado de morros que, no tempo das grandes chuvas, se torna o seu terreno em muitas partes e por algum tempo paludoso.

A falta de boa e abundante agua tambem é por todos sabida, e a mim não me consta que haja outra mais proxima, e de que se faça uso em Malange, a não ser a que se vae buscar á poça barrenta, que denominam *Capopa*, proveniente da infiltração na raiz d'um morro d'argila esbranquiçada, ao que os naturaes dão o nome de Pemba.

Esta agua com facilidade póde ser tomada e mesmo destruida a sua origem pelo inimigo, torneando este, por entre o emaranhado bosque, as tres fortificações de Malange, e de nenhuma d'estas será observado. Além d'isto, em torno d'esta fonte e sua proximidade, bem se podem embuscar mais de mil homens, e de que qualquer das tres fortificações não soffrem damno algum.

Estas desvantagens nunca se darão na fortificação que se levantar no Sanza, porquanto sempre terá á vista a agua e bem dominada, não podendo junto a ella abrigar-se o inimigo, quando ali se approxime, e tambem nunca este poderá destruir por ser, como é, corrente d'um rio, nem mesmo tornear a fortificação sem ser observado a grande distancia, dominando, como o fará, não só o rio como as estradas e terreno adjacente.

A agua do riacho, que corre por debaixo da ponte que está á entrada ou no principio da rua direita de Malange,

lado oeste, não serve para lavar, e muito menos para beber; e quem o fizer, .passados poucos dias se verá coberto de chagas sarnentas, de que muito lhe custará a curar-se. Esta agua de côr avermelhada é proveniente do escoamento da lagoa pantanosa e fétida, que se prolonga junto á povoação pela parte do norte; sendo os miasmas putridos, que constantemente se evaporam d'esta. a causa primaria da insalubridade de Malange, e das febres quotidianas que ali sempre grassam, pela grande quantidade de mabuz e outras plantas aquaticas que n'aquella nascem, e de que se acha coberta.

Esta desvantagem tambem se não dá no Sanza, livre e desembaraçado como está situado, e já o deixo descripto.

Ácerca do reducto de Malange tambem notarei; além d'outros, um grande defeito que apresenta, e vem a ser, logo que foi escolhido aquelle local para ali o construir, por que o não levaram mais á frente, collocando-o de fórma que as duas faces de leste e oeste ficassem perpendiculares á estrada real, hoje rua direita de Malange? Resultar-lhe-hia d'isto apresentar aquellas livres e desembaraçadas na frente, podendo d'ellas descobrir o inimigo a maior distancia e apresentar-lhe a resistencia que não lhe offerece, pelos obstaculos da linha de casas que se lhe apresenta no prolongamento d'uma e outra face; podendo os atacantes virem ao longo d'aquellas, e só serem vistos dos baluartes, e d'estes mesmos a artilheria não poder fazer uso contra elles, por avança-rem cobertos pelos intervallos que as casas tem entre si: Ficarei por aqui.

Mais adiante d'este reducto estão as linhas de defeza, cobrindo a povoação e aquelle, e mais longe lhe fica a agua, não a vendo nem a dominando tambem.

A fortaleza de S. Sebastião, começada e não acabada, que fica mais avante d'estas linhas, ainda mais longe lhe ficaria aquella agua, e alem d'este grande inconveniente que ha a notar n'esta fortificação, tem mais outros, e entre esses apontarei os mais salientes e de maior vulto.

A fortaleza está n'uma baixa, cercada d'espessos arvores pela face de leste, e sobranceiro á linha de fogo do parapeito tem um padrao a menos de tiro d'espingarda que, dominando aquelle, fusilará quem andar dentro do recinto da praça e os defensores que se apresentarem nas outras tres faces para as defenderem, e ainda os d'aquella face não se apresentarão mui denodadamente a defendel-a, vendo os atacantes sobranceiros a elles, que lhes fará ir pelos ares os miolos, logo que elevem as cabeças além da crista interior do parapeito.

Estas desvantagens não se darão na fortificação a edificar no ponto Sanza, pela descripção que já fiz da sua posição local, e vantagens que apresenta em relação á de Malange.

Tendo descripto as estradas que do Sanza demandam a Cassange, informarei tambem a V. E.<sup>a</sup> da que vem de Malange aqui. E direi que desde Malange até ao Ginge-Acabári, e d'este até passar o Cuige no sitio N'Gio, o transito da estrada é soffrivel, e com pequenos reparos e melhoramentos se tornará boa, como sejam melhorar um bocado de estrada entre Malange e o Ginge-Acabári que é paludoso; reparar a ponte do riacho Camebe, que corre dentro da povoação d'este ultimo sitio, ou construil-a de novo com a solidéz precisa, bem como as dos riachos Cangulogulo, Calulo e Camaquialla, que ficam áquem do Ginge-Acabari.

Na passagem do rio Cuige, no sitio N'Gio, tem n'um dos

portos uma tosca ponte que no tempo pluvial fica coberta com a enchente do rio, e é então substituída esta passagem por meio de pequenas canôas. Precisa-se pois explorar n'este sitio o rio, para mais abaixo ou mais acima escolher local apropriado de montar uma ponte com a solidez e construção necessaria; e o espaço que se gastar a percorrer o rodeio que houver para entrar na estrada. será bem compensado e menor do que se gasta a transpôr o rio nas pequenas e pessimas canoas, que ali tem no porto, mormente tendo a passal-o muita gente.

D'este ponto ao sitio Filla se encontra o riacho Cassôma, pequeno e pouco importante, porém a ponte que tem, precisa reparada, e tambem melhorar a margem leste, que é algum tanto ingreme, ou então dar á estrada melhor direcção. D'este riacho ao Filla ainda se depara com um bocado de estrada com terreno paludoso, que deve tambem ser melhorado, para não offerecer obstaculo principalmente na epocha pluvial.

Do Filla ao Sanza ha a atravessar duas mattas (em Ambundo, Tutos) de mais de 3 horas de marcha com uma pequena clareira (em Ambundo, Mucáu) que as divide. A primeira desde o Filla até á clareira junto do riacho Caribo chamam-lhe Tuto de Quissamba, e á segunda desde este riacho até quasi ao Sanza, aonde acaba, que denominam Tuto de Gumbe.

Dentro d'estas duas mattas, ou melhor direi uma só, se encontram os 3 riachos Caiunco, Casella e Caribo, os quaes precisam de solidas pontes, o que será facil de construir pela boa e abundante madeira que ali tem. A estrada por esta matta tambem precisa ser aberta e construída; mas para de prompto, e em quanto não se lhe faz a necessaria explora-

ção e exame para lhe dar a direcção conveniente e mais curta, bem como nos riachos escolher os locais mais apropriados para lhes lançar as pontes. Já ordenei aos povos, que ali tem as suas moradias, para fazerem a abertura da estrada, trazendo a mesma direcção da vereda estreita e a pé posto que demandei para aqui; e tambem a construcção de pontes nos dois ultimos riachos, porquanto o primeiro já tem uma pequena e mui tosca.

Tenho pois descripto a V. Ex.<sup>a</sup> o resultado do estudo e observações de que se dignou encarregar-me, em relação ao ponto de Sanza, para, tendo d'elle o necessario conhecimento, ser aqui o apoio da divisão que fôr operar sobre Cassange; tambem descrevi em parte a extensa superficie d'aquella planicie; e as estradas que de Malangé demandam até aqui, e as duas que d'este ponto seguem áquelle territorio. E finalizando direi a V. Ex.<sup>a</sup> que no meu fraco entender, este ponto do Sanza, pela posição topographica que apresenta é aquella que melhor se poderá encontrar e que se offereça com mais vantagens aos fins precisos, e que tem em vista S. Ex.<sup>a</sup> o sr. Governador geral da provincia. E ainda direi mais que, não só este ponto deverá servir para o fim por V. Ex.<sup>a</sup> indicado de apoio ás recentes operações projectadas sobre Cassange, como mais ainda para ser tomado e occupado definitiva e permanentemente, levantando n'este ponto fortificação permanente e devidamente artilhada e guarnecida. Deve ser logo para aqui transferida a séde do concelho de Malange, e, estender-se o dominio d'este até ás abas da montanha de Talla-Mugongo, para submeter á devida vassallagem os povos d'esta parte do Songo e dos Bondos, que chegam até áquelle. Deve Malange ser uma divisão, e d'aqui a Talla Mugongo, na estrada real, crear tres pelos menos; porquanto

a distancia que medeia d'aqui á divisão do Lutete, onde demarca com o concelho de Pungo-Andongo, é com pequena differença a mesma que vae d'aqui áquella montanha.

Na estrada dos Bondos crear quatro para o chefe respectivo ter sempre conhecimento das occorrencias que por ventura se deem entre os que transitarem n'ellas e os gentios das suas proximidades, e tambem para manter estes em respeito, e segurança no transito d'aquelles e mercadorias que acompanharẽ ou mandarem; porquanto é por estas partes aonde sempre o gentio commetteu maiores roubos nas cargas dos feirantes de Cassange; e foi adiante d'este ponto no sitio Gundo-já-quiubinda, que em 1861 os Massongos, não só assaltaram uma grande *quibuca*, como mataram e incendiaram a casa do negociante Joaquim Pedro dos Reis, que ali tinha para guardar as cargas que passavam. E foi talvez d'esta occorrencia que passando impune, suscitou a cubiça dos Banglas para fazerem o mesmo nas Maias, e d'estas as mais que praticaram até á final evacuação lamentavel de Cassange!

O ponto do Sanza tem realmente todas as condições de salubridade. A sua posição local que já descrevi, colloca-o desafrontado e livre das emanações de pantanos e charcos, que se formam na epocha das chuvas em terrenos palustres e muito arborisados. É portanto este ponto do Sanza, sem paridade alguma, mais salubre que o de Malange; e não é preciso ter conhecimentos de medicina para lhe reconhecer as suas vantagens hygienicas.

Fallei do rio Cuige, tomando-o como ponto de apoio, e uma das principaes vantagens para a fortificação que aqui se levantar; e ácerca d'elle informarei tambem a V. Ex.<sup>a</sup> que este rio tem a sua origem na montanha de Talla-Mu-

gongo, no sitio Matuanguengo; e descendo d'ali, vem serpenteando por este territorio do Songo com o rumo mais ou menos aproximado sul-norte, recebendo as aguas dos diferentes riachos que se encontram n'aquelle, e passando n'este ponto com a mesma direcção lá vae seguindo o seu curso norte até, ao sitio Luximbe, aonde recebendo pela margem direita as aguas do riacho d'este mesmo nome, muda ali de direcção para oeste, e passando no N'Gio, ali tem o porto d'esta denominação já descripto; e segue avante distante e pela parte sul do Ginge-Acabari e Malange até proximo a Quibinda, divisão de Pungo-Andongo aonde junta as suas aguas nas do grande rio Quanza.

Esta parte do Songo pode pois dizer-se que é uma grande ilha, circumdada por parte do rio Quanza, pelo Cuige e pelo Luando, cuja nascente é nas terras dos Quiocos, e d'ali desce e vem tributar as suas aguas ao Quanza no sitio Mas-sango, acima de Pungo-Andongo.

Logo que aqui cheguei veio apresentar-se o soba Nhangá, bem como alguns sobetas e patrões de sanzallas, que obedecem ao Marimba-Angombe, e estão na immediação d'este ponto, tanto d'um como d'outra margem do Cuige. Recebi-os e fallei-lhes como devia, e lhes ordenei para cortarem e conduzirem para aqui a madeira que se precisa para a construcção dos quartéis, arrecadações e depositos para mantimentos; bem como a limpeza das estradas e construcção de pontes nos riachos que as não teem; — ao que se teem prestado, porém mui morosamente.

Elles mostram estar com receio, e estão d'observação ás disposições que tomará o governo não só a respeito d'elles, como dos rebeldes de Cassange.

Resta-me por ultimo rogar a V. Ex.<sup>a</sup> se digne, com a be-

nignidade de que é dotado, desculpar as muitas faltas de termos technicos que forçosamente terá a notar n'este meu relatório, nascidas unicamente da falta theorica em que estou para os detalhes de semelhante ordem. Mas se áquelle lhe falta o verniz, que penna competentemente habilitada e theorica precisamente lhe daria, suppra a esse a boa vontade com que sempre me tenho dado e presto a cumprir o serviço que superiormente me é ordenado, e tal qual a elle satisfação é devido tão sómente ás observações praticas e leitura a que me tenho dedicado.

O que peço a V. Ex.<sup>a</sup> no periodo antecedente ousou ainda mais rogar a V. Ex.<sup>a</sup> se digne corroboral-o, com a sua muita sabedoria, perante Sua Ex.<sup>a</sup> o sr. Conselheiro José Baptista de Andrade, Governador geral d'esta provincia, quando á presença do mesmo Ex.<sup>mo</sup> Sr. ache dever fazer subir este, por mim bem emmaranhado e mal alinhavado relatório. Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> Acampamento no Sanza, 25 de junho de 1863.— Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. Theotonio Maria Coelho Borges, coronel, commandante da divisão de operações a leste de Loanda.— *Antonio Maria Ribeiro*, capitão.

A columna seguiu até ao Sougo e fez marchas d'importancia em que se impunha apenas pela boa presença e rigorosa disciplina, de que resultou a prompta sujeição dos rebeldes, o que se vê nas noticias officiaes e outros documentos, que foram tendo publicidade ainda n'este anno e no seguinte de 1864, que transcrevo :

#### LOANDA 10 DE SETEMBRO DE 1863

Acaba de chegar um officio datado do Sanza em 3o de agosto proximo findo, no qual se participa a Sua Ex.<sup>a</sup> o Go-

vernador geral que no dia 29 fôra assignado o auto de submissão do jaga de Cassange. O Bumba temendo a guerra tinha enviado uma embaixada, depois de se haver certificado que seria benignamente recebida. Compõe-se a embaixada d'um filho do jaga, D. Bernardo Cassua Cambumba e de mais dois potentados da sua familia, Cassange Cangila e N'Gola-Bole Angila. Concordou se solennemente que o jaga seria perdoado, sujeitando-se elle e os sobas seus subordinados a obedecerem ás leis e ás auctoridades portuguezas: restituindo os prisioneiros feitos na ultima guerra e os escravos refugiados nas suas terras; indemnizando o estado e o commercio dos prejuizos soffridos; e obrigando se ao pagamento do que os seus subditos deverem aos negociantes portuguezes. O filho do jaga, cumprindo as determinações de seu pae, sahiu do Sanza em direcção a esta capital no dia 3o de agosto, e aqui confirmará as condições da paz, a que o Bumba se obrigou.

Com este facto, um dos mais importantes que ultimamente tem succedido na Provincia, se restabeleceu o socego publico; se evitaram consideraveis perdas de vidas e fazenda, se abre novamente ao commercio o principal e mais abundante mercado da colonia: e finalmente se augmentam, e tornarão mais productivos, os rendimentos do Estado.

Em data de 8 por que tinha chegado a Loanda o major do exercito em commissão, Francisco Custodio Freire, que por Sua Magestade El-Rei foi nomeado governador do districto de Golungo-Alto, tomou posse do dito lugar, ficando d'elle exonerado o coronel Theotonio Maria Coelho Borges, o qual porém continuou no commando das forças que estavam em Malange até novas ordens.

No Boletim Official appareceu publicado o seguinte aviso:

Devendo no proximo sabbado 26 do corrente, ser recebida a embaixada do jaga de Cassange, e confirmadas as condições da paz, a que o mesmo jaga se obrigou no auto, que foi assignado no Sanza no dia 29 d'agosto ultimo, são pelo presente convidados a comparecer no palacio do governo ás 11 horas d'aquelle dia, as corporações, empregados civis, ecclesiasticos e militares e individuos do corpo do commercio, que costumam concorrer em occasiões semelhantes, afim de assistirem á confirmação do mencionado auto.

Secretaria Geral do governo, 24 de setembro de 1863.  
— *Antonio Pedro de Carvalho*, secretario geral

#### AUTO

Aos 26 dias do mez de setembro de 1863, n'esta cidade de S. Paulo d'Assumpção de Loanda, e no palacio dos Governadores, onde se achava presente S. Ex.<sup>a</sup> o Governador geral José Baptista d'Andrade, com os membros do conselho do governo, chefes das repartições publicas, officiaes militares, varias auctoridades e diversos funcionarios e outras pessoas convocadas para assistir á recepção da embaixada do jaga de Cassange, e á confirmação do auto de submissão, que no dia 29 d'agosto ultimo foi assignado no Sanza por parte do mesmo jaga; sendo nomeado interprete, o official maior interino da secretaria geral do governo, Manoel Alves de Castro Francina, foram introduzidos na sala do docel o filho do jaga D. Bernardo Cassua Cambumba, e os potentados da sua familia, Cassangé Cangila e N'Gola-bole Angila, que disseram tinham sido enviados pelo jaga a so-

licitarem a paz, e authorisados a sujeitarem-se ás condições que que lhe fossem impostas, e que nenhuma duvida tinham em confirmar as que foram estabelecidas no mencionado auto; e sendo-lhes este lido e traduzido pelo interprete, novamente affirmaram, debaixo de juramento, que o jaga, para obter a paz, se submettia e aceitava as seguintes condições:

1.<sup>a</sup> — Que sendo subdito de Sua Magestade Fidelissima, se obriga a obedecer ás leis portuguezas, e a deixar restabelecer em suas terras as auctoridades portuguezas, restituindo os prisioneiros feitos na ultima guerra e os escravos refugidos nas suas terras.

2.<sup>a</sup> — Que promette indemnisar o estado e o commercio dos prejuizos ultimamente soffridos e das despezas da guerra que se liquidarem.

3.<sup>o</sup> — Que finalmente garante a importancia do que os banglas deverem aos negociantes portuguezes.

E concordando S. Ex.<sup>a</sup> em que a paz se effectuasse com as mesmas condições, declarou que em nome de Sua Magestade Fidelissima, como seu delegado e representante n'esta provincia, aceitava a submissão do jaga, e lhe perdoava o seu anterior e criminoso proceder, do que daria conhecimento ao governo do mesmo Augusto Senhor; e por esta forma deu por concluida a audiencia e mandou lavrar o presente auto, que foi assignado pelos principaes funcionarios, negociantes, e pelos embaixadores, depois de ser lido por mim Antonio Pedro de Carvalho, secretario geral que o fiz escrever e assigno — José Baptista d'Andrade, governador geral — Joaquim Guedes de Carvalhó e Menezes, vice-presidente da Relação — D. Bernardo Cassua Cambumba + — Marcelino Antonio Norbertó Rudzki — Francisco Maria Constantino Ferreira Pinto, vigario capitular — Antonio Igna-

cio da Silva, escrivão-deputado interino — João Jacintho Tavares, coronel d'infanteria n.º 1 — José Lourenco Marques, coronel reformado, chefe de policia e administrador do concelho — Augusto Guedes Coutinho Garrido, administrador d'Alfandega — Estanislau Xavier d'Assumpção e Almeida, capitão, chefe da repartição militar — Antonio Caetano da Costa Diniz, escrivão da camara municipal — Eduardo Hypolito d'Oliveira — José Maria do Prado — Francisco Silvestre do Rego — José Bernardo da Silva — Arsenio Pompilio Pompeu de Carpo — Oliveira Machado e Irmão — Augusto Garrido — Eugenio Augusto d'Andrade — Manuel Alves de Castro Francina, interprete — Izaac Zagury — Manuel Mendes da Conceição Machado — Antonio Pedro de Carvalho, secretario geral.

Em virtude das ordens que recebera do governo geral, o capitão de commissão do batalhão de caçadores n.º 2, João José Liborio, em 29 de setembro partiu de Loanda para Cassange juntamente com os embaixadores Cassua Cambumba, filho do jaga Bumba, Cassange Cangila e N'Gola Bole Angila, que em 26 do mesmo mez, por ordem e authorisados pelo referido jaga, assignaram o auto de submissão que foi lavrado no palacio do governo e publicado no Boletim Official de 30 d'outubro.

Depois de uma jornada bastante trabalhosa e demorada, chegou o capitão Liborio ao logar da residencia do jaga Bumba (quilombo) no dia 29 de novembro.

Antes, porém, d'ali entrar, mandou-lhe o jaga uma embaixada, composta de quatro conselheiros (macotas) para o

felicitar pela sua chegada, e requisitar-lhe uma bandeira portugueza, para a residencia d'elle.

Agradeceu o capitão Liborio as felicitações do jaga e deu a bandeira, que poucos momentos depois foi içada na residencia d'este com as mais vivas demonstrações de contentamento e fogo de fuzilaria.

Sendo tarde bastante, e muita a chuva, recolheu-se o capitão Liborio á habitação que lhe fôra destinada, em frente e a tiro de bala de fuzil da do jaga; com o qual apenas communicou por via d'embaixadores (impungas) e do interprete (*muçumbo*) que os acompanhavam.

No dia seguinte de manhã, depois do jaga ter mandado saber do capitão Liborio, fazendo-lhe os maiores offerecimentos, dirigiu-se este á residencia do jaga, onde, sendo recebido por elle e por todos com as mais manifestas provas d'amizade e alegria, lhe fez saber, ser o chefe nomeado para Cassange: passando depois a explicar lhe a verdadeira intelligencia que se deveria dar a cada um dos artigos do auto que, a pedido d'elle jaga, foi assignado em Loanda no palacio do governo, estando presentes S. Ex.<sup>a</sup> o Governador geral da provincia, as authoridades e pessoas notaveis da cidade e os embaixadores d'elie jaga, que ali o estavam ouvindo. Tendo sido vertidas na lingua do paiz as explicações dadas, levantou-se o jaga e agradeceu em alta voz o beneficio que acabava de receber do governo geral da provincia, perdoando-lhe as faltas que commettera; e concluiu por ratificar todas as condições do auto, promettendo cumpril-as fielmente, e por declarar que todos os povos seus subordinados e todo o territorio de Cassange continuavam a ficar, como d'antes, sujeitos á corôa portugueza.

Esta entrevista findou dando todos os que se achavam

presentes, e do modo que uzam, as provas do maior contentamento e regosijo.

O jaga havia logo dado ordens terminantes aos maqui-tas e mais potentados seus subordinados, para apresentarem a parte que a cada um havia tocado na derrama que por elles fizera, afim de ser paga a primeira prestação por conta da indemnisação a que se sujeitou pelo artigo 2.<sup>o</sup> do auto assignado, chegando até a pedir que se demorassem os serventes do capitão Liborio para trazerem a respectiva prestação e tornando ao mesmo tempo responsaveis os mesmos potentados, sob penas severas, se deixassem de apresentar os prisioneiros e fugitivos que, por ventura, ainda retivessem em seu poder.

O capitão Liborio faz elogios ao jaga Bumba, em quem acha sizudez e um certo ar de franqueza e segurança, que lhe faz nutrir a esperança de que ha de cumprir escrupulosamente as condições a que se obrigou.

Tinha-se começado com a construcção da nova residencia e quartéis para a tropa. O proprio jaga havia continuamente acompanhado e andado d'accordo com o capitão Liborio, providenciando para que tudo se fizesse com promptidão; e era tal a sua confiança que já tinha escolhido local, proximo da residencia em construcção, para n'elle levantar o seu quilombo, deixando aquelle em que por ora habita.

Informa o capitão Liborio que encontrou a antiga povoação de Cassange e seus contornos inteiramente abandonada, tendo-a desamparado os seus habitantes, com receio do castigo com que contavam; de modo que de Talla-Mugongo á residencia do jaga, apenas vira duas povoações (sanzallas), a do Tacú composta de quatro cubatas e a de Banda-Gongo, sobrinho do jaga, um pouco maior, onde fôra bem recebido

por este, que logo lhe entregou quatro mulheres prisioneiras que conservava, e persuadindo os outros a seguir-lhe o exemplo. Asseguraram-lhe que todos os subordinados do jaga estavam dispostos a fugirem para o sertão do Peinde, logo que se approximasse a nossa força, e d'este designio veiu a resolução de não cultivarem as terras, o que teve como consequencia a enorme escassez de mantimentos que estavam sentindo e a grande fome porque muitos estavam ainda passando.

É provavel que estas razões, diz o relatorio do capitão Liborio de que faço este extracto, tenham tambem poderosamente influido para justificar o completo contentamento com que foi recebida a noticia da paz e do perdão concedido por S. Ex.<sup>a</sup> o Governador geral que, por este modo, foi arrancar das garras d'uma morte horrorosa milhares de individuos, dos quaes se é certo que uns se tornaram merecedores de castigo, por convicção propria do mal que nos causaram, não menos certo é que, a maioria, a isso foi levada por uma obediencia passiva e estúpida, e completo desconhecimento dos seus deveres para com a soberania de Portugal.

Para aquelles ha o perdão dictado pelos principios de humanidade, para estes o perdão aconselhado pelos dictames da justiça. Um e outro são dignos d'uma nação civilisada; ambos vão assentar sobre povos que, um momento afastados do verdadeiro caminho, a elle voltaram cheios d'arrependimento de passados erros.

O governo que, para chegar a seus fins, preferisse uma estrada aberta á custa do sangue e de vidas, a uma outra que poderia igualmente seguir, sem quebra da sua dignidade, e sem esse derramamento de sangue nem essa perda de vidas,

deveria ser justamente tido como despotico e selvagem; como liberal, humano e civilisado, nunca.

Diz o capitão Liborio que a tropa que o acompanhara, fôra bem recebida pelo gentio do Quêmbô e Quango, onde ás vezes iam as praças refazerem-se de comestiveis, accrescentando que aquelle promettera vir restituir-lhe a peça de campanha e mais objectos com que ficara desde o desastre do infeliz tenente coronel João Francisco do Casal.

Por último informa o capitão Liborio que o jaga, ficara de mandar o Cassúa, que já viera a Loanda, quando encarregado da paz, para acompanhar a primeira prestação que vae entregar por conta da indemnisação devida; e finalmente que fôra perfeitamente acolhido pelo poderoso potentado Marimba Angombe, quando passou pelo Songo, vindo elle e o povo ao seu encontro, dando todas as demonstrações de alegria e contentamento pela nova de ter-se firmado a paz.

Em vista de tão lisongeiras noticias apoz um anno de operações successivas e dispendiosas de guerra, entendeu o Governador geral ser tempo de fazel-as cessar; e n'esse sentido dispensou outras providencias, como vae ver-se pela publicação de mais alguns documentos.

### COMMANDO DA DIVISÃO EM OPERAÇÕES A LESTE DE LOANDA

Senhores officiaes, officiaes inferiores e soldados — Como tendes presenciado, acabo de entregar a vossa administração, commando e disciplina, ao sr. capitão Ventura José, chefe do conselho de Malange. Eu poderia n'esta occasião fazer-vos um longo relatorio sobre os importantes serviços que tendes prestado á Patria, e das fadigas e privações com

que tendes luctado por estas paragens em 16 mezes que tenho tido a honra de vos commandar; porém não vos quero cansar o espirito com a narração de factos que todos tendes bem gravados na lembrança, e no vosso presente estado physico. Vou, pois, ser o mais resumido possivel.

É por ordem de S. Ex.<sup>a</sup> o sr. Governador geral d'esta provincia que me foi transmittida em officio da secretaria do governo geral, secção militar n.º 1:793 de 21 de setembro, que vou ausentar-me de vós. No mesmo officio vem um paragrapho que em primeiro logar vou transmittir-vos para que todos tenhaes conhecimento da boa conta em que S. Ex.<sup>a</sup> tem os vossos serviços, e o quanto se acha penhorado para comvosco, dando-me a satisfação de dizer-vos o seguinte: «Artigo 6.º— Finalmente pode V. S.<sup>a</sup> na sua despedida á divisão em operações do seu commando, fazer-lhe constar, que S. Ex.<sup>a</sup> tem no devido apreço os seus bons serviços, e que d'elles vae dar conhecimento ao governo de Sua Magestade, ficando V. S.<sup>a</sup> na certeza da muito especial e devida menção da sua importante parte em taes serviços».

Soldados: Tomei a mim a vossa administração, commando e disciplina em 16 d'outubro de 1862; todos vós sabeis o estado em que vim encontrar-vos: cansados, estropiados, mal vestidos, peor arraçoados e cercados d'inimigos de toda a parte. Tambem sabeis as circumstancias que se deram para chegardes a esse estado a que me refiro, foram ellas os desastrosos acontecimentos de Cassange. Antes de conhecer-vos cheguei a pensar em acreditar que tinham algum fundamento as noticias que então corriam de que vos achaveis esmorecidos e com pouca força moral para arrosar com um oceano d'inimigos cheios de infamia pelas vantagens que elles se arrogavam ter tido sobre vós em Cas-

sange e no Quêmbó; enganei-me: tudo era falso, pois que vos encontrei possuídos de coragem a toda prova, anciosos por tomar vingança das affrontas que havíeis recebido, e em fim dignos do nome de soldados portuguezes.

Que haja alguém que se aventure a negar esta verdade!! Que haja alguém que se aventure a negar que todo o gentio de Leste além do Sanza estava sublevado, fazendo-nos uma guerra encarniçada, mas que mal lhe constou que marcháveis contra elle, desapareceu, e logo em seguida principiaram os potentados regulos rebeldes, uns por sua conta, e outros por intervenção de alguns menos criminosos, a sollicitar do governo de Sua Magestade, a paz, o perdão e a clemencia.

Soldados: Regosijae-vos: os vossos serviços são relevantes, a gloria que vos cabe é muito distincta, pois que só a vossa presença bastou para submeter a immensidade de inimigos e restabelecer a paz. Não tendes contado victorias ao som da metralha, mas alcançastes mais gloria sem dar nm só tiro, do que terdes alcançado vencendo batalhas.

O jaga de Cassange e os seus povos, aterrados com a vossa presença na fronteira do Songo, sollicitou logo com a maior submissão a paz e o perdão, sujeitando-se a todas as condições que lhe quizeste impôr. Os potentados Camúige, Marimba-Angombe, N'Dalla Quissúa, Chinde, Luimbe, Bihé e um sem numero de Sobas poderosos, vieram do mesmo modo sollicitar o perdão e a paz; finalmente os nossos inimigos deixaram de o ser, e hoje estamos em boa paz, e nas melhores relações com o gentio de leste da provincia até ao Matianvo, cujo potentado veio sollicitar a nossa amisade e relações commerciaes. Sendo evidente que todas estas vantagens vos são devidas; concluirei por affiançar-vos, que,

despedindo-me de vós por algum tempo, vou tão penhorado do vosso comportamento, disciplina e bons serviços que me considerarei muito feliz se tiver a ventura de ser correspondido por eguaes sentimentos vossos a meu respeito.

Ficaes commandados por um benemerito official: respeitae-o; respeitae os vossos officiaes em geral, e tende sempre em lembrança que a disciplina é a base de toda a ordem, e que sem ella perde toda a sua força qualquer corpo militar por maior que seja. Vivei bem com os vossos camaradas, não esquecendo por modo algum que em um dia de batalha, e mesmo a toda a hora, precisaes todos uns dos outros. Adeus, pois, meus camaradas, recommendo-vos que vos conserveis sempre dignos dos louvores que tendes merecido, e se por ventura eu vos poder ser util em qualquer parte onde me achar, dispõe de mim. Por ultimo convido-vos a saudar aquelles a quem devemos mais sincera dedicação:

Viva Sua Magestade El-Rei D. Luiz I.

Viva a Familia Real Portugueza.

Viva S. Ex.<sup>a</sup> o Governador geral d'esta provincia.

Vivam todos os habitantes da provincia d'Angola.

Viva o exercito portuguez.

Secretaria da divisão em operações a leste de Loanda, no Sanza, 1.<sup>o</sup> de Janeiro de 1864.— *Theotonio Maria Coelho Borges*, coronel commandante da divisão em operações a leste de Loanda.

No Boletim Official foi publicado este agradecimento :

Os officiaes abaixo assignados em serviço na 1.<sup>a</sup> columna de operações a leste de Loanda, veem cheios de jubilo agradecer ao Ill.<sup>mo</sup> Sr. coronel Theotonio Maria Coelho Borges,

o bom tratamento que lhes dispensou, e manifestar-lhe a gratidão que fica gravada em seus corações, afixando-lhe que terão ufania em dizer que foram commandados por um official superior de tanto merito, mantenedor da disciplina e amigo de todos os seus subordinados, os quaes ao vel-o retirar sentem deslisar pelo rosto lagrimas de saudade. que tem d'abafar no intimo d'alma.

Receba, pois, o sr. coronel Borges, estes protestos d'estima como um reconhecimento dos officiaes que tiveram a honra de ser commandados por tão benemerito superior.

Acampamento no Sanza, 1.º de janeiro do 1864.— (aa) José Gaspar da Silva Valle Lobo, capitão d'infanteria, commandante do contingente d'infanteria n.º 1 — Augusto Jayme Diniz de Sousa, alferes d'infanteria n.º 1, ajudante da 1.ª columna — Francisco Antonio Silverio, alferes de caçadores n.º 2 — Euzebio Catella do Valle, alferes d'infanteria n.º 1 — João José Ramos, alferes d'infanteria n.º 1 — Antonio Victorino Martins de Sousa Cabral, alferes de 2.ª linha — João Gualberto Esteves de Carvalho, alferes da 2.ª companhia de guerra preta.

A situação a leste, isto é das terras em que se manifestaram as rebeldias contra as nossas armas voltava a ser regular, e por isso de novo se animara o commercio a fazer as suas transacções em grande escala com os Cassangés e vizinhos do rio Cuango como se vê pelo officio do chefe de Malange e o extracto feito na secretaria geral em Loanda da correspondencia do chefe de Cassange que elle envia.

Ill.º e Ex.º Sr.— Como julgo de interesse geral para o commercio da provincia e satisfação de V. Ex.ª, apresso-me

a enviar a inclusa correspondencia que me confiou o Ill.<sup>mo</sup> Sr. commendador Arsenio Pompilio de Carpo, ácerca das boas noticias de Cassange. Este cavalheiro segundo me informou e eu tenho presenciado, segue hoje ou amanhã para Cassange com oitocentos serviçaes, conduzindo cargas de commercio no valor de 86 contos de réis.

Conto que V. Ex.<sup>a</sup> se dignará de relevar-me se por ventura me excedo tomando a liberdade de remetter a referida correspondencia. Deus Guarde etc. Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Governador geral. — Malange 16 de fevereiro de 1864.— (a) *Ventura José*, chefe.

#### AVISO

Por noticias recebidas do chefe de Cassange, consta que era extremamente lisongeiro o estado dos negocios n'aquella importantissima parte da provincia de Angola.

A fome que se manifestara no anno passado e bastantes estragos tinha feito quasi de todo tinha desaparecido.

O chefe de Cassange estava esperando todos os dias 300 carregadores que requisitara para transportarem outras tantas cargas de generos coloniaes que o jaga Bumba tem ido entregando para prefazer a importancia da 1.<sup>a</sup> prestação das indemnisações a que se obrigou para com o Estado, e que para as cumprir não tem cessado de pôr em execução todos os esforços e diligencias.

Dos prisioneiros que nos foram feitos na ultima guerra, pelo jaga e potentados seus subordinados, teem sido postos em completa liberdade muitos, conservando-se uns em companhia do capitão Liborio, e havendo recolhido a suas casas mais de duzentos.

Este official, chefe do concelho, estava em perfeita harmonia com todos os povos circumvisinhos, e até mesmo com o poderoso potentado Matianvo, ao qual tinha mandado cumprimentar logo depois da sua chegada a Cassange, dando-lhe conta do restabelecimento das relações de paz com o jaga Bumba.

Já tinha conhecimento o mesmo chefe que aquelle potentado ficara tão alegre e satisfeito pela boa noticia que lhe fizera saber, que pozera logo a caminho cinco cacuatas enviados seus, acompanhados por uma comitiva de duas mil pessoas com cargas de negocio, para receber os quaes, o jaga pedira aguardente e fazendas.

Mais communicou o chefe que tinham sido despachadas de Malange para Cassange oitocentas e cincoenta e seis cargas de differentes mercadorias, fazendas, polvora, missanga etc., no valor de 86 contos de reis, sendo: 508 pertencentes ao negociante Arsenio, 130 ao Figueiredo, 100 ao Carvalho, 80 ao Rodrigo e 38 ao Jeronymo.

Em vista, pois, d'estas agradaveis noticias, diz a Secretaria Geral, é de todo o ponto licito esperar, que, pelos seus bons effeitos, se continue a reconhecer quão acertada, opportuna e proveitosa foi a paz ultimamente firmada com o jaga Bumba de Cassange.

Em additamento a estas noticias publicava-se em 14 de abril,—que continuava a haver fundados motivos, para cada vez mais se applaudir um tão salutar e fructifero desenlace como foi o da paz celebrada com o jaga de Cassange.

O Soba N'Gunza Cambamba participou ao chefe de Cassange que tinha em seu poder e á disposição d'elle capitão, a peça d'artilheria, tres cornetas e mais objectos com que

ficara desde o desastre experimentado pelo infeliz successo da columna do tenente coronel Casal, os quaes a pedido do referido capitão, já se achavam em caminho para lhe serem effectivamente entregues.

A fome ia diminuindo, concorrendo para isso bastante as adequadas providencias tomadas pelo capitão Liborio de accordo com o jaga.

Todos os potentados circumvisinhos até ao Peinde, estavam nas melhores relações comnosco, mandando continuadas embaixadas ao chefe de Cassange, testemunhando-lhe as suas intenções pacificas e vehementes desejos para que seja solida e duradoura a paz que disfructavam.

De eguaes sentimentos estava possuido o Camassa e todos os mais sobas subordinados ao jaga.

Com escrupuloso empenho e muita diligencia, tratava o jaga, apesar dos embaraços com que luctava, tendo estado os seus subditos a braços com a fome e a miseria, de completar a primeira prestação de indemnisações a satisfazer, estando já armazenadas á disposição do chefe oito mil libras (peso) de cêra, que na primeira oportunidade serão transportadas para Loanda.

Á vista, pois, do curso tão regular e de todo o ponto satisfatorio que vae produzindo o assentamento das boas relações com o jaga Bumba, licito é esperar que em breve volte ao seu antigo estado de vida e animação o giro commercial d'esta importantissima provincia.

O seguinte officio do chefe do concelho de Cassange prova ainda as razões do governo geral para se congratular, pelo modo porque iam correndo os negocios de Cassange :

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.— Cumpro o dever de levar ao conhe-

cimento de V. Ex.<sup>a</sup> que no dia 10 do corrente chegou aqui o negociante Arsenio, e depois successivamente os negociantes Carvalho e Jeronymo, estando em viagem já dentro da jurisdicção d'este concelho, o negociante Figueiredo, que breve deve aqui chegar, sem que soffressem o mais leve prejuizo, a não ser unicamente alguns contratempos pelas fugas dos carregadores massongos; circumstancia esta que os obrigou a abandonar muitas cargas aqui e ali, desde Talla-Mugongo; mas sobre ellas estão as providencias dadas convenientemente para o transporte para este ponto das mesmas cargas, das quaes já aqui se recebeu uma parte.

Todos os negociantes foram bem recebidos pelo povo e com demonstrações d'amizade e de desinteresse, o que em outro tempo não succedia; indo o proprio jaga não só a grande distancia do seu quilombo receber o negociante Arsenio, mas tambem tem mandado visitar a todos, sem interesse, não tendo mesmo querido receber, sem approvação minha, os presentes que voluntariamente lhe mandaram passados seis dias, até que lhe mandei dizer que não havia inconveniente em os aceitar.

Portanto a feira de Cassange está restabelecida e com fundos <sup>1</sup> de consideração garantidos apenas moralmente, por que não temos ainda armazens e nem uma só casa com portas ou janellas; equivalendo portanto isto a estarem na rua as suas mais importantes cargas, e isto sem aquellas grandes quantidades de pombeiros, como n'outro tempo era necessario e sem o preciso numero de soldados.

O estado do commercio aqui é o mais lisongeiro possi-

---

<sup>1</sup> Fundos — Abrigos ligeiros, de pequena altura.

vel em todo o sentido, porque os pretos estão muito submissos, não usando já das impertinencias que d'antes esgotavam a paciencia ao comprador: de maneira que o negociante Carvalho, que em menos de dois dias depois da sua chegada comprou sem grandes esforços para mais de mil e quinhentas libras de cêra e algum marfim, ficou admirado de assim o ter conseguido, pela experiencia que tinha do modo extremamente moroso como antigamente se fazia aqui o negocio.

Julguei urgente fazer respeitosamente chegar ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> esta participação tão importante pelo bom aspecto que apresenta o estado de todos os nossos negocios com o sertão de Cassange o que é util para o commercio em geral, e por isso deixei de seguir as vias competentes pela secretaria do governo do districto administrativo, de que V. Ex.<sup>a</sup> se dignará, por sua alta benevolencia, desculpar-me.

Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> Secretaria do Commando do concelho de Cassange, 16 de março de 1864. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro e Governador geral d'esta provincia — *João José Liborio*, chefe.

Chegaram ao governo de Sua Magestade as noticias das pazes com o jaga Bumba e da boa feição que tomaram os negocios de Cassange, o que deu logar á Portaria Regia que transcrevo :

#### PORTARIA

Manda Sua Magestade El-Rei, pela secretaria d'Estado dos negocios de Marinha e Ultramar, communicar ao Governador geral da provincia de Angola, que tendo presen-

tes os felizes resultados da paz effectuada com o jaga de Cassange, e o muito que se deve esperar para a prosperidade e desenvolvimento da provincia confiada aos seus cuidados, d'este prospero acontecimento, ha por bem louvar, em seu real nome, o mesmo Governador geral, pelo zelo, energia e circumspecção com que por sua parte illustradamente predispoz tão fausto exito; bem como a todas as authoridades das diversas classes, e habitantes da provincia que, em tal exito, por diversos modos, cooperaram, no que todos deram prova d'uma intelligencia e esclarecido patriotismo, que muito os recommenda á Real solitudine. O que tudo se transmite ao referido Governador geral para seu conhecimento, e para que o faça devidamente constar.

Paço em 3o d'abril de 1864. — (a) *José da Silva Mendes Leal.*

O chefe do concelho de Cassange em 3o de maio communicou ao governo geral: que continuava inalteravel o estado de socego e boas relações com os povos visinhos; que um dos cinco cacuatats de Muatiânvua que anteriormente participara estarem em viagem tinha chegado com marfim e esperava os outros que se atrazaram na marcha, que finalmente o commercio continuava animado e satisfactoriamente desenvolvendo-se e n'aquella data tres casas commerciaes despachavam para Malange, cento e cincoenta cargas com cêra, e marfim e mais seguiam d'outros negociadores em pequena escala.

Ao governo de Sua Magestade não foram desconhecidas as causas primordiaes que deram lôgar em 1861 ás rebelliões do jaga de Cassange, e potentados visinhos, e por isso

foi publicada na provincia a Portaria Regia que transcrevo e muito elucidada sobre os negocios de Cassange :

### PORTARIA

Sendo presente a Sua Magestade El-Rei o officio confidencial de 19 d'abril ultimo, em que o Governador geral da provincia d'Angola, remette um officio que lhe dirigiu o chefe de Cassange, o capitão João José Liborio, e varios documentos, de tudo o que se deduz que os principaes e quasi unicos causadores das desgraças que tem havido na provincia, tem sido os *negociantes* e outras pessoas, que, com as suas crueldades e outras malfetorias, tem suscitado uma quasi justa vingança da parte da população indigena : o mesmo Augusto Senhor, sempre sollicito da paz e da prosperidade dos povos sujeitos ao dominio da corôa portugueza, ha por bem determinar que o dito governador geral proceda sempre com decisão e energia, dentro dos limites da legalidade, para evitar abusos como os que se mencionam no citado officio, e faça instaurar os devidos processos a quem, por qualquer forma, infringir as leis e affrontar a humanidade, seja quem fôr que pratique acções dignas de reprovação, e que não devam tolerar-se ; o que pela secretaria d'Estado dos negocios da Marinha e Ultramar, manda participar, para os devidos effeitos, ao sobredito governador geral.

Paço em 10 de junho de 1864.— *José da Silva Mendes Leal.*

Em consequencia d'uma carta dirigida pelo Soba do Bihé ao governador geral, respondeu-lhe este tambem em carta, e como esta e os commentarios da Redacção do Boletim Of-

ficial são de interesse ao estudo da questão de Cassange, tem aqui cabimento a sua publicidade.

Amigo Sr. Soba da Banza-grande do Bihé.

Foi-me presente a vossa carta de 8 de julho proximo passado, a qual muito estimei por confirmar a antiga lealdade e obediencia que sempre havia tido a Sua Magestade.

Já tive occasião de transmittir o meu agradecimento pela promptidão com que voluntariamente me foi offerecida a vossa gente para a guerra de Cassange.

Felizmente Sua Magestade perdoou ao jaga, e hoje estamos todos em perfeito socego, fazendo o commercio as suas transacções sem incommodo algum.

• Vou publicar as vantagens do negocio no Bihé, para ver se alguns dos feirantes se resolvem a ir para ahi, certos da segurança das suas fazendas e da boa amizade com que sempre são tratados.

Desejo que Deus vos conserve por dilatados annos.

Palacio do governo em Loanda, 31 d'agosto de 1864.—  
*José Baptista de Andrade.*

#### LOANDA, 10 DE SETEMBRO DE 1864

E' sabido que a felicidade e riqueza futura d'esta vasta e invejavel provincia depende na actualidade do maximo desenvolvimento da sua agricultura e commercio.

As forças naturaes d'este feracissimo solo, com capacidade productiva para quasi todos os generos de producção, pedem instantemente o auxilio de braços que as dirijam n'esse desenvolvimento espontaneo e vigoroso, sem o que definharão ahi desaproveitadas e esquecidas.

Por largos e dilatados annos luctaram os conquistadores

do mui fertil e rico territorio da costa occidental d'Africa com as difficuldades e embaraços inherentes á occupação, regimen e administração d'um povo inculto e selvagem, e impossivel fôra sem grandes e valiosos recursos, conseguir em curto espaço, moralisar, instruir e estudar mesmo a indole, habitos e necessidades de povos tão differentes dos nossos, e sobretudo dar-lhes a civilisação necessaria que é indispensavel para os governar.

Não são commettimentos taes, obra de poucos annos, e muito se tem trabalhado para procurar attingir aquelle grau de perfectibilidade compativel com escassos e contrariados recursos.

A provincia d'Angola, porém, annuncia para breve uma face esperançosa e prospera pelo lado d'agricultura e commercio, se attendermos ás reiteradas sollicitações e pedidos, que o de quasi todos os pontos da provincia, apparecem para concessões de terrenos baldios destinados a plantações d'algodão e outros generos d'industria agricola, e ao sempre crescente desenvolvimento de transacções commerciaes e amigaveis relações com o gentio em varios pontos da provincia, onde ainda não ha muito eram difficeis, senão impossiveis essas relações e interesses commerciaes.

Em Cassange progride em grande escala o commercio com os feirantes sob auspicios os mais promettedores, sendo aquelle um dos pontos de maior e mais solida importancia para o commercio, e não ha muitos dias ainda que do Bihé enviou o Soba da Banza-grande, alguns embaixadores com carta para o governador geral d'esta provincia, em que, entre os protestos da sua nunca interrompida lealdade obediencia e amizade ao governo portuguez, pede empenhadamente que se lhe mandem feirantes ás suas terras para en-

treter relações commerciaes com os portuguezes, e consolidarem-se de mais, por esse modo, os laços de reciproca conveniencia e amizade.

A tão justos e proficuos desejos, baseados no interesse dos commerciantes d'esta localidade e da provincia em geral, não podia o governador geral d'esta provincia deixar de responder em phrases attentiosas e amigas, como se vê da carta que acima fica transcripta.

Chamâmos, pois, a attenção do corpo commercial d'esta cidade e dos concelhos limitrophes para o pedido do Soba da Banza-grande do Bihé, certos de que vae n'elle o proprio interesse e o d'esta rica e importante provincia.

Fôra nomeado novo chefe para o concelho de Talla-Mugongo, o major Joaquim Manoel Escorcio que tomou posse no dia 11 de novembro, e d'este é o officio que tem aqui cabimento dirigido ao governador do districto :

Tenho a honra de participar a V. Ex.<sup>a</sup>, que cheguei a este concelho no dia 9 do corrente, e hoje tomei posse do commando, com todas as formalidades do costume; e bem assim de tudo quanto pertence ao estado, por isso deponho nas mãos de V. Ex.<sup>a</sup> os adjuntos papeis pelos quaes ella se verificou, inclusive a copia do auto de posse.

Não devo deixar de communicar a V. Ex.<sup>a</sup> que o povo de Cassange gosa do maior socego e alegria; pois encontrei no dia da minha chegada muitos *banglas* reunidos na residencia, cantando e dançando ao som de seus instrumentos dentro do edificio, pela satisfação que tinham da minha chegada, e pelo socego que actualmente gosam; bem dizendo todos com alegria do beneficio por elles recebido de V. Ex.<sup>a</sup>

o governador geral da provincia, do perdão que lhes concedera, e pela boa e acertada escolha de chefe que os entendia.

Eu mesmo fiquei agradavelmente surprehendido com tantas demonstrações de regosijo, que bem significavam o quanto elles na actualidade são gratos e desejam o seu bem estar.

Estas festas eram dirigidas pelo representante do jaga Bumba, Banza-Angonga, seu sobrinho, que igualmente tomara parte na mesma dança, acompanhando-nos até à tarde.

Compareceram tambem todos os feirantes a felicitarem a minha chegada, observando eu n'elles perfeita harmonia, sem que até a esta hora recebesse queixa ou representação alguma.

Não devo omittir que durante a minha viagem desde Talla-Mugongo, observei grande desenvolvimento de plantações, signal evidente da paz e socego que gosam. Fui cumprimentado e procurado por todos os sobas do transito, desde o potentado Marimba-Angombe até ao ultimo, com as maiores demonstrações de contentamento, aos quaes presenteei convenientemente, assim como ao jaga e aos seus, que tomaram parte no divertimento de regosijo que encontrei na residencia, recommendando a todos em geral a obediencia ás leis e amor ao trabalho.

Por ultimo cumpre-me dizer que a casa da residencia e mais edificios estão situados em bom local, offerecendo vista a todo o concelho, e descobrindo até a grande serra de Talla-Mugongo. É na verdade para admirar como o meu antecessor, o capitão Liborio, poude conseguir a construcção d'essas casas e outras, em que habitam varios feirantes, pelas difficuldades com que teria de luctar; as quaes estão em bom estado, faltando-lhes apenas janellas e portas.

Rogo por isso a V. Ex.<sup>a</sup> o obsequio de mandar-me carpinteiros para esse fim.

Por em quanto é o que me cumpre participar a V. Ex.<sup>a</sup> Deus Guarde, etc.— Cassange 11 de novembro de 1864.—

(a) *Joaquim Manuel Escorcio*, chefe.

Terminara o anno de 1864, com um pequeno incidente na boa paz de Cassange, que teve logo o devido correctivo e se providenciou a evitar a repetição, a que foram estranhos os potentados com quem se continuava mantendo as melhores relações d'amizade, e se conhece pelos officios de 4 e 6 de janeiro de 1865, do governador do districto de Golungo Alto ao governador geral:

Districto do Golungo-Ato — Ill.<sup>mo</sup> Sr.— A mala do correio <sup>1</sup> de 9 do mez proximo passado, enviado de Loanda para Cassange, foi roubada a dois soldados da companhia de linha que a conduziam, e tendo depois d'isto procurado por todos os meios ao meu alcance entrar no conhecimento da verdade, obtive os esclarecimentos que constam do conselho a que responderam os dois soldados, assim como os que constam da carta que acaba de me dirigir o soba Marimba-Angombe, com a qual me enviou pelo 1.<sup>o</sup> sargento Rocha, um dos ladrões que a havia roubado.

Este ladrão esteve para ser morto, logo que foi apresentado ao Marimba, mas o 1.<sup>o</sup> sargento obstou a isso, fazendo

---

<sup>1</sup> Ainda devo lembrar que o roubo das malas do correio, não é cousa nova, da actualidade.

ver qual o interesse que eu tinha para que elle me fosse apresentado.

Para mostrar que um tal procedimento do ladrão não encerra em si fim algum politico, o faço seguir n'esta data para Loanda, para que, sendo levado á presença de S. Ex.<sup>a</sup> o Governador geral, se possa cabalmente ajuizar em vista das suas respostas o que deu logar a tal roubo, porque sendo a carta do Marimba, poderia no futuro deixar duvida, visto estar redigida n'um estylo mais correcto.

Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup>— Secretaria em Malange 4 de janeiro de 1865.— Ill.<sup>mo</sup> Sr. Secretario geral do governo da provincia.— *Antonio Bernardo de Sousa*, governador interino.

Ill.<sup>mo</sup> Sr.— Digne-se V. S.<sup>a</sup> de levar ao conhecimento de S. Ex.<sup>a</sup> o governador geral da provincia que, depois das medidas que tomei fazendo cruzar patrulhas entre Pungo-Andongo e Sanza, não tem havido mais novidade com os salteadores; e só tem apparecido pequenas faltas nas cargas que são logo pagas pelos serventes que as conduzem.

Já fiz ver em meu officio n.º 1, o quanto se acha isolada de povoações a estrada entre Sanza e Talla-Mugongo, e por isso entendo que se pode esperar bom resultado se ali se collocar uma patrulha, por ser um ponto onde se demoram as cargas idas e vindas de Cassange; e mesmo porque tendo povoações proximas, offerece a vantagem dos soldados terem que comprar para a sua manutenção, e além d'isto ter uma linha de soldados entre a estrada de Talla-Mugongo e Pungo-Andongo —, o que obstará a muitos roubos dos salteadores esfaimados.

Eu vou para ali mandar um official inferior e 15 solda-

dos, até que o mesmo Ex.<sup>mo</sup> Sr. não mande o contrario, por que uma tal medida é a meu ver de conveniencia em todo o sentido, por ser um ponto mui salubre, e que já foi, e julgo que deve ser, guarnecido com destacamento.

Hontem chegou a este concelho vindo de Cassange, o negociante Manuel Martins de Carvalho, que vem ver se engaja 700 ou mais carregadores para lhe transportarem as cargas que ali tem, assim como as que pertencem ao negociante Arsenio Pompilio Pompeu de Carpo.

As informações que dá o referido Carvalho d'aquelle ponto são as mais satisfactorias que se podem esperar para o bem estar dos que n'elle residem.

Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup>—Secretaria em Malange, 6 de janeiro de 1865.— *Antonio Bernardo de Sousa*, governador interino.

Porque falleceu logo em principios do anno de 1865 o chefe de Cassange, o major Joaquim Manuel Escorcio, foi no 1.<sup>o</sup> de março, nomeado para exercer aquelle cargo, o alferes da 2.<sup>a</sup> linha Antonio Ferreira d'Almeida e Silva.

Viu o Governador geral José Baptista d'Andrade, correr ainda este anno até 30 de setembro, dia em que por doente entregou o governo ao Conselho governativo, sem que fosse alterada a paz que concedera ao jaga Bumba e outros rebeldes visinhos e sempre progredindo o movimento commercial d'aquella região em interesse da provincia.

E para terminar o que respeita á sua administração, transcrevo parte do discurso da sua entrega ao Conselho do governo e resposta d'este :

Senhores:— Achando-me doente, e necessitando ir ao

Reino tratar-me, resolvi aproveitar a authorisação que me concede a Regia portaria n.º 161 de 3 d'agosto proximo passado, e d'accordo com ella e com a lei em vigor entregar-vos o governo geral d'esta provincia.

O vosso profundo conhecimento do estado e necessidades d'ella dispensam-me de fallar a este respeito; direi sómente alguma cousa do que se tem passado nos trez annos da minha gerencia.

Quando cheguei a esta provincia encontrei muitos preparativos de guerra contra Cassange, e tive de organizar uma expedição, que sob o commando do actual chefe da estação naval, foi levar soccorros ao concelho de D. Pedro V, por que o districto do Ambriz tambem estava revoltado.

Felizmente poucos mezes depois tudo ficou em paz, mas o commercio teve de soffrer as consequencias das muitas guerras antecedentes, e depois a paralisação devida ao terrivel flagello das bexigas, que tantos e tão horrorosos estragos fizeram n'esta provincia, e que maiores ainda causariam se não houvessem benemeritos cidadãos que por todos os meios desenvolveram a sua philantropia accudindo aos mais necessitados.

---

O Ex.<sup>mo</sup> presidente da relação e do conselho do governo leu o seguinte discurso :

Senhor Governador geral. *Relevantissimos* serviços tem prestado V. Ex.<sup>a</sup> desde muitos annos a esta provincia nas

diversas commissões de mar e terra, de que tão digna e honradamente se ha desempenhado.

Entre muitos outros avultam os feitos heroicos do cerco do Bembe e de S. Salvador do Congo, submettendo aquelle gentio á vassalagem da Corôa portugueza.

Enobrecido V. Ex.<sup>a</sup> com tão grandes feitos, já então a opinião publica n'esta provincia o inculcava para ser seu Governador geral.

Foi por isso que este Conselho, adherindo e acompanhando essa opinião, escolheu a V. Ex.<sup>a</sup> para Governador geral interino em sessão de 3o de julho de 1860, em que eu tive a honra de tomar uma parte activa em vista das circumstancias especiaes do estado da guerra d'aquella epocha, por occasião da retirada do Governador geral o conselheiro José Rodrigues Coelho do Amaral.

Esta nomeação porém não produziu o effeito desejado, pela chegada do Governador geral de nomeação regia.

Terminada a guerra do norte por V. Ex.<sup>a</sup>, não tardou muito que outra guerra sobreviesse a leste, em Cassange, de todas a mais desastrosa para esta provincia.

Adiantada ella e com poucas esperanças de acabar com feliz exito, passado já mais de um anno, o Governo de Sua Magestade annuiu então á opinião publica nomeando V. Ex.<sup>a</sup> Governador geral em 11 de d'agosto de 1862, com o fim especial de trazer a paz a esta provincia, a qual V. Ex.<sup>a</sup>, coadjuvado por alguns benemeritos cidadãos, conseguiu amigavelmente em poucos mezes, com as maiores vantagens para a provincia, para a fazenda publica e para a dignidade nacional. Esta paz foi registrada com applauso em todos os jornaes da metropole.

Trez annos são decorridos do tão prudente e pacifico

governo de V. Ex.<sup>a</sup>, tres annos ha durado a paz que V. Ex.<sup>a</sup> nos trouxe. <sup>1</sup>

Não pôde passar sem reparo a primeira Portaria do Conselho do Governo em exercicio, e por isso n'este logar tem todo o cabimento:

### PORTARIA

O Conselho do governo, servindo de Governador geral da provincia d'Angola, determina o seguinte:

Attendendo a que o desenvolvimento do commercio e progresso da agricultura são as duas principaes fontes de riqueza d'esta vasta provincia:

Attendendo a que sem a paz e tranquillidade publica em todos os pontos d'ella, e muito principalmente com os povos limitrophes das nossas possessões, d'onde lhes vem uma grande parte d'esse commercio, não pôde conseguir-se

---

<sup>1</sup> Não posso deixar de chamar á attenção do leitor em nota, que apesar de tudo isto que são verdades, e do muito mais que se podia dizer sobre os muitos prestantes serviços á patria, do benemerito, muito brioso, valente e honrado official distinctissimo da nossa armada, e não menos distincto, zeloso e probo no exercicio de todas as elevadas funcções que tinha já exercido e eram muitas, extranhas á sua arma e com risco de vida; passou logo pelo desgosto d'uma syndicancia aos seus actos, (que tal é o meio em Angola!) e foi preciso o venerando Accordão, proferido em 22 de fevereiro de 1866, pelo Supremo Tribunal de Justiça nos autos da syndicancia ao ex-governador da provincia d'Angola José Baptista de Andrade, para ser considerado livre e isento de toda a culpa ou imputação, de que tivesse a desaggravar-se.

de modo algum aquelle desenvolvimento e progresso, como a experiencia infelizmente o ha mostrado nas tão desastrosas guerras passadas :

Attendendo a que a paz e tranquillidade com estes povos, quando alterada, tem tido quasi sempre a sua origem proxima ou remota em esbulhos, violencias ou castigos menos justos, praticados já por algumas das nossas auctoridades, administradores de concelhos militares, vulgo chefes de presidios ou districtos, já por alguns feirantes, sertanejos ou negociantes do interior, e muitos d'estes esbulhos a pretexto de represalias em compensação ou indemnisação d'outros, inadmissiveis onde ha auctoridades portuguezas, que administram justiça ;

Attendendo a que as guerras, que de ha muitos annos tem assolado esta provincia, *sobretudo a ultima de Cassange*, paralisando-lhe toda a agricultura e commercio, com sacrificio de tantas centenas de vida e de avultadas sommas para a fazenda publica, e dos particulares, teem a sua origem em tão reprovados motivos, e que é de absoluta necessidade que elles mais se não repitam, para a conservação da paz;

O conselho do governo muito recommenda a todas as auctoridades da provincia, principalmecte ás limitrophes com aquelles povos, e bem assim a todos os feirantes sertanejos ou negociantes das referidas localidades, que se abstenham de repetir attentados d'aquella natureza, porque os fará a todos responsaveis com o rigor das leis que punem taes crimes.

As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento d'esta o competir assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do Governo em Loanda, 5 de outubro de 1865.  
— Luiz José Mendes Affonso, presidente do Conselho — João

*Jacinto Tavares — Timotheo Pinheiro Falcão — Damião Antonio Pereira Pinto — Francisco Barbosa Rodrigues.*

### COMMUNICADO

Ainda o communicado que se segue e foi publicado no Boletim official, é de todo o interesse conhecer-se para a historia de Cassange: Nos 3 dias proximaemente passados, tendo sido saudado o Augusto Infante recém-nascido com o acto religioso em acção de graças, com os sinos das torres, com as bombardas das fortalezas, com os fogos do ar. e com outros transportes de jubilo, por ter entrado pelas portas da vida mais um herdeiro da corôa portugueza, hoje as demonstrações tornaram-se mais estrepitosas por ser o dia do anniversario natalicio do nosso Augusto Monarcha.

Por este motivo annunciou-se um solemne *Te-Deum* no templo de S. João, como acto gratulatorio, a que concorreram os alumnos do seminario d'esta diocese.

Um filho do Jága de Cassange, já adulto, e ainda por baptisar, (que se achava ha poucos mezes a cathechizar-se e educar-se no dito estabelecimento a expensas do governo) não devia ser indifferente ás orações, que se elevassem ao Ente Supremo pela dilação da vida do seu Augusto protector; e achando-se o dito catuchúmeno sufficientemente instruido nos rudimentos da religião para receber o Sacramento do baptismo, lhe foi ministrado em dia tão faustoso, antes do acto religioso, em acção de graças; e foi convenientissimo que o filho do dito potentado de Cassange se reunisse como christão aos mais fieis; e por isso estando presentes o ex.<sup>mo</sup> Conselho do governo, representando como Governador geral, a Camara municipal e mais funcçõarios civis e militares, o

reverendissimo cabido, os empregados ecclesiasticos e os seminaristas, sahindo processionalmente da sachristia de S. João, dirigiram-se á pia baptismal, e ahi o Governador interino do bispado solemnemente baptisou o referido alumno, assistiindo como padrinho o ex.<sup>mo</sup> presidente do Conselho do governo, e tocando na corôa da rainha do Universo o secretario geral. O acto foi grandioso pela respeitavel presença dos caracteres distinctos; e tocante pela humildade que mostra o neophyto. Se com os corações jubilosos já iamos dobrar os joelhos deante do Altissimo para agradecermos á Magestade divina a conservação do nosso Monarcha, e commemorarmos o dia em que o Augusto Monarcha entrou n'este mundo, embalado no berço com as encantadoras maximas da religião; este regosijo teve grande incremento por termos visto hoje renascer pelas aguas do baptismo, e alistar-se sob as bandeiras da christandade com o nome de Luiz, (derivado do seu Augusto protector) esse descendente do Jaga de Cassange, que, já com a veste candida da pureza, agradecia ao Deus dos christãos, por ter a felicidade de entrar na christandade, e ter adquirido o direito de entrar em communhão com os demais fieis para endereçar ao Ente Supremo as supplicas pela longevidade do nosso Rei, que se acha assentado no throno de Affonso Henriques.

Oxalá, pois, que o recém-christão, alumno do seminario d'esta diocese, se applique ás letras, e venha a ser o modelo dos seus conterraneos.

Loanda, 31 de outubro de 1865. — F.

O facto do baptisado do filho do Jaga de Cassange deu logar ao officio que se segue do chefe do concelho de Cassange, em que se prova terminar o anno de 1865, ainda es-

tando todos os povos satisfeitos com a benefica soberania da nossa auctoridade:

Ill.<sup>mo</sup> Sr. Na mala do correio chegada aqui a 28 do mez passadô veiu o Boletim official de 4 de novembro findo, no qual foi lida com bastante satisfação a parte que diz respeito ao baptismo do filho do Jaga de Cassange, educado no seminario a expensas do governo.

Os feirantes, em numero de 25, apresentaram-se n'esta residencia pedindo-me que os acompanhasse á banza do Jaga para lhe manifestarem o seu contentamento por ter um filho do potentado da terra em que habitam, feito a sua solemne entrada na egreja catholica, gremio da nossa religião, tomando o nome do nosso tão popular monarcha na occasião do baptismo.

Da melhor vontade annui a este pedido, nomeando os feirantes d'entre si um que na presença do Jaga exprimisse os seus mais puros sentimentos; depois partimos para a banza, aonde fomos bem recebidos, pois que já lhe constava a causa da nossa ida.

Eu fiz-lhe saber que elle devia contar com a protecção do governo, continuando elle a fazer-se tão digno d'isso como se tem mostrado depois do perdão, acto que marca uma nova epocha de felicidade para os seus povos, devendo elle Jaga contar ao mesmo tempo que com uma boa educação dada a seu filho, podia este ainda vir a ser um outro capitão Quitubia. O Jaga respondeu pedindo-me que da sua parte assegurasse ao governo que pelo que acabava de ouvir ler, elle protestava que todos os seus esforços, ajudado pelos chefes e feirantes, no futuro, como é no presente, serão para nunca desmerecer de tantas graças e amizade.

Seguiu-se a fallar o feirante, encarregado de exprimir os

sentimentos de todos, o que desempenhou da maneira mais clara e ao alcance de todas as comprehensões, fazendo da mesma fôrma que o Jaga comprehendesse as vantagens que a religião christã, á qual sen filho pertencia, dava aos seus neophitos que se obrigavam amar a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a si mesmo.

Continuou fazendo ver ao Jaga que a indole do governo de Sua Magestade não era de conquistar povos á força de armas e sim pela força do raciocinio, por actos de humanidade, por acções philanthropicas, por acções beneficentes, encaminhando a mocidade a futuro lisongeiro, como vinha de fazer com os filhos do rei do Congo, e com o d'elle Jaga e outros.

Discursou ainda sobre a historia do passado, não negando que em algumas epochas elle Jaga e os seus povos tiveram alguma razão para se rebelarem; mas que a isso nunca foram impellidos, pela conducta dos feirantes.

Depois que findou o seu discurso, o Jaga ordenou ao seu escrevente que em seu nome e em nome dos banzas e maquitas do seu governo, respondesse por escripto ao que acabava de ouvir, indicando-lhe mesmo ali quaes os pontos em que devia ser bem claro e preciso.

Junto levo á presença de V. S.<sup>a</sup> a resposta do Jaga aos feirantes, os quaes ficaram com copia e me entregaram o original para V. S.<sup>a</sup> o levar ás mãos de S. Ex.<sup>a</sup> o Ex.<sup>mo</sup> Governo, para o destino que julgar dever dar-lhe.

Peço a V. S.<sup>a</sup> obtenha de S. Ex.<sup>a</sup> desculpa d'este desvio da via competente, porque o Jaga pediu que a sua resposta fosse dirigida ao governo geral e o mais depressa que fosse possivel, pois esse era o seu desejo.

Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Secretaria do commando de

Cassange, 1 de dezembro de 1865 — Ill.<sup>mo</sup> Sr. Secretario do Governo — *Antonio Ferreira d'Almeida e Silva*, chefe.

Ill.<sup>mo</sup> Sr. — O Jaga em publica audiencia, encarregou-me de dizer a V. S.<sup>a</sup> para que o faça saber a todos os feirantes seus collegas, que muito grato ficara com o que lhe fizeram saber e que transmittiu aos seus; para que vissem quão felizes podiam ser no futuro, e que muito folga em ter um filho ligado aos Portuguezes por laços de religião, e que facil será que elle um dia venha a poder guiar os seus patri-cios por bom e seguro caminho ás felicidades que o governo lhes promove.

Ordenou-me o Jaga que assegurasse estar elle bem convencido das pacificas, amigaveis e humanas intenções do Governo de Sua Magestade, sendo elle e os seus povos testemunhas de sua Real bondade, a qual o leva a preferir a morte á mais pequena ingratidão: que a historia do passado que com verdade e perfeito conhecimento de causa, lhe fóra recordada, devia ter assegurado a todo o mundo de que seus povos nunca se rebelaram contra feirantes, nem por elles provocados, porque elles quando desordeiros, pagam quanto fazem com fazenda, ficando por esse facto habilitados a continuar o seu negocio; que o presente assegura que nunca mais no futuro apparecerá quem provoque, e fazendo-o que pagará os males que causar.

Que enquanto as cousas marcharem na harmonia em que ha um anno a esta parte tem vindo, pôde-se contar com a paz, segurança de vida e de probidade, pelo que é elle o primeiro a fazer votos, porque está resolvido a ir pôr-se sob a protecção do governo em Loanda, se um desastre igual ao de 1862 tiver logar, o que Deus não permitirá.

Que o bom tratamento que o governo dava a seu filho e a má conducta dos seus povos, ambas as cousas justificavam a boa educação dos Portuguezes e a pessima ignorancia dos seus povos.

D'esta maneira termino por haver escripto quanto em publica audiencia pelo Jaga me foi ordenado.

Sou com respeito e consideração e como orgão do Jaga — Quilombo 3o de novembro de 1865 — De V. S.<sup>a</sup> amigo e muito obrigado — *D. Paschoal Machado* — Jaga Cassange — Banza Muzumbo do jaga — Banza Quinhângua — Banza N'Gola Bolle — Banza Tandalla — Banza Muene Sengo E eu que escrevi por ordem do Jaga e por elle e seus macotas assignei — *Francisco Paula da Cunha*.

Fora nomeado governador geral da provincia em 26 de agosto de 1865, o chefe de Divizão da Armada Francisco Antonio Gonçalves Cardoso, que tomou posse em 12 de março de 1866 e foi exonerado, pelo pedir, em 4 de fevereiro de 1869.

Durante o seu tempo com respeito a Cassange, encontrei apenas: a demissão do chefe e da graduação d'official que tinha, que era Antonio Ferreira d'Almeida e Silva, pelo pessimo serviço prestado em tal cargo e pelas partes falsas dadas ao Governo geral; e tambem a annexação do Concelho de Talla Mugongo a Malange.

Eis como, de uma só pennada, se traça um passado de desaseis annos de successivos esforços, trabalhos e impetuosos sacrificios em que perecem muitas vidas, dando como consequencia a miseria a outras tantas familias, e se dispende e se perdem grossos capitaes para se deixar ao abandono o

que se tinha conquistado, e cujos povos já iam entrando no nosso convívio, tendo dado provas de quanto o apreciavam!

E o mal alastrou-se porque d'elle resultou o afastamento d'outros povos d'aquem e d'alem Cuango, que depois, durante o longo periodo de 1866 a 1882, outros tantos annos, voltaram aos seus antigos usos e costumes, acreditando a maioria que as auctoridades superiores da provincia os voltaram ao esquecimento, e outros, os mais inquietos, que não tivemos a força precisa para os obrigar a nos fazer-mos por elles obedecer.

Nomeado o Ministro e Secretario de estado honorario José Rodrigues Coelho do Amaral, por carta régia muito honrosa, para de novo assumir o cargo de Governador geral de Angola, d'elle tomou posse em 6 de abril de 1867 com o aprasimento geral, e exerceu ainda este cargo por mais de tres annos; pois tendo sido por nova carta régia de 7 de abril de 1870, considerado de indispensavel a bem dos interesses do Paiz, transferil-o para o governo geral da provincia de Moçambique, cuja situação se tornara gravissima depois de successivas expedições contra o Bonga, de infeliz exito, e tendo auctorisações especiaes, nomeou em 14 de junho Governador geral interino da provincia de Angola, o governador do districto de Mossamedes, Joaquim José da Graça, e por elle esperou para lhe dar posse com todas as formalidades do estylo.

Foi este governo interino apenas de 71 dias, por quanto em 2 de julho, o Governo de Sua Magestade nomeava o Conselheiro José Maria da Ponta e Horta, Governador geral de Angola o qual tomou posse em 4 de setembro do

mesmo anno, e foi injustamente exonerado em 13 de fevereiro de 1873, devido a uma infame cilada pelo telegrapho, que em Lisboa desorientou completamente o Governo, e excitou os animos dos que mais se interessavam pelo socego e desenvolvimento da provincia. <sup>1</sup>

Custa a crer que o governador Coelho do Amaral, que tanto providenciou nos seus dois primeiros governos seguidos, a tornar effectiva a nossa soberania em Cassange, e que conseguira ver no ultimo, o bom resultado das suas acertadas providencias, accitasse bem o estado em que se lhe entregava aquella região e as visinhas além de Malange.

Decerto circunstancias de pezo que não vieram a publico, o fizeram nada alterar da triste e decadente situação a que tudo ali chegou, e a não se importar mesmo com a falta de publicidade que já se dava e continuou a dar-se (até 1882) do que se passava a leste, além dos nucleos europeus do Concelho de Malange que se foram restringindo com o tempo.

---

<sup>1</sup> Sem que se espere por informações ulteriores, dizia o ministro João de Andrade Corvo: exonerado do governo de Angola, — para ser empregado em outra commissão de serviço para que a sua aptidão o recommende. N'esta mesma data, de novo foi nomeado o Conselheiro Jose Bapiista d'Andrade.

No parlamento, sessão a que assistí,—a proposito d'aquella exoneração, dias depois, lembra-me ver o Ministro levantar-se e bastante compungido responder a um deputado da opposição: «Sinto deveras ter de confessar quanto me penalisa a resolução que o Governo teve de tomar em vista dos telegrammas recebidos, sendo certo que tenho hoje a lastimar a perda d'um bom amigo e de um antigo companheiro de trabalhos escolares — mas a amizade foi suplantada pelo dever do cargo.»

Que tem razão de ser a minha duvida, que o Governador Coelho do Amaral não se poderia conformar com que, pelo abandono, fossemos perdendo o prestigio que tanto nos custara alcançar até mesmo além do rio Cuango, prova-o o unico documento que encontrei publicado e transcrevo, durante a sua nova e ultima superior administração n'esta provincia, do chefe do concelho de Malange, o major Antonio Maria Ribeiro, datado de 25 de abril de 1868, a proposito de infundadas accusações, e que muito esclarece sobre as difficuldades de fazer respeitar a sua auctoridade além dos pontos que realmente estavam occupados embora mal.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Accusando a recepção do officio que d'ordem de S. Ex.<sup>a</sup> o sr. Governador geral da provincia, V. Ex.<sup>a</sup> se dignou dirigir-me pela secção civil 2.<sup>a</sup> repartição sob o n.º 298 de 31 do mez preterito, em que constou ao mesmo Ex.<sup>mo</sup> Sr. por parte d'uma carta d'aqui escripta que me foi remettida por copia, que nas proximidades d'esta residencia talvez a distancia de tiro de bala se commettiam repetidos e escandalosos roubos, extranhando S. Ex.<sup>a</sup> o sr. Governador geral, que d'elles eu não tivesse dado parte como me cumpria, e ordena o faça quanto antes;

Cumpre-me, pois, informar a V. Ex.<sup>a</sup> para conhecimento do mesmo Ex.<sup>mo</sup> Sr. o seguinte :

1.<sup>o</sup> Que o periodo da carta que me foi remettida por copia, não foi dirigida d'este Concelho e sim do de Pungo-Andongo; mas como n'ella se phantasiam perdas enormes pelos roubos praticados no interior da provincia e se allude ao chefe de Malange e forças aqui de guarnição, mais adiante tocarei n'este ponto.

2.<sup>o</sup> Que é menos verdadeiro o que informaram a S. Ex.<sup>a</sup>

o sr. Governador geral da provincia, de se commetterem roubos escandalosos e repetidos na proximidade d'esta residencia, o que não se tem dado, por isso não podia dar d'elles parte, nem tambem se tem commettido nas estradas d'este Concelho.

3.º O unico roubo que ultimamente se deu no Concelho a meu cargo, foi commettido na noite de 6 para 7 do mez preterito no ponto militar do Sanza, na casa de negocio de Delfim Joaquim Martins Guimarães, residente no Concelho de Pungo-Andongo. Mas esse roubo é de tal originalidade que não sei como o classifique, e se os ladrões eram de fóra ou da propria casa, porque não se poderá dar credito bastante que, estando dentro da propria loja roubada o encarregado d'ella, Alexandre de Andrade Gabriel dos Santos, não sentisse fazer-se um rombo na parede e por esta abertura que praticaram (!) os ladrões, tirassem tudo quanto existia n'aquelle loja (parte do dito caixeiro junto ao auto que se lavrou) e só depois d'isto feito, á meia noite pouco mais ou menos, é que accordou e foi dar parte, (2 horas da noite) ao commandante d'aquelle ponto de que o tinham roubado.

As providencias que este commandante logo deu, o auto que mandou lavar, e depois o auxilio que prestou ao proprio caixeiro, quando disse, sabia onde estavam as fazendas ou parte do roubo, consta tudo dos documentos que tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.<sup>a</sup>.

Á vista d'este facto que não é o primeiro que appareceu com semelhante industria, tambem se dão outros não inferiores de igual quilate e tão revoltantes, que indignam a quem os presenciar ou ouve narrar, de sorte que o commercio do interior, de dia para dia, se vae tornando cada vez mais ruinoso para os negociantes de Loanda, devido isso a alguns

agentes que são despachados por aquelles com mercadorias para os pontos occupados, e estes agentes são aviados feirantes sertanejos que se mandam para os differentes sertões gentilicos, e ahi ficam perdidos grandes capitaes, e isto por que a elles mesmo, pouco lhes importa em zelar o que lhes foi confiado.

4.<sup>o</sup> Voltando ao periodo da carta que me foi remettida por copia em que diz foram roubadas no Licunga de seis a sete mil libras de cêra. Informarei a V. Ex.<sup>a</sup> que não foi no Licunga, e sim pelo soba do Luimbe entre aquelle ponto e o Luando, distante d'este Concelho de 30 a 35 leguas, que a referida cêra, ou parte, foi apprehendida e não roubada, como ficticiamente, para certos fins para ahi se communicou. Estas apprehensões que fazem os sobas gentilicos, quer em fazendas, quer em generos coloniaes, não são sem motivo, e se os negociadores soffrem taes prejuizos, são elles proprios os que dão causa, pelas violencias, vexames e mesmo crimes que por lá commettem, e como o gentio não conhece nem tem outra lei para os punir, senão os seus *quituxes*, (multas) é esse o motivo por que faz taes tomadias até que o soba imponha a multa aos criminosos. A tomadia classificada de roubo! pelo author da carta foi, nada menos por um dos que acompanhava a remessa da dita cêra, pretender roubar uma das concubinas d'aquelle soba, peitando-a para fugir em sua companhia.

Ora sendo estes os factos que se deram e se estão dando quotidianamente nos sertões gentilicos, aonde as authoridades constituídas não teem jurisdicção, terá por ventura o signatario da carta razão plausivel para clamar de tantas prepotencias e maroteiras, como elle diz, por aqui succedem? — que culpa terá o chefe de Malange e a força da guarni-

ção d'este ponto, que nos sertões se commettam taes demasias?— Poderá aquelle prestar auxilio ou impedir que os sobas gentilicos punam a seu modo os crimes ali commettidos pelos feirantes? julgo que não, e até isso lhe está prohibido, devendo só prestar auxilio e protecção ao commercio dentro dos limites do Concelho a seu cargo. Talvez que o signatario da carta quizesse, e não achasse muito, uma companhia para lhe guardar a casa, e outra para acompanhar os seus criados, por esses longiquos sertões guardando-lhe a fazenda alheia que recebeu em Loanda, e que com tanta falta de consciencia e interesse, elle distribue por individuos, sem garantia alguma, para a irem permutar nos sertões; mas melhor direi para os irem dissipar em devassas folias gentilicas, e aos soldados que satisfizesse a junta da fazenda publica, visto que os redditos d'esta crescem abundantemente com os impostos pagos pelos commerciantes do interior, e aviados espalhados nos sertões, que não pagam um só real, quer d'industria quer de dizimos, pela propriedade que habitam no sertão!

Permitta-me V. Ex.<sup>a</sup> que eu pondere mais, e á ultima interrogação que faz o signatario da carta e consideração a esta. Desejava que elle dissesse qual tem sido a falta de garantia em propriedade e vida que elle lamenta não se presta nos pontos occupados? — ter-lhe-ha faltado protecção e justiça da parte das authoridades ou estas commetterão essas prepotencias, que diz se praticam no interior da provincia? — não é elle proprio que de sua livre vontade entrega ao negro as mercadorias, visto que para lá as manda como diz será melhor?

E depois que tiver completamente dissipado as mercadorias que lhe foram confiadas, poderá regressar sem ver-

gonha ao littoral, que é o mais certo que tem! mas nem d'aqui nem d'ali sahirão as mais e muito menos da forma aviltante e cobarde como o futura o signatario da carta, por que ainda ha portuguezes leaes para sustentarem o que nos-  
sos antepassados conquistaram.

São d'esta qualidade de commerciantes com excepções que se encontram pelos Concelhos do interior e outros nos sertões, e muitos d'elles descrevendo para essa cidade roubos ficticios que não soffrem, para apparentemente manifestar aos seus committentes de Loanda as enormes perdas que já lhes teem causado.

Isto é facil de provar pelas grandes despezas que fazem logo que recebem as facturas e as mais extraordinarias! para o que lhe não dá os lucros do negocio e outras mais causas, que a decencia pede guarde silencio.

O signatario da carta que propalou para essa cidade boatos menos verdadeiros e não menos malevolos que ferem a reputação de funcionarios honrados, melhor fôra que tratasse de trabalhar, e agenciasse honradamente meios para satisfazer aos negociantes da praça de Loanda, as dezenas de contos de reis, que lhe foram confiados e que tão mal seguros estão! <sup>1</sup>

Permitta-me V. Ex.<sup>a</sup> que finalise esta informação, e se digne obter de S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Governador geral haja por bem desculpar algum excesso que n'ella notar, e, tendo-o, de o

---

<sup>1</sup> Tinha muita rasão o zeloso chefe, mas ainda assim pode vangloriar-se, o que não tem succedido a muitos em posições identicas de encontrar uma authoridade superior, que entendeu, como era regular, ouvi-lo antes de tomar qualquer deliberação ácerca d'esses boatos.

tomar só como devido á necessidade de manifestar e dar a cada um o que merece. Dignando-se V. Ex.<sup>a</sup> informar o mesmo Ex.<sup>mo</sup> Sr. que as medidas que tenho adoptado para obstar aos roubos nas estradas e mais pontos d'este Concelho, já tive a honra de dizer quaes eram, isto é, ter em alguns pontos patrulhas permanentes, e outras volantes, percorrendo aquellas.

E quanto ao final do determinado no officio de V. Ex.<sup>a</sup> informarei que a companhia de linha de Malange logo que a reuni toda em outubro ultimo, fiz das praças existentes no effectivo a escolha que me foi ordenada em officio n.º 1:208 expedido pela 2.<sup>a</sup> Repartição da secção militar de 20 de setembro do anno preterito, e conferi as escusas do serviço e as passagens, de que dei logo conta, como V. Ex.<sup>a</sup> se dignará ver pelos officios e mappas juntos por copia, e da liquidação da divida ás praças que ficaram no effectivo da mesma companhia, tambem já tive a honra de enviar a V. Ex.<sup>a</sup> as relações nominaes com relação a 31 de dezembro ultimo. Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> Secretaria do Commando do Conselho de Malange, 25 d'abril de 1868.— Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Secretario geral do governo da Provincia.— *Antonio Maria Ribeiro*, major e chefe.

O Governador Ponte Horta alem d'outros importantes negocios de que tratou, teve de fazer a guerra aos Dembos que se rebellaram contra as nossas auctoridades, e por muito feliz se considerou em que os Cassanges, Bondos e visinhos se deixassem viver no esquecimento.

O novo governo do Conselheiro José Baptista de Andrade foi de 15 de março de 1873 a 22 maio de 1876, data

em que, por doente, teve de regressar ao Reino; entregando o governo ao Conselho governativo.

Com certeza devia ter impressionado desagradavelmente aquelle benemerito Governador que se tivessem inutilisado todos os seus esforços e providencias com a occupação de Cassange, e ver aquelles povos e seus vizinhos, entregues de novo aos seus antigos usos e costumes, vivendo de nós mais affastados nos seus sertões, sendo nominal a influencia da alçada do chefe de Malange sobre elles; pois que mesmo esta auctoridade nem sequer forças tinha para garantir a segurança do seu Concelho.

E tanto isto reconheceu o venerando e pratico Governador, que creou um novo batalhão de caçadores, a que deu o numero 6, estabelecendo o seu quartel permanente em Gologongo-Alto; justificando a criação d'este novo batalhão de 1.<sup>a</sup> linha e n'aquella localidade, «pela necessidade de concentrar numerosas forças militares a leste, para que de prompto se possa bem occorrer a qualquer eventualidade e urgencia em alguns pontos n'aquella importante parte dos nossos domínios».

A acção do chefe de Malange com respeito a Cassange, Bondos e outros povos a leste do Quissólli, limitava-se a informar o governo geral dos boatos que sobre elles corriam, em geral devidos a pombeiros e aos chefes de caravanas que passavam ou se demoravam na villa de Malange para fazer as suas permutações.

E foi por este modo que, em 17 de janeiro de 1874, poude participar o chefe, que então era Euzebio Catella do Valle<sup>1</sup>,

---

<sup>1</sup> Este distincto official do exercito de Africa Occidental, ha oito annos que se reformou em general de brigada.

ter terminado em Cassange a pendencia entre os dois pretendentes ao jagado, e que ficara victorioso o Malengue, que poz em debandada o outro, prestando a sua gente um bom serviço, defendendo o sitio da feira e estabelecimentos d'alguns feirantes, africanos portuguezes que ainda por lá appareciam com frequencia.

---

# SECULO XIX

## 2.ª PARTE

### NOS SEUS ULTIMOS ANNOS

**N**OMEADO Governador geral d'Angola, o Governador de Cabo Verde, Conselheiro Caetano Alexandre d'Almeida e Albuquerque, foi lhe dada a posse pelo Conselho governativo em 15 de junho de 1876.

O Conselheiro Albuquerque, que, como Governador de Cabo Verde, alcançara uma excellente reputação; pois nas mais tristes circumstancias conseguiu levantar aquella provincia que ia definhando-se, e lhe deu a prosperidade em que entrou, entendeu fazer cessar todos os planos d'expansões, restringindo-se e sem sacrificios, ao que podia manter-se com os recursos provinciaes, e muito trabalhou no regulamentar todos os serviços d'administração de modo a produzirem, e no espirito das leis vigentes.

Foi uma tarefa muito fatigante para o seu espirito e apreciava-se lendo-se o grande numero de portarias e communicações do seu tempo no Boletim official da provincia.

Desceu o Governador Albuquerque a taes minudencias,

que o leitor estranho á nossa administração ultramarina, chega a convencer-se de que a insubordinação, desmoralisação, desleixo e muito indifferentismo, campeavam em todos os ramos em que se subdivide a superior d'aquella provincia.

Como geralmente succede, não foi dado tempo ao illustrado Conselheiro para conhecer dos fructos da sua sementeira, e nem mesmo de completal-a; pois vê-se que devia ter muito maior desenvolvimento.

Em 14 de fevereiro de 1878 foi transferido para o governo geral da India, cujos negocios estavam reclamando tambem a administração d'um homem de reconhecida edoneidade e vigoroso.

Teve o encargo de o substituir, o então já seu successor em Cabo Verde, Conselheiro Vasco Guedes de Carvalho e Menezes, o mais antigo Governador do Ultramar, que tomou posse em 3 de julho do mesmo anno, e que, não obstante não ter completado os tres annos da commissão, sem o esperar <sup>1</sup>, foi exonerado em 15 de maio de 1880, e mandado substituir pelo Conselheiro Antonio Eleutherio Dantas, que tomou posse em 8 de julho e falleceu em Loanda em 7 de junho de 1882.

Em todos estes governos não se deu um facto notavel, nem ha uma medida da superior administração da provincia que lembre Cassange. Nos relatorios mesmo do chefe do Concelho de Malange, nem sequer se faz menção d'aquella sua importante dependencia.

---

<sup>1</sup> A exoneração do Conselheiro Vasco Guedes foi muito sentida na provincia, por ter sido uma questão de politica, e que não deixou de prejudicar o prestigio da auctoridade.

Fallava-se sim de diversas comitivas de negocio, em algumas das quaes entravam Bângalas e de si davam signal, por contendas e delapidações que faziam em transito, a outras comitivas e sobre o que as auctoridades concelhias apenas providenciavam se as occurrencias se davam onde era reconhecida pelo gentio a sua soberania em toda a area da sua jurisdicção.

Pelo fallecimento do governador Dantas, tomou conta do governo, o Conselho do governo, composto de Sua Eminencia o actual Patriarcha, então bispo de Angola, do general de brigada reformado Miguel Gomes d'Almeida, do presidente da relação, conselheiro Adelino Anthero de Sá, e do secretario gnral do governo Joaquim José Coelho de Carvalho Junior.

Era o secretario a alma d'este Conselho, homem novo, activo, d'uma intelligencia esclarecida pelo estudo, boa vontade em implantar na provincia as reformas que o progresso ia introduzindo no reino, trabalhador e observador consciencioso, sabendo aproveitar-se da oportunidade proporcionada pelas eventualidades, dos conhecimentos que ia adquirindo e do pessoal de que se dispunha na provincia; teve tempo durante a enfermidade do Governador geral de ir preparando no gabinete projectos de grande valia, que o Conselho do governo em exercicio perfilhou, constando uma grande parte d'esses projectos, da serie de Portarias publicadas nos poucos mezes de exercicio do Conselho governativo.

Entre essas diversas Portarias, instituição de colonias agricolas, penitenciaria e de colonos, do registo civil, de finanças, etc., lá se encontra a de reconstituição do Concelho de Talla Mugongo que é do theor seguinte:

## PORTARIA

Tendo D. Paschoal Rodrigues Machado, jaga Cambolloca-Bumba, ultimamente eleito jaga do estado de Cassange, prestado preito de amizade e obediencia a Sua Magestade El-Rei, e pedindo que pelo governo geral fosse nomeado um director para a feira de Cassange, e considerando quão vantajoso é para a civilisação tornar effectiva a affluencia do governo portuguez n'aquella importante região e quão util para o commercio, que pela necessidade de obter generos coloniaes tem de avançar cada vez mais para leste, encontrar livres os caminhos e garantidas as vidas e fazendas dos seus negociadores, e attendendo finalmente ás vantagens politicas e economicas que advem á provincia do estabelecimento das auctoridades regulares em Cassange: havemos por conveniente determinar que os sertões do Bondo, Songo grande, Songo pequeno e de Cassange, continuem a constituir o Concelho de Talla-Mungongo, cujo chefe, além das attribuições que lhe pertencem como administrador do Concelho; desempenhará tambem as de director da feira de Cassange, devendo em tudo seguir as instrucções que baixam assignadas pelo secretario geral do governo e fazem parte integrante d'esta portaria; ficando assim revogado o regimento dado áquelle antigo districto pelo conselheiro governador geral d'esta provincia, Adrião Accacio da Silveira Pinto, em 15 d'agosto de 1851.

As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram. — Palacio do Governo em Loanda 11 d'Agosto de 1882—*José*, bispo — *Miguel Gomes d'Almeida*, general de brigada —

*Adelino Anthero de Sá*, presidente da relação — *Joaquim José Coelho de Carvalho Junior*, secretario geral.

## INSTRUCÇÕES PARA O CHEFE DO CONCELHO DE TALLA MUNGONGO

Art. 1.º — O concelho de Talla Mungongo será composto de quatro divisões : fazendo parte da primeira o Bondo, que limita ao sul com Cassange, ao norte com o Holo e Ginga e a leste com o Songo : da segunda o Songo grande, que limita ao sul com o Quanza, ao norte com Cassange, a leste com o Quiôco e a oeste com o rio Loando no limite da jurisdição de Malange : da terceira o Songo pequeno, que limita ao norte com o Bondo, ao sul com o Songo grande, a leste com a montanha de Talla Mungongo e a oeste com o rio Cuige, no limite de Malange nas terras do soba Quitalia : da quarta Cassange, que limita ao norte e leste com o rio Zaire e sertão do Bondo, e ao sul e oeste com as montanhas do Songo. <sup>1</sup>

§ 1.º — Este concelho terá um chefe, com as attribuições civis e militares que lhe estão marcadas no decreto de 10 de dezembro de 1869 no capitulo 9.º do art. 72.º além das que vão mencionadas n'essas instrucções.

---

<sup>1</sup> Estes limites que são ainda os indicados em outros tempos, estão ainda muito deturpados e devido ás más informações colhidas entre os gentios, interpretadas sem consciencia, a quem d'ellas primeiro se serviu.

§ 2.º — Cada uma das divisões terá um commandante da nomeação e confiança do chefe do concelho.

§ 3.º — Junto ao chefe do concelho haverá um escrivão por elle proposto e confirmado pelo Governador geral, tendo, além das attribuições e vantagens que nos outros concelhos pertencem aos escrivães, as de professor de instrucção primaria.

Art. 2.º — Os commandantes das divisões receberão do respectivo chefe as convenientes instrucções para se regularem na administração dos povos a seu cargo, no sentido da manutenção da ordem e socego do concelho.

Art. 3.º — O chefe do concelho mandará construir na antiga feira de Cassange a respectiva residencia, contendo um quartel para o destacamento, um dito para a companhia movel, que immediatamente fará organisar, sendo o chefe do concelho desde já acompanhado por uma força de 1.ª linha, não superior a dez praças commandadas por um official inferior.

Art. 4.º — O chefe do concelho logo que possa tomará as necessarias providencias para fazer construir em Talla-Mungongo no grande morro do lado direito da estrada, um reducto ou fortificação passageira, como a que foi construida em Malange.

Art. 5.º — O chefe do concelho logo que chegue procurará estabelecer a antiga feira que não poderá ser mudada sem prévia auctorisação do governo geral, procedendo n'isto de accôrdo com os feirantes e o Jaga.

Art. 6.º — O jaga de Cassange e todos os sobas obedecerão como subditos da corôa portugueza a todas as ordens que lhe forem dadas pelo chefe.

Art. 7.º — Todo o feirante que entrar no concelho será obrigado a fazer a sua apresentação ao respectivo chefe.

Art. 8.º Quando algum feirante pretender construir habitação em qualquer das divisões do concelho, se dirigirá ao commandante d'elle, que lhe marcará o terreno onde deve proceder áquella construcção, e quando saia fóra dos limites do concelho ficarão sem a protecção do governo.

Art. 9.º — Nenhum feirante portuguez estabelecido em Cassange se poderá dirigir ao jaga para qualquer questão que tenha com qualquer dos seus subditos sem a intervenção do chefe do concelho.

§ unico. — O transgressor d'este artigo será autuado e entregue ao poder judicial como desobediente aos mandados da auctoridade administrativa.

Art. 10.º — O chefe não permittirá nem consentirá que as compras e vendas de generos e fazendas se façam por medidas falsificadas, mas sim pelas regularmente instituidas.

Art. 11.º — Quando qualquer feirante tenha devedores Bângalas que não queiram pagar suas dividas, formulará d'ellas uma lista que entregará ao chefe do concelho para este providenciar promptamente sobre o caso, não consentindo nunca nas amarrações dos Bângalas negociadores.

· § unico. — É conveniente e prudente que o feirante que tiver de fazer um emprestimo ou abono de fazenda aos Bângalas, nunca o faça sem d'isso dar conhecimento ao jaga, para melhor garantia d'essa dívida.

Art. 12.º — O chefe do concelho ao receber do interessado a queixa e a lista de que trata o anterior artigo, deve da questão fazer saber ao jaga, para que faça comparecer os devedores seus subditos para os obrigar ao pagamento da divida pelos meios ao seu alcance.

§ unico. — Sendo para isto necessario a intervenção do jaga, o interessado depois de obter o seu pagamento, dará

áquelle a titulo de custas duas peças de fazenda de lei e dez garrafas de aguardente.

Art. 13.º — Por nenhum outro motivo poderá o jaga receber dos negociadores portuguezes multa alguma por qualquer falta ou crime de caballa ou de opanda, commettido contra os seus povos pelos ditos negociadores, podendo contudo representar e pedir providencias ao chefe do concelho submittendo a questão á sua prudente decisão.

Art. 14.º — O chefe remetterá para o governo, todos os trimestres, um mappa demonstrativo dos preços correntes.

Art. 15.º — Evitará pelos meios ao seu alcance os reviros tão prejudiciaes ao commercio, procedendo contra os transgressores com o rigor da lei.

Art. 16.º — Remetterá mensalmente á secretaria geral o relatorio do estado do concelho, como está determinado, e conforme o respectivo modelo, bem como a certidão dos obitos dos europeus que se derem no concelho.

Art. 17.º — Terá finalmente todos os livros e registos necessarios para a escripturação de administração do concelho e da direcção da feira, e das contas com a junta da fazenda.

Art.º 18.º — É muito recommendavel ao chefe o manter as melhores relações de amizade com todos os potentados, e em especial com os do além do rio Quango.

Art. 19.º — Vigiará muito particularmente que os negociantes façam o seu negocio com os pretos com licença e nunca fraudulenta e clandestinamente.

Art. 20.º — Fará respeitar o jaga pelos seus macotas e sobas.

Art. 21.º — Além da companhia movel, que lhe é mandado organizar, deve proceder igualmente á organização de uma companhia de guerra preta.

Art. 22.º — Para o concelho de Talla-Mungongo, mandará o chefe de Malange de dois em dois mezes um destacamento de vinte praças, isto emquanto ali se não organisarem as companhias de que tratam estas instrucções.

Art. 23.º — Logo que possa ser, o chefe fará construir na séde do concelho uma ermida ou igreja para a parochia.

Art. 24.º — Ficam assim derogadas todas as disposições do regimento dado em 16 d'agosto de 1851 pelo então governador geral, o conselheiro Adrião Accacio da Silveira Pinto. Palacio do Governo em Loanda 11 de agosto de 1882. — *Joaquim José Coelho de Carvalho Junior*, secretario geral.

## PORTARIA

Havemos por conveniente nomear o capitão do batalhão de voluntarios caçadores da Rainha, Francisco Pereira dos Santos Vandunem, chefe do concelho de Talla-Mungongo e director da feira de Cassange.

As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram. Palacio do Governo em Loanda, 12 de agosto de 1882.—*José*, bispo — *Miguel Gomes d'Almeida*, general de brigada — *Adelino Anthero de Sá*, presidente da relação — *Joaquim José de Carvalho Junior*, secretario geral.

Mostram estas portarias o que tenho dito, que com a retirada do Governador Baptista d'Andrade, em 30 de setembro de 1865, até á resolução pelo Conselho do governo, 12 de agosto de 1882, no longo periodo de 17 annos, se deixaram perder todas as vantagens adquiridas em outros

tantos annos de 1848 a 1865, á custa de muitas victimas, de vidas, de importantes cabedaes e de sacrificios muito onerosos para a provincia.

Parece ter concorrido para a entrada no 2.º periodo, a má nomeação do chefe, official movel (2.ª linha) Antonio Ferreira d'Almeida e Silva, que foi substituir o major Escorcio que fallecera (janeiro de 1865), pois o Governador geral Gonçalves Cardoso o fez exautorar da graduação, tendo-o demittido de chefe por indigno de exercer tal cargo. E de certo muito concorreu para não ser nomeado novo chefe e se annexar o concelho de Talla-Mugongo ao de Malange, (annexação que apenas o foi no papel), o desprestigio a que descerá a nossa auctoridade representada por aquelle homem, devido tanto entre os potentados e negociantes indigenas, como entre os feirantes negociantes nossos, portuguezes ou que se diziam taes, Ambaquistas ou discipulos de Ambaquistas, que entre os gentios se esqueceram do nosso convivio e da instrucção que de nós receberam, para se tornarem mais gentios de que o proprio gentio, procurando illudir-nos e concorrendo para aquelles nos desprestigiarem.

O Conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, nomeado em 27 de julho de 1882, Governador geral de Angola, tomou posse em 30 de agosto do mesmo anno, no proposito de alcançar melhoramentos de importancia para a provincia, o que felizmente conseguiu sem a pretensão de inutilisar o que estava iniciado por seus antecessores, o que era quasi praxe; antes pelo contrario apoiando, melhorou o que era susceptivel de aperfeiçoamentos.

Francisco Joaquim Ferreira do Amaral foi um dos so-

cios da benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa que mais se poz em evidencia advogando em interesse da provincia de Angola, a construcção immediata do caminho de ferro de Ambaca, devendo este partir logo de Loanda, por isso a sua nomeação de Governador geral foi acolhida com uma bem fundada esperanza de que a iniciação dos trabalhos se faria no seu tempo, e d'ahi renasceria uma epocha de melhoramentos da mais alta importancia ao desenvolvimento commercial e agricola da mesma provincia.

Homem na força da vida, com uma vontade de ferro, intelligente, estudioso, activo, com uma boa folha de prestantes serviços nas colonias, já bastante extensa e não vulgar; conhecendo bem as precarias circumstancias da provincia, o que uns attribuiam á estiagem d'annos, outros a difficuldades das pautas aduaneiras; alguns á notada escassez e elevado custo dos carregadores, unico meio de transporte que se mantinha; e tambem muitos á defficiencia de capitaes para a renovação, ao menos do commercio do litoral para o interior; e sendo certo que d'este desfallecer muito se sentia a falta de recursos indispensaveis para se tornar efficaz as minguadas forças militares de que se dispunha, e disseminadas por toda a provincia; viu-se pelo correr da sua administração que cuidou logo de principio, de organisações, aproveitando o melhor dos elementos existentes, e no fim de desobstruir o que podesse ser-lhe entrave á regeneração com que desejava assignalar o seu governo.

Acceitou, como não podia deixar de o fazer, o que tinha apenas dias de annuciado, o que era do Conselho governativo, e, entre algumas das deliberações, a da reinstituição do Concelho de Talla-Mugongo e da nomeação do seu chefe.

Sabendo do que se tinha passado de 1849 a 1866, uma epocha continuada de expedições bellicas, para garantir a nossa soberania sobre os povos de Cassange e visinhos; e depois o abandono a que votámos esses mesmos povos até áquella data, em que desejava se levasse a effeito a deliberação do Conselho governativo; dois periodos que sendo eguaes, para aquelles povos apenas lembrava do primeiro, e com satisfação d'elles, o revez das nossas armas, o não esquecido e lamentavel desastre do tenente coronel Casal; considerou o governador não fazer alarde da nova occupação a tentar; seguiu n'isso a politica do gentio, apresentar-se o chefe como negociante director da feira do commercio, e com o tempo, e á medida que podesse dispor-se de recursos, ir fazendo valer a sua auctoridade, até se encontrar a oportunidade de sem risco de conflictos em que ficassemos mal, a exercel-a em toda a sua plenitude.

Como um bom auxiliar a este seu plano, encontrou o negociante sertanejo que na occasião estava em Loanda, o conhecido africano Narciso Antonio Paschoal, que em Cassange tão bons serviços prestára aos estimados exploradores Capello e Ivens na sua expedição ás terras de Iacca; e que tinha alguns estabelecimentos commerciaes entre Malange e Cassange, dispondo de influencia sobre os povos visinhos do jagado e independentes d'este, Songos, Bondos e outros, o qual se encarregou de tudo prevenir em Cassange, para ser bem recebido o novo chefe, e de providenciar pelos seus estabelecimentos para que a este não faltassem os recursos necessarios á sua lucta pela vida n'aquelle meio.

Não queria o Governador apparatus de força. O seu intento era animar os Bângalas (Cassanges), a fazerem seguir em maior numero as suas comitivas á permuta da borracha

além Cuango, proporcionando-lhes a compra nos Concelhos do districto de Loanda, — Malange, Pungo Andongo, Dondo e Ambaca, — para o que se procurou influenciar também Ambaquistas, Calandulas e povos d'outros sobados, até os Bondos de Andalla Quissúa.

Mas se não queria aquelles apparatus, bem conhecia da desprotecção completa de forças a que chegaram todos esses Concelhos <sup>1</sup> e servindo-lhe de pretexto ser Ambaca o ponto *terminus* da primeira parte a construir de linha ferrea de penetração atravez de Angola, foi logo um dos seus primeiros actos completar o batalhão de caçadores n.º 3 sob o commando do coronel Antonio Geraldo Victor e fazel-o seguir para ali <sup>2</sup> onde estabeleceria o seu quartel permanente, quartel que sob a direcção do mesmo coronel, também com o encargo de chefe d'aquelle Concelho, se devia construir observando-se os planos modernos nos climas quentes, commodos e economicos.

O coronel Victor era mui temido pelo seu longo tirocicio de serviço nos sertões de Ambaca até Encoje, Duque de Bragança, e só a sua presença em Ambaca como chefe do Concelho, era uma garantia para a tranquillidade completa; mas tendo um batalhão de linha debaixo do seu commando n'aquelle ponto do interior, era o bastante para supprir a falta de forças nos outros Concelhos mais a leste, os quaes para as suas guarnições ordinarias, serviços diarios, dispunham de praças das divisões moveis.

---

<sup>1</sup> Em Malange chegou o destacamento de 1.ª linha ao minimo, um cabo e tres soldados.

<sup>2</sup> O batalhão que estava no Golungo Alto, no governo do Conselheiro Vasco Guedes, foi mandado retirar para Loanda.

Em 30 de maio de 1884, quando desembarquei em Loanda para o desempenho da minha missão ao Muatiânvua, já estas deliberações do Governador geral tinham a devida execução, bem como a da instalação da *Colônia Esperança*, outro nucleo de força europêa em Cahongo, proximo de Malange, e de que se lançaria mão, no caso d'imprevistos conflictos com os Bângalas e povos visinhos.

As cousas passavam-se em Cassange na melhor boa paz, e como previra Paschoal, quando o chefe se não envolvesse no que era do jagado, a não ser a pedido do jaga, que então era o Cuango-Culaxingo, da familia Quingúri, Lunda; mas se de lá não chegavam novidades que podessem desassocegar o espirito da auctoridade superior da provincia; é certo quẽ os negociantes sertanejos ainda não estavam, como nunca estão, satisfeitos; queixavam-se de contendias entre comitivas em marcha, roubos, depredações e graves prejuizos aos seus interesses, não se lembrando, ou não querendo lembrar-se que essas contendias e mais sequencias se dão tambem entre comitivas que passam até nas estradas policiadas por patrulhas e postos militares nos proprios Concelhos, já do litoral, como nos Dembos, Mossul, Dondo, Quissâma, etc., e mais para o norte e sul; e que quanto aos prejuizos, é um modo de fallar, porque o negocio o fazem elles de fórma que os lucros auferidos compensam bem todos aquelles e outros eventuaes prejuizos.

Os negociantes em Loanda fazem-se echo dos seus correspondentes ou dos seus associados ou empregados no sertão, e todos se lamentam da falta de garantias de segurança ao commercio, queixam-se da falta de providencias, da necessidade de correctivos contra os povos gentios e de lhes impôrmos a nossa soberania pela força, sem quererem ou

lhes importar saber da origem do mal e circumstancias que o aggravam. O que todos pretendem é maiores lucros para o seu commercio, embora seja preciso disputal-ós por meio de guerras;— estas que se façam custe o que custar.

Habituaram-se a isto desde a primitiva, e assim o passam d'uns para os outros com a pratica dizem, do negocio que teem com os selvagens, que outra ainda não podem admitir, embora as lições do passado condemnem *esta sua teimozia*. Mas não devo antecipar-me.

No correio de Loanda encontrava-se uma carta para mim do negociante Custodio José de Sousa Machado, de Malange, a quem não conhecia; mas com quem entretinha correspondencia desde 1881, sobre assumptos de interesse ao desenvolvimento do Concelho de Malange, e que respeitavam ás terras a seu leste, muito principalmente aos estados do Muatiânvua e visinhos.

Era esta carta resposta a uma que lhe escrevi de Lisboa, pedindo-lhe diversos esclarecimentos sobre o itinerario que projectei seguir, confiando no que elle conhecia de varios exploradores allemães, dr. Pogge, Lux, Shutt, Wisseman e Max Buchner; e entre outras considerações dizia-me logo: —«Passar por dentro de Cassange é isso impossivel porque os Bângalas não consentem a passagem dos europeus pelo seu territorio para o outro lado do Cuango; haja vista o que fizeram aos nossos illustres exploradores Capello e Ivens para me dispensar de dizer mais.»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Descripção da Viagem á Mussumba do Muatiânvua. Vol. 1.º, pag. 82.

Apezar de em Cassange já termos de novo um chefe, eis o primeiro aviso que tive, caso me lembrasse de seguir por lá com a expedição para o Cuango. Nunca pensei em tal e por isso nem me preocupou por muito tempo o que se me ia dizendo de serem os Bângalas que impediam as comitivas do commercio dos povos do interior de passarem o rio Cuango para a nossa provincia. Mais tarde, já em Malange, tendo visto aqui affluencia de comitivas de Bângalas e tendo alcançado muitas informações sobre este e outros povos visinhos, já me ia interessando em estudal-os e cheguei a formar este juizo:—differentes causas tem concorrido desde 1867, para que os Bângalas se tornassem os agentes do nosso commercio no interior com vantagem para elles e tambem para os Concelhos do sertão do Dondo e Malange, começando a affluir estabelecimentos commerciaes de maior importancia á villa de Malange e seus arredores. <sup>1</sup>

Querendo angariar carregadores para a minha expedição ao Muatiânvua tive de lutar com grandes difficuldades, para contractar apenas 28 e dos sobados proximos da villa de Malange, não obstante andarem empenhados em me coadjuvarem os negociantes de Malange e Quissolli, e tambem 2 ou 3 homens da confiança de Narciso Paschoal pelos sobados avassallados mais a leste, não se apurando n'estes um sequer; reconhecendo-se mais tarde, ter andado n'isto a influencia dos Bângalas que atemorizavam os povos, ameaçando-os de guerras, quando se dispozessem a contractar-se ao serviço da minha expedição, e egualmente fazendo-lhes crêr que, se algum chegasse com vida á Mussumba, o Mua-

---

<sup>1</sup> O mesmo volume, pag. 274.

tiãnvua lhê faria cortar o pescoço, depois de lhe roubar a carga que transportasse.

Eram estas as interpretações com que se desculpavam aquelles homens que nada conseguiram, e tambem alguns negociantes que os acreditavam por não se lhes apresentarem os carregadores que me tinham promettido arranjar, pagando-lhes os contractos pelos seus estabelecimentos.

Não duvidei que os Bângalas fizessem espalhar taes boatos entre os povos a quem se pediram carregadores; mas o que é certo é que fui conhecendo tambem com o tempo, que os Bângalas dizem o que lhes vem á imaginação, no presuppuesto que se torna temido de quem o ouve, e que consegue blasonando, affastar de si quem tente com elle concorrer nos seus negocios.

Mas não se apresentam elles a disputar o passo, a quem lhes mostra não os temer, apenas insinua outros a contrariar-os, querendo que lhe proporcionem os ensejos de chegarem aos seus fins.

Em 20 de novembro de 1885, já estava em Cafuxi, nas vesperas de seguir com o resto da expedição para a margem direita do Cuango, d'onde tinha regressado, deixando lá, na estação—Costa e Silva—, a maioria da expedição com as respectivas cargas; recebi pelo interprete a correspondencia de Malange, e entre diversas cartas mandava Custodio Machado a seguinte:

Amigo e Sr. Antonio Pereira.—Rogo-lhe o favor de me dizer ao pé d'esta, o que o amigo me disse que havia ouvido referir ao gentio de Cassange com referencia á passagem da expedição portugueza, de que é chefe o sr. major

Henrique de Carvalho; pois muito me obsequiei informando-me por escripto para prevenir consequencias e por cujo favor muito grato lhe fica o seu attento amigo e muito obrigado = *C. José de Sousa Machado*.

Resposta:—No dia 28 de outubro cheguei ás margens do Luí, aonde passei o dia. <sup>1</sup> No dia seguinte chegou uma embaixada do banza Quissúa ca Ambuinha, do Hiongo, chamar o Quiluanze quiá Cassange, para irem impedir a viagem ao Ill.<sup>mo</sup> Sr. major Carvalho; dizendo mais, que sem falta comparecesse para receberem fazenda d'aquelle senhor, porque se o deixassem passar, ao depois, todos haviam de querer passar de graça. Sem maif, seu attento amigo e obrigado = *Antonio José Pereira*.

Nota — O mesmo Antonio José Pereira, que acima me deu aquella resposta, me disse pessoalmente que o sr. major estava impedido de passar, pois que o gentio do Hiongo, por onde o sr. major tinha feito a sua viagem, se oppunham á sua passagem á viva força, e que, mesmo assim lhe haviam de exigir uma grande quantidade de fazendas. Mais me disse que ao gentio de Cassange ouvira dizer, que não convinha a passagem do sr. major para o Muat'Ianvo, visto como ia fazer amizade com elle da parte do Maniputo afim de os desgraçar.

Foi isto que elle pessoalmente me disse em casa do Al-

---

<sup>1</sup> N'este dia parti com a 1.<sup>a</sup> parte da expedição da margem do Luii para o Cuango, cujo rio se passou no dia 31 das duas ás cinco horas da tarde.

fredo, onde se achava em tratamento d'uma biliosa. Não vejo que, o que elle me disse, viesse modificar em cousa alguma do que eu tinha dito nas minhas conversas, e por muitas vezes ao sr. major.

Antonio José Pereira é socio de Alfredo José de Barros na casa de Cassange=Custodio Machado.

Enviando me este documento felicitava-me Machado, por já mais de metade das cargas da expedição estarem além Cuango, na estação — Costa e Silva —, sem que tivesse havido difficuldades; e punha-me de sobreaviso para algumas tramoias no futuro, que me pudessem preparar os Bângalas, a quem não convinha que os brancos estabelecessem relações commerciaes directas com os povos do interior, pois querem elles ser seus medianeiros, para não perderem os interesses que estavam disfructando.

Em 15 de dezembro de 1884 dizia eu já ao sr. Ministro dos Negocios do Ultramar:... «O Bângala é puramente commerciante e percorre leguas e leguas com a sua carga em busca de quem mais fazendas lhe dê por ella.»

«Aproveitar pois estas disposições, não levantar conflictos com elles, procurando fazer-lhes concorrência além Cuango, e o estabelecimento de agencias commerciaes em todos esses caminhos de Malange até este rio, pelo menos nos que já hoje garantem segurança e boas disposições dos povos limitrophes para conosco, creio ser o mais acertado. Elles cá virão trazer-nos á provincia o pouco que já se encontra no centro de Africa, de bons generos para permutação, sem que haja necessidade de mais sacrificios, despezas e mais victimas.»

Na margem direita do Cuango registrei no diario da ex-

pedição: . . . Os Bângalas sabendo que a primeira parte da expedição havia passado o Cuango, e que fabricára uma casa na povoação de Mona Mahango, Estação Portuguesa Costa e Silva, espalharam boatos para amedrontar os Xingés, dizendo que iam esperar-nos ao Caminho, no *Caianvo*, e que estavam animados a opporem-se á nossa marcha d'ali para o interior.

Sempre a mesma historia!

Os Bângalas procuram intrigar-nos com todos os povos, tendo porém sempre em vista estar bem connosco. Querem affastar-nos da concorrência do commercio no interior, mas de modo a não deixarem de ser os nossos agentes. E na verdade com o fim commercial, ha toda a vantagem em aproveitá-los. Diremos mesmo, o nosso commercio mantendo estes medianeiros, tira o maximo partido do que lhe offerece o interior, sem risco nas transacções.

São elles muito desconfiados, mas sendo convencidos que os europeus que devassam o seio do continente miram a interesses muito differentes dos do commercio pouco lhes importa com a sua passagem; foi portanto n'este sentido que entendi manifestar sempre, que não nos incommodava os seus boatos e não nos faziam desviar do nosso caminho. <sup>1</sup>

De entre muitas comitivas de Bângalas com quem entretive relações durante a minha viagem, cito apenas algumas.

Em 15 de junho de 1885 chegou uma ao acampamento, — Francisco Maria da Cunha — proximo da povoação do

---

<sup>1</sup> Descrição da Viagem á Mussumba do Muatiãnvua. Vol. II, pag. 5.

N'gunza Muquinji, <sup>1</sup> da qual o chefe se me apresentou como filho do Cambolo ca N'gonga, afillhado do major Francisco de Salles Ferreira e deu-me a noticia que em Cassange e entre os Bângalas, nas margens do Cuango, se deu um reviramento de opinião a favor da expedição, pois constava que eu tinha tratado muito bem os filhos d'elles que comigo se tinham encontrado pelo caminho; que era o pae d'elles pois tinha dado de comer aos que regressavam com fome; que empregava todos os esforços em concertar os caminhos para o negocio; que dispensava attenção a todos que iam vêr-me e lhes tinha prestado o necessario auxilio contra as exigencias dos Lundas e foram estes os que levaram o meu nome para as cantigas da terra.

Ao som do *quissange*, cantaram uma d'essas cantigas cuja interpretação feita pelos meus rapazes era:—O sr. major, grande!—É nosso pae!—Se tiveres fome pede-lhe de comer que elle não te enxota e enche-te a barriga!—Passou o mar de mandado de Muene Puto, tem coração de jaga como o nosso Cambolo;—é o proprio jaga!—Se fôres roubado procura-o, que o roubo apparecerá!—É o jaga!—Mas tem cuidado em lhe fallar muito bem, porque elle tem quatro olhos!—É o jaga!—O amigo dos Caçsanges!—É o proprio Muene Puto!

Quando em setembro, na margem esquerda do Cuílu, me encontrei com o Muatiãnvua eleito, já este seguia para o Caungula, acompanhado de tres comitivas de Bângalas de que era o principal chefe, o M'Banza Xa Muteba, que tinha por sua primeira mulher uma irmã d'aquelle, e n'uma das

---

<sup>1</sup> O mesmo volume, pag. 314.

nossas entrevistas, fallando-lhe da indisposição dos Bângalas contra a minha expedição, disse-me que de facto correram umas más noticias <sup>1</sup> enquanto estive em Malange e nas margens do Luiu, porém quando elle saíra da sua *Ambanza* para esta viagem já todo o Cassange fallava de outro modo. Todos tinham boas noticias da amizade que o Angana Majólo havia feito com os filhos de Cassange, que a todos ouvia muito bem e com bom coração; que bem fizera eu seguir o caminho que quiz sem fazer caso das gritarias dos Bângalas, que agora dizem uma cousa logo dizem outra; o Muene Puto é o senhor das suas terras e ninguém tem força para se oppôr á sua passagem por ellas.

Em dezembro do mesmo anno, estavam hospedados na Estação — Luciano Cordeiro —, no Caungula, o M'Banza Quingúri e familia e tambem um outro M'Banza seu primo, ambos chefes de comitivas de negocio que acamparam no sitio. Da expedição apenas estavam na Estação, eu, o interprete, cosinheiro, 4 soldados e 4 contractados de Loanda, esperando os carregadores que deviam transportar o resto das cargas para a margem do Chicapa em N'Guina M'Banza.

Como é natural conversei muito com estes Bângalas que continuaram á ser meus companheiros em viagem até agosto do anno seguinte.

Fallando uma noite das relações de Cassange com Muene Puto disseram me: — que sempre os Bângalas teem tido receio, depois da ultima guerra do tenente-coronel Casal, que Muene Puto do Calunga estivesse contra elles e lhes quizesse fazer

---

<sup>1</sup> Descripção da Viagem á Mussumba do Muatiânvua. Vol. II, pag. 514.

mal, por isso quando a expedição se preparava em Malange correram *maésus* (boatos), que iam combinar com o Muatiânvua para expulsar os Bângalas do Cuango e houve uma grande indisposição contra nós, porém pouco depois conheceram do seu engano, porque a fama do meu procedimento para com os Bângalas espalhou-se no Cuango, a ponto de animar muitos M'Banzas, que estavam indecisos, a saírem com as suas comitivas para negocio.

Pelo caminho foram vendo que não era favor a fama que eu tinha adquirido e souberam dos meus bons conselhos ao Muatiânvua e aos Lundas para os negociantes não serem roubados, e estavam muito contentes por me encontrarem ainda aqui e não seriam elles que seguiriam para deante sem eu avançar, pois estava informado que as cousas para além do Chicapa estavam muito más com os Quio-cos. <sup>1</sup>

Já de regresso em outubro de 1887, tendo passado pelo Caiavvo (Xinge) que me recebeu muito bem, fui acampar por alguns dias na margem do Cuango, povoação do Maquita Zanza, porto ao norte do jagado de Cassange e aqui soube que desde a morte do jaga Cuango Culaxingo, havia mezes, se tinham levantado conflictos pela eleição do novo jaga, e que o Cambolo que dispunha de um grande partido queria impôr o seu parente Cassange-cá-Calãhi, que já muitos reconheciam.

Quizeram que o chefe do concelho Vandunem confirmasse a validade da eleição d'aquelles, mas este que sabia que um sobrinho do fallecido Cuango dispunha de muita

<sup>1</sup> Idem, pag. 792.

força e tratava de provar que o estado ainda não devia sair da sua familia, por quanto seu tio morrera devido á ultima cerimonia da investidura, o que se reconhecia não ser occasional; sob um pretexto qualquer de que precisava ir conferenciar com o Governador geral em Loanda, entregou o chegado a um alferes movel ao serviço no Concelho, e retirou de vez de Cassange.

A mim disse o maquita Zanza, que o Cambolo mandara pedir ao Governador geral a confirmação do Calânhi, mas este respondera não o fazer, em quanto não fosse informado que a eleição se fizera como era do estylo, a contento de todos os que n'ella tinham d'intervir.

É opportuno consignar, que o Governador Ferreira do Amaral fôra chamado a Lisboa por conveniencia do serviço, entregando o governo ao seu secretario Guilherme Gomes Coelho em meados de novembro de 1885, seguindo no paquete de 15 para o reino; que accitando o mesmo Governador a transferencia para a India, fôra nomeado em 23 de dezembro d'esse anno Governador geral de Angola, o do districto do Congo, Guilherme Augusto de Brito Capello, que tomou posse em 30 de abril de 1886, sendo-lhe esta dada já pelo Conselho governativo, que funcionava desde 7 de janeiro <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Tão estimado foi o governo do conselheiro Ferreira do Amaral, que os habitantes de Angola entenderam dar-lhe um publico testemunho de quanto lhe ficavam reconhecidos pelos importantes melhoramentos, de sua iniciativa, na provincia; dos quaes foram os mais importantes: linha ferrea de Ambaca, telegrapho submarino e canalisação das aguas do Bengo á cidade de Loanda, e n'esse testemunho se revela a gentileza dos principaes manifestantes, servindo-se d'um producto da provincia — o ouro do Lombige — pois foi com este que se fabricou a medalha commemorativa que lhe offereceram, em que esse testemunho foi registrado.

O conselheiro Capello foi reconduzido e só retirou em 24 d'agosto de 1892, entregando o governo ao secretario geral, nomeado Governador interino, Jayme Lobo de Brito Godins.

A embaixada do Cambolo, veiu pois encontrar em Loanda o Governador Capello, e tem logar dizer aqui que, tanto no governo do conselheiro Amaral, como no do novo Governador, á data em que retira o chefe Vandunem, não se registrou occorrença alguma com respeito a Cassange, d'onde continuaram a sair comitivas á procura de borracha no interior, e a trazel-a aos nossos estabelecimentos commerciaes no districto de Loanda, os quaes d'anno para anno faziam differença na affluencia, devido a causas diversas, o que se prova attentando nas estastisticas da alfandega do mesmo districto; pois toda a borracha que ali ainda entra, é da Lunda.

A recepção que encontrei da parte do Zanza, e d'ahi em diante, de todos os potentados de Cassange por onde transitei, não podia ser mais cordeal, e todos elles sabiam bem que nada tinha para lhes dar. Fizeram acompanhar-me de seus representantes até Malange, seguidos de pequenas caravanas com alimentos para mim e os meus, não querendo passasse fome nas suas terras.

O mais importante de todos estes potentados era o Zanza e por isso se encontra no meu Diário o que me disse com respeito ao jagado e á minha expedição: «Chegámos a uma situação que não é melhor dó que aquella em que o N'Gana Majólo deixou o meu parente, o Muatiânvua, que bem fez em mandar o filho na sua companhia, pois não era bom estar uma terra sem governo, sujeita ás guerras de muitos pretendentes.

Era certo que os *maquilas* do norte votaram n'elle para jaga, pelo que estava fazendo muitas despezas; e que se o Cambolo querendo o Calânhi, tirou votos ao Cuango, nem um nem outro tinham agora mais votos do que elle, e bem fizera o Governador geral em não apoiar um em prejuizo dos outros, e pelo que se estava vendo o estado de Cassange como o do Muatiânvua tinha de ser dividido».

Deu isto lugar a que lhe respondesse, mostrando-se o homem satisfeito por conhecer do meu modo de pensar, com respeito ás questões do jagado, e por incidente me dissesse: «quero ser verdadeiro sempre e não quero despedir-me de si sem lhe dizer o que tenho no coração»: quando estava em Malange preparando a sua expedição para o Muatiânvua, constou por cá que não seguia pelo antigo caminho de Cassange, e que vinha acompanhado de soldados, o que fez desconfiar os macotas, que queria mal aos Cassanges, e ia combinar como o Muatiânvua para lhes fazer guerra; pelo que pensaram os macotas fazer opposição á sua marcha, mas ao mesmo tempo todos concordaram em esperar saber onde queria ir passar o rio Cuango».

«Tinha passado ao norte, e os mais velhos aconselharam os rapazes que não se precipitassem, que respeitassem e ouvissem bem o que ia fazer no interior. Todos viram que o N'Gâna Majólo, tratava os povos muito bem, que estava procurando bons caminhos para o negocio, que não esquecera serem os Cassanges filhos de Muene Puto, que advogava os seus interesses, e tornou-se logo grande a sua fama, principiando a ser conhecido por avô e *Zambi* dos Cassanges.»

«Ficava o seu coração agora muito alegre por ter querido passar no seu sitio, marcar por elle o caminho do com-

mercio para o interior ; seria sempre grato, e se nós brancos escreviamos na *mucanda* as cousas passadas para não as esquecermos, elles o que era bom, conservavam no seu coração-e não lhes esquecia a boca de o dizer».

Cheguei a Lisboa de regresso da minha missão em 12 de maio de 1888, e em 19 de junho dizia n'um officio a S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Ministro dos Negocios do Ultramar:

Não ignora V. Ex.<sup>a</sup> o que nos ultimos trinta annos se tem passado em Angola com respeito ao jagado de Cassange e por isso deixando de parte essas occorrencias, e ainda no cumprimento de um dever, é para que se aproveitem os resultados praticos da minha missão no centro de Africa, chamo hoje de novo a attenção de V. Ex.<sup>a</sup> para o que se me affigura de conveniente em interesse do nosso dominio colonial.

Commemoram, os povos d'aquelle jagado e os seus vizinhos para leste, a minha passagem por entre elles, baptizando os seus filhos com o nome de Majólo, do posto em que me conheceram, e segundo elles, porque os tratei de modo que os deixou satisfeitos ; mas para com os Bângalas, isto é, os negociantes indigenas do jagado de Cassange, suas manifestações de regosijo, tornaram-se provas de reconhecimento do muito que devem á influencia da nossa soberania que nos convem aproveitar.

As gentes de Cassange tão desconfiadas como atrevidas, em principio não receberam com agrado a noticia da nossa expedição ao Muatiânvua, e chegou mesmo a pensar em contrariar a sua marcha, espalhando-se boatos : que procuravamos aquelle potentado para lhés fazer mal, represalias das ultimas guerras e correrias de Cassange á feira, já expul-

sando-os das margens do Cuango para o interior, já fazendo-lhes concorrência no comércio.

O facto de passar a expedição por fora de Cassange (seu norte) onde ia levantando estações em que se demorava, e de não procurar o jaga reconhecido pelo governo d'Angola, mais os desnor-teava e fazia supôr que a nossa missão não lhes podia ser boa.

Durante os primeiros mezes houve reuniões entre os maquitas e macotas, e como cousa alguma certa, elles sabiam, foram os seus velhos de parecer que se aguardasse os acontecimentos, e aconselharam as comitivas que sabiam que respeitassem sempre o representante de Muenta Puto se o encontrassem no seu transitio.

Em Africa o *maézu* é o telegramma sempre deturpado, que apesar de transmittido de boca em boca, corre sempre com maior velocidade do que este. Succediam-se os *maézos*, não sendo mais que um facto da imaginação de quem os inventava, e sempre no fito da expedição não avançar.

Proporcionaram-se as circumstancias e logo em Camáu tive occasião de receber as visitas dos principaes M'Banzas, chefes de caravanas para a Lunda. O modo porque os tratei, foi o primeiro movel para adquirir as suas sympathias, o que constou para leste e oeste.

Já mais internados, proximo ao Cuflu, encontraram-me e d'ahi em diante, sempre prompto a protegel os nos seus interesses, a advogar da sua justiça, dando-lhes hospitalidade quando careciam, tratando-os emfim como homens que nos são muito uteis; empregando toda a influencia de que ia dispondo entre os povos com quem estava, em seu beneficio, insinuando-me no animo d'uns e d'outros.

As comitivas que se succediam, no regresso, de mais em

mais tinham que contar aos seus parentes dos beneficios que lhes dispensava, e lá ia, segundo elles, o meu nome para as cantigas ao lado do seu jaga, chamando-me pae d'elles, que me deviam a vida que ainda tinham porque não consenti que os roubassem, e lhes dessem maus tratos, terminando por animar todo o Cassange a ir ao negocio para o interior, porque eu lá estava e ninguem se atrevia a rouba-los.

E' certo Ex.<sup>mo</sup> Sr. que muito de proposito empreguei toda a influencia que ia adquirindo, não só em favor d'elles como tambem d'outras comitivas, *Calandulas, Bondos, Ambaquistas, Luximbes, Malanges, Congos e Quiocos*, etc., para que podessem dizer ter encontrado n'essas terras o auxilio de Muene Puto; mas o que nunca pode imaginar é que os Bângalas fossem tão longê no reconhecimento.

Do sul para o norte se espalhou a fama do Sr. major, diziam os cinco mil Bângalas que seguidamente encontrei no regresso, dirigindo-se aquelles para o Lubuco.

E é notavel que vendo-se n'aquelle numero, poucos dos quatro mil que por vezes estiveram commigo, e não encontrando nenhum d'esses em suas terras; fui aqui recebido pelos velhos, mulheres e crianças familias d'elles, como protector de todos os Bângalas, e me deram franca e rasgada hospitalidade, enviando-me os potentados de diversos pontos os seus emissarios para me acompanharem a Malange, o que ainda não consta ter-se feito a branco algum.

Dos Capendas, seus visinhos na margem direita do Cuango tenho pedidos, por escripto, para se avassallarem, como já tive occasião de informar a V. Ex.<sup>a</sup> Dos Bondos, visinhos na margem esquerda, já o principal chefe Andalla Quissúa, por influencia da mesma expedição, se avassallou.

Se attendermos pois que estes povos, muito principal-

mente os Bângalas, são os melhores agentes do nosso commercio no interior do continente; que são elles os senhores do rio Cuango e o teem tornado barreira difficil de ser ultrapassada pelos povos do interior, e vice-versa, comitivas de Malange e Ambaquistas, que só lá vão com aquelles incorporados e carregando com todas as despezas de passagens; e ainda que, entre estes povos tem logar as cambolações, por nós infelizmente iniciadas, e d'onde se originam as amarrações, tão prejudiciaes para um e outro lado, que tem dado logar á constituição de coutos para a protecção a ladrões, como os ha entre os Calandulas e outros sobados; — é de toda a conveniencia que a alçada da nossa auctoridade ali se sinta, com todos os seus beneficios, attrahindo a nós esses povos muito prestaveis ao commercio e ao desenvolvimento da agricultura em suas fertilissimas regiões, e por elles já iniciadas, e façamos aquisição dos melhores embarcadouros do Cuango, dotando-o de embarcações apropriadas com que se possa garantir segura passagem ao commercio e a qualquer individuo.

Não desconhece V. Ex.<sup>a</sup> que toda a borracha e algum marfim que aquelles povos trazem d'alem Cuango, passa pelo concelho de Malange, e que hoje este concelho se tornou muito importante, desenvolvendo-se para leste e norte, não só por causa do commercio, mas tambem pela cultura da canna.

Carece elle, desde já, de toda a protecção do governo, não só para auxiliar os que n'elle já teem sacrificado os seus haveres, mais ainda para animar a que outros se sigam a aproveitar a feracidade das terras d'aquella vasta região até ao Cuango, com grandes culturas.

A norte de Malange temos o Duque de Bragança, a Jinga,

o Hungo e subditos do Rei do Congo que encostam com os Bondos, e cujas terras muito podem render com uma boa administração, auxiliada pela exploração do commercio.

N'estas regiões ainda se encontra a borracha. (Landolphia) em alguns pontos, e com uma acertada cultura se pode dar-lhe desenvolvimento; bem como a de canna e café, de que ha bons exemplares.

Tambem na pequena agricultura, lá existem bons exemplares em Malange de bom trigo, beterraba, batata ingleza, hortaliças e fructos europeus e americanos.

Se o caminho de ferro que parte de Loanda se destina apenas a servir a região de Cazengo que já tinha a linha fluvial do Dondo, e na esperança da agricultura do Golungo-Alto, Ambaca e Icólo; tenho a franqueza de dizer que nunca os rendimentos poderão corresponder aos sacrificios.

Assevero hoje, com mais conhecimento, o que disse ha muitos annos. A região que elle vae atravessar é maligua com respeito a clima, e Ambaca nada ha de produzir de valor. Pungo-Andongo e Malange muito podem concorrer para essa dispendiosa via, e depois os Bondos e Bângalas completarão o exito que é para desejar.

O concelho de Malange tem condições de vida para o europeu e ha de ser esta região que se ha de tornar emporio do commercio e da agricultura a leste de Loanda. O Dondo está fatalmente condemnado desde que a linha ferrea d'elle se desvia a não se aproveitar devidamente o Libollo, e Ambaca nunca será cousa alguma.

A colonia Esperança, instituida em Malange pelo benemerito Governador Ferreira do Amaral, não é exemplo para desanimar, bem o conhecem os praticos que lá estão; e o extinguil-a de fórma porque se fez, foi um erro indesculpavel

que se junta a outros muitos na administração da provincia d'Angola, filhos da ignorancia ou más informações. No mesmo concelho, outras propriedades d'aquella ordem e em que se tem dispendido muito menos, vêem-se progredir. As quatro companhias de moveis que lá conhecemos e estão ao serviço, sustentam-se da pequena agricultura, o governo nada lhes paga.

A alçada do governo da provincia, n'estas regiões, torna-se inefficaz, por falta de recursos indispensaveis, e porque a centralisação dos mais pequenos negocios da administração local em Loanda, é uma monstruosidade, d'onde se não deixa caminhar seus povos para uma situação mais prospera, porque além de costumes diversos acresce o prejuizo das demoradas soluções.

Lembro pois, como de grande vantagem, que se reunam os concelhos de Malange, Talla-Mugongo, Duque de Bragança e todo o territorio até ao limite do Congo n'essa linha, e para o sul o que fôr possível, entre os rios Cuango e Cuanza, sob um governo districtal de cathogoria e constituição como o do Congo.

É opportuna a occasião de aproveitarmos as boas disposições em que a nossa expedição deixou todos aquelles povos, e d'ahi mais facilmente podemos ir occupando com as nossas authoridades, alcançando resultados satisfactorios, os territorios do Muatiânvua além do Cuango, onde seus povos reconhecem já a soberania de Portugal.

Proseguindo, como é de crer, com actividade o caminho de ferro até Malange, o que poucas difficuldades de construcção offerece depois de Ambaca, fique certo V. Ex.<sup>a</sup> que não faltarão as receitas para o novo governo.

Na verdade tem sido o commercio que, correndo muitos

riscos e passando por muitos sacrificios, tem fornecido os agentes da nossa civilisação em Africa, e que tem chamado os verdadeiros colonos para as regiões que aquelles têm explorado. É tempo de ir em auxilio, com a beneficiação do governo, dos que de dia para dia tem alargado o nosso dominio colonial, mantendo prestigio e influencia nos sertões.

Não é pela força d'armas, V. Ex.<sup>a</sup> o sabe muito bem, que se ha de installar o novo governo; mas estabelecido provisoriamente em Malange, o que os indigenas limitrophes muito hão de apreciar, e preparando-se Cassange para o receber, ha de ser apoiado por este povo com o qual iremos muito longe.

Se a politica iniciada pelo prestimoso tenente coronel Francisco de Salles Ferreira tivesse sido seguida depois de 1852, não teriam havido os desastres de Cassange, e note-se que este povo ainda falla hoje no nome d'aquelle com muito respeito, e saudosos pelo systema que adoptou de se servir de indigenas contra os indigenas.

Desculpe-me V. Ex.<sup>a</sup> se me tornei importuno, e não veja n'isto ambição para mim de tal governo, porque hoje só me promptificaria a ir auxiliar a sua installação, quando para isso se julgasse eu podia prestar algum serviço pelo facto de ser conhecido d'aquelles povos. Mas a occasião é propicia porque o terreno ficou preparado, e hoje é de toda a conveniencia aproveitar os trabalhos da nossa expedição.

O nosso prestigio perde-se com delongas, pois os povos d'além Cuango ficaram muito esperançados que do meu regresso á metropole, e depois de fallar a Muene Puto, (ao governo de Sua Magestade) sua protecção se não faria esperar, e anteviam uma epocha de prosperidade, e harmonisadas as dissidencias entre elles.

Bastará a nossa aproximação agora, para elles acreditarem que vão ser attendidos.

A boa disposição dos povos do Cuango são uns bons auxiliares á nossa causa.

Termino lembrando como Salles Ferreira terminava a sua Memoria, abril de 1853, dirigida ao governo de Sua Magestade.

É de esperar que o governo tomando em consideração tão util aquisição como é a vassallagem de Cassange, de onde nos vem todo o marfim e cêra (hoje diria borracha) que se exporta de Angola por Loanda, dê todas as providencias para a conservação do que com tanto trabalho se alcançou porque d'ali depende o pouco commercio que tem a provincia de Angola.

Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup>. Lisboa 19 de Junho de 1888. Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar (a) *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, major do exercito.

A embaixada dos Lundas que me acompanhara a Loanda, regressou a Malange, onde por ordem do governador Brito Capello devia esperar a resposta do governo de Sua Magestade, e ali esteve mais d'um anno, não obstante todos os esforços que eu empreguei junto do Ministerio dos Negocios do Ultramar para que regressasse ás suas terras, fazendo-a acompanhar por uma nova expedição que devia ir occupar algumas das estações que levantei até ao Cassai, e ainda estabelecer algumas intermediarias.

A proposito apresento os extractos d'uma carta do chefe do Concelho de Malange, datada de 30 de dezembro de 1888, que ainda conservo, como outras d'elle e de diversos

por se referirem a assumptos da minha expedição.... Já que lhe fallei em commercio devo dizer-lhe que tem sido espantosa a affluencia dos Bângalas para todos os pontos intermediarios d'aqui até Loanda. Um dia vindo eu em viagem do Lutéte para Malange, no trajecto d'aquelle ponto até ao Lombe, que como sabe são 6 horas de viagem, contei mais de duzentas muhambas de borracha, e segundo as informações que colhi, isto nada era em relação ao que passara nos dias anteriores. Por curiosidade perguntava aos Bângalas, para onde iam com o negocio? e todos me affirmavam que para Loanda. E a causa de irem tão longe, vim a saber que era devido a ter baixado muito o preço da borracha em Lisboa, e extranharem elles o preço em Malange de cada arroba, comparativamente com o dos annos anteriores, e assim iam para Loanda, onde tinham a certeza que lhes pagavam melhor por serem lá as fazendas muito mais baratas. Não obstante isto, a abundancia de borracha é tanta que tem ficado muita por cá, chegando inclusivè a casa Rosa a permutar em 3 dias perto de quinhentas arrobadas, e se mais não tem permutado em Malange, é por causa do baixo preço que ella tem actualmente na Europa.

....Chegou ha tres dias aqui uma comitiva de Lundas, á procura do sobrinho do Muatiânvua que o acompanhou, de quem na terra não tinham noticias. O potentado desconfiado de tanta demora mandou procurar o sobrinho e a embaixada, e tanto aquelle como esta não ha fórma possivel de os resolver a regressar, com receio de serem mortos pelos *maquiócos*.

....Se o governo não auxiliar a retirada d'estes homens para as suas terras, o sobrinho do Muatiânvua para ahi fica

desgraçado, e mau será se porventura tem a infelicidade de aqui morrer, porque supersticioso como é o gentio, decerto facilmente acreditará que foi o Muene Puto que o mandou matar e ai do portuguez que fôr á Lunda, e não fallo já dos prejuizos que causará ao commercio e da perda do nosso prestigio entre os gentios, que tanto custou a alcançar.

Pela minha parte estou prompto a acompanhá-lo até a Cuango ou até onde necessario fôr; mas está claro que entre os *quiocos* será impossivel a passagem, sem dispendio de presentes aos potentados, e talvez o mesmo poderá succeder em Cassange. Ora esta protecção não pôde deixar de ser dispendiosa, mas tambem é facto que o Muatiânvua, sobrinho, não pôde assim continuar, e pôde mesmo causar pessimo resultado. Parece-me necessario e urgente a retirada d'elle, e o meu amigo melhor do que eu o sabe.

... Acabei com a guerra entre o jaga Andalla Quissua e o soba Cui, pretendente ao cargo d'aquelle; custou-me mas consegui, impondo-me, fazendo inclusivè retirar forças que de Cassange vieram para auxiliar o Cui. Não havia remedio senão fazer-me forte, porque o jaga me tinha pedido auxilio e é nosso avassallado. Mandei para Cafúxi uma companhia movel e pelo capitão mandei intimar Cui para que regressasse ao seu sitio, e fui eu mesmo convencer os Cassanges para retirarem, visto eu me propor a harmonisar os contendores, e não regressar a Malange sem os deixar em paz. Retiraram os Cassanges e durante dois dias suei bastante a subir e a descer montanhas que o meu amigo bem conhece, mas lá deixei tudo em socego....

Attendeu a Direcção dos Negocios do Ultramar aos meus pedidos, e foi determinada a despeza que se julgou neces-

saria para a manutenção da embaixada em Malange, emquanto não retirava, e um abono para a viagem, devendo ir encorporada na expedição que se mandou organizar com toda a presteza.

Seguiu emfim em 1890 essa expedição sob o commando do tenente Simão Candido Sarmiento, que teve de suspender a sua marcha no rio Cuango, e pouco depois seguiu a do capitão Trigo Teixeira com destino a fazer occupações em Muene Puto Cassongo, que tambem teve de suspender a sua marcha na margem direita do Cuango; suspensões estas determinadas em consequencia das primeiras deliberações concertadas na conferencia em Lisboa, entre os representantes de Portugal e os do Estado Independente do Congo.

Qualquer d'estas duas expedições seguiu o itinerario da minha, e salvo uma ou outra impertinencia de sobas e sobetas entre os Bondos a norte, e os vizinhos Iongos e Hollos proximos do caminho, seguindo do rio Luhanda até ao Cuango, impertinencias devidas á ambição de receberem pelos presentes que apresentavam aos chefes, mais do que o seu valor, passaram ellas sem novidade por entre todos aquelles povos, sendo bem recebidas pelos da terra em que acampavam. As occurrencias de maior gravidade registradas nos seus Diarios, ou são roubos nas cargas, praticados pelos homens do seu pessoal ou conflictos promovidos por estes com os indigenas.

Dos Cassanges ou Bângalas apenas notam os boatos que chegam ao seu conhecimento que tencionam elles oppor-se á passagem das expedições, das fanfarronadas com que imaginam fazer atemorizar os nossos, por intermedio dos alviçareiros, dos preparativos bellicos que se lhes attribue para atacar os portuguezes, emfim sempre o mesmó, mas apre-

sentando-se elles, quando por acaso se avistam com os chefes, como de costúme, humildes e dizendo-se filhos de Muene Puto, ficando muito satisfeitos se aquelles lhes prestavam alguma attenção.

É certo que sobre a insistencia de taes boatos, e pela fórma da convicção com que os outros povos que lhe são extranhos os transmittem aos nossos, e o credito que estes lhes dão, e sobre o que nos fazem commentarios terroristas; motivam por vezes os chefes a reflectir e a lançar n'uma ou n'outra pagina dos seus Diarios, impressões desagradaveis, e a fazerem considerações sobre a impreterivel necessidade dos governos fazerem uma guerra a Cassange, dando uma licção aos seus povos, de modo a tornal-os submissos aos seus delegados.

Mas não é menos certo tambem, que se aquelles chefes, cuja missão especial era muito diversa de concorrer com os Bângalas em commercio, fóra d'aquelle campo d'acção, e passado tempo relerem essas paginas e sobre ellas reflectirem no interesse de bem informar sobre aquelles povos, reconhecerão que nunca elles se lhes apresentaram hostis, e escreveram contra elles, unicamente impressionados pelo que lhes diziam homens inconscientes, muitas vezes tambem, e na maioria já transmittido por outros em analogas circumstancias de capacidade; e com essas suas considerações, sem o quererem, foram dar vulto aos queixumes dos negociadores imbecis, trapaceiros, Ambaquistas e outros aviados dos commerciantes europeus, a quem procuram illudir sobre os maus negocios, tudo attribuindo aos entraves e forças brutaes dos Bângalas.

Nos proprios Concelhos constitudos, em que a nossa soberania hoje não é uma ficção, até no Dondo e no Golungo

Alto que se pôde dizer no litoral onde promptamente a auctoridade terá soccorros importantes de forças, quando d'esta careça, as amarrações que se fazem ás comitivas pelos caminhos e se pretendem lançar á conta dos gentios, são originadas pelos nossos, e não é de extranhar que cada um trate de defender o que é seu, e obtido á custa do seu trabalho e de mezes, como succede aos Bângalas. Ora sendo isto assim e sob as vistas das nossas auctoridades, que constantemente estão reprimindo taes abusos, não é para surprehender o que a tal respeito tem succedido nos sertões muito affastados da influencia d'aquellas.

E é para notar, sempre que se dão aquellas amarrações entre comitivas de povos além de Malange até ao Cuango, os potentados gentios fecham os caminhos, isto é, interrompem a passagem ao commercio emquanto se não resolvem as pendencias a que dão logar essas amarrações, mas as caravanas conhecidas dos brancos, ou expedições do governo passam sem o menor inconveniente, logo que haja o devido reconhecimento. Isto se tem feito e ainda não ha muitos annos; e repetiu-se ha pouco.

Pouco depois das expedições Candido Sarmento e Trigo Teixeira, lá foi á Estação Costa e Silva, na margem direita do Cuangó, com uma pequena comitiva, o illustre e muito estimado chefe da missão de Malange, o Rev. Padre Jorge Krafft, e de lá voltou sem ter de queixar-se nem dos Casanges nem dos Bondos.

O capitão Trigo Teixeira, pouco tempo antes de suspender a sua marcha, tinha recebido ordem para ir occupar Capenda-ca-Mulemba, visto saber-se que um agente do Estado Independente, o tenente Dhanis, tinha feito occupar Muene Puto Cassongo. Mas recebendo depois a ordem de

suspender a marcha e não exercer acto algum de soberania, passados alguns mezes d'um *statu quo* que parecia não ter fim, — lembrou ao governo geral que elle estava fazendo uma despeza ao estado sem necessidade, porque muito proximo de si estava a expedição do tenente Sarmiento que se podia encarregar de fazer a occupação de Capenda-ca Mulemba, quando o governo entendesse, e a quem, não havendo inconveniente, podia entregar todos os valores da expedição a seu cargo, dissolvendo-se esta e regressando elle a Loanda.

Houve por conveniente o Governador approvar esta sensata proposta, e o tenente Sarmiento, levantado o *statu quo*, realisou aquella occupação, fazendo instituir um posto militar na povoação do Capenda, e depois de terem os Belgas retirado o fingido posto, que á pressa e de fugida ali foram estabelecer, já depois do tenente Sarmiento ter estabelecido um no Mussuco — Guilherme Capello — e outro além do Uhamba — Henrique de Carvalho.

Em 1892 regressou Sarmiento, deixando aquelles postos devidamente occupados, para organizar em Malange uma nova expedição; pois em determinado tempo tinha de encontrar-se com os representantes do Estado Independente do Congo, e procederem, além Cuango, á delimitação da fronteira norte dos nossos territorios da Lunda com os d'aquelle Estado, e nunca os Bângalas ou Bondos appareceram a interromper-lhes a passagem, nem tão pouco Bângalas ou Xinges a estorvar os trabalhos da delimitação.

Concluida, no que foi possivel, aquella importante missão, regressaram a Loanda o tenente Sarmiento, e os agentes do Estado Independente de que era chefe o Rev. Grenfell e já foram aqui recebidos em 1893 pelo Governador interino Jayme Lobo de Brito Godins.

Se é verdade que até esta data, depois do meu regresso do Cuango em outubro de 1887, da auctoridade do chefe *in nominé*, que existia em Cassange não se apresenta uma communicação, pedindo força ou qualquer auxilio contra os povos da sua jurisdicção: tambem é verdadeiro que os Bângalas, com as suas successivas comitivas de commercio, continuaram a concorrer poderosamente no desenvolvimento de todo o districto de Loanda, e basta ler a estatistica annual da exportação de borracha pela sua alfandega para ter a certeza de tal facto; pois que essa borracha por emquanto, como já disse, só vem da Lunda, e com pequena excepção toda é transportada e negociada pelos Bângalas.

Para um estudo de comparação mais completo, apresento em quantidades e valores, as exportações de borracha pela alfandega de Loanda, desde o anno de 1880, sem me importar os mercados para que seguiram. Fui mais além do que é preciso; mas o leitor assim melhor aprecia, como o Bângala, apesar de tudo quanto se diz contra elle, de anno para anno vae auxiliando o nosso commercio:

Annos	Kilogrammas	Réis
1880. . . . .	197:340,370	159:872 <sup>2</sup> 295
1881. . . . .	295:590,780	236:472 <sup>2</sup> 625
1882. . . . .	294:515,291	235:612 <sup>2</sup> 370
1883. . . . .	467:863,775	374:271 <sup>2</sup> 180
1884. . . . .	361:855,990	289:484 <sup>2</sup> 795
1885. . . . .	250:231,751	200:185 <sup>2</sup> 405
1886. . . . .	296:052,852	236:842 <sup>2</sup> 285
1887. . . . .	342:004,070	273:603 <sup>2</sup> 260
1888. . . . .	279:790,995	223:832 <sup>2</sup> 795
1889. . . . .	484:364,297	387:391 <sup>2</sup> 405

Annos	Kilogrammas	Réis
1890. . . . .	409:402,606	327:522 <del>7</del> 085
1891. . . . .	625:868,300	500:694 <del>7</del> 640
1892. . . . .	632:368,700	495:894 <del>7</del> 960
1893. . . . .	1.206:361,500	905:089 <del>7</del> 200
1894. . . . .	707:581,600	566:268 <del>7</del> 480
1895. . . . .	740:835,500	592:465 <del>7</del> 200
1896. . . . .	719:442,400	575:537 <del>7</del> 920

Para me não affastar da ordem chronologica, devo consignar aqui, que em 20 de junho de 1893 foi nomeado Governador geral d'Angola o capitão de fragata Alvaro da Costa Ferreira, sendo transferido para o governo de S. Thomé, o conselheiro Jayme Lobo de Brito Godins.

Os dois governos seguidos do conselheiro Guilherme Capello, a avaliar pelo lado financeiro, que é o positivo, foram os mais prosperos da provincia de Angola; pois libertando-se da grave situação em que estava em 1882, o commercio, principalmente, de tal modo se desenvolve em seu tempo, que deixou em cofre um saldo de quatrocentos contos de réis, não obstante as muitas despezas que teve de fazer com as successivas guerras no sul, do Bié, Bailundo, Humbe, Sanga e outras de menor importancia, e tambem com as colonias do planalto de Mossamedes e tres expedições á Lunda, fóra outras extraordinarias em Cabinda e outros pontos.

As guerras foram sustentadas com pessoal e material da provincia, sem recursos da metropole, e felizmente cada uma foi uma victoria para as nossas armas.

O Governador Alvaro Ferreira que tomou posse em 1

de outubro de 1893, foi bem recebido na provincia, por ser filho do sempre lembrado benemerito tenente coronel Francisco de Salles Ferreira, e natural de Loanda, casado com uma filha do desembargador Joaquim Guedes, que fôra muito considerado na provincia e tambem natural de Loanda e neta do muito estimado governador de Benguella e tres vezes d'Angola, o fallecido distincto engenheiro e Ministro e Secretario d'Estado J. Rodrigues Coelho do Amaral.

Já se fallava, e como de imperiosa necessidade, da occupação da Lunda, por isso que os administradores do Estado Independente, logo que o tractado com Portugal foi ractificado, cuidaram de proseguir nos seus actos de occupação e a exercer a sua soberania; mas por certo devido ás informações do chefe do Concelho de Malange, o capitão João Ernesto Henriques de Castro, sobre as participações que lhe fazia o commandante do posto em Capenda, queixando-se que o potentado nunca se mostrára satisfeito com os presentes que lhe fazia, da verba auctorisada para esse fim, e não tinha forças para reagir a essas exigencias, o Governador infelizmente, tendo em attenção a necessidade de economias, determinou a retirada d'aquelle posto.

Surprehendido desagradavelmente com este facto, cuja noticia chega a Lisboa na epocha em que eu por vezes chamava a attenção da benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa para se interessar com os poderes publicos pela occupação da Lunda, lamentei em sessão da mesma Sociedade, que fosse obrigado pelas circumstancias, o filho do sempre lembrado Salles Ferreira muito principalmente em Capenda-Mulemba, a retirar d'ali o posto que para commemoração, ainda que muito modesta, devia ter recebido o nome de seu prestimoso pae.

O Capenda de que se trata é o successor do que em 1850 prestou serviços importantes á expedição Salles Ferreira, que por muitas vezes, mas trez por escripto, me pediu para alcançar do governo lhe fossem concedidas as honras que foram dadas ao seu antecessor, recebendo o ultimo d'estes pedidos, em carta-officio já em Lisboa, de que dei conhecimento ao Sr. Ministro dos Negocios do Ultramar, e não tive duvida em fazel-o, porque encontrei no Diario d'aquella expedição, com respeito ao Capenda, no mez de março, o seguinte :

Dia 18 — O Capenda-cá-Mulemba participou que tem em campo a sua força para prender o rebelde jaga de Cassange.

Dia 21 — Sentiu-se na margem direita do Cuango, entre os Xinges um tiroteio de madrugada até ao meio dia, das forças do Capenda perseguindo os rebeldes...

Dia 25 — Apresentou-se Quingúri com um macota do Capenda acompanhando 32 prisioneiros escravos do rebelde...

Dia 27 — Soube-se que as insignias do estado lançadas fóra pelo rebelde jaga Bumba foram salvas pelos filhos do Capenda que as entregaram a este...

Dia 28 — Vieram os Xinges entregar as insignias e jámais se viu nos Bângalas tão grande jubilo pela salvação de tão importantes reliquias, (ferros velhos, dentes e outras semelhantes cousas) com que julgaram desde logo Cassange salvo, pois diziam e mostravam crêr, que perdidos os attributos do estado, este estava perdido...

Todos os macotas vieram espojar-se diante do sr. Comandante geral em signal de agradecimento. O sr. Commandante, em attenção aos muito bons serviços prestados pelo Capenda-cá-Mulemba, mandou-lhe, em nome do governo,

uma espada, uma banda, e a nomeação que elle havia pedido de capitão dos portos do Cuango.

Esta nomeação foi confirmada por um decreto regio.

Recordando estes factos desejo se conheça porque me impressionou a desagradavel noticia de se ver obrigado o Governador filho d'aquelle Commandante, a destruir aquelle posto que com tanto custo se fez levantar, depois de inutilizados os vestigos que indicavam o logar onde se tinham collocado os soldados do Estado Independente que ali chegaram a exercer soberania.

O que então disse sem ideia de censura ao Governador e só tendo em vista o mal de retrocedermos quando o governo já estava pensando em fazer occupar a Lunda, e, quem sabe, talvez deturpado, magoou o mesmo Governador que na sua vinda a Lisboa teve occasião de me fallar n'isso, e a quem tenho hoje rasões para o dizer, não satisfizeram as minhas sinceras explicações.

A morte de D. Teca Brito Capello, Andalla Quissúa, jaga dos Bondos, teve como consequencia dois pretendentes disputarem o cargo, o Cuango e o Cui, que chegaram a reunir forças para pelear, e isto deu logar a fecharem-se, por algum tempo, os caminhos ás comitivas de commercio. É este um dos factos usuaes entre os gentios, mas que prejudica muito os que lhe são extranhos. O fechar dos caminhos n'este caso corresponde a uma especie de cêrco, e quem o rompe fica sujeito a prisões, tributos de guerra e algumas vezes a perder todos os seus haveres, inclusivé a roupa que traja, que substitue por uma pelle d'animal, um pedaço de *mabella* ou mesmo folhas de plantas. O fechar dos caminhos prolonga-se quasi sempre ainda depois de cessar a causa que o motivou, e não é raro que até potentados de menor

importancia e nada tinham em principio com as contendas, abuzem, interceptando a passagem a pequenas comitivas, ou aviados de commercio isolados, para lhes roubar as cargas sob o pretexto da guerra que já não existe.

Succederam casos analogos a este, em fins de 1894, entre os Bondos muito proximo da area patrulhada pelas forças do Concelho de Malange e por isso o chefe, então major, João Ernesto Henriques de Castro, devidamente authorisado, organisou uma expedição com as companhias moveis e gentes dos sobados que regulariam por oitocentas praças, e lá foi em janeiro de 1896, até Cafuxi, abrindo os caminhos e conseguiu libertar as comitivas que encontrou prezas, que apenas poderam rehavere uma parte dos roubos que lhes fizeram, e não mais, porque na maioria era difficil saber-se a quem tomar a responsabilidade.

Governava interinamente n'este tempo a provincia, o governador de S. Thomé e Principe, o major d'infanteria Pereira de Miranda, na ausencia do Governador geral Alvaro Ferreira que viera ao Reino, que quando regressou, em abril de 1895, foi infelizmente assistir ao enterro d'aquelle honrado official do exercito, do qual é ainda a nomeação do tenente Simão Candido Sarmiento, para chefe do Concelho de Malange, cargo que lhe foi entregue pelo major Castro em fevereiro d'esse anno, e este regressou ao Reino no goso de um anno de licença que lhe era concedida pela diuturnidade de serviço.

Como o leitor deve ter notado, n'este periodo de 1882 a 1895, isto é, desde a reconstituição do concelho de Tallamugongo até ao fim do anno de 1894, não consta officialmente queixa alguma do chefe d'aquelle contra os povos da

sua jurisdicção, que justifique necessidade d'auxílios de força para manter o prestígio da sua auctoridade, mesmo n'um ou n'outro centro d'esses povos; mas em compensação é certo que alguns negociantes ou empregados dirigindo os estabelecimentos d'estes nos concelhos de Malange, Pungo-Andongo e até do Dondo, nos ultimos trez annos, se queixavam, é por consequencia os que com elles mantinham relações em Loanda e Lisboa, de que as comitivas de borracha tinham affrouxado, o commercio se definhava, estava soffrendo enormes prejuizos, sendo causa d'esse desvio e prejuizos, os Bângalas que impediam a passagem do rio Cuango ás comitivas do interior, e se algumas d'estas o passava, as atacavam e assaqueavam no caminho para Malange, o que tambem faziam ás que seguiam com artigos de commercio para o interior no intuito de os permutar pela borracha. Mas attenda o leitor á Estatística <sup>1</sup> e verá que de 1890 a 1892 foi sempre augmentando a exportação; que em 1893 como caso excepcional, quasi duplicou a do anno anterior, e que no anno 1894 se houve diminuição foi relativa a esse anno que se deve considerar de excepção, mas continuou muito superior aos annos anteriores a 1893.

Sobre aquelles queixumes conservo cartas d'esse tempo de diversos, que, sendo exagerados, são os pretextos a suavisar os balanços annuaes.

Foi no anno de 1895, a 13 de julho, que se decretou a creação do districto da Lunda, e alguns mezes antes mani-

<sup>1</sup> Pag. 323 e 324.

festavam-se, mais ou menos, os negociantes do districto de Loanda pela occupação effectiva da Lunda, como uma necessidade impreterivel para que a borracha e outros productos d'aquella região não fossem desviados para o Estado Independente do Congo; pois estava-se sentindo menos frequencia de comitivas d'aquelles productos e muito se receava da influencia dos agentes do referido estado, já estabelecido nas fronteiras a norte e a leste até ao rio Cassai.

No dia em que a minha expedição desembarcou em Loanda, 1 de outubro d'esse anno, foi-me apresentado um jornal semanario da terra, em que já se dizia: ser bom fazer-se a occupação da Lunda; mas esta nunca teria garantia de segurança em quanto não exercessemos de facto soberania em Cassange, e sobre este thema era aquelle o terceiro artigo de opposição ao governo por não ter attendido a tal circumstancia.

Registrei, o que mais tarde soube, que era auctor d'esses artigos um individuo que pretendia fazer parte do pessoal do districto, e que como empregado subalterno fez parte d'uma das expedições ás terras da Lunda, não tendo encontrado essa expedição motivos de queixa contra os Bângalas. Esse individuo baseava os seus escriptos nas conversas que tinha com os indigenas das localidades em que esteve acampado e com os seus carregadores; conversas em que se não pode ter confiança; pois apenas revelam o que é d'uma imaginação mais ou menos inventiva, envolvido nas apreciações por elles feitas sempre muito exageradas no intento de efeitos para os auditores.

Foi seguindo a minha expedição, por partes, de Loanda por Dondo e Pungo-Andongo para Malange e quando nos ultimos dias de novembro estive em Pungo-Andongo com

a terceira secção, já com o destino ao Quella, onde ia estabelecer provisoriamente o quartel da companhia de guerra, participaram-me : ser muito criticado pelos principaes da villa que a expedição seguisse para a Lunda, sem ir primeiro dar uma licção severa aos audaciosos Cassanges ; que na opinião d'aquelles estava eu illudido se suppunha que iria encontrar a Lunda, com respeito aos Cassanges na mesma situação em que a deixara oito annos antes ; e finalmente estavam elles informados que os Cassanges empregariam todos os meios para contrariarem a passagem da expedição no rio Cuango e mesmo de roubarem as caravanas de recursos para os pontos que se conseguisse occupar. Chegou a asseverar-se ter um d'esses homens que era negociante, recebido cartas do chefe do Concelho de Talla-Mugongo, lamentando as condições em que se encontrava com os *maquitas* e *macotas*, logo que correu a noticia em Cassange de se estar organisando a expedição militar para a occupação da Lunda.

Isto me foi dito por um funcionario de cathogoria, homem bastante serio, que depois particularmente conversando sobre o assumpto, em que procurei sustentar que nada tinha a recear a expedição dos Cassanges e estar ao facto de ser a situação da Lunda a mesma que eu conheci, pois lera os relatorios de Simão Sarmiento e Trigo Teixeira; me disse aquelle, que pouco tempo antes ali passara Saturnino Machado que regressara da Lunda, e era principalmente a elle que se deviam as apreciações dos principaes da villa.

Fiquei pois sabendo d'onde provinha o reclamo contra os Bângalas, Cassanges, e a acceitação que ia tendo, acobertado pela pratica da vida nos sertões da Lunda e Lubuço que se attribuia ao negociante Machado, que eu não conhecia pessoalmente, mas que defendi das accusações que lhe

fez o agente do Estado Independente do Congo Latrobe Bateman, no meu livro — Lubuco — cujas edições portugueza e ingleza se esgotaram.

Contei desde logo que tinha a lutar contra a influencia de Saturnino fallando, e de seu irmão Custodio escrevendo, sobretudo entre os negociantes de todo o districto de Loanda e de seus correspondentes em Lisboa, no que me não enganai, como se verá d'aqui em diante, e dispuz-me a uzar de toda a paciencia e tambem dos meus conhecimentos practicos para anniquilar aquella influencia quando chegasse até aos funcionarios do meu districto, como de facto em alguns se fez sentir.

Dois dias depois de ter chegado a Malange, no dia 6 ou 7 dezembro, apesar de estar doente de cama, recebi a visita de cumprimentos dos irmãos Machados, sendo me apresentado o Saturnino pelo Custodio, que usando da palavra fallou como era de costume pelo irmão, sobre os importantes trabalhos dos Belgas no Estado Independente, tanto para desenvolver a agricultura como para attrahirem a si todo o commercio do gentio, mesmo o de fóra dos limites do Estado, o que nos estava já prejudicando.

Disse-lhe estar ao facto dos trabalhos dos Belgas nos ultimos dois annos com respeito a diversas plantações e tambem dos seus esforços em fazer convergir os productos africanos de valia nos mercados europeus para o Zaize; pois para isso o Estado tinha alcançado um emprestimo de dois mil contos; mas não acreditava que por emquanto tivessem influencia bastante para desviar as comitivas de borracha da nossa provincia para o seu estado; pelo menos as estatisticas annuaes dos ultimos dois annos ainda eram superiores ás de 90 a 92 que eram muito mais elevadas ás do periodo

de dez annos anteriores 80 a 89; e para evitar que essa influencia se não evidenciasse, o que era para receiar, providenciava agora o Governo fazendo occupar a Lunda:

Não me parece, diz Custodio com os apoiados de seu irmão, que nos ultimos annos tenha havido a frequencia das comitivas como em outro tempo, e se interrogar os negociantes de Malange, todos lhe dirão que não fazem negocio nenhum e que as comitivas não apparecem por estarem impedidas em diversos pontos onde o gentio principalmente tem tido os caminhos fechados.

Acredito que os negociantes estejam illudidos, regulando pela diminuição das suas transacções, o desvio da borracha para o Estado Independente. Em vista da nota que obtive da alfandega de Loanda, (apresentei-a) prova-se o que assevero de 85 a 89 em que já influiu a minha viagem pela Lunda, foi o ultimo anno o mais favorecido, no qual deu entrada n'aquella alfandega 484:364,279 kilog. de borracha, quando nos anteriores regulam de 250 a 350 mil o muito; e seguiu depois n'um crescendo até 632 no anno de 1892 que deu um salto, o que foi uma excepção, em 1893 a 1206 voltando a 707 o anno passado e já no 1.º semestre d'este anno tinha entrado 488:652,500, o que nos dá esperanza este anno ser superior ao de 1894.

Como a borracha que entrou na alfandega é por ora proveniente da Lunda, o que deve ter succedido é o desvio das comitivas entre nós; ter variado a affluencia d'uns para outros estabelecimentos no mesmo Concelho, o que se está dando agora com o Quissolle a respeito da villa de Malange, e d'uns para outros Concelhos, procurando na actualidade mais os pontos proximos das estações de caminho de ferro; porque n'isso encontra o Bângala principalmente muito mais

vantagens na permutação; pois não pensa na distancia a percorrer, quando tem a certeza que lhe pagam melhor as suas cargas.

O Bângala é o peor mal do nosso commercio, disse Saturnino.

Não me parece, lhe respondi, e creio bem que se o commercio o tivesse sabido aproveitar depois do meu regresso da Lunda, como o aconselhei em Malange e no Dondo, tinha alcançado superiores vantagens a mandar seus enviados além do Cuango.

A isto replica-me: «ir o governo occupar a Lunda sem dar um severo castigo aos atrevidos Bângalas não nos serve de nada».

Porque? lhe perguntei.

«São os Bângalas que fecham os caminhos ás comitivas do commercio; por mil pretextos oppõem-se á passagem do rio Cuango aos seus agentes que vem do interior; ha muita borracha por lá e ninguem se atreve a ir procural-a com receio dos Bângalas; é indispensavel que o governo faça uma guerra, mas de arrazar Cassange.»

Vi ser necessario provar-lhe que estava fallando com um homem que tambem não era menos pratico que elle na região onde ia desempenhar-se do cargo que lhe foi confiado e respondi: penso de modo diverso; e creio-o illudido por informações de Ambaquistas e outros povos que odeiam os Bângalas.

Em primeiro logar não ha muita borracha como diz; da *Landolphia*, vulgo de trepadeira, a conhecida superior do seu tempo em *Quimbundo*, deixou de apparecer entre os rios Cuango e Chicapa na parte que hoje nos pertence, tendo supprido a sua falta ha quatro annos, pela raiz da rasteira

planta *Catutulla* <sup>1</sup> muito inferior áquella, a maior parte na região dos Xinges e seu sul entre os mesmos meridianos, que quanto a mim, continuando a ser explorada pelo gentio, como o faz, também terá pouca duração.

Em segundo logar sabe como eu, e por isso depois de estar tantos annos estabelecido no Quimbando foi para o Lubuco, — que quem mais avança no interior melhores transacções faz com o gentio; mas quanto aos Bângalas vingam-se no Cuango de todas as extorsões que lhe fazem os Quiócos e outros povos quando elles vão ao interior permutar ou tratar d'outros negocios.

Este estado de cousas precisa modificar-se é certo; mas não é por meio d'uma guerra a Cassange, onde ha tantas auctoridades quantas as subdivisões dos seus povos, uns que se sujeitam e outros não a uns suppostos jagas; pois o dispendio com uma tal guerra não seria compensado com a importancia dos direitos de toda a borracha que existe actualmente no nosso territorio além Cuango, unico producto ainda de valia com que ali contamos. Além d'isso devemos confessar que Cassange em si, nada tem de superioridade em vantagens a qualquer região dos Concelhos de Malange, Duche e Encoje ainda por explorar. O que lá poderá existir é algumas arrobas de borracha que esperam a opportunidade de serem transportadas para cá, pois quanto a mantimentos apenas teem para o consumo das suas povoações.

Quer o governo que se faça, com garantia de segurança,

---

<sup>1</sup> Conhece-se pela Estatistica — annos de 1891 a 1893, a affluencia do gentio á colheita do *Catutulla*, pelo conhecimento que tiveram de que era bem accete pelo nosso commercio á falta da *Landolphia*, o que mais se nota no anno de 1893.

uma passagem no rio Cuango, e quando esta se tenha obtido, e espero se fará em alguns mezes, sem necessidade de ir levantar conflictos com os Bângalas; e logo que seja frequentada serão os chefes das povoações bângalas no transito para essa passagem, os primeiros a facilitarem o caminho pelas suas terras ás comitivas que sempre lhe deixarão interesses.

Dizem estar ha mezes algumas comitivas de commercio retidas em *Cahange* e no *Luia*, como vê já para cá do Cuango e Cassange; é por emquanto isto que importa saber se é certo, e sendo-o, persuadir os que as estão retendo, que é de conveniencia para todos libertal-as, e espero fazello sem disparar uma arma.

Pelo decorrer da conversa soube Saturnino Machado que eu tencionava antes de passar o Cuango, ir a Cassange e entrevistar-me com os chefes dos partidos influentes na eleição do jaga, e disse que desejava acompanhar-me, porquanto andava por lá fugido um seu empregado, que deixára em Quimbundo, quando foi para o Lubuco em 1883, e lhe roubara toda a borracha que ali tinha armazenada; pretendia eu providenciasse para elle vir preso, *amarrado* foi o termo, e entrar na cadeia de Malange.

Se é esse o seu intento, lhe repliquei, melhor é escolher outra companhia.

Isto bastou para conhecer o intento d'este negociante sertanejo e o porque dos seus clamores e os do irmão, para que o governo fizesse guerra a Cassange; — sempre o mesmo como de 1850 a 1861! o commercio na sua ambição desmedida pelos interesses proprios proclama a guerra a quem o estorva entre os povos gentios.

E diga-se a verdade: de ha muito que me habituei, até

mesmo nas questões de direitos entre nós europeus e os gentios, a pronunciar-me sempre por estes; pois são os que tem razão.

Tudo isto que se passou com os irmãos Machados o fiz inserir no meu primeiro relatório trimestral com data de 31 de dezembro, dirigido ao governo geral de que mandei copia para a Direcção Geral do Ultramar no respectivo Ministerio, e fil-o porque já em Malange, como em Pungo Andongo, a propaganda *da necessidade impreterivel da guerra a Cassange, antes de occupar a Lunda*, de dia para dia ia creando proselytos e tomando vulto; e calculei que para Loanda e Lisboa alguma cousa se diria n'esse sentido, e não me enganei; pois passados tres mezes me chegaram ás mãos alguns jornaes, em que apparecem os primeiros explanadores a lançarem os primeiros alarmes, como ensaio a futuras correspondencias; mas não me apanharam desprevidado, como vae ver-se, porque demais conhecia os que procuravam interessar, desorientando os poderes publicos.

Eis a primeira correspondencia: «— Esta occupação (da Lunda) é realmente muito necessaria, muito urgente, de muitas vantagens para a provincia; mas nunca poderá ser feita sem elementos de força precisa, de fórma a poder-se desde já incutir respeito áquelles povos puramente selvagens e nunca acostumados ao submisso e obediencia.

Como e quando conseguirão organisar o districto da Lunda deixando em Cassange e em plena liberdade o gentio bângala?»

«Com diplomacia? Diplomacia com selvagens é irrisorio e muito principalmente com o gentio bângala, que todos sabem ser rebelde em extremo e refractario a' tudo quanto seja obediencia ao governo. Claro está que o sr. coronel

Carvalho (que aliás é um homem honrado, digno e bastante conhecedor da provincia, mas que nos parece estar muitissimo illudido com a facil submissão d'aquelle gentio), com os meios de que dispõe, nunca conseguirá passar de Malange, a não ser que queira arriscar, sem gloria, a sua vida e as de todos que o acompanham.

O sr. coronel Carvalho dispõe unicamente do *soldado preto*, verdadeiramente imbecil, indisciplinado, e que ao primeiro signal de combate largará a arma, desaparecendo pelos mattos. Ora não é com esta gente que o sr. coronel Carvalho será capaz de entrar na Lunda, nem passar por dentro ou proximo a Cassange».

Outros jornaes surprehenderam-me com a noticia de que a expedição tinha encontrado opposições de alguns povos a entrar nas terras da Lunda e se bem me recordo que o conselheiro Ferreira d'Almeida dissera no parlamento ter-se dado esse facto, mas que a expedição já ia seguindo; e a este proposito officiei logo ao Governador Geral: «Na minha viagem á Mussumba do Muatiânvua, 1884-1888, era frequente ouvir dizer que este ou aquelle povo me estava esperando para me não deixar passar nas suas terras e que era bom procurar outro caminho; nunca porém se me apresentou um homem sequer a levantar-me difficuldades! — E porque isto assim succedeu V. Ex.<sup>a</sup> e o governo de Sua Magestade devem estar já prevenidos para taes boatos, e que é preciso dar o necessario desconto ao que apparece publicado nos jornaes a respeito do que se passa cá tão longe, na convicção de que eu procurarei, por todos os meios ao meu alcance, conciliar-me com os povos gentios em vez de hostilisal-os; e mesmo quando esteja de posse da artilheria, metralhadoras e o bom armamento que estou esperando do

Dondo, só farei uso das armas em ultimo extremo, isto é, quando d'outro modo não possa manter o prestigio da nossa bandeira».

Se uma tal invenção não foi transmittida por telegrapho, foi enviada de Loanda pelo correio com certeza, ainda eu não tinha entrado em Malange! — Seria consequencia dos boatos que corriam em Pungo Andongo, devido ás noticias terroristas do chefe de Talla Mugongo que se dizia perseguido pelos Cassanges desde que o chefe de Malange estava chamando os moveis a constituir com elles a tal companhia de guerra, em nome, que me devia ser entregue? Talvez; mas ainda assim o caso que se premeditava de se opporem os Bângalas ou outros á marcha da expedição, já se dava como factio consumado!

Quando um mez antes um dos Semanarios de Loanda se fez echo d'aquella noticia, escrevia para a *Familia Portuguesa*, Borlido Martins: «Os jornaes de Loanda, dando credito ás primeiras noticias, disseram que os Bângalas se oppozeram á passagem do governador da Lunda, e que era preciso para combater esse gentio terrivel e aguerrido, uma forte expedição composta de tropas de Portugal.

Nós querendo ser bem informados, não dando credito a essas primeiras noticias, soubemos de fonte limpa que não houve da parte dos Bângalas a menor opposição á passagem do governador da Lunda, nem a nenhuma individualidade da expedição sob a sua direcção».

Sempre assim! Isto que era o real, o verdadeiro e assignado por quem o escreveu, passou despercebido á maioria do publico ou não se fez caso; o que não tinha assignatura, o que era uma pura invenção, o que vulgarmente se diz, noticias de effeito a predispor os animos a favor dos

que se interessavam com as demoras da expedição e os preparativos para uma guerra; foi bem accete e deu assumpto para as mal cabidas verrinas da opposição que conseguem arrastar consigo os mais serios partidarios da politica do governo, mas que tambem eram de opposição ao Ministro demissionario que decretara a creação do districto da Lunda.

Entravamos em janeiro de 1886 — e tendo regressado a Malange do Quella onde fui estabelecer, provisoriamente, a minha expedição e os postos d'ahi até ao Cuango, em cuja margem direita estavam occupadas as antigas Estações Costa e Silva e Guilherme Capello, e tambem até Malange; tratei de providenciar para com toda a presteza serem enviados recursos de mantimentos e de materiaes de trabalho a todos aquelles postos; e como estavam fazendo muita falta as cargas demoradas no Dondo e em Loanda, no dia 12 parti para Loanda, tendo antes encarregado o tenente Cesar de Araujo de ir a Cahange e na melhor harmonia conseguir do potentado: que as comitivas que por ali estavam detidas, se era verdade o que se dizia, seguissem ao seu destino, e ainda de estreitar relações com elles, de modo a ficar garantido com segurança o transito entre os nossos postos e o sitio d'aquelle. O mesmo tenente devia procurar conhecer da attitude dos povos quanto á expedição e informar-se da situação do chefe de Talla Mugongo com respeito aos Bângalas e outros povos de Cassange.

Devo dizer que antes de partir para o Quella em 15 de dezembro encarreguei o meu afilhado de baptismo, o soba de Malange D. Antonio de Carvalho (Muiheba) de ir até ao Cuango e participar aos M'Banzas Madamba e Quingúri que o seu amigo Xá Majólo estava de viagem para a Lunda,

desejava vel-os em Cafuxi; pois queria conversar com ambos sobre os negocios do jagado de Cassange e tambem sobre a abertura de bons caminhos pelas terras dos Quiócos para a Lunda.

Quingúri tinha morrido, e Madamba estava no seu sitio; mas entre os acampamentos de guerra dos concorrentes ao logar de jaga, Muxabata e Cambólo, e como não era partidario nem d'um nem do outro, via-se na necessidade de não sair da sua povoação, e pedia-me fosse eu vê-lo pois a Muene Puto, ninguem impedia a passagem e desejava bem que eu quizesse ir para socegar as terras de Cassange, que não estavam melhor que as do Muatiânvua; que o Xa Majólo era ainda muito lembrado pelos beneficios que fez aos negociantes bângalas do Cuflu ao Luembe e se lá fosse todos os bângalas o iam esperar ao caminho para lhe pedir a benção.

.D. Antonio descera, no regresso, por Cahange e soube aqui estarem com effeito os caminhos fechados ás comitivas da borracha pelo M'Banza Luango, mais Bondo que Bângala, em consequencia dos roubos que soffreram os seus filhos na margem direita do Cuango. Pelas povoações por onde passou, lhe disseram os principaes estarem receiosos que a nossa expedição para a Lunda quizesse passar nas terras de Cassange, porque o grande numero de soldados e carregadores *com a sua fome*, iriam arrazar as suas lavras e gados.

Tambem os Bondos em principio diziam ter o mesmo receio, mas é certo que depois da minha visita ao seu jaga Andalla Quissúa e ao Sé Quitári, esses receios desapareceram, e todos os dias tanto no Quella como nos outros postos, se apresentaram mulheres e rapazes dos Bondos a venderem e na melhor harmonia, os seus mantimentos ás gentes da expedição.

Em Loanda, n'uma das minhas entrevistas com o conselheiro Alvaro Ferreira, interrogou-me elle se tinha conhecimento do que se passára com um correio de Cassange para Malange, pois tinha noticia que fôra maltratado pelos Bângalas, depois de lhe roubarem a mala da correspondencia <sup>1</sup> que lançaram ao rio, o que eu ignorava. E a proposito de Cassange disse-lhe o que era do meu relatorio e ouvira em Pungo Andongo, sobre o chefe de Talla Mugongo, parecendo-me estar este com receio dos Bângalas, e ser talvez conveniente fazel-o substituir por um official europeu, pois a sua authoridade consiste apenas na assignatura da correspondencia official.

Acceitou o governador esta minha lembrança e no dia seguinte nomeava o tenente da guarnição de Loanda, Joaquim Lopes Subtil, chefe do concelho de Talla-Mugongo e determinou o fizesse acompanhar em principio de 50 praças e mais tarde de 100 da 2.<sup>a</sup> companhia movel de Malange, que estava ali em pé (numero de praças) de guerra, sendo adestrada na instrucção.

No mez de fevereiro estando no Dondo ahi principiou a propalar-se as noticias que os Bângalas estavam dispostos não só a impedir a marcha da expedição, mas ainda a fazel-a recuar do Quella; que estavam fornecendo-se de polvora e armas, para se imporem se não cedessemos e quizessemos disputar o caminho a fogo.

Cartas particulares e officios do chefe do concelho de Malange e do major João Ernesto Henriques de Castro, chefe

---

<sup>1</sup> Este facto já se dera em outros tempos como o leitor decerto se lembra, pois para elle tenho chamado a sua attenção.

dos postos militares e que deixei dirigindo os trabalhos da expedição no Quella, vieram confirmar aquellas noticias que, de dia para dia, tomavam mais corpo, já pelos exaggeros, já pelas alterações com que se faziam correr, passando por novas noticias.

Ao mesmo tempo que a correspondencia recebida me preocupava, alguns negociantes do Dondo me fizeram sciente de que as comitivas dos Bângalas, que nos ultimos dias se apresentavam na villa, só queriam permutar a sua borracha por polvora e armas, o que era de grande prejuizo para o commercio porque os melhores interesses com o gentio, os alcançava nas fazendas.

Tudo isto foi para mim motivo de, no dia 19 de fevereiro, telegraphar e em seguida dirigir um officio ao governador geral n'estes termos:

Sabe V. Ex.<sup>a</sup> pelo meu officio n.º 25 do corrente, o que me participou o chefe do concelho de Malange, pelo que eu devia estar de prevenção, visto as minhas apprehensões que o chefe de Talla-Mugongo ou realmente tem receios que se façam as devidas occupações de Malange para leste, ou por qualquer outro motivo, para o que mais me inclino, lhe convem que se não effectuem.

Hoje ha mais do que isto para me preoccupar; uma comitiva de Bângalas ha dois dias transaccionou n'uma casa d'esta villa, toda a borracha que trazia por polvora, e hoje, na mesma casa, uma outra tambem só quiz ceder o seu negocio por polvora, o que causou estranheza ao seu proprietario, o qual e outros negociantes de seguida foram informados e vieram participar-me que tambem em N'dalla-Tondo, Canhoca e outros pontos servidos pela linha ferrea de Am-

baça, já ha dias, as comitivas dos Bângalas só procuram polvora e armas, dizendo que se estavam preparando para se opporem á marcha dos soldados do governo pelas suas terras.

Poderá ser verdadeiro ou não, isto que se me affiança. Estou convencido, a regular pelos precedentes, durante a minha viagem de 1884 a 1888, que ha exaggero; mas agora a minha responsabilidade é muito maior, porque a minha missão não é só passar, é tambem tornar effectiva a acção da nossa auctoridade e acompanham-me dezenas d'Europeus, alguns com familia, por isso cumpre providenciar, desde já, para se repellir qualquer tentativa d'ataque em occasião que se manifeste.

Em telegramma urgente pedi hoje a V. Ex.<sup>a</sup> — prohibir commercio vender polvora a Bângalas; auctorisar o chefe de Malange reunir na séde 3.<sup>a</sup> companhia movel; que do material de guerra punham pelo caminho de ferro as armas e munições que ainda estão em Loanda e mais vinte mil cartuchos; que o chefe de Cambambe seja auctorisado a enviar todo o material ao de Malange; que pela mesma via me sejam enviados os pertences da metralhadora 1:190, de que se recebeu apenas aqui os canos e é indispensavel que ella siga para Ferreira d'Almeida.

Julgo de toda a conveniencia e rogo a V. Ex.<sup>a</sup> envide todos os seus esforços para que immediatamente se active a montagem da linha telegraphica d'aqui para Pungo-Andongo, como pedi em meu officio n.º 24, sendo encarregado d'esse trabalho, o chefe da estação d'esta villa, satisfazendo-se as requisições que fiz, segundo as indicações d'este.

O novo chefe de Talla-Mugongo que comigo segue, só do seu cargo tomará posse quando tenha a convicção que não

se lhe levantarão difficuldades ; mas precisa, sobre tudo em principio <sup>1</sup>, ter um effectivo de força armada, que o torne respeitado perante um povo que, de ha muito, suppõe estar fóra da alçada da nossa auctoridade, e, mais que possa ter rapida communicação com a secretaria do Governo Geral em Loanda, afim de se providenciar conforme as circumstancias sobre os pedidos do mesmo chefe e de ter o necessario apoio dos postos por mim guarnecidos tanto a oeste como a leste do Cuango ; e que tambem eu possa contar com essa communicação para os recursos, que, em caso de força maior, eu tenha de requisitar ao chefe do concelho de Malange e a V. Ex.<sup>a</sup> no litoral.

No mesmo correio recebeu o Governador Geral do chefe do concelho de Malange communicação dos boatos que tambem por ali se espalharam dos preparativos dos Bângalas para irem atacar os postos estabelecidos até ao Cuango, contando que a elles se unissem os Bondos e os Jingas ; e que julgava ser indispensavel por algum tempo que o commercio não vendesse polvora.

Passados dois ou tres dias, uma portaria provincial, prohibia ao commercio no districto de Loanda de, por espaço de tres mezes vender polvora aos Bângalas.

Mais tarde um dos semanarios da terra, de opposição ao Governador Geral, criticava esta medida preventiva, como prejudicial ao commercio e menos liberal. O articulista não quiz reparar no meio em que era adoptada aquella medida

---

<sup>1</sup> Foi n'esta occasião determinado que seguissem cem praças com o chefe para Cassange.

e nas circumstancias que então n'elle se davam. A prohibição era restricta aos Bângalas, para lhes fazer sentir que nos eram sujeitos e estava em nossa mão desarmal-os completamente, se tanto fosse preciso, para os submetter á nossa Soberania, a que submetteram os seus passados; e não prejudicava o commercio, porque se este permutar a borracha só por polvora e armas não aufere os lucros que tem intermediando aquelles artigos com fazenda e não ha estabelecimento algum que tenha em quantidade os referidos artigos para um mez de successivas transacções <sup>1</sup>.

O preço real da polvora, mesmo no Dondo, em que os transportes são insignificantes relativamente a Malange e mais para o interior, é superior ao da borracha. Paga-se a arroba de borracha a 15 e 16 mil reis e o commercio não pode vender a arroba de polvora a menos de 16 e para uma transacção regular de 8 a 10 mil kilogrammas o que fazem os melhores estabelecimentos, primeiro não tem em armazem essa polvora, 15 a 20 mil barris, e segundo, não podem empatar n'um artigo como este, sujeito a deterioração, um capital superior a cem contos de reis. Se compararmos a permuta feita com fazendas, é regular a equivalencia da peça d'algodão e riscado mais ordinario a 2 barris de libra (peso) e a 3, 4 e 5 conforme a qualidade da fazenda, mas na equivalencia sempre ha lucros a favor da fazenda. Tratando-se do artigo espingarda, então o prejuizo é muito maior.

O negociante em outros tempos tanto lhe custava a dar polvora nas permutações ao gentio que raro era aquelle que

---

<sup>1</sup> Quatro ou cinco mezes depois da minha exoneração foi adoptada repetir-se aquella providencia.

lhe entregava os barris com a devida medida no peso de polvora; o desfalque era soffrido pela espessura de madeira do fundo d'aquelles.

Na concorrência o negociante, por emquanto, só vê os seus interesses, está sempre em guerra com os seus collegas, e se n'uma dada occasião está mais fornecido no artigo que é procurado, no caso a que me vou referindo, a polvora, sacrifica-o mesmo, para a si chamar a freguezia, sem lhe importar os prejuizos da communiidade; mas se isto fez um ou outro, o geral, — como succedeu, reclama e reclamou bem, porque allegava então que a procura da polvora e armas pelos Bângalas, o que nunca se fizera, com tanta instância, era devida como aquelles propalavam, a estarem-se elles preparando para fazer a guerra contra a nossa expansão.

Por opportuno frizarei aqui, que se os Bângalas alardeavam de comprar polvora e armas para se opporem á passagem dos soldados do governo pelas suas terras, quando tinham a certeza pela installação dos postos até ao Cuango, que a expedição seguia o caminho que ellas chamam o de Xá majólo (1884-1888); não é menos verdadeiro que, tanto no Dondo, como pelo transito, os empregados de balcão, menos conscientes do que faziam, e no intento de se divertirem, tambem os incitavam, dizendo-lhes que o governo mandava aquellas peças <sup>1</sup> e outras armas de guerra que elles nunca viram, metralhadoras, que disparavam balas umas atraz das outras sem ninguem lhe tocar, bastando estas para arrazar Cassange e matar todos os Bângalas.

---

<sup>1</sup> 8 bocas de fogo que estavam armadas no Dondo e promptas a partir.

Estas valentias de lingua, de parte a parte, não eram com certeza das cousas melhores para uma missão de paz; e se os Bângalas no Dondo iam admirar as bocas de fogo não acreditavam que ellas acompanhariam a expedição; mas vendo-as pelo caminho fugiam d'ellas e é certo que ás suas povoações foram levar noticias atterradoras com os seus costumados exaggeros e d'ahi desasocegar os animos, a ponto d'alguns potentados mandarem impungas, enviados, até aos considerados inimigos, querendo convencel-os a que se unissem e manifestassem contra a expedição que ia levar-lhes a guerra.

Já se vê, isto dava-se com alguns que nada tendo a perder queriam impôr-se aos seus, chegando mesmo a apparecerem emissarios d'elles, nas povoações de Bondos e Jingas, o que deu logar aos boatos d'uma grande colligação dos Bângalas, Bondos e Jingas, para cercarem o posto Ferreira de Almeida no Quella, e ao mesmo tempo os outros postos.

Novos boatos correram no Dondo, chegando a sobresaltar os de animo mais timorato por desconhecerem o meio, que deram credito aos mais irrequietos que se satisfaziam a avolumar as intrigas forjadas por tres ou quatro descontentes em Malange, e de que se fizeram echo em suas cartas, até alguns funcionarios do districto, por que o tenente Cesar d'Araujo, que regressára da sua missão a Cahange, entendeu, e bem, nada dizer do seu resultado, reservando-se a communicar-m'o em relatorio como lhe fôra recommendado; e d'ahi a illação, que aquelle official e o interprete que o acompanhou, tenente de 2.<sup>a</sup> linha Búilla, tinham sido desfeiteados pelos Bângalas; dizia-se mais, uns que foram esbofeteados, outros que foram chicoteados, sendo geral que fugiram, que foram corridos; e chegou a afirmar-se no dia

seguinte, que a força que os acompanhou debandara; força que mais tarde passou a ser columna de operações e como tal figurou nas correspondencias publicadas nos jornaes da metropole!

Conhecia bem o tenente Cesar; que soube manter sempre a sua auctoridade sobre os gentios, os menos em contacto com os europeus, como são os do Duque de Bragança (Jingas) não menos bravios que os Bângalas; tinha a convicção de que elle não iria além das minhas instrucções; sabia que a força que o acompanhava era apenas o interprete, como disse, e por isso mesmo não se exporia sequer a ser menos respeitado. Em vista d'estas circumstancias tratei de desfazer as más impressões e apreciações, fazendo sentir a quem me fallava dos boatos que corriam, que a ter-se dado algum facto d'importancia, já teria officialmente conhecimento pelo major Castro que estava, e em força, a tres dias de distancia de Cahange.

No dia 27 recebi nova correspondencia do major Castro e do chefe do Concelho de Malange referindo-se, com mais insistencia, ás noticias de colligação dos povos a que já me referi; no fim de cercarem o posto Ferreira d'Almeida e outros; mas em termos taes que as não devia reservar para mim; fiz tirar copias dos seus officios e carta particular que no dia 28 enviei ao governador geral, dizendo-lhe:

«Passo ás mãos de V. Ex.<sup>a</sup> as copias de officios e cartas que recebi do major Castro em Ferreira d'Almeida e do chefe do Concelho de Malange;—a sua leitura era o bastante para V. Ex.<sup>a</sup> conhecer o que se está passando proximo da região que estou tratando pacificamente fazer

occupar; mas penso dever prestar alguns esclarecimentos a V. Ex.<sup>a</sup> para uma melhor apreciação.

«O que faltava á primeira metralhadora, se não está já em Malange, bem como as respectivas munições, deve estar muito proximo.

«As oito bocas de fogo, calculo estarem as ultimas em Pungo Andongo, conduzidas pelos moveis do que fiz sciente a V. Ex.<sup>a</sup>; e tambem aqui devem estar, ou proximo a chegar, as 78 Suyders transportadas por mais 13 praças que vieram do Concelho de Cazengo.

«Hoje mesmo fiz expedir, por carregadores de Malange, 122 Suyders e 20 cunhetes, que farei a diligencia pelo caminho d'animal-os a activarem a viagem, que regularmente com cargas, como V. Ex.<sup>a</sup> sabe, o fazem em 19 ou 20 dias.

«Eu confesso que mais receio *da falta de mantimentos*, pela prohibição do gentio, que das suas armas, no emtanto, depois de taes participações do theatro dos acontecimentos, grande responsabilidade me caberia se, antes de partir para lá, não dêsse d'ellas conhecimento a V. Ex.<sup>a</sup>; chegando o referido major a lembrar-me a conveniencia de fazer sentir, pelo telegrapho, ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro dos Negocios do Ultramar, a situação que elle descreve, cuja necessidade só V. Ex.<sup>a</sup> poderá apreciar.

«É certo que ultimamente se está admirando aqui no Dondo a frequencia de Bângalas com carregamentos de borracha e só a quererem permutar por armas e polvora; mas o commercio aproveita porque de ha muito sente a falta de borracha, prova que as comitivas estavam suspensas ou a borracha existia em deposito, e só agora apparece, talvez, por qualquer accordo que se tenha feito entre Bângalas e Bondos; pois eram alguns potentados d'estes, a oeste

d'aquelles, que tinham fechado os caminhos ás suas comitivas.

«Lucram hoje alguns negociantes, que assim procedem, importando-lhes pouco o futuro, mas a mim cumpre lembrar as seguintes providencias: responsabilidade pela polvora que sair dos payoes; que os chefes dos concelhos sejam anctorisados a fazer policiar os caminhos, pelo menos proximo das sédes, e fazer apprehender a polvora que transportem os Bângalas, a quem se restituirá, por senhas ou bilhetes, logo que termine o prazo da prohibição de se lhes vender polvora.

«Alguns negociantes serios d'esta villa, que aceitaram bem esta prohibição, ainda dizem que haverá quem a sophisme, vendendo-a a medianeiros, principalmente *Ambaquistas*, para estes a revenderem aos Bângalas. Como por cá ha de tudo, acredito que isto se faça.

«Eu torno a dizer a V. Ex.<sup>a</sup>, não receio da arma de fogo que uzam aquelles povos, mas é para considerar o seu numero, e as poucas munições de que dispomos para as 600 armas, que calculo se pode contar passados 20 dias, de Malange ao Cuango, pois não chega a cem cartuchos por arma.

«Do que agora posso dispôr para a minha força, creio sufficiente; em todo o caso se V. Ex.<sup>a</sup> o entender poderão ser enviados mais alguns cunhetes ao chefe do Concelho de Malange, a quem poderei recorrer em caso d'urgencia.

«Pedi a V. Ex.<sup>a</sup>, em telegramma de hoje, providencias que julgo o bastante, e estas são: preparar-se em Loanda, alguma força de 1.<sup>a</sup> linha, pois aquella com que conto é de moveis, e embora instruida no uzo da arma, esses soldados não são dos mais ousados, o que é preciso pefante os po-

vos bondistas e bângalas; que nos concelhos do districto de Loanda se instrua em cada um, pelo menos, uma das suas divisões moveis, a que se recorra sendo necessario; e finalmente que sejam auctorisados os chefes dos concelhos a auxiliarem com os seus soldados, a abreviar a montagem da linha telegraphica, e seja satisfeita a pequena requisição de elementos de pilhas, que de novo solicito com urgencia.

«Sigo amanhã e, como disse, farei quanto possa para chegar o mais depressa possivel a *Ferreira de Almeida*, no Quella, e d'aqui darei parte, depois de bem orientado, do que supponha dever fazer. No Dondo deixo ordem que qualquer telegramma ou officio de V. Ex.<sup>a</sup> me seja enviado directamente por um expresso.»

O relatorio do tenente Cesar, chegou depois de enviado aquelle officio e veio justificar que não merece credito o que d'elle se tinha dito. Passando pela povoação do Luango, subdito do Cahange, cuja povoação ficava distante para uma boa jornada a cavallo, teve de se avistar com o potentado e segundo o rito, a entrevista só teve logar no dia seguinte e na presença dos macótas.

Disse-lhe o tenente o fim da sua missão e pediu-lhes rapazes para transportarem a bagagem de viagem, cama, algum rancho, roupa e artigos de uzo diario para elle e interprete; pois desejava ir avistar-se com Cahange, e na vespera tinha despedido os 4 carregadores que o acompanharam até ali, por ter terminado o contracto d'elles.

O Luango que é Bondo como o Cahange, mostrou-se receioso dos Bângalas e pediu ao tenente que se demorasse na sua povoação que elle ia fazer prevenir Cahange da sua visita para este lhe mandar um guia e rapazes para as cargas.

Calcularam o tenente e o interprete que a demora podia ser grande e não chegava o rancho que levaram e para evitarem conflicts, teimando com o Luango e macotas, querendo seguir, deu-lhe o tenente um pouco do presente que lhe destinei, encarregando-o de transmittir ao Cahange o fim da sua visita, e que eu brevemente iria vel-o, e a elle dissesse da minha parte que, como bom visinho, mandasse vender os productos das suas lavras, aos filhos de Mucne Puto que estavam no Quella.

O Luango mostrou-se muito satisfeito e no dia seguinte despediram-se como bons amigos, apresentando-lhe os rapazes que deviam transportar as cargas ao posto Ferreira de Almeida, fazendo-os acompanhar de alguns vendilhões com fuba, feijão, batatas, milho e fructas. Estes e outros continuaram depois a frequentar o Quella, fazendo na melhor harmonia com os nossos, as suas transacções.

Não houve pois desaire algum para o tenente Cesar; reconheceu difficuldades por não se ter munido dos recursos necessarios, pois não contava com delongas que é de uso no gentio, e foi prudente sem fraquejar, retirando em boa harmonia com o Luango e seu povo, pois homens e mulheres d'este d'ahi em deante começaram a entabolar relações com as gentes do nosso posto.

Segui eu com o tenente Subtil, nomeado chefe do conselho de Talla Mugongo, e o capitão de 2.<sup>a</sup> linha Honorio Leitão, para Pungo Andongo, onde cheguei no dia 5 de março já muito tarde; e o officio que então dirigi ao Governador geral, transcrevo-o, porque diz o sufficiente para se reconhecer dos meus esforços em abreviar a jornada e do mais que offerece interesse n'esta Memoria.

«Cheguei hontem a esta villa e demorei-me mais em viagem do que queria, porque logo em *Camonga* encontrei n'uma cubata a principal peça da metralhadora que, por determinação de V. Ex.<sup>a</sup>, cedi para a guerra do Libollo, e de ha muiro suppunha já estar no Quella, e estava ali a pretexto de ter morrido um dos carregadores que a transportavam.

«Aproveitei uma leva de carregadores que vinha de Malange com guia de data muito atrazada, e fiz seguir aquella carga a nosso lado, transportada por 4 honiens. Um pouco mais adeante, em *Cassóque*, vi uma das bocas de fogo, e apenas um soldado vigiando-a, que me declarou estar aqui havia 15 dias, por terem os seus 4 camaradas retirado doentes para suas casas. Fil-a desarmar e foi ella transportada por carregadores ainda da leva a que me referi.»

«Em *Déji-ia-Meinha*, lá estava outra e um 2.<sup>o</sup> cabo, homem velho, que veiu participar-me, estarem os dois soldados doentes, e os companheiros terem ido á compra de mantimentos, quando no largo em frente estes se vendiam; e como n'este largo se me apresentassem 40 carregadores de Malange que iam buscar cargas ao Dondo e já pagos, aproveitei-os distribuindo as quatro peças em que se desarma a boca de fogo, fazendo retroceder os restantes, porque o chefe de divisão n'aquella patrulha me deu parte que 2 a 3 kilometros mais adeante, estava outra boca de fogo.

«A viagem do Dondo a *Déji-ia-Meinha*, devo notar que se faz em um dia de typoia, e é regular para cargas em tres dias; e o que fui encontrando pelo caminho havia 20 dias que saira do Dondo!

«Na povoação do *N'dundu-ua-Pépa*, a tres horas de marcha, vi terceira boca de fogo, mas escondida entre o ca-

pim ao lado da estrada, que tambem fiz desarmar e para a qual ainda tinha carregadores; e no *Nhangue* lá estava a quarta, mas esta a fiz seguir, mesmo montada, aproveitando os soldados que me appareceram d'estas e das outras.

«Era esta a secção que partiu primeiro do Dondo confiada ao 2.º sargento Carvalho, sobre o qual fui informado nos Pambos, a uma hora de marcha do Dondo, que d'ali largou em direcção a Pungo Andongo, abandonando todo o material que lhe fôra entregue, tendo já apontado alguns estragos em varaes e correame, cujos reparos, quanto a mim deve elle pagar, além do castigo que V. Ex.<sup>a</sup> determinar lhe deva ser applicado.

«No *Quionga*, a 30 kilometros de distancia d'esta villa de Pungo Andongo, á frente do quartel da patrulha, vimos na melhor ordem possivel e mesmo d'acção, montadas as 4 bocas de fogo, devidamente cobertas com os oleados, da secção que partiu do Dondo dez dias depois, sob o commando do 2.º sargento Piedade, que considerei, de principio, pela apparencia, muito inferior para cargos de confiança, ao seu collega. Toda a palamenta, convenientemente resguardada estava no quarto em que elle tencionava pernoitar.

«Tendo ali chegado na vespera, porque 2 soldados deram parte de doentes, os outros estavam fatigados, e elle sargento precisasse de mandar procurar mantimentos para proseguir a jornada, tencionava ficar ainda ali n'aquelle dia».

«Como tivesse os recursos dos carregadores que transportaram rolos de fio telegraphico para aquella patrulha, e de rancho da minha viagem para poder alimentar aquella official inferior que me merecia uma tal ou qual distincção, facil me foi fazer avançar aquellas 4 bocas de fogo, que chegaram comigo á entrada da villa, tendo-as acompanhado e

o tenente Subtil, por vezes marchando a seu lado, auxiliando-as a rodar, por terrenos em que era de receiar se vi-rassem. A secção acampou ali, partindo hoje ao meio dia com a primeira, cujas bocas de fogo fiz montar, para a ou-tra saída das Pedras no caminho de Malange, onde irei en-contrar-me com ellas, afim de tudo avançar comnosco.

«Na verdade os caminhos não estavam bons para a pas-sagem das viaturas, mas em todo o caso devo dizer que o serviço de transportes por carregadores não tem compara-ção alguma, por muito melhor, que o feito pelos taes solda-dos das companhias moveis.

«Os 13 soldados de Cazengo que trouxeram cada um 6 Suyders pezando apenas 24 kilogrammas, meia carga, aqui os encontrei na villa, — tendo declarado ao chefe que não podiam seguir para Malange, por estarem cançados; e o chefe que os não podia fazer substituir por não ter ainda disponiveis soldados para tal serviço, e sabendo que eu es-tava a caminho, os demorou para eu providenciar como en-tendesse.

«Os cunhetes de polvora que partiram do Dondo, antes de mim, ainda os encontrei no caminho e não sei quando chegarão a Malange.

«Por tudo isto póde V. Ex.<sup>a</sup> calcular para um caso de recursos com urgencia, como se dá agora, e sem a necessa-ria vigilancia, homens que se interessem pela causa, quando se poderá contar com elles a uma distancia tão grande do litoral!

«Se os homens que ganham a vida pelo serviço de car-retos, a cada passo, pretextam motivos para demoras e a sua carga é de 90 a 100 libras (pezo) carga que dividem por dois, carregador e companheiro; V. Ex.<sup>a</sup> decerto considera que nem ha economias nem vantagem alguma em os substi-

tuir por soldados moveis que, além dos mesmos pretextos, e carga muito inferior, fazem mais: fogem para as suas casas, dizendo-se doentes e abandonando as cargas pelo caminho; chegam mesmo a allegar que não são carregadores; — e muito mais se demoram em viagem do que estes.

«Hontem mesmo recebi aqui correspondencia de Malange e não são melhores as noticias das que communiquei a V. Ex.<sup>a</sup> no Dondo, pronunciando-se já o que previ, a falta de mantimentos e portanto o descontentamento das praças da companhia, o que é grave.

«Como urgente fiz partir esta madrugada a minha ordenança para Malange, pedindo ao chefe e recommendando ao secretario que d'accordo com este, se comprasse fuba, milho, feijão e batata em quantidade, e immediatamente se enviasse para Ferreira de Almeida; mas este soccorro será para pouco tempo e por preço elevado, pois por toda a parte estou encontrando, por exemplo, a fuba a 17200 réis a arroba, e esta irá ter o accrescimo do frete na occasião, não menos de 600 réis.

«Ainda creio que a minha presença entre os Bondos modificará as circumstancias para melhorar a situação n'este ponto; mas Ex.<sup>mo</sup> Sr., o que poderá succeder, e d'isso infelizmente tenho a experiencia, — é que as povoações se vão exaurindo de mantimentos, porque quatrocentas boccas que de repente appareceram n'aquelle meio, devem ter desfalcado muito as lavras d'essas povoações.

«Se for possivel o entretenimento até que as nossas plantações vinguem, e n'isso se está trabalhando, as cousas mudarão, mas a tal respeito tenho a considerar se os povos visinhos não vierem, como espero, perturbar o nosso socego e o andamento dos trabalhos.

«As informações que me dá o chefe do concelho de Pungo Andongo, ácerca da attitude dos Cassanges, são as peores possiveis, pois diz: «elles asseveraram n'esta villa: *que custe o que custar, hão de guerrear as occupaões do Quella e d'ahi até ao Cuaugo.*»

«Regulando-me pelo passado, repito, ainda confio que elles não saem das suas terras para nos attacar, mas é muito provavel que nos intriguem com os povos bondistas, a ver se estes o fazem, para então apparecerem a cercar-nos;—e evital-o, é, e tem sido sempre o nosso intuito, empregando até agora os meios pacíficos da suação, o que penso serem ainda os melhores.

«Encarregou-me V. Ex.<sup>a</sup> de o informar sobre dois factos que se deram em Cassange, um com o chefe e o outro com o correio; oxalá, — é esse o meu desejo, — eu possa cumprir as ordens de V. Ex.<sup>a</sup>; dispondo apenas da minha pessoa, porque, por emquanto, os recursos são poucos para que possa apresentar-me no intuito de romper hostilidades».

Partindo no dia 8 cheguei a Malange a 13 (março) devido a ter acompanhado a expedição das bocas de fogo, que entendi não deixar ficar para traz, e depois d'um dia de descanso na villa seguiram logo 4 para o Quella e tambem Snyderes e cunhetes.

Demorei-me apenas alguns dias em Malange, o tempo indispensavel para fazer seguir com destino ao Quella e outros postos, os recursos de impreterivel necessidade, já para trabalhos, já para sustento do pessoal, e ainda para defeza dos postos em caso de necessidade.

No emtanto, devo dizer, que tanto em Malange como no Quissolli e no transito até Ferreira de Almeida, nada se ac-

crescentava ao já sabido de boatos, nem tão pouco previsões de alteração do socego publico, continuando o commercio a fazer as suas transacções com as comitivas de Bângalas e outros povos.

As dos Bângalas, que regressavam dos concelhos a oeste a custo deixavam revistar as suas cargas, e as que traziam polvora recebiam em troca um vale da quantidade, ficando aquella em deposito no paiol do governo, que pelo vale seria resgatada, logo que terminasse o praso da prohibição da venda. Se a maior parte se conformava com esta deliberação, alguns, os mais exaltados, recalcitravam e protestavam que se vingariam um dia na pessoa do chefe, a quem attribuíam aquella medida do Governador geral. E tinham graça porque diziam todos: com o velho *n'gana majólo* não se entende a zanga dos Bângalas, porque elle é o nosso pae e nossó amigo.

D'uma d'essas comitivas apresentou-se-me o chefe com alguns dos seus velhos companheiros, queixando-se do mal que lhes estava fazendo as ordens do *N'gavulu* (governador) de Loanda, não lhes deixando levar a polvora que compravam para o negocio da borracha. A estes lhes disse ser a culpa dos Bângalas que fallavam por toda a parte quere-rem fazer a guerra aos soldados de Muene Puto, quando passassem para a Lunda, e o chefe sorrindo-se interrompe-me: então o nosso pae não conhece já os Bângalas? fallam, fallam, fallam, mas em apparecendo o *N'gana majólo* todos vão apanhar a mandioca para elle comer; são seus escravos pois todos lhe devem a vida que ainda hoje têm.

A esta amabilidade lhes retorqui: Vivam bem os Bângalas com os meus filhos, não fechem os caminhos aos negociadores que querem passar o Cuango com o negocio para

os seus freguezes, que não só se lhes não faz mal, como o *N'guvulu* acaba com a prohibição da venda da polvora e armas aos Cassanges.

O nosso protector, me diz o chefe então, é que deve ir falar assim bem aos *maquitas* e mais velhos de Cassange para acabar esta *quijilia* que não é boa para ninguem. Pois lhe disse, podem ir avisando os velhos que lá irei agora avistar-me com elles, para fazermos os caminhos bons para todos.

Tomou o tenente Subtil o commando das 100 praças destinadas a Cassange, afim de vigiar pela sua instrucção e com ellas seguir para Ferreira de Almeida, quando ali estivessem promptos os alojamentos para as receber, e parti eu em 18, acompanhado do chefe do concelho e do capitão de 2.<sup>a</sup> linha Honorio Leitão; demorando-nos dois dias em N'Dalla Quinguângua, no posto *Candido Sarmento*, querendo sondar d'este povo já sujeito ao jaga N'Dalla Quissua, das disposições dos Bondos com respeito ao que se dizia dos Bângalás e visinhos.

Tanto o N'Dalla Quinguângua como os seus estavam nas mesmas boas disposições em que os deixei em dezembro, sem que n'elles influissem os boatos dos Bângalás, contra a installação dos postos e das suas tentativas para que Bondos e Jingas levantassem conflicts com os nossos para a expedição retroceder, nem mesmo entrarem no accordo de nada venderem de mantimentos ás guarnições dos postos. E n'esta parte dava-se exactamente o contrario; em N'Dalla Quinguângua estavam os depositos cheios de baixo ao alto de saccaria de fuba, milho e feijão, comprado por José de Vasconcellos, chefe do posto *Candido Sarmento*, a muito bom preço e que era transportado para o Quella pelos indigenas da povoação, cujos fretes eram baratos.

Chegámos ao Quella no dia 22, onde todos trabalhavam a valer, desde o chefe, major Castro, até ao mais insignificante do pessoal, e nas melhores relações com os povos vizinhos, sendo frequente verem-se homens e mulheres d'estes fazendo as suas transacções, ás portas dos alojamentos de diversos, frequencia que se tornou tanto maior, á medida que do oeste chegavam grupos de carregadores de Malange com mantimentos em quantidade e gado vaccum para os depositos d'este posto e para deante.

Dois dias depois da minha chegada, uma embaixada do Cuango, rival do jaga Quissúa, veio cumprimentar-me e pedir o não despresse; mandasse tambem estabelecer um posto no seu sitio, que elle se considerava tanto filho de Muene Puto como o Cui <sup>1</sup> e o Cassange; que tambem elle e os seus estavam soffrendo da prohibição da venda da polvora motivada pelos Bângalas, sem que tivessem contribuido em cousa alguma para isso, pois que não se uniam aos Bângalas nem com outros povos para contrariarem as ordens de Muene Puto.

Já se vê respondi a contental-os d'algum modo, prometendo ir vêr o Cuango, e então combinar com elles o logar em que se devia estabelecer o posto.

Em consequencia d'um resfriamento que apanhei na madrugada de 24, andando a abrir uma estrada por entre a floresta para o sul, adoeci, mas logo com gravidade e tolhido de dores rheumaticas na cabeça; mas não obstante isso,

---

<sup>1</sup> O Cui era o jaga Andalla Quissúa, a quem elle quiz disputar o cargo pela força de armas em 1894.

teimava em trabalhar á carteira, e esclarecendo o pessoal dirigente no que desejava se fosse fazendo de preferencia.

Chegou na noite d'esse dia o correio, que me contrariou, tanto a correspondencia official como particular, e mais agravou o meu estado de saude.

Em Loanda corriam os boatos mais disparatados, que a nós tão descansados em Ferreira de Almeida, não nos era dado imaginar, — sobre as difficuldades em que se encontrava a expedição com os Cassanges, em virtude das quaes, o Governador geral, sem esperar noticias minhas d'aqui, prestando attenção a um homem, a quem eu já tivera occasião de elogiar pelo seu passado, Custodio Machado, mas que, nos ultimos 5 annos, por se ver supplantado pelo commercio em Malange, se tornára um discolo, bastante impertinente; — sempre conflictoso com todos e inconsciente no que escrevia, bazeado nos esclarecimentos praticos de seu irmão Saturnino, cujas faculdades intellectuaes estavam aliás bastante abaladas, devido aos infortunios soffridos em muitos annos de sua vida no sertão; prestando attenção, repito, áquelle e a este, e tambem a 2 ou 3 individuos com pretensões a conhecerem o passado dos Bângalas, mas a modo d'elles; estava fazendo preparativos d'uma expedição militar contra Cassange, já organisando ambulancias de saude, e uma companhia de guerra de marinheiros, já mandando chamar para Loanda o esquadrão de Mossamedes, já fazendo completar o batalhão de caçadores n.º 2, já emfim requisitando ao Ministerio dos Negocios do Ultramar, officiaes e sargentos do exercito do reino; e dispondo-se elle a tomar o commando das operações!

Quanto senti que a linha telegraphica não estivesse prompta a funcionar, ao menos de Malange a Loanda, para res-

tabelecer a tranquillidade dos animos realmente desassoce-  
gados!

Pondo de parte o que era da correspondencia particular, limito-me a transcrever as respostas aos tres officios que recebi n'esse correio, devendo dizer que eram suas datas de 7 e 9 de março, ainda eu estava em Pungo-Andongo, poucos dias depois da minha partida do Dondo, quando d'aqui eu officiara, acreditar exaggerado o que se dizia dos Bângalas e do Quella, e que informaria, d'este ultimo ponto, o governo geral, se fossem necessarias outras providencias alem d'aquellas que do Dondo pedira.

Não dou publicidade aos officios do governo, primeiro, porque não os tenho, e segundo, porque ainda que os tivesse seria necessaria authorisação para os publicar, o que não pedi; mas pelas minutas das respostas subentende-se o texto d'aquelles:

«Respondendo ao officio de 7 do corrente da Secretaria do Governo geral n.º 111 da secção civil, 3.ª Repartição, asseguro a V. Ex.ª que acato e respeito sempre as ordens dimanadas superiormente e no caso sujeito muito principalmente o determinado por V. Ex.ª

«Permitta porém Ex.º Sr., algumas considerações sobre os diversos assumptos de que trata o referido officio, visto que não desmereci a confiança, como V. Ex.ª diz, do sr. ministro <sup>1</sup> e de V. Ex.ª, pois bastava só esta, que im-

---

<sup>1</sup> Um mez depois era demittido *rudemente* pelo telegrapho prejudicando-se o que estava feito, ao mesmo tempo que inutilmente se principiava a esbanjar o que deixei em depositos e se principiou a despende sem necessidade e resultados proficuos, mais de 200 contos de réis por anno.

portaria para mim, um unico caminho a seguir ; pedir a minha substituição.

«Nunca tive em vista a occupação de Cassange, porque esta acreditou-se estar feita, e de novo, pelo menos desde 1883, e assim consta por diversos documentos publicados d'então para cá nos Boletins officiaes da Provincia.

«Tratava unicamente da Lunda, cuja organização do districto me foi confiada pelo governo de Sua Magestade, e na conformidade das minhas instrucções, isto é, depois de estabelecida com segurança a minha base de operações entre a villa de Malange e rio Cuango, onde, em 1884, effectuei a sua passagem; e, n'este sentido, caminhava, sem que, até agora, tenha sido embaraçado pelos povos, entre os quaes hei transitado, nem tivesse a receiar algum desastre, confiando que este só podia dar-se, quando por ventura, menos pensadamente qualquer questão fosse promovida pelos individuos da classe inferior que fazem parte da expedição a meu cargo; e não estando nós em circumstancias de recursos para castigar qualquer rebellião.

«Não tenho até agora avançado alem Cuango porque esperava a lancha a vapor e o mez de maio para organizar a expedição de carregadores, pois de maio em diante é a epocha propria para viagens atravez o sertão a leste d'aquelle rio, por conseguinte a nossa situação na Lunda, continua no *statu quo* em que a deixou o capitão Simão Candido Sarmiento, e não ha motivos que justifiquem se recue; um dos alvitres que a V. Ex.<sup>a</sup> occorreu.

«Os postos até ao Cuango vão ser agora por mim visitados, e quando reconheça não seguros alguns, os farei supprimir sem dezaire, e recolherão as forças, como V. Ex.<sup>a</sup> determina, a este posto Ferreira de Almeida, onde, em 3

mezes, devido ao muito zelo e grande vontade do major João Ernesto Henriques de Castro, se tem feito construcções, que n'este meio, se podem dizer de grande importancia.

«No plano de trabalhos que lhe deixei esboçado, foi elle, na execução, muito alem do que era de esperar, e sinto não ter ainda aqui o material photographico, pois V. Ex.<sup>a</sup> reconheceria do merecimento dos louvores que lhe cabem.

«Dá V. Ex.<sup>a</sup> agora, preferencia a tornar-se effectivo o nosso dominio em Cassange, a-seguir na senda que trilhei, indicada nas instrucções do Sr. Ministro. suppondo imprescindivel esse dominio para as occupações a fazer na Lunda.

«Em boa verdade eu tencionava fazer estas, pouco me importando com Cassange; mas reconheço, attendendo aos boatos que se teem feito correr, que é conveniente pôr este posto Ferreira de Almeida em situação de resistir a qualquer ataque, ou mesmo cêrco, e tambem de receber novas forças, para o caso de, por Cassange, nos ser declarada a guerra, o que não acredito, ou de ser necessario fazel-a para se tornar effectivo ahi o nosso dominio, como V. Ex.<sup>a</sup> agora me determina.

«Por economia diz-me V. Ex.<sup>a</sup> que não vem a lancha a vapor, e decerto V. Ex.<sup>a</sup> se refere ao seu transporte por terra, do Dondo até esta villa, e sobre este ponto peço a V. Ex.<sup>a</sup> me permitta dizer que, sendo importante a sua vinda mesmo para o caso de guerra a Cassange, talvez fosse menos dispendioso ella seguir pelo Zaire; pois se foi a sua construcção a proposta por mim, typo do *Peace*, hoje do Estado Independente, ella, salvo as quedas d'agua, entra perfeitamente pelo Cúa no Cuango, subirá até ao 4°,35, tendo então de ser transportada por terra, apenas 50 kilometros, pois no 5°,05, torna a ter navegação, podendo continuar a subir pelo

affluente Cambo, até proximo ao logar d'este posto, onde eu contava fazel-a montar para rapida e economica communição com a circumscripção do Cuango, na fronteira ao norte.

«Não conheço do seu pezo e da sua divisão em volumes e por isso não posso asseverar se será preferivel o que digo quanto ao seu transporte; em todo o caso com franqueza digo a V. Ex.<sup>a</sup> faz muita falta não vir a lancha e muito vae perder de merecimento a occupação do novo districto.

«Em Loanda, conferenciando com V. Ex.<sup>a</sup>, reconheci a urgencia de economia pelas difficuldades com que está lutando a provincia, e por isso me limitei no Dondo, a pedir só carregadores, e quando cheguei a Malange fiz encerrar as contas de despezas feitas na minha ausencia, continuando apenas com as extraordinarias de fornecimentos de generos, cuja arrematação ficou dependente da approvação de V. Ex.<sup>a</sup> o que se fez visto a falta da venda d'elles n'este posto, o que, por alguns dias, collocou a nossa população, já superior a quinhentas pessoas n'uma situação mui critica.

«Foi de effeito a primeira remessa, porque 2 dias depois já appareceram alguns vendilhões, ainda que não em quantidade a satisfazer, como ainda hoje não vem, sendo o motivo as senzallas visinhas irem desfalcando-se muito das suas provisões.

«A despeza portanto pouco excede a conhecida por V. Ex.<sup>a</sup> e quando aqui cheguem todas as cargas, *por tres annos*, estou convencido, não ha necessidade de recorrer ao cofre da provincia, a não ser para pagamento mensal dos vencimentos dos empregados e força militar do districto.

«Conto ainda em Malange a despeza forçada com rendas de casa para o deposito, interposto, que ali tem sempre de

existir e sob a fiscalização do chefe do Concelho, por não ter empregado de fazenda habilitado, visto o commissario da armada Loureiro da Fonseca ter seguido com licença da Junta para Lisboa.

«Acredita V. Ex.<sup>a</sup> que me preocupou, e é certo ainda me está preocupando e muito, a questão das cargas que vieram no India, e que até agora não chegaram a Malange, porque n'estas vem o essencial de material para trabalhos, ferramentas, ferragens, tintas, tudo o que julguei indispensavel para o expediente da secretaria e de escola, mobílias, e emfim o que respeita a capella e officinas, que já com vantagem teria montado, pelo menos casões de alfaiates e sapateiros, sem me importar já o rancho; tendo tido necessidade, por vezes, como já fiz sciente a V. Ex.<sup>a</sup>, de fazer aquisição de alguns artigos, aliás nem a V. Ex.<sup>a</sup> me podia dirigir por escripto, nem tão pouco registrar as despezas feitas em pagamentos com fazendas ha 3 mezes, moeda com que aqui se pôde manter todo o pessoal e companhia de guerra, cujos vencimentos, por falta de impressos, que só agora chegaram, não foram pedidos á Repartição de Fazenda Provincial.

«Mas se as cargas me preocuparam e muito, e me obrigou a ir d'aqui a Loanda fallar a V. Ex.<sup>a</sup> para sairem da alfandega, creia tambem V. Ex.<sup>a</sup> que só d'aqui sahi depois de tudo deixar delineado a fazer-se, e de Malange para este posto, então uma floresta cerrada, ter enviado os necessarios recursos para alimentação do pessoal europeu e indigena, bem como as indispensaveis ferramentas e instrumentos para o desbaste da floresta e aproveitamento das suas boas madeiras nas construcções.

«Disponha-me agora a seguir na minha tarefa, pois se

muito se tem feito, do que dou conta a V. Ex.<sup>a</sup> no relatório referente ao fim do corrente mez, muito ha ainda a fazer para me estabelecer definitivamente na Lunda; porém recommendando-me V. Ex.<sup>a</sup> como *questão principal a liquidar, a de Cassange*, — obedeco; tratarei d'esta sem deixar esquecida a da Lunda, e com respeito ao plano do caminho que temos a seguir, visto *a confiança que V. Ex.<sup>a</sup> deposita em mim*, peço licença para reservar por alguns dias este assumpto, pois preciso de mais alguns esclarecimentos do que os que possuo.

«Lembro desde já a V. Ex.<sup>a</sup>, como impreterivel necessidade, que se active a construcção da linha telegraphica do Dondo a Malange, atacada como está, sem grande dispendio para a fazenda, no Dondo, Pungo Andongo e Malange, em que trabalha uma parte do pessoal do districto, soldados moveis cedidos pelos chefes dos concelhos, sendo uma grande porção dos postes fornecidos por alguns proprietarios nos logares em que rareiam as arvores.

«A linha telephonica já vem dirigindo-se para aqui do Quissolli, e d'aqui vae principiar ao seu encontro aproveitando a grande floresta até ao posto Candido Sarmiento em N'dalla Qinguângua, n'uma extensão pouco mais ou menos de 40 kilometros; e assim em pouco tempo, por intermedio do chefe de Malange, poderei estar em communicação d'este posto com V. Ex.<sup>a</sup> em Loanda.

«Quanto a virem da metropole officiaes e officiaes inferiores para aqui, como prevenção no caso de ser necessario fazer a guerra a Cassange, peço a V. Ex.<sup>a</sup> licença para dizer que me apavora a despeza com um tal pessoal, e sobretudo as desigualdades que vão dar-se, olhando para as circumstancias muito precarias em que estão vivendo aqui, os

officiaes e officiaes inferiores da provincia, não menos aptos e não menos corajosos no desempenho dos seus cargos, mesmo em caso de guerra.

«Sujeitar-se-hão esses officiaes e sargentos a coadjuvarem nos, continuando no desbravar da floresta? construcção de abrigos para moradias? na lavoura e outros trabalhos?

«A differença do meio e as influencias do solo que pela primeira vez é cavado não os prostrará?

«Será para elles concedido transporte para o seu rancho de generos europeus? Virá então um medico?

«Quanto custarão todos os cuidados de que se farão acompanhar esses officiaes e officiaes inferiores?

«Creia V. Ex.<sup>a</sup>, em tudo isto de ha muito penso, e só quereria que elles viessem quando eu me encontrasse aqui em condições mais desafogadas, isto é, quando pudesse proporcionar-lhes recursos que lhes permitisse lutar, n'este meio, mais facilmente pela vida.

«Os que cá estamos, officiaes, soldados e empregados civis, além dos serviços que nos são familiares, ainda nos dedicamos aos de construcções e de lavoura. E virão elles dispostos ao mesmo? Poderão fazel-o, e sujeitar-se-hão á nossa parca alimentação? Sendo assim que venham, e quantos mais, melhor.

«Quando as cousas de Cassange venham a tomar algum credito, se vir que o genio irrequieto d'aquelles povos os anima á audacia de sairem do seu territorio (o que seria a primeira vez) para nos atacarem sem provocação, — como me posso manter por algum tempo ná defensiva, serei o primeiro a pedir esse socorro, mas então não é só d'elles, tambem de soldados europeus.

«Em outro officio, respondendo ao questionario que me

foi dirigido na mesma data, eu direi a minha opinião sobre a necessidade da guerra a Cassange, quando estejamos em condições de bons recursos.

«Desculpe V. Ex.<sup>a</sup> a redacção que não pode ser boa, devido á pressa, falta de commodidades e de saude com que estou escrevendo.—Ferreira de Almeida, 25 de Março de 1896.»

«Devendo responder ao officio urgente n.º 110 da 2.<sup>a</sup> repartição da secção civil da secretaria do governo geral, em que se me pede informações sobre diversos quesitos; por que acabo de responder ao officio n.º 111 da 3.<sup>a</sup> repartição da mesma secção, ao meu espirito acode como necessidade impreterível, antes de tudo, satisfazer, como questão previa, ao questionario seguinte: *Para dominarmos de facto, nas terras dos Cassanges, é indispensavel sujeitar estes pela força das armas? isto é, reconquistal-os por uma guerra, vingando assim as atrocidades por seus antecessores praticadas contra o teuento coronel Casal e as forças sob o seu commando?*

«Não querendo confiar em mim, embora conhecesse a opinião geral, principalmente do commercio desde Loanda até Malange, em todo o districto de Loanda; reuni os officiaes que me acompanham, bastante praticos, os srs. major Henriques de Castro, tenente Cesar d'Araujo, commandante da companhia de guerra, e alferes da mesma Almeida e Sousa, que todos comigo foram unanimes, que não faltam motivos que justifiquem a necessidade urgente de se fazer guerra aos Cassanges, *para que em suas terras se possa exercer com facilidade a nossa soberania*; e que, do bom resultado d'essa guerra, depende grande beneficio para a provincia; pois cas-

tigados aquelles povos rebeldes, os visinhos a oeste e leste do Cuango se submetterão immediatamente e se facilitam as transacções commerciaes com os povos do sertão da Lunda, até agora sujeitos á mediação dos Cassanges, que muito tem abusado d'aquelles povos e dos aviados dos nossos estabelecimentos commerciaes.

«Mas, Ex.<sup>mo</sup> Sr., é tambem opinião nossa, que essa guerra só pode ter bom resultado quando n'ella tomem parte tropas europêas, isto é, quando venha da metropole um batalhão de infantaria, uma ou duas baterias d'artilheria, dois pelotões de cavallaria, sendo as montadas, muares, uma secção de administração militar, e pelo menos um official do corpo do Estado Maior.

«Basta esta força europêa, coadjuvada por um batalhão da provincia e companhias moveis dos Concelhos de Malange, Ambaca, Cambambe e Duque, para não faltarem forças auxiliares, que apoiadas por aquellas, a seu modo, serão então as primeiras a avançar e fazer fogo, principalmente dos sobados de Malange e Ambaca, que de ha muito odeiam os Cassanges.

«Creio bem que vindo aquella força da metropole, não se demorando em Loanda, e seguindo immediatamente parte, a infantaria pelo caminho de ferro á sua ultima estação, o restante cavallaria, artilheria e carros d'administração pelo Cuanza ao Dondo, (hoje diria toda pelo caminho de ferro); e d'aquelles pontos marcharem logo para Malange, aqui chegarão com dez etapes, podendo, apoz um descanso regular de 3 dias, tomar as disposições necessarias para operar contra Cassange.

«Julgamos conveniente que parte avance de Malange pelo Sanza e Songos para entrar pelo sul d'aquelle paiz, e outra

parte venha para esta villa — Ferreira de Almeida, que pelo Chiça ou por Cafuxi avançará, batendo logo o Luango e Cahange, continuando a bater os povos que se seguem, convergindo sobre o centro, ou direi melhor sobre o coração das terras dos Cassanges, assegurando as retiradas quer para sul quer para oeste.

«Os auxiliares explanarão com vantagem os caminhos traçados, sendo apoiados pelas forças de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> linhas da provincia, protegidas estas pela força europêa em que a cavallaria e artilheria têm um importante papel a desempenhar mesmo de longe.

«Era de vantagem a lancha no rio Cuango, devidamente armada, para passagem de tropas para a margem direita, porque será o rio o recurso para fuga dos Cassanges, os quaes convem inutilisar mesmo ahi, para não se tornarem com o tempo os amotinadores dos povos da Lunda.

«Tudo isto se effectuará, e é uma acção decisiva, em 3 mezes na epocha competente, depois das tropas metropolitanas chegarem a Malange.

«Não ha exaggero, creia V. Ex.<sup>a</sup>, em 6 mezes as tropas que sairem de Lisboa, o que deve ser até maio, ahi terão regressado e não será grande a despeza. E esta seria bem compensada pelo maior desenvolvimento que terá de seguida o commercio da provincia, e tornar-se-ha Cassange, como disse o fallecido pae de V. Ex.<sup>a</sup>, depois das suas victorias ali, as ultimas que tivemos,— o emporio de todo o commercio da Lunda, lá voltarão a estabelecer-se feitorias commerciaes, mas agora com garantias de segurança e de que é efficaz a acção da nossa auctoridade.

«Posto isto vou dizer a V. Ex.<sup>a</sup>, o que é do meu conhecimento quanto aos quesitos a responder :

1.º Em Malange não ha alojamentos, mas não é difficil de prompto construil-os ao uso da terra;

2.º Creio ser possivel alugar casas em que se possam alojar 20 officiaes não bem accomodados;

3.º Para 30 praças e montadas promptamente se fará em Malange ou n'este posto 2 ou 4 barracões;

4.º As construcções, moradias ao uso do indigena podem regular de 20 a 30 mil réis, sendo a area de  $8 \times 5$  metros, e fazem-se em 8 dias;

5.º É indispensavel trazerem barracas, dispensa as construcções acima para permanencia, o unico meio d'abrigo que podem ter em marcha, em todo o itinerario até Cassange e n'este paiz;

6.º São muito irregulares os caminhos, salvo em alguns logares do Dondo, ou Ambaca a Malange, mas por elles transita cavallaria, e com difficuldade artilheria tirada por muares;

7.º Não se pode contar em Cassange com recursos de qualidade alguma, pois quando ahi se entre, tudo estará inutilizado, constando-me existir agora boas lavras de mandioca, feijão, milho e jinguba, e tambem que se contam boas manadas de gado bovino, tendo sal em abundancia;

8.º Em Malange é possivel, por algum tempo, obterem-se mantimentos, recorrendo-se, como agora, á Jinga e outros logares, sobados avassallados.

«Satisfeitos estes quesitos, cumpre-me agora dizer a V. Ex.ª, que tropas vindas do reino devem fazer-se acompanhar dos viveres a que estão habitudas, pelo menos para tres mezes, e estes poderão ser transportados por soldados da guerra preta, para esse fim chamadas com antecedencia, que para tal serviço e transporte de munições de

guerra, e mesmo bagagem de tropas européas, se não recusarão; mas acreditamos preferível serem todos os transportes feitos pela administração militar nas suas viaturas.

Para se fazer a guerra, o tempo mais proprio e favoravel a tropas européas são os mezes de junho a outubro, devendo essas tropas desembarcar em Loanda no mez de maio.— Ferreira de Almeida, 26 de Março de 1896.»

«Determinando V. Ex.<sup>a</sup> que lhe apresente um plano do caminho que devemos seguir para se estabelecer um effectivo dominio em Cassange, e no presupposto que sem este seria sempre instavel a nossa situação na Lunda, devo já dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que é erroneo o *presupposto* e devido a informações que estão muito longe de merecer confiança.

«Nunca os Cassanges nos incommodaram na Lunda, muito principalmente depois de 1884, em que, quasi sem interrupção até agora, em alguns pontos se mantêm hasteada a bandeira nacional, vigiada apenas por alguns soldados, e onde têm residido por vezes europeus.

«Os Cassanges o que têm procurado, depois das desastrosas guerras de 1861 a 1863, conhecidas pelas do tenente coronel Casal, é sustentarem-se nas suas terras como independentes, livres do convívio europeu, suppondo sempre que nós temos a vingar aquella victima e os trucidamentos e perseguições ás forças sob o seu commando. Os Cassanges o que não querem é auctoridade européa, apoiada com as devidas forças, nas suas terras, porque não querem sujeitar-se como os sobas avassallados a pagar impostos, nem tão pouco serem obrigados a apresentar os seus filhos para soldados, para serviço de carros e para limpeza dos caminhos.

«Esta é a verdade; e a prova é não se importarem que

entre elles esteja um filho de Angola, da sua mesma côr, representando a auctoridade portugueza, mas sem recurso de força, para elles sendo considerado, apenas, um negociante, chefe da feira que de ha muito não existe.

«Preciso dizer estas cousas, porque eu tenho uma grande responsabilidade pelos escriptos sobre o assumpto, officiaes e particulares, a que tenho dado publicidade, e tambem pelo que tenho dito em conferencias.

«Julgo de grande necessidade aos interesses da provincia e aos do districto da Lunda que se torne effectivo o nosso dominio em Cassange, pois que, em vez d'um só caminho pelo seu norte para a Lunda por onde tenho de seguir e por mim explorado, podemos ter diversos atravez as terras de Cassange; e, para ir para Muéne Quimbundo, onde se me afigura melhor logar para a capital do novo districto, escusado será ir ao norte para marginar o rio Quicapa para sul. Iriamos directamente de Malange pelo Sanza, Songos e Minungos para lá, itinerario que, ainda em 1882, se conseguia seguir para aquelle sitio, o das antigas caravanas commerciaes, abandonado depois pelos assaltos dos Quiocos.

«Mas porque esta necessidade se sente, eu não posso deixar de asseverar que a occupação da Lunda não está dependente da effectiva occupação de Cassange. Repito: nem Cassanges nem povos alguns se apresentaram a oppôr-se á nossa passagem para a Lunda.

«A acceitar-se como principio um tal *presupposto*, devia ser consideração primordial a occupação effectiva de Cassange como trabalho preparatorio; e este se devia ter executado, antes de se decretar a occupação da Lunda.

«De mais sabe V. Ex.<sup>a</sup> que não é de agora o que se está apontando como rebellião dos Cassanges; de há muito,

principalmente de 1891 para cá, que as comitivas de commercio quer dos Cassanges (Bângalas), quer dos Bondos, quer dos Ambaquistas e d'outros povos, áquem e além Cuango, soffriam roubos e mesmo saques á mão armada; vendo-se isto reciprocamente entre esses diversos povos, com as comitivas differentes entre si, como *pena de Talião*, embora recahindo em extranhos. Mas ha mais; os chefes que ultimamente teem estado em Cassange, Vandunem e o actual, podem informar que a sua auctoridade foi sempre, mais ou menos, desacatada, se desacatos se estão dando agora.

«Os factos que hoje se apontam não são novidades. O commercio facilmente os esquece, porque entregue ás suas operações, o que mais os interessa, quando estas escasseiam quer procurar a causa, e agora affigura-se-lhe ser a falta que sente, devido aos trabalhos da base que estamos constituindo e com felicidade, para a occupação da Lunda. Esquece que passava d'um anno quando cheguei a Malange e ja estavam fechados os caminhos mais frequentados pelas comitivas de borracha, do Chiça e Marimba Angombe, do Luango e Cahange, e tambem o de Cafuxi e N'dalla Quinguângua; e todos para Cassange.

«Mas V. Ex.<sup>a</sup> deve recordar-se que no mez de janeiro do anno passado, o ex-chefe do Concelho, o major Castro se viu forçado a pedir auctorisação para ir, com uma respeitavel força armada até Cafuxi, afim de conseguir abrir os caminhos ao commercio; o que fez entre os Bondos, não podendo ir até Cahange por falta de recursos.

«Querendo pôr termo a estas considerações, direi ainda a V. Ex.<sup>a</sup> que é certo que a nossa base de operações, de Malange ao Cuango, ponto mais forte, Ferreira de Almeida está influenciando muito na passagem das comitivas do com-

mercio de borracha para o districto de Loanda, e principalmente N'dalla Tando póde attestal-o pelas suas estatisticas.

«As minhas instrucções mostram bem claramente que, para a occupação da Lunda, eu tenho de caminhar vagarosa e cautelosamenté, como estou procedendo; que era plano do governo preparar aqui, entre a villa de Malange e Cuango, região dos Bondos, por excellencia agricola, nucleos de colonias agricolas indigenas, e com o tempo tambem européas; que devo influir entre os europeus para se dedicarem á exploração dos melhores terrenos pela fazenda, plantações de sacharina, café e outras, não esquecendo as do consumo local, o que tudo se está iniciando.

«Tencionava agora seguir, em fins de maio, para as terras da Lunda, tratar com os potentados que ali conheço, Xinges, Lundas e Quiocos, para em seus sitios ir procedendo da mesma fórma como estou procedendo aqui, cuidando da lavoura ao mesmo tempo que se tratasse das construcções de moradias e repartições indispensaveis.

«São estes os traços geraes do plano que estava executando, do conhecimento da direcção do Ultramar, como é indicado nas minhas instrucções e proseguirei a observalo se V. Ex.<sup>a</sup> não determinar o contrario.

«Em Loanda pedi a V. Ex.<sup>a</sup> instrucções, e cumpril-as é um dos meus deveres, mesmo imposto nas que me foram confiadas pelo Ex.<sup>mo</sup> Ministro, e essas em interesse da provincia têm preferencia, não sendo proteladas aquellas.

«Apenas serei ainda mais vagaroso com respeito á Lunda, e gostosamente passo a cumprir as de V. Ex.<sup>a</sup>, e o plano que se me affigura deve ser seguido, para se tornar effectiva o nossa soberania em Cassange, reduz-se ainda hoje, a esclarecer o que já disse no officio anterior a este.

«Aqui, Ferreira de Almeida, estou concentrando as forças que V. Ex.<sup>a</sup> tem posto á minha disposição em Malange, e estou reunindo em 2 bons armazens, construidos de proposito, que teem a capacidade 20×6 metros e a altura menor de parede 4<sup>m</sup>, todas as munições do material de guerra e de bocca que estão chegando diariamente.

«A metralhadora que foi ao Libollo está montada e já foi experimentada com bom resultado. As cinco boccas de fogo que chegaram estão devidamente montadas, e a limpeza tanto d'estas como d'aquella, tem estado felizmente ao cuidado do 2.<sup>o</sup> grumete que veiu para o serviço da lancha. Estabeleceu-se uma carreira de tiro para exercicios praticos das companhias moveis e tambem do pessoal superior militar e civil.

«Não obstante estes recursos de que já disponho, por as praças não estarem devidamente educadas a d'elles uzar, entendo deprudencia conservar-me na defensiva, e affigura-se-me possivel manter-me por algum tempo, mesmo que os Cassanges, do que ainda duvido, tenham a audacia de tentar atacar-nos.

«Determinando V. Ex.<sup>a</sup> que se faça a guerra a Cassange, tambem julgo poder manter-me até á chegada das tropas e munições europêas, para esse fim, que, repito, devem ser em parte europêas, e devem aqui chegar em junho, o tempo mais proprio, tempo fresco, em que os rios estão baixos e os caminhos limpos de capim.

«Não é exigencia; é uma necessidade ser parte da columna composta de tropas europêas. na força indicada. O arrojo dos Cassanges consiste exactamente em suppor que os Angolenses fogem d'elles, e que as armas actuaes nas mãos d'estes, não teem mais valor que as antigas de peder-

neira com que foram atacados, e de que, ainda, cantam victoria.

«Não receio asseverar a V. Ex.<sup>a</sup> que não é grande a despesa com a vinda de tropas europêas; e mais, que a sua acção será rapida e decisiva.

«Chego mesmo a convencer-me que a chegada d'essas tropas a Malange e aqui, será o bastante ou para os Cas-sanges se submeterem e seguirão mesmo a Loanda á presença de V. Ex.<sup>a</sup>, rogando não lhes faça guerra, ou tratarão de fugir para leste do Cuango, quando tenham a certeza que a columna avança em direcção a Talla Mugongo.

«As praças que aqui tenho estão construindo habitações em condicções muito razoaveis, que podem servir para as tropas europêas; mas não devem estas deixar de trazer tendas e barracas proprias.

«Lembrei uma secção de administração militar por causa dos viveres, mantimentos proprios para essas tropas que se não habituam facilmente aos de que se pôde dispôr n'este meio; pois até sal teem de trazer, bem como o necessario para fabrico de pão. Mas esses viveres basta que venham para tres mezes.

«As forças, como disse a V. Ex.<sup>a</sup> podem ser divididas em duas columnas. uma partindo de Malange e outra d'esta villa; mas talvez convenha uma terceira para operar na margem direita do Cuango, o que, um official d'Estado Maior que venha, melhor pôde ajuizar de tal parecer, fazendo o respectivo reconhecimento do terreno, o que urge fazer á falta de carta de confiança.

«Para de prompto, creio ter respondido á parte que respeita ao plano que V. Ex.<sup>a</sup> me determinou descrevesse, quer com respeito á occupação da Lunda, quer no caso de

guerra a Cassange. Mas quanto a este ultimo, melhor informado, prestarei mais esclarecimentos a V. Ex.<sup>a</sup>.

«O meu estado de saude não é bom, e por isso rogo a V. Ex.<sup>a</sup> me desculpe as faltas que decerto encontro n'esta rapida exposição. — Ferreira de Almeida 29 de março de 1896.»

Era tão grave o meu estado de saude, que entenderam, o major Castro e o pessoal superior de Ferreira de Almeida, fazer-me immediatamente transportar para Malange, n'uma typoia, devidamente acompanhado por 2 amigos, e sem que eu dêsse accôrdo de mim durante cinco dias, ali cheguei, prohibindo o doutor Carlos Vaz que entrassem no meu quarto pessoas extranhas á familia. Sobretudo o que mais aggravava o meu estado, além das dores rheumaticas na cabeça, era um esfalfamento devido ás minhas continuadas viagens, de um para o outro lado, em cinco mezes successivos.

Só em 20 de abril entrei em franca convalescença, e principiei logo, em trabalhos de gabinete, tratando do segundo relatorio trimestral e de completar informações ainda sobre os officios do Governador geral com respeito a Cassange, que deu logar á exposição que se segue.

Em additamento aos meus officios anteriores sobre a importante questão de Cassange, posso hoje prestar a V. Ex.<sup>a</sup> mais alguns esclarecimentos.

«Antes de tudo recomendo a V. Ex.<sup>a</sup> a leitura nos Boletins officiaes da Provincia n.º 36 a 39, anno 1863, do relatorio do capitão Antonio Maria Ribeiro, <sup>1</sup> ácerca do Sanza,

---

<sup>1</sup> Pagina 221 a 236.

ponto escolhido pelo governador do Golungo Alto, Theotonio Maria Coelho Borges, para apoio da divisão que sob o seu commando devia operar sobre Cassange.

«Como V. Ex.<sup>a</sup> não ignora, n'essa epocha governava a provincia o nosso benemerito e valente almirante José Baptista de Andrade, e creio que por determinação sua, se fortificou, embora passageiramente, a villa de Malange, <sup>1</sup> obras de que se vêem ainda ruinas; e se concentraram na villa forças de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> linha em quantidade, estando todos os sobados avassallados em armas, promptos á primeira voz a reunirem-se ás tropas regulares.

«O fim então era castigar os rebeldes Cassanges que, traiçoeiramente assassinaram o tenente coronel Cazal e perseguiram as suas tropas irregulares, trucidando os que d'ellas faziam parte e isoladamente encontravam procurando refugiar-se.

«Quando se tratava dos preparativos para vingar a derrota soffrida pelos nossos, não sei que circumstancias se deram que obrigaram o Governador Baptista d'Andrade a fazer retirar todas as forças da villa de Malange; apparecendo em 26 de setembro de 1863 um acto de submissão do jaga de Cassange, e sendo louvado o Governador geral pela paz effectuada com o jaga <sup>2</sup> em portaria de 30 de abril de 1864.

«Permitta V. Ex.<sup>a</sup> apenas cite datas, pois o meu fim é só fazer sobresair estes factos de que melhor V. Ex.<sup>a</sup> terá

---

<sup>1</sup> As fortificações e reunião de forças em Malange principiaram no tempo do seu antecessor, o ministro e secretario de estado honorario, o general de divisão Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes.

<sup>2</sup> Conhece-se agora por esta *Memoria*, o que então em Malange não podia dizer, por não ter nem sequer os Boletins officiaes do tempo para consultar, a não ser um ou outro numero isolado, onde li os documentos que citei.

conhecimento, lendo os referidos documentos, ousando lembrar a V. Ex.<sup>a</sup> que não foi então vingada pela guerra a derrota das nossas armas, e que se tornou tradicional entre os Cassanges: *que Muene Puto do Calunga, (o Rei na metropole), conheceu que os Cassanges tiveram razão na guerra contra os seus filhos de Angola, que os queriam sempre roubar nas permutações que com elles faziam.*

«Para que elles assim tenham pensado, decerto concorreu uma portaria da occasião, em que são censurados alguns commerciantes a quem se attribuia a causa da rebelião dos Cassanges.

«O que nos ficou de bom nos preparativos de operações contra Cassange, foi o relatório do capitão Ribeiro sobre o Sanza, que muito esclarece sobre os caminhos a seguir n'aquelle paiz; e o que diz sobre o estado em que os encontrou, que ainda hoje se pôde asseverar, se não estão peores pelo abandono, estão no mesmo caso.

«Do itinerario dos nossos benemeritos exploradores Cappello e Ivens passando por Cassange, nas suas viagens ás *terras de Iacca*, eu fiz tirar a copia que junto, e n'esta marquei as coordenadas geographicas de N'dalla Quinguângua (posto Candido Sarmento, Quella (posto Ferreira de Almeida), Cafuxi (posto Ferreira do Amaral), e embora me pareça haver desaccordo entre logares marcados pelos exploradores, certamente devido ás más informações ou cartas anteriores, e os que conheço dos caminhos frequentados, todavia ainda esta copia me permite fazer sciente V. Ex.<sup>a</sup> de mais alguns esclarecimentos.

«O sobado Luango (Bondo) que, segundo os caminhos que dizem seguir os indigenas, julgo deve estar mais ao nordeste e proximo do rio Luii do que se apresenta na

carta, subordinado ao Lucalla, que n'esta não figura, e Cahange mais a leste do primeiro, são os que estão figurando ha tempo nos assaltos ás comitivas do commercio do interior para o oeste e ultimamente na apprehensão das malas do correio de Cassange para Malange e vice-versa, o que já em tempos tambem se fez.

«Se não posso designar com precisão, na carta, os logares de *Cahange* e *Lucalla* é certo que todos os frequentadores d'aquelles logares me informaram que são visinhos e obedecem ao *Cambollo ca N'gonga*, que vive em terras de Cassange, e que se diz descendente do afilhado do fallecido pae de V. Ex.<sup>a</sup>, que pertence a uma das tres familias distinctas de quem deve sair por seu turno, eleito o jaga de Cassange, praxe esta que tem deixado de ser observada alguns annos a esta parte, sendo certo que depois de 1885 não tem havido a precisa harmonia para se eleger um jaga.

«A partir do Cambo, (posto Salvador Corrêa), a oeste do posto Ferreira de Almeida, pouco mais de 30 kilometros, seguindo por nordeste (pouco mais ou menos) se faz caminho pelo Luango, Cahange e Cambollo, e póde ser um d'elles para operações contra Cassange.

«Porém á vista da carta e do que tenho exposto a V. Ex.<sup>a</sup> sobre charcos e terras pastosas a seguir de Malange por entre norte e leste, reconhece-se que se dá aqui o mesmo que diz o capitão Ribeiro com respeito aos caminhos do Sansa para Cassange, e sobretudo no que diz respeito á rios e pantanos.

«O rio Luiu, que em alguns logares se passa a váu na estação da secca, de julho a setembro, em outros mezes só se atravessa nos taes dongos, (canôas d'um só tronco) apresentando-se então na largura de 40 a 100 metros, o que,

para passagem de tropas, cavallos e viaturas, torna indispensavel uma secção de pontoneiros.

«Mas antes do Luiu, já no Lucalla para o Dondo ou em Ambaca, entre estes e o Cuanza e depois entre todos e o Cuango, na região dos Bondos e dos Cassanges principalmente, ha um grande numero d'affluentes d'uns e d'outros, que, em grande parte. precisarão de passagens sobre elles, que pôdem ser feitas e rapidamente, por quem tenha os necessarios conhecimentos, e ha mesmo necessidade para alguns de jangadas e de barcos portateis.

«Como V. Ex.<sup>a</sup> sabe, se ha difficuldades para a passagem de tropas europêas, devidamente municiaadas para uma guerra, entre a ultima estação do caminho de ferro ou do Dondo até Malange, mais ou menos uñs 170 kilometros, sendo logo a primeira o rio Lucalla e depois as lagoas Camonga, Lutéte, Lombe, etc., essas difficuldades são superiores d'aqui em deante; e tudo deve ser prevenido, com necessaria antecedencia para se vencerem, sem que essas tropas tenham de soffrêr da acção do clima e da falta de commodidades que não me canço de repetir, se deve procurar evitar aos europeus em viagem por estes sertões tão inhospitos e paludosos.

Para melhor comprehensão do que se segue são indispensaveis alguns esclarecimentos que se subentendem conhecidos, sem os quaes parece mutilada esta exposição.

O *Catalla ca Jinga*, um dos subditos do rei N'gola (hoje Jinga) estava havia tempo manifestando-se hostile ao rei, de quem pretendia considerar-se independente, caso este que não é mais do que a repetição do que tem succedido ha trinta annos, e está succedendo, entre os Quiocos, os Lundas, os Xinges (povos do Capenda) e Cassanges.

Todos estes povos tendem a voltar á primitiva; a subdividirem-se em pequenos estados independentes na sua administração interna e que se alliam para guerras segundo os interesses a auferir.

Em fins de fevereiro (1896), o Catalla tentou alcançar o apoio da nossa auctoridade, e usando da diplomacia propria do gentio, demonstra-se muito amigo dos Portuguezes, patenteando desejos de se avassallar ao nosso dominio, no intento de se crear na sua séde uma feira, onde fossem negociar os filhos de Muene Puto, e lá se estabelecer uma auctoridade subalterna do chefe do Concelho de Malange, com a competente força militar.

Quando regresssei de Loanda a Malange já o chefe estava em relações adeantadas com os macotas d'aquelle, para no seu sitio se estabelecer um posto, para o commando do qual estava nomeado o 1.º sargento cadete Montanha, rapaz novo que já tinha servido em Moçambique, e que em Malange nas escaramuças em que por vezes teve d'entrar, commandando forças contra povoações rebeldes, foi considerado pelos gentios de grande valentia — *Muxabata* —, e d'elles se tornou temido.

Seguiu elle depois com a sua expedição e uma pequena força, 20 praças, para a guarnição do posto que ia estabelecer, mas em Camâna, a 5 dias de marcha de Malange, em terras da Jinga, appareceu-lhe o potentado Camâna, grande do reino, dizendo-se irmão do rei, e instou para que estabelecesse ali o posto, por quanto o rei estava em primeiro lugar do que o Catalla que era escravo (inferior) d'elle; e como a conveniencia era de iniciar os postos de occupação pela Jinga e não se tendo dado desaire algum, antes ao contrario, foram todos muito bem recebidos, o cadete aguardou

as ordens do chefe, que annuiu a estabelecer n'aquelle logar o posto — *Godins*,— resolvendo quando fosse comigo á Jinga, irmos d'aquelle posto ao rei e tratarmos com elle do estabelecimento de outros, incluindo o de Catalla, evitando-se assim conflictos entre o rei e este por causa de preferencias.

O Camâna, Cambo cá Camâna, apresentou-se-me em Malange, vestido com grande uniforme de general, moderno e em bom estado, e com elle tinha combinado partir para a Jinga, do posto Ferreira d'Almeida, o que, por eu ter adoecido, não se effectuou, esperando-se estivesse em estado de empregar a viagem, ficando de o avisar com 2 dias de antecedencia.

O sitio d'elle é na margem do Cambo, na carta indicado com o nome de N'gola, a sul de Catalla ca Jinga, talvez por ser irmão do rei N'Gola.

N'este sitio, pois, ficou estabelecido o posto *Godins*, d'onde o cadete Montanha conseguiu fazer chegar as suas communicações directamente ao posto Ferreira d'Almeida. E, dito isto, prosigo na minha exposição ao Governador geral:

«Passo agora a dar conta a V. Ex.<sup>a</sup> do que é da actualidade:

«Pelo officio, cuja copia junto, dirigido pelo cadete Montanha, chefe do posto *Godins* no Cambo-ca-Camâna, Jinga, ao major Castro no posto Ferreira d'Almeida, terá conhecimento V. Ex.<sup>a</sup> dos boatos que já ali correm de os Bângalas (Cassanges) estarem procurando intrigar os Jingas contra nós, como se dizia o tinham tentado fazer com alguns sobas bondos.

«Nem eu nem o major Castro acreditamos que os Cas-

sanges estejam concentrando forças no Lue affluente do Luiu, como asseveraram ao cadete, proximo do Cambolloca-N'gonga, e o que pensamos a tal respeito é o seguinte:

«O chefe de Cassange, Crespo e Sousa, foi procurar o M'banza (soba) Lucalla, que, como já disse, exerce um tal ou qual dominio sobre o Cahange e o Luango, por causa dos roubos das malas do correio que lançaram aos rios e sobre o que estes potentados desejavam provar que eram alheios áquelle desacato.

«Quando conheceram da prohibição da venda da polvora e armas aos Bângalas, de principio alardeavam que se vingariam, mas vendo que se mantinha a prohibição tornaram-se receiosos d'um severo castigo da nossa parte e consideraram essa prohibição como inicio d'esse tal castigo; e levantado este bramo, principiaram a culpar-se uns aos outros, do que estivesse para succeder-lhes de mau, e chegaram á conclusão que seria melhor para elles indagar do chefe quaes eram as nossas intenções com respeito a Cassange.

«Promptificaram-se a dar guias ao chefe para fazer chegar o seu correio com segurança a Malange, pedindo-lhe que conhecesse das disposições de V. Ex.<sup>a</sup>, se tencionava fazer-lhes guerra e que do contrario, se interessasse o chefe para de novo lhes permittir comprarem polvora e armas para os seus negocios e festas do estylo.

«Como é da praxe, sendo aquelles sobas visinhos e desejando conhecer a resposta que terá o chefe de Cassange, ficaram reunidos com os seus macotas, na povoação do mais graduado, e com alguma gente armada que de costume os acompanha, mesmo no proprio sitio, quando vão d'um para outro lado, e, logo que tiverem conhecimento da resposta, retiram para as suas povoações.

«Tambem V. Ex.<sup>a</sup> notará, no officio do dito cadete, a referencia que elle faz a Muxabata, o jaga que os seus querem impôr, que está na povoação do Marimba N'gombe, que na carta está só *Marimba*, pouco mais ou menos na lat. 9º,50' e long. 17º,15' no Songo.

«Este Marimba é descendente do Marimba nosso affeioado a que se referiu no seu relatorio por vezes o citado capitão Ribeiro; e o Muxabata é o jaga de que fallei em tempo a V. Ex.<sup>a</sup>, que alguns maquitas ultimamente elegeram, mas que não chegou a tomar posse e anda fugido, procurando augmentar o seu partido, para se impôr aos contrarios, e ha quem assevere, que uma embaixada d'elle fôra o anno passado a Loanda solicitar de V. Ex.<sup>a</sup>, confirmasse a sua eleição, o que V. Ex.<sup>a</sup> lhes recusou, por ser aquella feita por uma pequena parte da população, versão que não sei se será a que conheço de 1887, com respeito ao antecessor de V. Ex.<sup>a</sup>, o sr. Conselheiro Guilherme Capello.

«Até nós, é certo, chegaram boatos que alguns M'banzas (senhores de povoação bângala) mandaram portadores a incitar Bondos e Jingas contra as nossas occupações; outros correram ainda, de divergencias já dos povos contra os chefes bângalas por estes blasonarem de se fazer guerras que não querem, pois preferem ir com os seus negocios aos estabelecimentos dos brancos seus antigos freguezes; ultimamente propala-se por Malange que alguns maquitas, descendentes de jagas, homens velhos, se quotisaram e enviaram uma embaixada pelo sul da Jinga, com 30 dentes de marfim, a um descendente do celebre Mendes de Ambaca,—que alguem me affirma residir nas immediações do Concelho de Malange, para elle influir com V. Ex.<sup>a</sup>, afim de lhes perdoar e não consentir que se lhes faça guerra.

«Sem duvida, as nossas installações em Ferreida d'Almeida, com o desenvolvimento que vão tendo, de que em outro officio dou conhecimento a V. Ex.<sup>a</sup>, e alguns postos devidamente occupados, teem feito acreditar aos Bângalas que nos estamos preparando para lhes fazer a guerra. As comitivas de commercio que veem de leste, pela disposição que dei a este posto Ferreira d'Almeida, são hoje obrigadas a passar pela praça Pinheiro Chagas e pela rua principal para o oeste.

«Todas ellas são bem recebidas, mas admirando o que se tem feito em tão pouco tempo, e as boccas de fogo na praça, naturalmente os chefes procuram indagar das nossas intencões, mostrando-se satisfeitos quando ficam sabendo que são as melhores possiveis com todos os povos.

«Varios sobas visinhos, a mais de 3 horas de marcha, frequentam o posto, trazendo os seus presentes que são remunerados, tendo-se estabelecido equivalencias, para se não dar a um mais do que a outro e não se admittindo exigencias.

«Quando as comitivas são capitaneadas por Ambaquistas ou por discipulos ou imitadores d'estes, ha sempre necessidade de os interrogar porque são estes individuos realmente os que forjam as intrigas contra os europeus e provocadores dos conflictos nos caminhos entre o gentio; e são de quilate, que chegando a asseverar que foram roubados, interrogados de novo, devidamente, dois ou tres, disseram ter feito o seu negocio e tudo trazerem, mas que os roubados eram outros seus patricios, que ainda estavam no interior fazendo as suas transacções, e diziam que tinham sido roubados, por ouvirem dizer.

«Os Bondos por emquanto não se teem deixado levar pelo incitamento dos Bângalas; alguns mesmo procuram

mostrar-se estranhos aos que propalaram a necessidade d'uma guerra para affastar os brancos, e outros dizem que se nós a levarmos a Cassange se collocarão a nosso lado; finalmente, entre elles, ha descontentamento e grandes divergencias, pela prohibição da venda da polvora e armas, attribuindo as culpas áquelles que fecharam os caminhos.

«Sobre esta prohibição, o 2.º sargento Palha de Carvalho, que tem prestado e está prestando bom serviço no seu posto — Guilherme Capello, além do rio Cuango, foi por mim encarregado de convencer os potentados seus visinhos, que essa prohibição teve logar por causa dos roubos feitos pelos Bondos e Bângalas, Hollos e Iongos, ás comitivas do commercio, sendo alguns praticados até nos supprimentos que lhe eram enviados pelo Governo.

«Deixo exposto a V. Ex.<sup>a</sup> o estado actual da questão, e decerto V. Ex.<sup>a</sup> nota que não é bom; estamos sempre receando que as cousas se compliquem por uma eventualidade qualquer, não obstante estar por mim muito recomendado evitarem-se, pela nossa parte, os conflictos.

«A V. Ex.<sup>a</sup> direi agora; se tentamos dominar em Cassange pela força, não só esta situação não pode continuar, mas tambem não devemos contentar-nos com uma paz como a de 1863, depois d'uma importante columna disposta a operar sobre Cassange, que retira de Malange sem a mais pequena demonstração offensiva contra o jagado.

«Para o commercio, para o desenvolvimento d'esta parte da provincia, e para as occupações que necessariamente temos de fazer entre os Jingas, Bondos, Cassanges, Hollos, Iongos, etc., quando se julgue indispensavel levar a guerra a Cassange,— esta só pode dar bom resultado, com tropas europêas, como disse a V. Ex.<sup>a</sup> Se agora, que os Bângalas

pensam que nos preparamos para isso, a não fizermos, ou se não os chamarmos á ordem por meios suasorios, o que creio poder fazer, no futuro não voltemos a pensar em lhe fazer a guerra, porque as consequencias serão peores.

«Não se pode admitir, é innegavel, que os Bângalas se imponham aos povos visinhos, dizendo sempre que nós europeus (brancos) não lhes fazemos guerra, porque Sua Magestade lhes dá razão, e as tropas de Angola não se atrevem a ir attacal-os depois das victorias sobre as forças do tenente coronel Casal.

«É indispensavel que Cassange seja por nós dominado e que se exerça ali devidamente a nossa soberania; não querendo com isto dizer, seja necessario que se faça primeiro a occupação de Cassange, para se levar a effeito a da Lunda.

«Creia V. Ex.<sup>a</sup> que esta minha opinião, não é de agora. N'uma conferencia na nossa Sociedade de Geographia de Lisboa, que corre impressa, se bem me lembra em 27 de dezembro de 1894, presidindo o Conselheiro Ferreira do Amaral, eu disse: ...a occupação de Cassange é uma necessidade; o nosso dominio ali é ephemero; e se na occasião lá mantemos um chefe, este só tem figurado nos documentos officiaes, e foi preciso que o nosso presidente, então governador d'Angola, por falta de recursos, se lembrasse de fazer d'um negociante um chefe, e este fosse filho d'Angola, pois europeu era duvidoso que o recebessem.

«Se nomeado governador do districto da Lunda, não lembrei a occupação de Cassange, é pelos motivos que já em outro officio expuz a V. Ex.<sup>a</sup>; seguia o meu antigo caminho para o Cuango, esperando que, mais tarde, os poderes publicos reconhecessem a necessidade d'aquella occupa-

ção, para termos maior numero de caminhos para o commercio com a Lunda.—Malange, 27 d'abril de 1896.»

Assignando este officio, muito debilitado ainda pelo excesso de trabalho a que me tinha entregado com afan, durante seis mezes, entre Loanda e Cuango, sem me importar com as pessimas condições do tempo n'aquelle meio, nunca podia suppôr que, na vespera, tinha sido exonerado do meu cargo por deixar de ter a confiança do sr. Ministro, o Conselheiro Jacintho Candido, quando um mez antes me asseverava o sr. Conselheiro Alvaro Ferreira que a tinha d'este e d'elle governador!

Muito me estava custando a teimosia de se fazer a guerra a Cassange; e quem estava contribuindo a influenciar nos animos para uma tal aventura, nunca lhe passou pela mente o que isso era, e como leval-a a effeito.

Só um ignorante, mas dos predestinados a terem quem os cerque de elogios por uma d'aquellas eventualidades que se deram na sua vida e lhes mereceram sympathias, que ficam como de tradição, e, permitta-se a expressão, que falle por fallar; é que pode lembrar-se que n'um repente, imitando os nossos passados, tudo se deve sacrificar por uma tal aventura; e porque é um inconsciente não lhe occorrem as consequencias, não pensa, não alcança mesmo apreciar das circumstancias que é preciso conhecer para levar a bom fim uma empreza de tanta magnitude, como é a de ir atacar um povo gentio no seu paiz, longe do litoral, cuja topographia se desconhece, para onde não ha guias de confiança, distante dos recursos de primeira necessidade e para os

quaes faltam transportes viaveis, e onde os caminhos são impraticaveis, até para o viandante em tempo de paz!

Confesso que desanimei; pois tendo envidado todos os esforços para não demorar o pessoal inactivo, a contar de Loanda, tendo andado constantemente para deante e para traz, a apressar o movimento de cargas, de que tanto carecia afim de ver o pessoal produzir, chegando mesmo a fatigar-me, auxiliando o movimento do material d'artilheria por tortuosos e accidentados caminhos; vendo já adiantados os trabalhos para animar a colonisação indigena e europêa entre Malange e Cuango, o que, com o tempo, e em boa paz, daria n'esse transito a segurança que é indispensavel ás comitivas de commercio para a Lunda, pois a norte do jagado Quissúa, nas margens do Luiu e d'ahi ao Cuango, é que se teem dado ultimamente os assaltos a essas comitivas; tendo finalmente tudo preparado para ir á Jinga e a Cassange, sem apparatus de força, e em boa harmonia com os potentados estabelecer os postos de occupação; estando já prevenido o pequeno pessoal e o destacamento que, em maio, devia partir comigo para Capenda ca Mulemba, a restabelecer o posto que lá existiu, fazendo-se d'aqui depois a irradiação dos postos pela Lunda; eis que recebo ordem para suspender a marcha e voltar a minha attenção para Cassange, afim de, pela força, se exercer ahi uma effectiva soberania!

Porque razão o governador geral que foi consultado, estando em Lisboa, sobre a occupação da Lunda, pelo nobre ministro, bem como o foram os seus illustrados antecessores, e anteriormente a Junta Consultiva do Ultramar, não informaram ser essencial, antes d'aquella, fazer-se a occupação de Cassange?

A minha missão era completamente alheia a essa occupa-

ção, que tudo fazia acreditar estar já feita; e se realmente os Cassanges (Bângalas) nunca nos manifestaram hostilidades, e se as faziam nas sédes dos concelhos, ou se praticaram actos de rebeldia contra o chefe de Talla Mugongo e seus correios, não era á minha expedição, *em missão de paz*, que lhe cumpria castigar essa rebeldia!

Esta expedição ia preparada, sim, para se defender, mas nunca para atacar; nem eu accitava a missão por esta forma; os meus já não poucos annos de serviço e de dedicação firme pelas colonias, e a minha idade, não se entregavam a aventuras cujos resultados previa, e sustento ainda hoje, seriam bem ephemeros.

Quanto a mim, repito o que tenho dito e escripto muitas vezes, é bem mais efficaz e melhor attrahir o gentio ao nosso convivio pelos bons exemplos, inculcar-lhes gosto pelo trabalho de que tirem proveito, e não permitir que se continue a illudil-os e defraudal-os; mas se havia castigo a applicar-se-lhe, pertencia isso a uma expedição especial, para esse fim devidamente preparada.

O governo geral, pela sua auctoridade e recursos de que podia dispôr, providenciasse como entendesse, sem perturbar a minha missão, inutilizando todos os esforços e sacrificios já feitos, a pretexto d'uma guerra que ha mais de 20 annos e em mira de maiores interesses, preoccupa o commerciante sertanejo, que suppoz opportuna a occasião para realisar os seus fins; pretexto que deu logar á ordem de parar onde estava, e mesmo de retirar postos occupados, contra a qual não podia reagir, como reagi, desde o começo, contra todos os conselhos que me apresentaram para affrouxar a minha actividade, e deixar de proseguir na tarefa que com tanto amor apprehendera, em interesse da provincia.

Mais me magoara o Governador geral querendo mostrar desconhecer qual era o plano de occupação da Lunda, pedindo-me lh'o communicasse, e tambem o que tivesse ou viesse a conceber sobre a occupação a Cassange, o que era determinação sua.

Emquanto a este não podia ainda ter nenhum, por não ter tal encargo; com respeito ao da Lunda, se S. Ex.<sup>a</sup> não teve tempo para lêr as instrucções do sr. Ministro, que, a meu pedido, fez publicar no Boletim official da provincia do dia 1 de fevereiro de 1896, devia interrogar aquelle senhor e não a mim; e senão o fez ao Conselheiro Ferreira de Almeida, parece tel-o feito ao Conselheiro Jacintho Candido; mas de fórma que chegou a affirmar-se que a occupação da Lunda se estava realisando sem um plano! E tem graça que isto mesmo se leu em jornaes de Lisboa, em que escrevem altos funcionarios da direcção dos negocios do Ultramar, e que, mais tarde, passado um anno de eu estar exonerado e preso (!), esse plano fosse encontrado: disse-o o *Ecconomista*, de 30 de maio de 1897, e transcreveu-o o *Diario de Noticias*, do dia seguinte, e outros jornaes fallaram d'elle; mas attribuindo-o ao meu successor <sup>1</sup>, que até então nada mais tinha emprehendido além do que eu deixara feito e projectado; e é o que se continua a seguir até esta data.

Disseram aquelles jornaes que o *Quella* era um bom

---

<sup>1</sup> O actual governador do districto da Lunda, o distincto capitão d'artilheria, o sr. Verissimo Sarmiento, foi o primeiro a condemnar os encomios que lhe não pertenciam; e razão teve, pois são bem conhecidos os seus serviços ao Paiz e estes lhe bastam quando o queiram glorificar.

ponto strategico, (magnifico lhe chamou o commissario regio Capello quando lá esteve) e excellente pela frequencia de comitivas de commercio que, em quantidade, ali estavam passando; e eu direi: que por essas razões e outras de não menor importancia escolhi aquella localidade, onde até comitivas de Xinges me foram procurar; e o que asseveram os referidos jornaes, com respeito á borracha, me apraz, pois confirma o que está registrado e foi do conhecimento do governo geral, rectificado com as provas que tenho á vista, e são anteriores á chegada do meu successor a Loanda.

Da estatistica da alfandega d'esta cidade, cujos documentos obtive da repartição competente, consta ter ahi entrado para exportação, proveniente da Lunda pelos vapores do Cuanza e caminho de ferro d'Ambaca, no periodo de julho a dezembro de 1895, e portanto antes da minha expedição no Quella, 251:929 kilogrammas de borracha, e de janeiro a junho de 1896, estando já ali em activo serviço a referida expedição, entraram do mesmo genero 393:881,400, tendo sempre progressivo augmento nos outros semestres; e isto está provando tambem, o que sempre esperei, que nem Bondos, nem Cassanges, levantariam difficuldades á acção da expedição.

Mas sobre esta malfadada questão de Cassange, o que sobretudo mais me surprehendeu foram as noticias, as correspondencias e as illações dos jornaes depois;—*que fôra eu que exigira a guerra a Cassange sem a qual a minha expedição não podia avançar!* Eu que tenho sempre condemnado os pretextos de guerra nas nossas possessões africanas, principalmente em Angola que mais particularmente tenho estudado!

Li mesmo n'uma carta do negociante Antonio Coimbra, que se dizia intimo amigo do Governador geral, a um meu subalterno, que o honestissimo e altamente considerado sr. Poças Leitão, presidente da já agora celebre syndicancia aos actos do ex-governador do districto da Lunda, asseverava que, devido a informações minhas, o Governador geral principiou a preparar-se para fazer a guerra a Cassange! mas a prova de que estava illudido, teve-a aquelle cavalleiro na reunião a que chamou os negociantes de Malange e do Quissolli, quando procurou convencel-os que era preferivel aos seus interesses applicar-se a despeza que teria a fazer-se com a guerra a Cassange, ao prolongamento da linha ferrea de Ambaca a Malange; pois foi unanime a resposta, não obstante a sua asserção de que empregaria todos os meios para que este se fizesse: *de que davam preferencia a que se fizesse a guerra*, dizendo ser de pouca vantagem esse tardio emprehendimento, que levaria seis ou mais annos a concluir, sem se submeterem pela força os povos de Cassange.

Ao contrario das arguições que se me fizeram, creio que tenho bem provado, nunca ter pensado em se fazer guerra a Cassange, para ir estabelecer-me na Lunda, como me foi determinado, mantinha-me como devia, e para que me tinha preparado; sempre na defensiva, e seguia ao meu destino, dando cumprimento ás instrucções do sr. Ministro; *parei onde me mandaram parar*, fazendo retirar dois postos já estabelecidos entre o de Cafuxi — Ferreira do Amaral e o rio Luiu, como se exigiu, sem desaire; — fui alheio aos preparativos de expedições de guerra em Loanda; o meu pedido era apenas de prevenção do batalhão de linha e d'uma companhia movel por concelho, para o caso dos Bângalas

se oppõem á nossa tentativa d'occupações, cómo se affirmava, cheguei mesmo a pedir que senão chamassem do reino, officiaes e officiaes inferiores, que seriam sacrificados sem necessidade, e dariam logar a um grande augmento de despeza infructifera, como succedeu e está succedendo.

Por este tempo chegavam a Malange noticias da metropole até 23 de março, e de Loanda até 20 d'abril; e lendo os jornaes d'esta cidade e de Lisboa, surprehendeu-me como foi iniciada a lucta contra a expedição e como tudo para ella concorreu, aproveitando-se dos maldizentes, uns discolos conhecidos, o que acharam de conveniencia para opposição ao Ministro regenerador e ao governador da provincia, dando-lhe estes mais vulto, principiando a desorientar-se e a desorientar a opinião publica, estimando o ensejo da confusão para inutilisar os meus trabalhos já adeantados e sacrificios, lembrando-lhes apenas de bom exito, cairem a fundo sobre mim, procurando todos os pretextos para me darem como um homem incapaz e prejudicial aos interesses da missão e do paiz, sem que me ouvissem para conhecerem do valor das arguições.

Quizeram considerar de medida imprudente, e muito prejudicial para o commercio, a prohibição por 3 mezes, no districto de Loanda, da venda de polvora e armas aos Bângalas; e até suppostos negociantes de Angola em Lisboa, que assignam uma mesma cousa com as firmas dos estabelecimentos e os seus nomes e títulos *para augmento do numero d'assignaturas*, entenderam fazer bulha junto do sr. Ministro, por causa d'essa prohibição, e de exaggero em exaggero, condemnando que o Governador se fosse expôr a uma guerra contra Cassange, só com recursos da provincia; pretendiam

que ella se fizesse, mas com uma bem organisada expedição da metropole.

Dizia-se que os Bângalas se estavam preparando e podiam apresentar *50:000 homens em armas (!)*, e até se asseverava, em tom doutoral, que elles dispunham de armas modernas Martini e Henry (quem as teria visto?!), fornecidas pelos Belgas do Estado Independente do Congo!

Em 1889 ou 1890, escrevia-me Custodio Machado para Lisboa, que os Belgas estavam alliciando os Bângalas no intuito de prejudicar o nosso commercio, o que pensei ser influencia da expedição *Dhanis* que chegou até Capenda ca Mulemba; e mais tarde, em nova carta, me diz ter noticia de que os Belgas estavam fornecendo aos Bângalás as armas Martini. Em 1893 quando me estava interessando pelo que se ia passando no Estado Independente, tomei conhecimento que os Belgas, descontentes com os seus soldados *zanibaristas*, os estavam substituindo pelos indigenas de uma região ao norte, proxima do Zaire, conhecida na carta por Bângla ou Bângula, de quem fallou Stanley na sua travessia, e eram estes que elles armaram com as Martini.

Não obstante as observações que fiz em devido tempo a Custodio Machado, este, por conveniencia, nos seus escriptos para jornaes, continuava a insistir no erro; e d'aqui as asserções que se repetiram para dar força á necessidade da guerra a Cassange, accetando-se como verdadeiro o que era asseverado pelos inconscientes que acreditavam nos conhecimentos dos irmãos Machados.

Mas se fosse realmente certo o que se affirmava como de boa fonte, não precisavam os Bângalas da polvora e armas do nosso commercio para nos fazerem guerra, e pouco lhes podia importar a prohibição por 3 mezes da sua venda.

E quanto ao numero de homens de Cassange em armas, houve decerto erro de cifra, não querendo dizer com isto que se conseguissem attrahir a si, o que não conseguem, outros povos, não apresentassem grande numero, mas nunca 50 mil em armas.

E n'essa mensagem, protesto, reclamação ou como lhe queiram chamar, dos negociantes de Angola, em Lisboa: vê-se tambem que eram elles que imaginando Cassange como região de grande deposito de borracha (pura illusão!) como em outros tempos se dizia de dentes de marfim, queriam que se lhes fizesse a guerra, servindo-lhes de pretexto a occupação da Lunda; e queriam-n'a dispendiosa por uma forte expedição metropolitana, pois á falta de borracha e baixa de café, tinham desde logo a lucrar com a sua manutenção e tambem com os transportes, o que não era pouco!

Já estava exonerado, e em fins de maio apresentaram-se em Malange officiaes do exercito de Portugal, e entre estes um capitão de artilheria para tomar o commando da bateria da Lunda que ia organisar-se com praças da 3.<sup>a</sup> companhia movel de Malange, facilimo de crear no papel, mas muito difficil na execução, sobretudo quando o capitão não tinha sequer um unico auxiliar da sua arma, apesar de ter seguido com elle um tenente de Lisboa, ao qual chegando a Loanda, se lhe deu destino para o sul da provincia.

O capitão pareceu-me um bom homem, porém com certeza não podia servir commigo; era muito commodista, e tanto que para instruir as praças na nomenclatura da peça entendeu mandar uma bocca de fogo montada para o seu quarto de cama! Deitado, dizia elle, fazia bem este serviço e escusava de se expor ao sol. Não podia servir para uma

vida activa do sertão, e tanto que regressou passados dois mezes!

Dois dias depois do commissario regio, o conselheiro Guilherme Capello, ter chegado a Loanda, dizia em telegramma para o Governo de Sua Magestade: 1.º Negocios da Lunda bem, caminhos abertos, os Bângalas estão fazendo negocio até N'Dallo Tando; 2.º Cassange em socego.

Com certeza o commissario, integerrimo como é, não quiz attribuir apenas á sua chegada a Loanda, estes factos; o que fez foi confirmar que tudo o que se dizia na metropole em contrario, não era mais que um jogo de diversos que procuravam com elle interessar, e assim desmentia todas as arguições que se me fizeram sobre os negocios de Cassange e consequencias; de que apenas mencionarei:

Na revista *Portugal em Africa* de maio (1896), lê-se na sua chronica, devido á penna do illustre director, meu amigo o sr. Quirino de Jesus, então deputado do governo a quem estava confiada a reforma da organização do districto da Lunda: . . . «Tambem se recebeu noticia de que houvera acto de insubordinação no Bailundo e no Libollo. Mas isso não pode ter importancia. — *Revolta de uma certa gravidade só a que surgiu deante da expedição á Lunda*»<sup>1</sup>

Ainda d'esta chronica, transcripto da Revista Financeira do *Jornal do Commercio* do dia 17:

«Causaram a mais *profiunda impressão* tanto aqui (Lis-

---

<sup>1</sup> Teria a Direcção dos Negocios do Ultramar tal noticia? Com certeza não era do governador da Lunda.

boa) como no Porto, as noticias recebidas do Dondo, Malange e Quissólli, ácerca da perigosa situação d'estes nossos dominios, que são importantes estações commerciaes de Loanda, em consequencia da *guerra no Cassange*. As communicações foram cortadas <sup>1</sup> e por isso desde o principio de março que os negocios com o interior estão suspensos, factos estes cujos effeitos já aqui foram sentidos na diminuição das remessas de cêra e borracha que vinham do Dondo.» <sup>2</sup>

Em outro ponto lê-se tambem n'esta Chronica, extrahido do *Economista* do mesmo dia 17, da sua Revista Colonial: . . . «Nos ultimos tempos as questões entre os diferentes povos, as intrigas e as ambições dos commerciantes, dando origem a rivalidades e conflictos, (isto é verdadeiro) e por ultimo varios incidentes (isto é falso) determinados pelos preparativos para a occupação da Lunda, alheiarão quasi completamente da nossa auctoridade os povos de Casange. . . »

« . . . Os povos de Cassange dispõem de forças consideráveis, e diz-se (é o costume) que podem pôr em armas cinquenta mil homens. . . »

Agora a opinião do sr. Quirino de Jesus: «Uma vez que pensamos na occupação da Lunda, é necessario domar o gentio revoltado. O contrario seria um desprestigio enorme. Mas não parece para isso indispensavel uma expedição europea, embora convenha enviar alguns elementos da metropole.»

---

<sup>1</sup> Onde e a quem foram ellas cortadas ?

<sup>2</sup> É certo porque vinham pelo caminho de ferro direito a Loanda.

Tudo isto foi, como em geral o é para os jornaes, escritos sobre o joelho, e a opinião do sr. Quirino é de boa rhetorica mas mal empregada, porque as bases sobre que incide são falsas, e triste será se alguém se lembrar um dia de fazer a historia pelo que a respeito da questão de Cassange se lê na sua chronica. E devo dizer aqui que o conselheiro Alvaro Ferreira me participou ter enviado copia dos meus officios, sobre o assumpto, e no correio de 15 de abril para a Direcção Geral do Ultramar, e por tanto em 12 de maio lá estariam e já esta Direcção devia conhecer que qualquer das Revistas apparecia mal informada.

Deante da expedição do meu commando não se deu a mais pequena demonstração hostil, mesmo d'um só homem, quanto mais revolta e grave! não se fechou durante o meu tempo um unico caminho ao commercio, antes ao contrario, como o prova a estatistica aduaneira, documento de todo o credito; pois vieram da Lunda no 1.º semestre de 1896, ao tempo da minha expedição, já nos postos de Malange ao Cuango, 393:881.400 kilogrammas de borracha, isto é, mais que no 2.º semestre de 1895 em que vieram 251:929; o facto notado pelo *Jornal do Commercio* de não apparecer em Lisboa cêra e borracha do Dondo, não era da occasião e sim do desenvolvimento que foi tendo a construcção do caminho de ferro de Ambaca, por onde veiu a cêra e borracha que ali faltou; o que, desde 1888 previ e o escrevi.

Cassange não se revoltou, nem revolta emquanto não fôrmos lá exploral-o do modo porque se fazia de 1842 a 1862, o que deu logar a infelizes desastres para nós, que motivaram as continuas expedições bellicas; não se deu incidente algum determinado pelos preparativos para a occupação da Lunda que alheiassem de nós os Bângalas (Cas-

sanges), pois antes procuravam os nossos estabelecimentos em differentes concelhos do districto da Loanda, levando-lhes a quasi totalidade da cêra e borracha que se exporta pela alfandega da capital; não dispõe todo o Cassange de 20 mil armas, porquanto não tem tal população, e cada homem permuta, mesmo a que tem para seu uso, logo que se lhe offerece ensejo; só colligando-se com outros povos, o que não conseguem, porque até os proprios visinhos os odeiam por causa do rio Cuango que marginam, podiam augmentar o seu numero de armas para guerra; e se lhes fosse possível tal colligação já ha annos teriam batido os Lundas e agora os Quiócos; de coragem só deram provas na defensiva em suas terras; fóra d'ahi, por experiencia o assevero, são cobardes, fogem até dos povos mais timoratos quando estão nas suas proprias terras.

Não ha gentio a domar, porque se não revolta querendo nós occupar a Lunda, mas é preciso saber tratar os Quiócos, pois estes é que, não sendo assim podem vir a levantar-nos difficuldades; quanto aos Lundas, tanto não ha receio, que um sobrinho do ultimo Muantiânvua, o que em 1888 me acompanhou a Loanda com a sua gente vieram a Malange, cumprimentar-me e ahí estavam esperando a partida da expedição, querendo todos com esta regressar á sua terra.

Apezar de tudo quanto tenho exposto, continuou-se a insistir na necessidade da guerra a Cassange, e para esse fim foi nomeado o Commissario Regio, officiaes e tambem sargentos e outras praças, isio durante dois annos, tendo já regressado o Commissario e muitos officiaes que foram substituidos, tendo morrido tambem algumas praças, e todavia tanto o Commissario como officiaes dos exercitos de cá e de lá, até ao fim de setembro de 1896, isto é, cinco

mezes depois da minha exoneração, andaram entre Malange e Cafuxi, para baixo e para cima, sem necessidade de aparato de força e sem serem incommodados n'este transito por qualquer povo gentio, antes os recebiam com a maior humildade; e nem as comitivas das cargas da expedição soffreram a mais pequena contrariedade levantada por esses povos bondos, entre os quaes constantemente passavam.

Deu-se depois no Chiça um conflicto que nada tinha com a expedição, sobre o qual entendo não dever fazer commentarios, e ha mezes um outro em terras da Jinga, casos que se repetem, mais ou menos, em todos os Concelhos do interior, que muitas vezes se resolvem pela palavra com um pouco de paciencia, não havendo vantagens principalmente para o commercio que se chegue a fazer uso das armas. Felizmente o nosso prestigio nada perdeu, e qualquer d'esses conflictos nada tinham com os Cassanges, que continuam socegradamente na expectativa, se iremos fazer-lhe a guerra, não deixando comtudo de continuar a vir com os seus productos á permutação nos estabelecimentos que mais lhes convêm, o que, repito, se prova pela estatistica de 1880 a 1896 de que já dei conhecimento. <sup>1</sup>

De Malange escrevia-se em 18 de novembro de 1896, do que se fizeram echo alguns jornaes de Lisboa :

«O castigo infligido ao gentio rebelde bonquista produziu salutaes effeitos que ainda duram. (Refere-se ao conflicto no Chiça). Aquelle gentio que desde 1862, data das celebres pazes de Cassange, (erro), em que o nosso prestigio ficou

---

<sup>1</sup> Paginas 323 e 324.

completamente por terra, (má informação), se tem conservado orgulhoso, arrogante e rebelde ás ordens da auctoridade, (confusão, os Bondos são o contrario d'isto) com impunidade para todos os crimes, não tornou a levantar a cabeça depois d'aquella explicação».

Isto foi escripto dois mezes depois, e quem o fez desconhece a historia ou quiz armar ao effeito occultando o que sabia.

Os Bondos não tomaram parte alguma, n'aquella guerra de Cassange contra nós; antes deram guarida aos nossos que conseguiram, em debandada, fugir ás perseguições dos Cassanges, e foram guiados por entre as florestas para as terras em que de facto dominavam as nossas auctoridades, chegando alguns até Ambaca.

Depois do severissimo castigo dado ao jaga Andalla Quissúa, em 1850, pelo valente, então major, Francisco de Salles Ferreira, nunca mais os Bondos, seu povo, ainda os que lhe eram menos submissos, se revoltaram contra nós. Os commerciantes europeus e indigenas deixaram de ser frequentes em suas terras, quando pela annexação do Concelho de Tállá Mugongo até Malange, 1867, os principaes estabelecimentos d'onde aquelles procediam deixaram de existir em Cassange, que a auctoridade superior da provincia entendeu não poder conservar á força de armas, e ter conhecimento que, pelas ambições desmedidas, eram os negociantes os promotores dos conflictos com os Bângalas.

Em todo o tempo de 1867 a 1883 esteve Cassange completamente entregue a si mesmo, governando-se os povos com os seus chefes, e só ali iam fazer permutações alguns indigenas de Angola com as suas pequenas caravanas de commercio, que estimavam que as cousas continuassem as-

sim; pois socegradamente, respeitando os usos d'aquelles povos, sem se envolverem na sua administração, muito lucravam com os seus negocios, tendo um d'elles, o fallecido Narciso Antonio Paschoal feito assim uma boa fortuna, como eu o sei, e o benemerito explorador H. Capello, de certo tambem o confirma.

Depois de 1884, tem sido ficticio o nosso dominio em Cassange, e, nas regiões officiaes figura estar instituido o Concelho de Talla Mugongo, tendo por capital o logar da antiga ex-feira, e por chefe desde 1886 um official de 2.<sup>a</sup> linha, indigena, Antonio Martins de Crespo e Sousa, que tem a seu serviço meio duzia de soldados tambem do 2.<sup>a</sup> linha, que mais são seus aviados no commercio do que soldados, unica fórnica porque o actual chefe e seu antecessor Vandunem, pensaram em poder manter-se entre os Cassanges, sobre quem muito propositadamente não teem feito exercer sua auctoridade, cujo papel só representam para com o governo geral e os chefes de outros Concelhos, nas suas communicações, e sobre um ou outro Ambaquista ou indigena da sua escola, que por lá apparece e o incommoda.

Apezar d'isto os Cassanges em comitivas, segundo as epochas do anno, ou vão para leste do Cuango á procura da borracha, cêra e gente, ou para os nossos estabelecimentos commerciaes no districto da Loanda, ou ainda para o norte com os carregamentos de borracha e cêra, para os permutarem por artigos europeus que máis lhes convem, e é certo que a sua affluencia tem sempre augmentado.

Diga-se em boa verdade, em taes condições a que auctoridades e em que se tornaram elles rebeldes? Não serão os nossos governantes depois das pazes de 1863 e não de 1862 os culpados de ser a situação dos povos de Cassange para

comnosco tal como é? E com respeito aos Bondos, aos Jingas e a todos os povos d'essa vastissima região para o norte, áquem Cuango até ao Zaire, onde se vê sequer os vestigios da nossa auctoridade, para tambem lhes chamarmos rebeldes, como agora aos Bondos?

O estado actual d'estes povos, além d'um determinado limite, pouco differe do que era ao tempo da nossa primitiva occupação do litoral, e eu estou convencido ainda, não obstante os que pela primeira vez entraram em Malange e dos que os acompanham terem opinião contraria, que os meios suasorios e as jardas de fazendas, quando bem applicadas, hoje como no passado, são as armas que devemos adoptar para conseguir o nosso fim; e emquanto aos dictames da força, que por vezes tem sido lembrado e experimentado, os exemplos provam que de nada nos tem valido até mesmo a poucas legoas da costa.

Considero indispensavel não levantarmos conflictos com os Cassanges nem com os Jingas e Bondos, se queremos fazer a occupação da Lunda, ou pelo menos quem tratar d'esta como deve ser, pacificamente, tem de evitar aquelles, aliás só muito tarde e á custa de grande capital e vidas, se libertará d'elles para garantir com segurança o proveito d'essa occupação.

As terras dos pretos só pôdem ser trabalhadas pelos seus indigenas, e por tanto sem estes não progridem ahi os brancos, e prejudica muito á face da civilisação apenas a sua passagem por lá; e d'isto não nos faltam exemplos a corroboral-o, pelo modo porque ainda n'esta ultima metade do seculo os temos querido explorar. Por todos os lados lá se veem vestigios das extorsões, violencias e devastações dos brancos que, mais ou menos, com frequencia visitaram es-

sas terras e que encontraram imitadores nos Ambaquistas ou discipulos d'estes.

Já por ali se marcha dias e dias sem se ver uma povoação, para o que tem concorrido diversas causas na maior parte das quaes influiu o branco com os seus imitadores, que se julgam com direito a considerar o preto ou como animal feroz ou retrogrado á civilisação, e portanto uma nullidade, senão peor; um ente despresivel, e esta apprehensão dos que se dizem praticos, é preciso que se não mantenha por ser erronea.

Mas voltando a Cassange: como ficou dito, a pouco e pouco os negociantes, primeiro os europeus, foram retirando d'ali e a feira deixou de ser o que era, conservando-se no logar o nome, porque algumas comitivas de Ambaquistas, de tempos a tempos, lá tem ido procurar aquelle logar com as suas pacotilhas, na maior parte creditos do nosso commercio que permutavam por cera e borracha; mas isto era muito pouco para as ambições dos Bângalas, que chegando a convencer-se ser uma realidade a paz, que, segundo elles, lhes fôra concedida pelo Rei de Portugal, a quem chamam seu pae, tornaram a organisar as suas comitivas, e de então, sempre com mais frequencia, voltaram a procurar os nossos estabelecimentos commerciaes, não olhando a distancia a contar de Malange até ao litoral, insistindo em se dirigir aos seus freguezes, mas preferindo-lhes novos negociantes e outros logares, se desconfiam que aquelles os ludibriam.

É certo que os povos de Cassange são por excellencia commerciantes e talvez por isso desconfiados; mais desembaraçados que outros pelo eontacto comnosco, e, com aquellas qualidades e as de independencia que é inegavel terem, por

isso mesmo são falladores e audazes; mas são com certeza prestimosos e a elles muito deve o desenvolvimento do nosso commercio no districto de Loanda.

Conservando-se ha mais de um seculo nas terras hoje conhecidas por Cassange, deixaram de ser *nomades*, como o foram os seus primeiros ascendentes e defendem, palmo a palmo suas terras, como propriedade sua; mas não são elles que d'ahi saem para nos atacar a nós europeus, nem o teem feito a outros povos.

Porque, e para que, ir guerreal-os, ou provocal-os a guerras?

Temos os povos do Mussulu (Marquez) entre Loanda e Ambriz que não nos deixam transitar d'um para outro lado, nem nos obedecem; do mesmo modo os da *Quissâma*, à beira mar ao lado do Cuanza, fronteiro ás immediações de Loanda, que tantas guerras nos custaram que tambem nos não obedecem, nem nos deixam atravessar o seu territorio para Benguella e Libollo; temos ainda os *Dembos*, na baixa entre a encosta de Loanda e serras de Encoge, Golungo e outras, que vivem muito proximo do litoral, que, ainda no tempo do Governador Ponte e Horta, deram causa a expedições bellicas <sup>1</sup> e ainda por elles, nos são interceptadas as communicações entre os diversos concelhos do districto de Loanda: e toavia não se pensa em fazer guerras a estes povos, ou garantir, ao menos, a passagem entre elles!

Terão elles mais merecimentos e serão mais subordinados que os Cassanges, ou terão de algum modo, como aquelles, concorrido para o desenvolvimento da provincia?

<sup>1</sup> Veja-se a Memoria — Os Dembos — do secretario geral de então, o illustrado escriptor africanista Eduardo Sá Nogueira Balsemão.

Os males que esses povos nos teem feito, dil-o a historia de Angola e sem ir muito longe, conforme já ficou exposto; e enquanto ao seu progredir em nosso favor, só ha a mencionar algum café dos Dembos, de quem se assevera ir já uma grande parte para o Estado Independente do Congo.

Tributos? quer para receitas provinciaes, quer para transportes não os dão. Rebeldias? se os queremos considerar nossos subditos, teem-n'as praticado em grande escala, e proximo do chefe da provincia com a respectiva força.

Por qualquer lado que se encarem não merecem estes povos mais contemplação que os Cassanges!

Entra-se na Lunda e as ultimas expedições, sendo a primeira a de Saturnino Machado, o teem feito, sem a necessidade de forçar a passagem por Cassange. Mas quando esta se tente succederá, no caso mais favoravel, que os povos de Cassange repellidos, se refugiem na margem direita do Cuango, e então unindo-se elles aos Xinges e Quiocos, levantar-nos-hão diffiuldades e só tarde iremos occupar a Lunda, se mais em tal pensarmos.

Ao contrario d'isto, ainda julgo hoje mais sensato como se estava procedendo, mesmo para o caso de sermos forçades um dia a fazer guerra aos Cassanges, quando se julgue indispensavel exercermos actos de soberania entre elles e nas suas terras.

Quem tem estudado as diligencias no actual seculo dos nossos governantes em reatar, mas com garantias de segurança, as nossas relações com os povos de além Cuango, sabe, pelo menos, que depois de 1877, por Malange se seguiram á expedição dos drs. Paulo Pogge e Lux para o interior, diversas estrangeiras e nacionaes até 1893, sendo os

seus itinerarios pelo norte de Cassange não tendo encontrado dificuldades na passagem do rio Cuango e entre os povos por onde tiveram de passar, a não ser as de demoras pelos pedidos dos potentados em se lhes dar mais alguma coisa do que se lhes dava como retribuição dos seus presentes aos chefes d'essas expedições, o que os contrariava, dando isso logar a discussões que terminavam sempre em boa paz, dando-se-lhes não o que pediam mas mais alguma coisa com o que se contentavam.

É isto um facto que se repetiu seguidamente em 16 annos e já se déra com a expedição de 1895 sob o meu commando, quando do meu mandado foi o alferes Albano Brandão reconhecer do estado das estações que passaram a ser postos militares na margem direita do Cuango — Costa e Silva e Guilherme Capello.

Sabe-se por esta Memoria que além d'estas estações, o capitão Candido Sarmiento, em 1893 deixou estabelecidas ainda a — Henrique de Carvalho entre o Uhamba e Cuêngo e uma outra na capital do Capenda cá Mulemba que pelas circumstancias expostas se fez abandonar.

A expedição de 1895 devia em maio de 1896 ir reconstituir esta para o que tudo estava prompto para seguir já no Quella já em Cafuxi. Estabelecido o posto em Capenda se fariam occupar outros pontos ainda na margem do Cuango para sul e tambem no interior.

E como era das instrucções sendo substituidas por forças de Malange a dos postos da linha de Malange ao Cuango e a dos que se estabelecessém por entre os povos da Jinga, por terem estas seguido para leste do Cuango ficava assim a região de Cassange contornada pelos nossos postos de occupação, e quando fosse preciso, mais tarde facilmente os aper-

tariamos n'um cerco e seriam submettidos pela força das nossas armas.

Pensavamos e pensâmos mal? O tempo o dirá.

Dizem os meus verdadeiros amigos e funcionarios militares e civis que do districto da Lunda teem regressado a Lisboa pelo que viram e ouviram que eu estou *vingado*; que se ha dispendido muito inutilmente, recuando-se em vez de se avançar; que ainda os depositos que deixei são as fontes a que se recorre para satisfação de imperiosas necessidades; que se tornou agora mais difficil do que nunca, qualquér tentativa de se occupar a Lunda; e não digo o mais que se affirma porque a vaidade me não cega.

Desejo se faça a necessaria luz sobre o meu procedimento, não me regosijando se diga que devo considerar-me *vingado*; tenho muito amor ao meu Paiz e á sua importantissima parte integrante, a provincia de Angola por isso, em outra publicação sujeitarei á apreciação do publico todos os meus actos e anima-me a fé de que alguém me succederá nos trabalhos porque me empenhava e que não serão frustrados os esforços e mais sacrificios que se emprehenderem.

O que não pôde por circumstancias especiaes fazer o governo pôde fazel-o uma aggremação de bons patriotas; e esta convenço-me se não fará esperar, em vista do pedido feito em fevereiro do corrente ao Governo de Sua Magés-

tade, quando o novel Ministro dos Negocios do Ultramar, tenha a coragem necessaria, na conformidade da lei das concessões, dependente da sancção da Camara dos dignos Pares do Reino, de pôr de parte o tal Decreto que foi realmente travão ao desenvolvimento das nossas possessões ultramarinas.

---

---

---

USOS E COSTUMES DOS CASSANGES

---



## Generalidades

Os africanos sertanejos, em geral, são madrugadores, o que não admira, porque as occupações do seu dia terminam ao pôr do sol; são excepções as noites de bom luar em tempo sêcco, nas quaes se reúnem em grupos nos pateos, ou á frente das residencias de algum amigo ou potentado, muito principalmente sabendo que ha malufo, e recolhem então das 8 para as 10 horas; e tambem aquellas, nas mesmas circunstancias de luar, em que por qualquer motivo ha dança, no que se entretêm até ao romper da manhã. Em qualquer dos casos não ha de fazer frio, porque então a tudo preferem a sua fogueira na cubata, collocando-se na favorita posição horisontal, ventre para baixo, sobre a esteira.

Se não todos, a maioria dos que fazem parte da povoação, vão logo de madrugada cumprimentar o seu chefe, e muito principalmente se teem de lhe apresentar uma questão qualquer, para elle resolver. Pode comparar-se este costume, em parte, ao que se observa nas administrações dos

nossos concelhos, sobre as occorrencias da vespera. Isto dá-se tambem nos sobados nos arredores da villa de Malange.

A forma da saudação é um pouco diversa nos povos que conheci. É feita geralmente depois do chefe sair da cubata em que pernouteou, ou mesmo no pateo ou no largo á frente; mas á sombra d'uma arvore, se a ha. Os mais chegados á casa do chefe, se este ainda está recolhido, cumprimentam-n'ó de fóra, ao que elle corresponde; se porém este os manda entrar na cubata, repetem-se os cumprimentos. Em Cassange, como em Malange, dão a esta saudação da manhã o nome de *Cumenéca*; mas os de Cassange ainda lhe dão o nome de *Cudiunda*.

Os individuos mais novos tambem vão cumprimentar os mais velhos, mesmo em jornada, quando os encontram, ou vendo-os pela primeira vez no dia; porém no caso dos potentados Cassanges a que vou referir-me, suppõem-se estes sentados, esperando os visitantes. Em geral, nas venias, os povos de Cassange, são muito humildes. Sentam-se no solo raso á frente do chefe, baixam a cabeça, a tocar com a barba no chão, depois levantando o corpo, vão levando ambas as mãos á frente a tocar com as pontas dos dedos n'elle, e depois batem trez palmadas dizendo: *Calunga, tuamenéca!*; resposta: *Calunga! Zambi! quiánháha!* (grandeza nós te saudamos! Por Deus sou grande, obrigado!)

Em seguida aos cumprimentos, mesmo em caminho, é muito frequente, o que tambem já se nota na provincia d'Angola, onde a nossa auctoridade domina de facto, fazer-se a communicação das novidades que cada um sabe, principiando os que se consideram inferiores, depois de lhes ser retribuida a saudação.

A este costume, á participação vocal de qualquer noticia boa ou má, chamam os Cassanges e os indigenas do districto de Loanda, *maézu*. Este passando d'uns a outros chega muito longe, e em pouco tempo; porém tem o inconveniente de não ser a expressão da verdade. Floreiam e deturpam a seu belprazer, e no intento d'agradar a narração dos factos. Muitas vezes succede, mesmo na localidade, que o individuo que primeiro deu o *maézu* durante o dia, isto é, o que primeiro poz na circulação uma noticia, a ouve á noite já por um modo diverso, chegando a suppôr ser uma outra noticia, e como tal a passa, referindo-se ao individuo que lh'a transmittiu, não a contando já pelo mesmo modo.

Entre as mulheres de importancia no Cassange, observei um novo modo de cumprimentos, que tem logar sempre, quando deixaram de se avistar por algum tempo. A que chega approxima-se da outra. Ambas levam as mãos á frente do peito, a esquerda por baixo com a palma virada para cima, batem as trez palmadas sacramentaes, porém de cada vez a palma direita de uma vae passar pela palma da direita da outra, descahindo a cabeça de cada uma sobre os hombros esquerdos da outra.

É innegavel que entre os Cassanges, mais ainda do que entre outros povos, se reconhece a superioridade que dá a idade e os cabellos brancos, e n'elles, como nos Lundas, se procura manter os graus de parentesco primitivo, o que causa aos europeus muitas vezes confusão. porque os interpretes lhes não sabem explicar as relações de parentesco. Assim, por exemplo, um filho d'um irmão de meu pae ou de minha mãe é meu irmão, e será mais velho, embora mais novo, se o pae d'elle fôr mais velho que o irmão, meu pae ou minha mãe. Da mesma sorte aquella meu so-

brinho é irmão de meus filhos e será sempre mais velho, pelo ser já considerado em relação a mim.

É geral, até nos arredores das capitaes dos concelhos a leste de Loanda, quando um orador é mais velho do que os ouvintes, ser por estes constantemente interrompido por: *he!! naquéne muéne!* «sim, senhor, muito bem» ao que elle corresponde dizendo: *saquérila* «muito obrigado», e continua então a sua oração. Nos Bângalas, o mais novo confirma com: *he! uha! Calunga!* ao que o velho diz: *quianháha* «bem» ao que ainda o mais novo replica agradecido: *Calunga! Chiéne!* «grande! é verdade!»

As admirações muitas vezes não passam de uns gestos e tregeitos, que para elles ainda exprimem mais que vozes e phrases. Assim o crusamento das mãos sobre a bocca aberta, e movendo um pouco a cabeça para os lados, exprime que uma cousa qualquer é extraordinaria.

Expressam a sua grande satisfação ao agradecerem uma dadiva ou a reconhecerem um serviço importante que se lhes presta, batendo com a palma da mão direita na bocca aberta, ao mesmo tempo que garganteiam *ah! ah! ah!*

Tambem assim recebem nas proximidades d'uma povoação quaesquer pessoas de grandeza que para ella se encaminha.

Pelos meios que têm de transmittir noticias, por *maézus* ou pelo *quinguro*, instrumento de pancada, que se ouve a dez e mais kilometros de distancia, sabem com antecedencia quando alguém de importancia se dirige para as suas terras, e por isso a população vem ao caminho e felicita o recémchegado, depois de o vêrem, batendo com a palma da mão direita na bocca aberta, garganteando ao mesmo tempo *ah! ah! ah!* Se a pessoa que chega corresponde a essa sau-

dação, com o mesmo, seguem todos a acompanhá-lo, correndo d'um para o outro lado em torno do viajante, com o entusiasmo que corresponde ás saudações européas, interrompendo-as apenas para cantarem: «Chegou o sr. F... hoje é dia grande, nós o acompanhamos porque é bom e veio visitar-nos».

Assim o acompanham até que elle se aviste com o portento. Quando retira da povoação faz-se o mesmo, o que corresponde ao nosso bota-fora, seguindo ás vezes com o viajante até 3 a 4 kilometros. Se este na despedida lhes dá uma gratificação — *mata-bicho* — em qualquer artigo do nosso commercio, então o entusiasmo chega ao delirio, cantando-se e dançando-se durante horas successivas se é na occasião em que o individuo acampa proximo das suas povoações.

Quando pretendem manifestar que uma cousa é insignificante, levantam o braço direito virando a palma da mão para cima, como por demais, ao mesmo tempo que encostando a lingua contra o ceu da bocca fazem ouvir: *tsh, tsh, tsh!* Ao contrario, quando pretendem mostrar a importancia que ligam ao que dizem, como por exemplo, gostarem muito d'uma pessoa ou cousa, levantam ambos os braços, até ficarem na posição horisontal, e movendo-os rapidamente um pouco abaixo, um pouco acima, para a frente, dizem: *chivudi, chivudi, chivudi*, ou *sesse, sesse, sesse!* que quer dizer: «tanto, tanto, tanto», ou «cheio, cheio, cheio», a que corresponde o chefe, sendo de Cassange: *quinháha!* «muito bem!»

Se este interrompe alguma vez o orador, para o interrogar ou lhe fazer alguma observação, calla-se elle, ouve-o e diz depois: *quiambóte* ou *quinhaha*, esfregando o peito com terra que apanha do chão.

Outro modo de manifestar respeito pelos superiores consiste em não cuspir, ou fazel-o com recato, abrindo os Cassanges ao seu lado, um pouco atraz, com o dedo um pequeno buraco onde deixa cahir o cuspo, e tapa logo com a terra para senão conhecer onde cuspiu.

Emquanto a assoarem-se, fazem-n'ó á mão, e tambem de fórma a não serem vistos pelos circumstantes, e que tapam com a terra do mesmo modo.

Quando o potentado ou uma pessoa mais velha espirra, os circumstantes batem com as palmas das mãos tres vezes, e saudam-n'ó, os Cassanges, dizendo *meinha!* Se aquelle se levanta por qualquer circumstancia, e retira por algum tempo, todos se levantam e depois esperam-n'ó sentados, tornando a levantar-se quando elle volta ao seu lugar, esperando que se sente para fazerem o mesmo, batendo de seguida com as palmas das mãos.

Os Bângalas como os Lundas, se são chamados pelo potentado, agacham-se e vão direitos a elle, dando estalidos com os dedos da mão direita, e á medida que se aproxima mais se acha, até que fica de joelhos diante d'elle, assentando-se então, se é para onvir algum segredo.

Depois d'ouvirem o segredo passam os dedos da mão direita tres vezes pelos do potentado, ou no panno que vestem, ou na esteira em que se sentam, e depois de baterem as tres palmadas do estylo, saem agachados até fóra da roda dos circumstantes e vão dar immediato cumprimento ao que lhes foi recommendado.

Ha audiencias ordinarias que se podem considerar de tribunal e tem logar todas as madrugadas, e outras extraordinarias, e estas demandam um certo cerimoniaal e só se fazem quando se annunciam por ordem dos potentados,

o que se effectua de vespera, depois do pôr do sol, por meio do *mondo* ou do *quingwo* (os dois instrumentos de pancada) e podem ser a qualquer hora do dia. Às vezes sendo apenas mera formalidade por motivo de apresentação de visitas, celebram-se só depois das 4 horas da tarde para evitar o sol.

É da tradição que, n'estas audiencias extraordinarias, Quingúri para mostrar a sua grandeza, quando se levantava para a dar por concluida apoiava a ponta da sua zagaia no peito do escravo que estava a seus pés, e fazendo esforços para ir elevando-se o feria em diversos pontos, e só quando o via bem ensanguentado, molhando os pés no sangue sobre o corpo passava para o lado, deixando n'elle espetada a zagaia. E assim continuaram a proceder os jagas seus successores; dizendo-se ser esta uma das prerogativas do jaga de Cassange.

Às audiencias ordinarias não comparece toda a gente, e os que apparecem vêm a pouco e pouco e alguns só com o fim de cumprimentar o potentado e saber o que ha de novo. Muitas vezes principiam as audiencias dentro dos cercados, mas uma ou duas horas depois já se passa para os largos á frente das residencias, por causa da agglomeração do povo.

É habito entre todos os povos que conheci, apresentar-se n'estas audiencias ao potentado, não só as questões que se passaram na vespera entre uns e outros, como tambem as antigas de que nunca houve composição; pois é d'estas questões que vivem tanto os potentados como os seus povos.

Não teem, em geral, outro meio d'adquirirem com que se manter, pois, a não ser um ou outro mestre de officio, que ganha alguma cousa pelo seu trabalho, o resto está

sempre na ociosidade, ou pensando como suscitar questão com outro, para d'elle haver qualquer cousa que sabe possue.

Por isto, todos os dias é frequente ver-se um individuo, se não mais, depois de cumprimentar o potentado, depositar deante d'elle, sobre a pelle ou esteira em que se senta, uma braça de baeta ou um panno já feito de qualquer fazenda, uma caneca de polvora e mesmo uma arma, ou se de mais modestas circumstancias, um ou dois pratos ou uma caneca de louça; e como isto é da praxe, vae depois para o seu logar, esperar que o potentado lhe conceda a palavra, para tratar da sua queixa.

Alguns dos mais considerados, depois de se sentarem, tiram do cinto ou do penteado um chifre, que espetam deante de si, e isso é signal de urgencia para a resolução da questão que desejam apressentar para julgamento, e que estão promptos a satisfazer uma boa paga.

Logo que o pretenlente obtem a palavra faz a sua representação ou queixa, ouvida a qual se manda chamar o accusado se o ha, a quem se dá parte da queixa contra elle, e se lhe ouve o que tem a allegar em sua defesa; o qual pode apresentar o seu *lamba* (advogado) para o defender.

Apresentam-se questões de natureza diversa, sendo consideradas superiores por causa de feiteceirias ou por causa de mortes, que se dão geralmente de algum homem contra a sua companheira, porque são muito ciumentos. Por ninharias e mesmo furtos, no Cassange, são frequentes as questões a regular, o que muito interessa aos Ambanzas (chefes de povoações).

Uma pouca de farinha que se entorne, uma panella, cabaça ou qualquer cousa que tombe, ou se quebre, uma questão de palavra tomada em sentido differente, o pegar nos

objectos a negociar antes de os ter pago, etc., são casos para o Bàngala, vendilhão de Cassange, abandonar a carga ao individuo com quem esses casos se derem, arbitrando logo ao damno um preço fabuloso, e aquelle ainda tem de ir sustentar a demanda perante o potentado, que tambem se ha de pagar por bom preço.

Assim como ha sempre palestra antes de se abrir a audiencia, tambem aquellas em que se trata d'assumptos de guerra ou de manifestações de valentia, ou mesmo as em que se conferem honras, ou se nomeiam individuos para cargos no estado, terminam sempre pelo *cufuinha*.

Não conségui que me explicassem bem este vocabulo; mas parece-me não errar dizendo que é uma cerimonia, á imitação da que usavam os antigos gladiadores.

O que vae dançar, trata de puxar o seu panno para cima, apertando-o entre o cinto e o corpo, de modo que fiquem livres os movimentos das pernas. Desembainha a sua faca, empunha-a bem e depois, um pouco agachado, com as pernas arqueadas, e manejando-a ora para um, ora para outro lado, de quando em quando imitando estocadas inclinadas para o chão, e virando-a ora para cima, ora para baixo, dança aos saltos, avançando e recuando, dando passos nos bicos dos pés; tudo com muita rapidez, gritando, assobiando, fazendo tregeitos e momices com a cabeça, cara e corpo, dando ao rosto expressões de ferocidade. É em tudo acompanhado pelos instrumentos de pancada, e pela berraria e assobiada dos circumstantes que o animam. Assim dançam até se fatigarem, indo depois á frente do potentado, n'um dançar saltante vertiginoso, imaginando esforços grandes, uma lucta emfim com o inimigo, que pode ser um homem ou uma fera; e terminam por fazer menção de trez estoca-

das seguidas sobre elle, que está derrubado, e depois caem com os joelhos em terra, abrindo os braços, como quem offerece os despojos da sua victima.

Em taes casos não se vê só um luctador, vêem-se dois, trez e mais, e converte-se tudo n'uma perfeita inferneira.

Quando n'uma audiencia de demandas, entre dois contendores, não é possível pelos indicios apurar-se a verdade, é o juramento o ultimo recurso dos que pretendem mostrar a sua innocencia. O juramento pode considerar-se como um costume caracteristico de todos os povos africanos; pois até em familia por questões muito particulares elle se observa, hoje porém esta muito modificado na provincia de Angola, em que incluo os seus sertões a leste, os quaes se encontram descriptos por alguns viajantes.

Ainda assim, mesmo entre certas tribus do Concelho de Malange, é observado com os rigores que não vi além do rio Cuango, entre os povos mais selvagens.

O juramento consiste em ingerir uma bebida preparada na occasião, em que entra a casca da arvore *muage*, que contém certos principios toxicos. Hoje já alguns povos, e d'estes os Cassanges, se satisfazem dando essa bebida a cães ou a gallinhas.

Cada um traz o seu cão ou gallinha, que o vem representar, e se o animal morre indica que o representado perdeu a demanda ou é criminoso.

Antes do juramento, os de Cassanges dizem: «Se é verdade desde que nasci que eu feitei cabra, porco, gallinha ou filho de companheiro, eu morra já; de contrario eu me salve. Se é verdade que commetti *npanda* «crime» com esta rapariga eu morra, se não eu seja salvo». Os Bângalas levam da Lunda a casca da arvore *muage* para os juramen-

tos, mas a bebida que preparam com esta tem o nome de M'bambu, e que hoje, como disse, dão aos animaes que os representam n'esses juramentos. O preparado pode actuar como purgante, ou como emetico, sendo o primeiro effeito signal de culpa, e em geral da morte prompta do accusado, e sendo o segundo a prova da sua innocencia. <sup>1</sup>

Os de Malange quando regressam de viagens de além Cuango, principalmente de além Cassai, apresentando-se aos seus sobas, prestam logo juramento para provar que não trazem d'ali feitiços, nem aprenderam a arte. Mas como isto não seja senão para lhes incutir terror, comprehende-se bem que a bebida preparada á vista dos sobas, e feita para não causar mal a quem bebe. Disseram-me os Ambanzas Madamba e Quingúri que os filhos de Cassange procediam de egual modo.

Em tempos que não vão longe e ainda entre alguns povos, a prova do juramento é tão assustadora, que as pessoas que a ella tem de submetter-se preferem declarar que são criminosos ou auctores dos crimes que se lhes imputa, a passar por ella.

As superstições são geraes em todos os povos que conheci. Teem os seus agoiros, que se entre nós se consideram ridiculos, não nos podemos vangloriar de os não termos tambem; e é curioso que, se alguns são tão semelhantes que parece para lá os termos levado ou que nol-os trouxeram, outros nossos creio serem mesmo muito peores, e não provam muito a favor da nossa illustração.

---

<sup>1</sup> Vêr *Plantas uteis da Africa Portuguesa*, pelo Conde de Ficalho, pag. 164 a 171, e os varios auctores que cita.

Podia citar muitos exemplos do que avanço; mas isto seria alongar este trabalho, e limito-me apenas a um, chamando a atenção do leitor para a minha — *Ethnographia e Historia tradicional dos povos da Lunda*.

Matar um cão, para alguns povos, muito principalmente para os Bângalas, por incidente ou como castigo, é uma grande desgraça que está para succeder, onde teve logar essa morte, para elles um crime, e o potentado trata de vingal-a como se fosse uma pessoa do seu povo. É preciso lavar o sangue que correu na terra, o que só pode ser feito por uma entidade especial que se paga bem, e depois segue-se uma demanda a que dão grande importancia, em que corre grande risco quem fez a morte, embora involuntaria, sendo grande a multa a pagar.

A criança recebe o seu primeiro nome logo que a mãe lhe dá de mamar, é o nome de leite; e quando os parentes veem felicital-a, as festas que então se fazem podem chamar-se as do baptisado, porque nas suas cantigas já entra o nome da criança, o que indica o reconhecimento d'esse nome pelos parentes e pela tribu.

É certo que, quando a criança nasce, se occorreu um caso notavel, ou chegou ao sitio uma visita de importancia, a criança torna-se commemorativa do factu, ligando ao seu nome aquelle com que dão ideia d'isso.

Nos Lundas os rapazes dos sete para os oito annos e as raparigas pouco antes da puberdade são circumcidados, e depois d'esta cerimonia os rapazes tomam um outro nome, que muitos substituem ao de leite, o que nas raparigas se faz tambem; porém com estas o geral é não mudarem o seu primeiro nome.

Em Cassange estabeleceu-se esta imposição só para o

jaga, e por isso entendeu-se dar fim ás cerimoniaes da posse com este preceito. Succede que o jaga eleito é sempre um homem de idade adeantada, e os que teem querido sujeitar-se a esta operação morrem dias depois.

Os rapazes ainda teem, por assim dizer, mais dois baptismos, o de *caça* e o de todos o mais apreciado o de *guerra*, nomes por que depois se tornam mais vulgar conhecêl-os.

Para qualquer d'estes baptismos ha cerimoniaes especiaes, que são mesmo imponentes, segundo os individuos de que se trata, que descrevi minuciosamente na *Ethnographia* já citada. E tanto para estas, como para os costumes das danças e cantigas, quer nos casos alegres, quer no de obitos, e tambem para as suas refeições, modo de fazer as comidas, lavras, etc., chamo a attenção dos leitores para aquelle meu trabalho de observação no campo pratico.

E vou terminar agora este novo trabalho dando conhecimento de duas importantes cerimoniaes, que se observam para com os jagas de Cassange, que nos legou descriptas o constantemente citado tenente coronel Francisco de Salles Ferreira.

### **Eleição e cerimoniaes de investidura do Jaga de Cassange**

Morto o Jaga é o *Lendalla* quem convoca o collegio eleitoral, que é composto dos Macotas, Cazas, Catondo e Tendalla, que reunidos começam por descortinar e examinar a qual das familias pertence o estado; decidida esta questão, trata-se de ver qual a pessoa que deve ser eleita; e aqui ha

sempre grandes questões, e ás vezes chegam a vias de facto, quero dizer, a pegar em armas para por ellas se decidir a contenda; mas ordinariamente não se chega a tanto, porque os macotas tem o cuidado de guardar grande segredo sobre quem são os que tem votos, ou são indicados por cada um dos membros do collegio eleitoral.

Terminadas estas questões e decidido definitivamente quem deve ser eleito, passa o Catondo a formar uma casa e quintal, que deve receber o novo jaga, assim como os outros macotas a fazerem as suas casas proximas áquella, e a esta senzala se chama — *quilombo do Catondo*.

Marcada a hora para a cerimonia, vae o Tendalla ao logar em que está o eleito, entra na casa e, á maneira de quem agarra um assassino, o conduz fóra da casa, e ahi, reunido o povo, começa a grita e toques de marimbas e tambores, e o novo jaga é levado ás costas de seus filhos até ao logar do quilombo: é mettido na casa que lhe está preparada, e por espaço de muitos dias ninguem mais o vê, a não ser dois parentes e o Tendalla.

Passados dois mezes vae o jaga habitar por 20 ou 30 dias uma casa d'antemão preparada na margem do rio *Undua* (rio celebre por dar o nome a um terrivel e mortal juramento), e n'esta casa é o jaga presente a depôr todos os *maqitas* do estado, e aqui nomeia os macotas de segunda ordem e mais dignidades do quilombo, que são vitalicias, a excepção dos tres eleitores, que são hereditarios nos sobrinhos e aqui escolhe a sua Banza-cuco, principal mulher do jaga.

No fim do tempo marcado, vem o jaga, acompanhado de todo o estado, para o logar em que deve formar o seu quilombo, e depois de correrem todos, o jaga arma o arco,

dispara uma flecha, e onde ella fôr cair é n'esse logar que se edifica a sua casa, a que se chama *semba*, e em volta d'ella se formam as casas da Banza-cuco, e das outras concubinas, e do mais povo que pertencia ao antecessor do jaga eleito, isto é, o povo que elle trouxe da senzalla aonde era maquita.

Resta o *sambamento*, ultima das cerimonias para o jaga ficar no plano goso da sua soberania. Não está marcada a epocha do sambamento depois da eleição; pelo menos se está, os jagas não fazem caso d'isso, porque até alguns o não teem praticado, e teem morrido sem essa barbara cerimonia.

Assevera o major F. de Salles Ferreira que o sambamento ficou abolido quando se celebrou o baptismo do jaga D. Fernando, permitindo-se todavia o banquete, mas sem derramento de sangue humano.

Quando o jaga se resolve a fazer o sambamento, manda ao Songo, a algum dos sobas, buscar o *nicongo*, que é um preto que não tenha relações de parentesco com elle jaga, nem com macota algum: chegado o nicongo é tratado no quilombo da mesma maneira que o jaga, nada lhe falta, e até se cumprem as suas ordens como se fossem do jaga.

Designado o dia do sambamento, são avisados todos os maquitas, e o maior numero de pessoas d'estes que possam vir ao quilombo, e no dia marcado, na frente da casa do jaga, se collocam todos os maquitas e macotas em circulo, e reunido em volta o povo, senta-se no centro o jaga, em um banco de ferro, que tem um palmo d'alto, com assento redondo e furado no centro; ao seu lado sentam-se em chão razo a Banza-cuco e mais concubinas e começa o Cassange-ca-Gongue a tocar no *gongue*, instru-

mento composto de duas campanulas de ferro, estreitas e altas, unidas na parte superior, por um arco de ferro, no qual lhe tange com uma vara do mesmo metal d'um palmo de comprido.

É trazido o *nicongo* de costas para a frente do jaga, e este, com um cutello de meia lua, lhe corta as costas até lhe arrancar o coração, que trinca e lança fóra para depois ser queimado.

Operado isto, os macotas pegam no corpo do *nicongo* e o collocam sobre o ventre do jaga de modo que todo o sangue que está saindo pelas costas, passando sobre o jaga, sae depois pelo furo do banco e se espalha pela terra; e, immediatamente os maquitas aparando com as mãos o sangue que está caindo, com elle esfregam o peito e os braços, fazendo grande gritaria, em que exclamam ser grande o seu jaga; e estão cumpridas as praxes do estylo, para se proceder ao banquete, que é a ultima cerimonia do rito.

O *nicongo* é levado para distancia, aonde o esfolam e esquartejam em pequenos pedaços que são cosinhados de mistura com carne de boi, cão, gallinha, cabra e outros animaes. Prompta a comida, com os respectivos temperos, é servido o jaga e depois os maquitas, macotas e todos os assistentes, e desgraçado d'aquelle que lhe repugnar a comida, porque é vendido como escravo e toda a sua familia. Termina esta festa do sambamento, com danças e cantatas que se prolongam pela noite até ao outro dia.

Era costume mandar ao director da Feira de Cassange uma perna do *nicongo*, que este devolvia com o tributo d'uma ancoretta d'aguardente e fazendas, sem que o jaga não admittia lhe fosse reenviada a offerta, e houve um jaga que, por o director lhe repugnar a offerta e não mandar o

tributo, quiz obrigar-o, como *seu subdito*, a comer da carne no nicongo, o que se compoz, satisfazendo o director ao costume.

Até ha pouco tempo, o jaga que tivesse o sambado, não vivia mais que dois annos depois d'esta cerimonia, porque o matavam, não só aquelles que interessavam em lhe succeder, mas tambem os macotas que recebiam muitos presentes pelos votos nas eleições do successor.

Pela sua parte o jaga tambem concorria para se praticarem barbaridades; — era mesmo frequente quando elle sonhava com algum dos seus antecessores, mandar-lhes de presente escravos, o que se fazia esartejando-os em vida sobre a sepultura do presenteado.

### **Cerimonias que se observam quando morre o Jaga de Cassange**

Adoecendo o jaga, se os macotas consideram o mal de gravidade, tratam logo de despedir toda a gente da casa, obrigando o enfermo a entregar ao sobrinho herdeiro (Bumba Alta) todos os escravos e mais haveres do jagado, ficando só seis escravos para, no caso d'elle morrer, terem o respectivo destino.

O enfermo perde a vida por suffocado. É esta ordinariamente a morte do jaga de Cassange.

Morto o jaga, é conservado no logar em que morre durante tres dias, findos os quaes o Tendalla lhe arranca um dente que é entregue ao herdeiro, o qual o apresentará ao novo jaga, para ser collocado ao lado de outros, dos antecessores, na caixa das malungas (attributos do estado, sem

os quaes jaga algum pode exercer o cargo); depois é vestido com os melhores pannos que possua, e na propria casa em que morre se forma uma especie de carneiro, onde é collocado com os taes seis escravos já de reserva e vivos, ficando todos debaixo da terra que se calca e com que se enche o carneiro.

Logo de seguida, se plantam arvores ao redor do carneiro e é abandonado pelo povo.

As pessoas que pertenciam ao defunto, passam a habitar com o herdeiro uma nova senzalla, e este fica sendo maquita com honras de jaga; e as que pertencem aos macotas retiram com seus senhores e só apparecem para a nova eleição.

### **Considerações do major F. de Salles Ferreira**

Em consequencia da conquista feita das terras de Cassange e longo, pela rebellião do ex-jaga Bumba, e dos assassinatos de dois feirantes, ficou Cassange sujeito á Corôa, como dominio portuguez, e por essa occasião ficaram abolidos todos os usos gentilicos, que fossem contra a Religião Catholica e leis portuguezas.

É de esperar que o governo, tomando em consideração tão util aquisição, como é a vassallagem de Cassange, (d'onde vem todo o marfim e grande parte da cêra que se exporta de Angola), dê todas as providencias para a conservação do que, com tanto trabalho, se alcançou, porque d'alli depende o pouco commercio que tem a provincia de Angola.—Loanda, 20 d'abril de 1853, (a) *F. de Salles Ferreira*.

Mal podia suppôr o benemerito official que assim terminava aquella sua descripção, que, pouco depois do seu fallecimento, toda a sua obra estava por terra, mas, ainda por muitos annos, como presentemente, proferindo os Cassanges o seu nome com verdadeiro respeito; que successivas expedições lá voltassem a castigar os mesmo rebeldes, e que depois de lhes ser concedida a paz em 1863, tres annos depois os deixariamos em abandono. para 30 annos mais tarde d'um goso de independencia e da nossa soberania desligados, se pensar, como se está fazendo, em de novo lhe irmos conquistar as terras pela força das armas.

Como tudo isto é triste.

Sobre os barbaros preceitos a que tem de sujeitar-se o jaga eleito em Cassange deu-me o N'Banza Xa Muteba noticia mais desenvolvida.

Morrendo o jaga fazem-se as cerimoniaes funebres em que intervem o indigitado herdeiro, e reúnem-se logo os macotas que não podem ser jagas, e tambem os maquitas, ás familias dos quaes e por uma determinada escala se foi buscar o herdeiro. Os primeiros são descendentes dos que fizeram parte da côrte que acompanhou o primeiro jaga Quingúri, do seu paiz, entre o *Lulúa* e o *Lubilachi*, sendo o que tem maior grau entre elles o *Tendalla*.

Este é o mestre de cerimoniaes, o qual, depois de receber o povo n'uma grande audiéncia, principia por dançar desenfreadamente ao som dos instrumentos de pancada na arena formada pelos espectadores. Vae depois buscar o filho do

maquita que deve ser eleito e apresenta-o ao povo, discursando sobre todas as qualidades que n'elle concorrem para ser um bom jaga.

Depois d'isto pode este já exercer as funcções, porque não tem havido exemplo do povo não ter recebido bem a apresentação de um jaga pelo tendala, pois que esta só é feita pela maioria dos que tem voto na eleição e passados dias de renhidas discussões sobre os pretendentes e melhor prova sobre os direitos de cada um; e termina sempre aquelle acto, por grandes festas durante tres, quatro e mais dias segundo as posses da familia do eleito, por conta de quem corre as despezas com comidas, bebidas, musica, danças e polvora na descarga das suas armas constantemente em todos aquelles dias e noites.

Não deve o escolhido addiar por muito tempo o sujeitar-se ao cumprimento dos preceitos estabelecidos, aliás começa a intriga e reinando esta, poucos dias lhe sobrevive, sendo morto por feitiços, melhor diriam, veneno.

Para a primeira prova ou preceito, é o jagado encerrado n'uma casa durante oito dias com uma rapariga nova, que tambem antes se sujeita a certas cerimoniaes para ser agraciada com um titulo de grandeza.

A ambos se untam os corpos com materias gordurosas, não lhes faltando alimentação abundante, que lhes é levada pelos macotas, e ninguem os perturba nem mesmo os vê.

Vivem todos aquelles dias um para o outro, mas logo em seguida o tendala vae buscar o jaga e isola-o n'uma casa especial onde soffre a circumcisão. Esta casa é orientada de modo que a porta fica á beira de um riacho, e no dia em que o jaga sae para ser saudado pelo seu povo, colloca-se o corpo de um homem recentemente e para esta

cerimonia morto, gotejando sangue do peito, ventre e outras partes, atravez o riacho em frente da entrada, de modo que o jaga saindo, o mais bem trajado que é possível, ha de passar sobre elle, ensopando os pés no sangue derramado. N'essa occasião um maquita que o espera dá-lhe uma faca como insignia e com ella o jaga corta a cabeça á victima e banhando as mãos no sangue atira com ella ao povo que a recebe com grandes alaridos, gritos e assobios, enquanto elle esfrega as mãos uma na outra procurando assim enxugal-as.

Sendo rodeado depois só por maquitas, estes despem-n'ò, e suspendem-lhe adeante e atraz, de uma corda posta á cintura, pelles pequenas de animaes e põem-lhe na cabeça, nos braços e pernas diversas insignias do poder..

Agacham-se depois os maquitas, signal de respeito, esfregam-se com terra e rojam-se pelo chão, ao mesmo tempo que tocam os instrumentos, e que o povo berra, assobia e bate com as palmas das mãos. O jaga passa então entre os maquitas que se levantam para o seguir e aproxima-se do povo que logo o cerca.

Dança então dando grandes pulos e levantando de quando em quando as pelles para que todos vejam que foi circumcizado, na casa especial em que esteve isolado.

É depois d'isto que se passa á ultima prova. Enterra a azagaia, que lhe entrega o tendala, no corpo d'um rapaz que esteja na roda quando acabou de dançar, e retira para descansar, enquanto se esquarteja e se cosem em panellões as pernas d'aquella nova victima de mistura com gallinhas, carne de cabra e de outros animaes, não faltando a de boi se a houver.

A cerimonia continua geralmente até ao sol posto, vindo o jaga para fóra onde está o povo acompanhado já com os

da sua côrte. O tendala apresenta-lhe então um dos panelões e elle dançando mette n'este a mão d'onde tira um pedaço de carne que ali mesmo come.

Todos em seguida tratam de fazer o mesmo e ai d'aquelle que o não faz. Desde então até madrugada só se dança e bebe; ultimamente já se bebe aguardente.

D'ahi em diante o jaga tem de se acautelar dos *quixindas* «escravos» que são induzidos para o matarem de algum modo pelos que lhe invejam o cargo.

O jaga quando morre fica exposto em completa nudez enquanto se não apresenta o herdeiro para o cobrir com uma esteira, e é então que, depois de lhe arrancarem um dente, que se guarda no especial cofre como reliquia do estado, o vestem e lhe fazem o enterro de noite, sepultando-o com dois rapazes e duas raparigas vivos. Sobre as grandes elevações de terras que fazem sobre o logar em que o sepultaram, depositam um homem e uma mulher mortos na occasião para serem pasto das feras, com receio que estas ainda venham procurar o corpo do jaga.

Agora para concluir transcrevo dos benemeritos exploradores Capello e Ivens o que foi do seu conhecimento.

As cerimoniaes usadas para com o jaga eram taes, que nenhum vassallo se apresentava perante elle sem ajoelhar.

Não se atreviam a tocal-o, nem a olhal-o sequer.

A vontade d'elle era tudo; a vida dos subditos estava á mercê dos seus caprichos; ao menor crime, se lhe parecia, mandava applicar a pena de morte.

Com o intuito de dar a medida approximada dos horrores e crueldades por estas terras perpetrados, cuja idéa faz tremer, ouvi leitor, em breve resenha a narração da serie de

cerimonias que se praticam pela morte de um jaga, ao investir-se o outro na suprema governação.

Morto que seja aquelle, e propalada a noticia pelo estado, é immediatamente envolvido em numerosas peças de fazenda, e sentando-o n'uma cadeira, collocam-n'o ao centro do quarto mais amplo da habitação, ponto em que mais tarde, ao concluirem os singulares actos, será inhumado.

Em seguida põem-lhe a *cajinga* na cabeça, dispersando em roda do defunto armas, cachimbos e todos os pertences que em vida usou, introduzindo-lhe na bocca tres pennas vermelhas da cauda de um papagaio. Começam então os batuques e danças proprias, até á chegada do successor, que passará a satisfazer os preceitos.

O alarido, os choros, as saudações, os sorrisos e as palmas, são a ordem do dia, que a aguardente a gallões, as salvas de mosqueteria e a mortandade de gado completam.

Consagrados os primeiros dias a estes mixtos signaes de pesar e regosijo, principiam as cerimonias.

Os macotas reunidos, circumdam o novo jaga, transportando-o a um logar escolhido, geralmente n'um campo, sobre uma arvore, onde se acham de um lado artigos de guerra de toda a especie, do outro enxadas e objectos empregados na agricultura, symbolos de guerra e do trabalho.

Saindo então do grupo, o jaga avança impavido. Ninguem se mexe! Todos observam attentos e esperam a resolução suprema.

Após pequena pausa, em que o chefe, recolhendo-se, olha alternativamente para as armas e enxadas, decide-se, e lança mão do artigo que lhe apraz.

Era o signal esperado, e n'esse momento dividem-se as opiniões, que produzem grande confusão.

Se o jaga tomou uma arma ou uma azagaia, o grupo d'aquelles que se pronunciam pelas aventuras guerreiras felicita-o, fazendo aos adversarios, propensos á paz, careras e momices no intuito de os cobrir de ridiculo. Se o contrario succede, os primeiros é que são as victimas dos outros.

Regressando de novo á habitação, demoram-n'o ahi emquanto emissarios especiaes vão buscar um infeliz á senzala de *Cambundi Catembo*, para ser immolado na cerimonia vigiando-o constantemente os macotas do antigo jaga.

Chega enfim o dia do segundo preceito, cuja descripção faz estremecer de horror.

O pobre homem que trouxeram illudido da referida senzala para junto de um riacho não longe da *banza* «povoação do jaga», e ahi conservam amarrado durante dias, é cruelmente morto quando chega a comitiva, aos gritos e urros da horda de barbaros.

Abrindo-lhe o ventre, do *sternum* até ao *pubis*, collocam-n'o proximo da agua, e o novo jaga, introduzindo os pés nas entranhas ainda fumegantes da victima, atravessa o rio no meio dos mais hediondos tripudios, amparado elle e o cadaver pelos maiores, sendo depois conduzido em triumpho até á sua residencia.

Á medonha cerimonia da *barca humana* segue-se o *dicongo* ou banquete do Quingúri. <sup>1</sup>

Outro sacrificio humano tem então logar.

---

<sup>1</sup> Em nota dizem os benemeritos exploradores que — *Quingúri* —, parece representar o espirito do velho jaga. N'isto houve má interpretação do narrador. Aquelle, que elles invocam em todos os seus actos de soberania e o fazem com todo o respeito, é o fundador do jagado, o lunda irmão de Lucji, de quem por vezes me tenho occupado n'esta *Memoria*.

Um segundo miseravel, em geral fornecido pelas terras do Minungo, do soba Muene N'Dundje, é junto da *m'bala* barbaramente assassinado em honra do mesmo Quingúri; e esquitejando-o ao mesmo tempo que immolam um boi e uma cabra, juntam uma perna de cada um d'estes animaes á do homem, afim de coserem tudo em vasta panella, da qual o novo jaga comerá. Uma simples manifestação da repugnancia da sua parte bastaria para o perder.

Durante o tempo gasto por estes bandidos nas infernaes cerimoniaes, tratam de extorquir quanto podem aos povos vizinhos, principalmente aos negociantes.

Antes do jaga provar o horrído petisco passeiam elles pelos estabelecimentos com a panella, instando com todos para que comam do conteúdo, sob pena de pagarem determinada multa, quasi sempre em aguardente.

N'essa epocha, em Cassange, ha sempre o perigo de incorrer em delictos, que muitas vezes teem por origem os mais desarrasoados pretextos.

Ouvimos sustentar que o possuir uma gallinha branca, quando se tratava da eleição do monarcha, era caso para serio *mu-cano* (pagamento como castigo por infracção de lei), a que o proprietario de modo nenhum se evadia!

Na residencia, emfim, jaga e macotas devoram as alludidas pernas até aos ossos.

É inacreditavel a fertilidade de imaginação dos indigenas para este genero de creações!

As monstruosidades das cerimoniaes para a confirmação do jaga eleito termina pela circumcisão. É conduzido o novo jaga perante o cadaver do antecessor, que ao tempo se acha putrefacto, dando-se seguidamente cumprimento á ultima e mais repugnante prova.

Tiram as pennas de papagaio que o alto personagem finado tem na bocca e obrigam o outro a chupar o liquido n'ellas contido; em seguida põem as *ma-numa* ao novo jaga, e proclamam-n'o, tomando desde logo a direcção suprema do estado.

Devo dizer que parte d'estas cerimonias deixaram de ter logar por intervenção do major Francisco de Salles Ferreira, e hoje falla-se d'ellas devido a tradição, mas como se praticassem ainda.

Concluem os illustres exploradores com uma nota especial esta sua narração, deduzindo ter tido logar no fim do seculo XVI, approximadamente, a conquista de Cassange e a invasão dos Tembos; mas o que é positivo á falta de outros documentos, como ficou dito, é terem-nos apparecido os Cassanges com tal denominação nos primeiros annos do seculo XVII mas não no logar em que hoje estão estabelecidos e sim nas terras de Ambaca onde em 1624 os portuguezes castigaram o seu arrojio em roubarem os pombeiros, desbaratando-os e perseguindo-os.

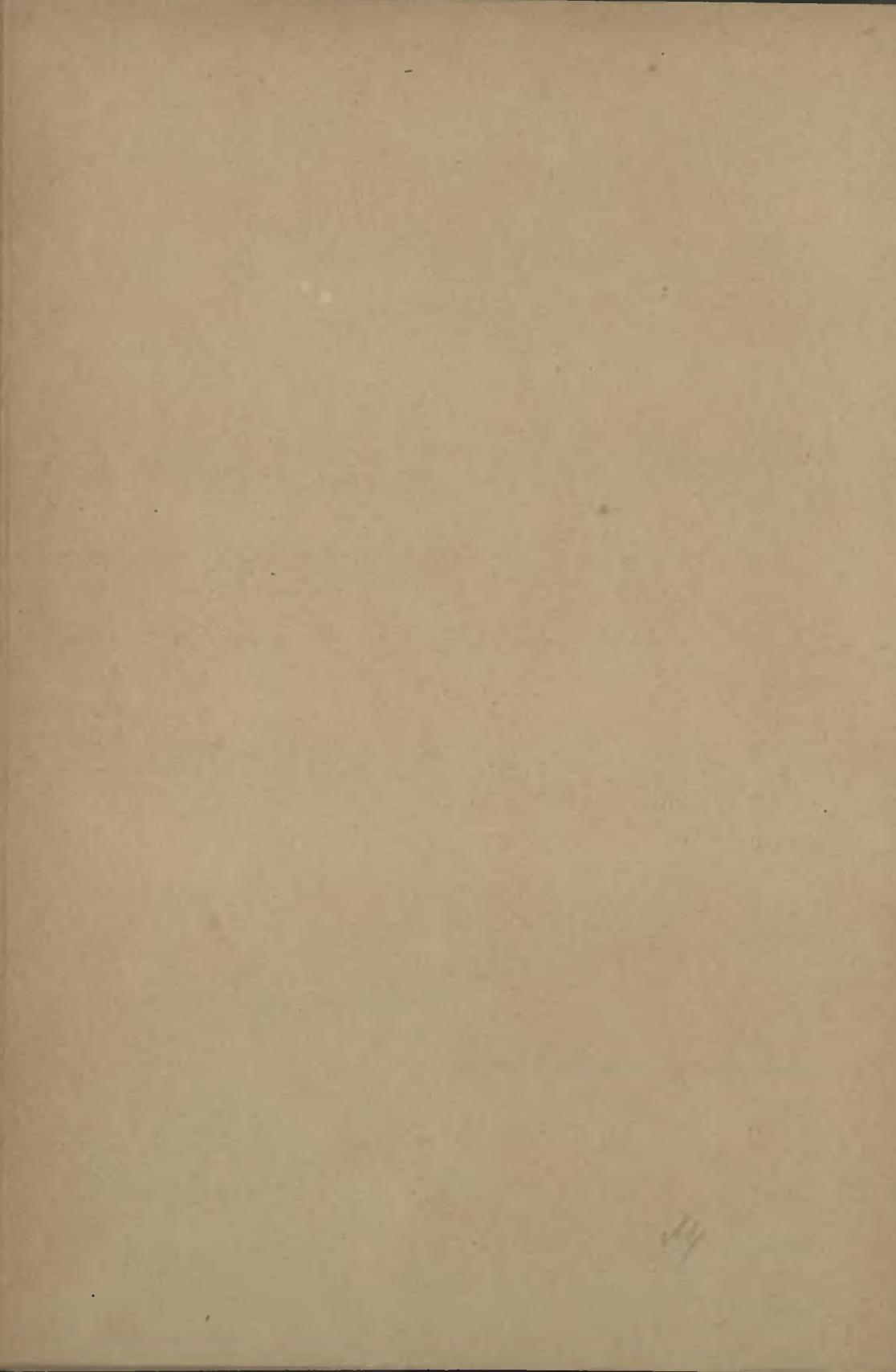
## ERROS DE IMPORTANCIA

---

Pag.	Linhas	Erro	Leia-se
97	24	1773	1763
113	1	Martins	Malheiro
142	fim	Falta a 3.º Divisão	encontra-se na pag. 247, art.º 1.º
175	16	exonerado	nomeado
340	7	1886	1896
344	17	punham	venham
352	15	merece	merecia
*	16	povoa	povoação

---

---





NB



•EFG0000107796•